

“NÃO TRADUZO UM POEMA MAS UM POETA”

- Poética tradutória externa de AUGUST WILLEMSSEN



(Foto: A Hora do Brasil Foundation, 2007)

MA-Scriptie/ Tese MA

Yaemi Natumi (3456900)

Opleiding Portugese Taal en Cultuur – Masterprogramma Vertalen

Begeleider/ Orientador: dr. Cees Koster

Tweede begeleider/ Segundo orientador: dr. Marian Schoenmakers-Klein Gunnewiek

Augustus 2013/ Agosto de 2013



Universiteit Utrecht

VERKLARING: INTELLECTUEEL EIGENDOM

De Universiteit Utrecht definieert het verschijnsel "plagiaat" als volgt:

Van plagiaat is sprake bij het in een scriptie of ander werkstuk gegevens of tekstgedeelten van anderen overnemen zonder bronvermelding. Onder plagiaat valt onder meer:

het knippen en plakken van tekst van digitale bronnen zoals encyclopedieën of digitale tijdschriften zonder aanhalingstekens en verwijzing;

het knippen en plakken van teksten van het internet zonder aanhalingstekens en verwijzing;

het overnemen van gedrukt materiaal zoals boeken, tijdschriften of encyclopedieën zonder aanhalingstekens of verwijzing;

het opnemen van een vertaling van bovengenoemde teksten zonder aanhalingstekens en verwijzing;

het parafrazeren van bovengenoemde teksten zonder verwijzing. Een parafrase mag nooit bestaan uit louter vervangen van enkele woorden door synoniemen;

het overnemen van beeld-, geluids- of testmateriaal van anderen zonder verwijzing en zodoende laten doorgaan voor eigen werk;

het overnemen van werk van andere studenten en dit laten doorgaan voor eigen werk. Indien dit gebeurt met toestemming van de andere student is de laatste medeplichtig aan plagiaat;

ook wanneer in een gezamenlijk werkstuk door een van de auteurs plagiaat wordt gepleegd, zijn de andere auteurs medeplichtig aan plagiaat, indien zij hadden kunnen of moeten weten dat de ander plagiaat pleegde;

het indienen van werkstukken die verworven zijn van een commerciële instelling (zoals een internetsite met uittreksels of papers) of die tegen betaling door iemand anders zijn geschreven.

Ik heb de bovenstaande definitie van het verschijnsel "plagiaat" zorgvuldig gelezen, en verklaar hierbij dat ik mij in het aangehechte essay / werkstuk niet schuldig heb gemaakt aan plagiaat.

Titel paper / ~~BA-eindwerkstuk~~ / MA-scriptie (doorstrepen wat niet van toepassing is):

"Não traduzo um poema mas um poeta"

Naam: *YAEMI NATUMI*

Studentnummer: *3456900*

Plaats: *Amsterdam*

Datum: *11 augustus 2013*

Handtekening:



(Deze verklaring moet als tweede pagina worden opgenomen in het werk)

*Arte é meramente fazer bem algo difícil, seja em
linho, pedra, papel, no tablado ou no gramado.¹*

August Willemssen

¹ Tradução minha de: "Kunst is gewoon iets moeilijks goed doen, of het nu is op linnen, steen, papier, op planken of op gras."

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	1
Objetivo da tese e perguntas principais.....	2
Estrutura da tese.....	2
1. QUADRO TEÓRICO	5
2. METODOLOGIA.....	11
3. AUGUST WILLEMSSEN	15
3.1. <i>A vida de August Willemssen</i>	15
3.2. <i>A obra de August Willemssen</i>	20
3.2.1. O tradutor August Willemssen	21
3.2.2. O escritor August Willemssen	35
3.2.3 August Willemssen como crítico.....	41
3.2.4. Atividades paralelas de August Willemssen	43
3.3 <i>Relação entre a obra tradutória de Willemssen e sua obra original</i>	44
3.4. <i>Conclusão do capítulo</i>	47
4. DESCRIÇÃO DA POÉTICA TRADUTÓRIA EXTERNA DE AUGUST WILLEMSSEN.....	49
4.1. <i>Lealdade a dois mestres</i>	49
4.2. <i>Respeito pelo original e seu autor</i>	56
4.3 <i>Aprever-se a tomar liberdade</i>	59
4.4 <i>Empurrar o escritor garganta adentro do leitor</i>	62
4.5. <i>Tradução de poesia</i>	66
5. RELAÇÃO COM O DISCURSO TRADUTÓRIO NA HOLANDA	71
5. 1. Willemssen em relação a Verspoor	75
5.2. Willemssen em relação a Hawinkels.....	78
CONCLUSÃO E SUGESTÕES PARA PESQUISA FUTURA	81
BIBLIOGRAFIA.....	85
APÊNDICE / BIJLAGE 1	93
APÊNDICE / BIJLAGE 2	98
APÊNDICE / BIJLAGE 3	119
APÊNDICE / BIJLAGE 4	150
APÊNDICE / BIJLAGE 5	152
APÊNDICE / BIJLAGE 6.....	153
VERSÃO HOLANDESA DA TESE /	155
NEDERLANDSE VERSIE VAN DE SCRIPTIE	155
ABSTRACT – SINOPSE – SAMENVATTING	

INTRODUÇÃO

Em 29 de novembro de 2012 fez cinco anos que August Willemssen (1936-2007) faleceu. Com a sua morte, tanto a Holanda e Flandres da Bélgica quanto o Brasil e Portugal perderam um homem de muitos talentos. E nem seria exagero afirmar que o Brasil perdeu um dos embaixadores culturais mais importantes na Holanda. Willemssen era conhecido principalmente como tradutor e escritor. Traduziu predominantemente poetas e escritores portugueses e brasileiros, e publicou, como obra própria, livros autobiográficos, cartas, relatos de viagens, páginas de diário e reflexões em forma de ensaios, artigos, colunas, paratextos de traduções, resenhas de livros e críticas de traduções. Os temas que abordou eram diversos: idioma, tradução, literatura brasileira e portuguesa, Lisboa, o bairro Bijlmermeer de Amsterdã, arte e até mesmo futebol. Além disso, foi ator, tocava piano e desenhava.

Sua fama deveu-se à qualidade de seu trabalho. Pelas suas traduções de Dalton Trevisan, João Guimarães Rosa e Carlos Drummond de Andrade, bem como de Fernando Pessoa, recebeu em 1983, já 12 anos após sua estreia como tradutor, o Martinus Nijhoff Prijs, o prêmio mais importante de tradução literária na Holanda. No relatório do júri (Van den Bergh 1983), a tradução de Willemssen do conto *O banqueiro anarquista* de Pessoa é qualificada como “quase perfeita” e a do poema “Autopsicografia” do mesmo autor até mesmo como “perfeita”. Pelo livro *Braziliaanse brieven* [Cartas brasileiras] de 1985, sua estreia como escritor e um best-seller, foi laureado imediatamente com o prêmio Lucy B. em C. V. van der Hoogt como o melhor escritor estreante. Tanto esse livro como suas traduções – de Pessoa, em particular – vieram às listas de leitura escolares e foram considerados literatura holandesa. Além disso, os extensos posfácios de caráter quase científico, dos quais Willemssen sempre fez acompanhar suas traduções, não passaram despercebidos, e desde o início de sua carreira foi sempre apreciado pelo público e pela crítica. Ele desenvolveu um bom relacionamento com algumas editoras importantes e essa colaboração mútua resultou em projetos de tradução muito especiais que levaram à introdução na Holanda da fina flor da literatura de língua portuguesa. A mídia também o adorava. A obra de Willemssen sempre recebeu sua atenção. A cada obra publicada, seja esta uma tradução ou uma obra original, recebia solicitações de entrevistas. Era solicitado a comentar os mais diversos assuntos, entre os quais suas ideias sobre tradução.

Objetivo da tese e perguntas principais

Embora tanto a pessoa como a obra de Willemsen recebessem sempre muita atenção, até agora não foi feita nenhuma pesquisa direcionada sobre suas concepções tradutórias. Esta tese pretende mudar essa situação, expondo a poética tradutória externa desse tradutor (até a pouco) contemporâneo, e tem como objetivo buscar respostas para as seguintes perguntas:

1. Qual é a poética tradutória de August Willemsen?
2. Como se desenvolveu o seu modo de pensar sobre tradução?
3. Como se enquadra a poética tradutória de Willemsen no discurso tradutório na Holanda?

Essas perguntas principais serão respondidas a partir de um amplo conhecimento sobre sua vida e sua obra, para o qual servirão de guia as seguintes perguntas:

4. Quem é August Willemsen?
5. Qual é a sua obra?
6. Qual é a relação entre suas traduções e sua obra própria?
7. O que ele escreveu sobre tradução?

Estrutura da tese

No capítulo 1 apresento o quadro teórico da tese. No capítulo 2 exponho a metodologia aplicada nesta pesquisa, mostrando como os documentos, dados e informações sobre a obra de August Willemsen foram inventariados e incorporados nos diversos corpora. O capítulo 3 trata sobre a vida e a obra de August Willemsen, respondendo às perguntas 4, 5 e 6 acima referidas. Desse modo, após uma breve biografia, apresento o trabalho de Willemsen como tradutor: o quê, quando e para quem traduziu? A seguir descrevo seu trabalho como escritor: o quê, quando e para quem escreveu? Depois recebe atenção sua atividade como crítico: o que é que escreveu em termos de resenhas literárias (de publicações de autores lusófonos) e críticas de traduções feitas por colegas? Segue então uma breve exposição das atividades paralelas a que Willemsen se dedicou e, ainda no capítulo 3, tento delinear a relação entre seu trabalho de tradutor e sua obra original. Cada faceta da vida e da obra de August Willemsen é descrita, baseando-se nos resultados da pesquisa arqueológica (bibliográfica) apresentados no capítulo 2.

O capítulo 4 aborda as perguntas principais 1 e 2 sobre a visão tradutória de August Willemssen: qual é a sua poética tradutória e como se desenvolveu seu modo de pensar sobre tradução? Essas perguntas são respondidas com base na informação obtida na pergunta 7 que analisa os comentários escritos de Willemssen sobre tradução. Nesta tese descrevo a poética externa de tradução de Willemssen a partir de uma perspectiva histórica, o que significa que seus comentários são investigados cronologicamente para se obter uma ideia sobre a formação de Willemssen como tradutor. No capítulo 5 faço uma tentativa de vincular a visão tradutória de Willemssen, analisada no capítulo 4, com o discurso tradutório vigente na Holanda, respondendo assim à terceira pergunta principal. Depois segue a conclusão dos resultados da pesquisa, acompanhados de uma avaliação final e de sugestões para pesquisa futura.

1. QUADRO TEÓRICO

Em *Literatuur van Elders*, Gillaerts (1988: 130) indica um modelo de pesquisa para a análise da poética tradutória de Martinus Nijhoff. Além disso, Gillaerts define a poética de um tradutor como “um conjunto mais ou menos coerente de ideias sobre o ato de traduzir e traduções”². A poética tradutória compreende assim as “concepções do tradutor sobre o *processo de tradução* (origem e desenvolvimento), sobre o *produto de tradução* (a tradução) e sobre a *função* das traduções na literatura de chegada e cultura de chegada”. O ponto de partida deste tipo de pesquisa é, portanto, o tradutor e suas concepções.

Segundo Pym (1998: 12), as concepções de um tradutor sobre o “como” e o “por quê” de uma tradução têm um caráter parcialmente histórico e parcialmente teórico. Mas a história da tradução e o tradutor não possuem um lugar determinado no, segundo Munday (2001: 13), “ainda frequentemente usado” modelo de divisão dos Estudos da Tradução de Holmes. É Munday (2001: 14) também que resume adequadamente essa crítica de Pym (1998: 1-3) contra o modelo de Holmes: “Holme’s map omits any mention of the individuality of the style, decision-making process and working practices of human translators involved in the translation process”. Na minha pesquisa quero justamente focalizar um tradutor individual, August Willemssen, e suas ideias sobre tradução. Para prover esta pesquisa de um quadro teórico, o modelo de Holmes não se mostrou suficiente. Mais adequado se revelou o modelo de história da tradução sugerido por Pym (1998: 4), que a entende como “a unified area for the humanistic study of human translators and their social actions, both within and beyond their material translations”, definindo-a como sendo

a set of discourses predicating the changes that have occurred or have actively been prevented in the field of translation. Its field includes actions and agents leading to translations (or non-translations), the effects of translations (or non-translations), theories about translation, and a long etcetera of causally related phenomena. (Pym 1998: 5)

Nesse contexto, o tradutor ocupa, como *agent* ou ator, um lugar ao lado de traduções e teorias de tradução e é estudado tanto dentro quanto fora de suas traduções. Pym (1998: 5-6) distingue ainda três subáreas dentro da história da tradução:

² Salvo menção em contrário, todas as traduções de citações originalmente escritas em inglês ou holandês são de minha autoria. Em caso de dúvidas, consultar o texto original na versão holandesa da presente tese, a qual se encontra posposta aos Apêndices.

- arqueologia da tradução
- crítica histórica
- explanação

A subárea da *arqueologia da tradução* compreende o conjunto de discursos que respondem, completa ou parcialmente, à pergunta: “quem traduziu o quê, como, onde, quando, para quem e com que efeito?” (Pym 1998: 5). A *crítica histórica* apresenta uma base ideológica e trata de discursos tradutórios a partir do ponto de vista do progresso. Procura entender se uma determinada tradução, num momento específico do passado, auxiliou, ou justamente prejudicou o progresso. Nessa subárea, o valor das traduções é, assim, determinado dentro de um contexto histórico. A terceira subárea, a da *explanação*, procura entender as razões pelas quais os artefatos arqueológicos se deram do modo como se deram: por que determinados artefatos individuais e textos tiveram lugar naquele momento e naquele lugar históricos? Essa categoria está relacionada às causas de mudanças e é aqui que o tradutor pode ser identificado como um ator efetivo.

Note-se na pergunta acima a posição primária do indivíduo (quem): “quem traduziu o quê, como, onde, quando, para quem e com que efeito?”. Pym (1998) reserva ao tradutor uma posição central na história da tradução. O tradutor é visto como uma das causas indispensáveis para a produção de traduções e, como tal, merece atenção especial na história da tradução. Nesse contexto em que a pessoa do tradutor é considerada como ponto de partida da história da tradução e como uma das possíveis causas de mudanças, acredito ter encontrado um lugar para a minha pesquisa sobre as concepções de tradução de August Willemssen.

O fato de Augusto Willemssen ter tido um papel essencial na introdução da literatura de língua portuguesa nos Países Baixos, já foi demonstrado na pesquisa de Schreij (2009). Principalmente nos anos setenta e oitenta do século passado, quando apenas poucos profissionais traduziam literatura do português para o neerlandês, Willemssen contribuiu para o estabelecimento de um subsistema da literatura lusófona dentro do sistema de literatura neerlandesa. Manifestando-se ativamente como um tradutor interveniente, conquistou uma posição permanente nesse sistema e foi muitas vezes pessoalmente responsável pela publicação de suas traduções. Conforme Schreij (2009: 96, versão portuguesa): “Através da publicação de recensões críticas e ensaios em revistas e jornais, escrevendo pre- e posfácios, e pela sua reputação literária, [contribuiu] para a classificação de certas obras como literatura.” Desse modo, Willemssen atuou não só na produção material mas também na produção

simbólica de literatura. Não só o entusiasmo, a perseverança e o interesse pelo trabalho, mas também, e principalmente, “a qualidade literária das suas traduções” (Schreij 2009: 94, versão portuguesa) são enfatizadas como sendo as causas da grande influência que Willemsen exerceu na introdução da literatura de língua portuguesa nos Países Baixos. Nesta tese investigarei o pensamento tradutório do homem que mudou o panorama literário neerlandês.

Segundo Pym (1998), as três categorias – arqueologia, crítica histórica e explanação – estão interligadas, sendo a questão do “por quê” (explanação) que finalmente interessa no campo da história da tradução. Mas ele admite também que não se pode fazer crítica histórica nem explanação sem ter feito uma sólida pesquisa arqueológica. Essa última categoria será o foco desta tese.

A arqueologia da tradução compreende, como já vimos, comentários que respondem a pergunta: “quem traduziu o quê, como, onde, quando, para quem e com que efeito?” (Pym 1998: 5) O “quem” desta tese é August Willemsen e as perguntas “o quê”, “onde”, “quando” e “para quem” estão relacionadas ao seu trabalho: o que August Willemsen traduziu?, e assim por diante. O método mais adequado para responder essas perguntas é fazer uma pesquisa arqueológica. A questão de “como” Willemsen traduziu não pode ser considerada separadamente da questão de “o quê” ele pensava sobre tradução, isto é, “como” ele pensava sobre o assunto. Há duas maneiras para se descobrir “como” Willemsen traduziu e pensou sobre tradução. Ou se estuda os comentários explícitos feitos por ele (poética de tradução externa), ou se procura inferir o seu pensamento a partir das traduções feitas por ele (poética de tradução interna). Nesta tese investigarei apenas a poética de tradução externa, o que significa que estou interessada apenas nas concepções tradutórias de Augusto Willemsen “na medida em que sejam externas às suas traduções; seus comentários sobre tradução em resenhas críticas, comentários, introduções, etc.” (Gillaerts 1988: 130). Munday (2001: 152) refere-se a Toury que vê a desvantagem de os comentários explícitos de tradutores poderem ser preconcebidos, mas o próprio Munday reconhece o valor deles: “such comments are at best a significant indication of working practices; at worst they at least reveal what the participants feel they ought to be doing”.

Não estou, portanto, interessada nas ideias e conceitos sobre tradução que sejam implícitos e possam ser deduzidos mediante uma análise da produção tradutória de Willemsen. Isso significa que as traduções efetuadas por ele não serão analisadas. Gillaerts (1988), como já vimos, sugere envolver também críticas literárias numa pesquisa sobre poética tradutória, mas não é esse o caminho que escolhi, pois nesse tipo de documento não

há muitos comentários explícitos do tradutor e, quando presentes, são, na maioria das vezes, citações de documentos originais do tradutor em questão. E, além disso, críticas literárias são mais apropriadas para desenvolver uma pesquisa de recepção, que, por si só, poderia ser muito extensa. Essa escolha para investigar apenas a poética de tradução externa oferece a vantagem de que nos comentários do tradutor podem ser encontradas indicações para pesquisa futura das próprias traduções (Pym 1998: 128-130). Em outras palavras, a poética tradutória externa pode promover pesquisa futura mais eficiente da poética tradutória interna.

Onde poderei encontrar os comentários de August Willemssen? Primeiramente, em material escrito e publicado, tal como livros, textos para a imprensa periódica, paratextos de traduções e também cartas. É de se supor que ele tenha dado comentários em entrevistas; por isso, elas também constituirão material de investigação. É provável ainda que haja material audiovisual onde Willemssen tenha expressado suas ideias sobre tradução. Mas uma pesquisa envolvendo esse tipo de material poderia consumir demasiado tempo, extrapolando os limites desta tese, na qual limitar-me-ei ao levantamento e à coleta de material escrito e publicado.

A seguir, esse material coletado será explorado e, ao fazê-lo, concentrar-me-ei nos comentários de Willemssen relacionados à sua visão sobre tradução e à maneira pela qual aplicou essas ideias na prática. Como não é possível fazer uma avaliação quantitativa nem qualitativa do material a ser coletado, considero uma boa ideia determinar de antemão alguns princípios temáticos. “Mudança” será a primeira palavra-chave. Observarei atentamente as mudanças que o próprio Willemssen sofreu, ou seja, mudanças na sua maneira de pensar sobre tradução. Considero minha pesquisa, em que os comentários de Willemssen serão investigados cronologicamente, uma oportunidade incontestável de conhecer melhor o processo de sua formação como tradutor. Será que August Willemssen mudou sua maneira de pensar sobre tradução e sua maneira de traduzir durante sua carreira tradutória? Como se deu o desenvolvimento do pensamento tradutório de August Willemssen?

Como segunda palavra-chave parece-me “debate”, conforme sugerido por Pym (1998: 128) e Koster & Naaijkens (2002: 4), uma boa escolha. Desse modo, a minha descrição da poética tradutória externa de August Willemssen dará atenção especial a temas em que se possam observar uma dicotomia, uma oposição, uma controvérsia. O terceiro tradutólogo que me indicou a direção para a escolha do tema é Schreij (2009: 56, versão portuguesa). Ele enfatiza o monopólio de Willemssen no que concerne tradução de poesia de língua portuguesa para o holandês. Na época em que ele atuou como tradutor, havia apenas mais dois tradutores que também traduziam poesia lusófona: Irene Koenders e Arie Pos. Mas a grande maioria dos

títulos traduzidos era de Willemsen. A visão de Willemsen sobre tradução de poesia receberá, portanto, atenção especial na descrição de sua poética tradutória no capítulo 4.

Para se compreender melhor o conteúdo dos comentários de Willemsen, considero essencial conhecer bem sua vida e sua obra. Assim, antes de responder à pergunta principal sobre “como” Willemsen traduziu, ou seja, as características de sua concepção tradutória destilada a partir de seus comentários explícitos, buscarei primeiro a resposta para a pergunta sobre “quem” foi August Willemsen. Nesse processo, sua obra também será discutida em torno das questões sobre “o quê”, “onde”, “quando” e “para quem” ele traduziu. A questão “com qual efeito” Willemsen traduziu não será tratada. Como já foi mencionado, uma pesquisa de recepção está fora dos objetivos desta tese. Em tal pesquisa é a questão do por quê que tem maior importância, procurando-se explicações sobre a produção, ou não, de uma tradução, processo no qual o tradutor, conforme Pym (Pym 1998: 157-159), pode ser apenas uma das causas envolvidas. O caráter da presente tese é mais descritivo do que explicativo.

A importância desta tese reside no fato de que o estudo da poética de um tradutor, ou seja, suas concepções sobre tradução, poderá “explicar a recepção de uma obra e de um autor” (De Vries 2007: 21). Além disso, a revelação da poética tradutória externa de August Willemsen poderá indicar o caminho para pesquisa futura sobre sua poética tradutória interna. É um passo pequeno mas necessário para a compreensão da poética tradutória completa de August Willemsen. Acredito que estudos como este sobre as concepções e sobre a obra de tradutores exemplares como August Willemsen poderiam contribuir para, no campo da tradução, aproximar a teoria à prática.

2. METODOLOGIA

Primeiramente fiz uma pesquisa arqueológica (bibliográfica) sobre as traduções de August Willemssen. Os resultados dessa pesquisa estão incluídos em dois corpora: *Tabela cronológica das traduções de August Willemssen* (Apêndice 1) e *Traduções de August Willemssen* (Apêndice 2). A seguir, fiz um levantamento da obra original de Willemssen, ou seja, um levantamento de seus documentos primários. O resultado encontra-se no terceiro corpus denominado *Documentos primários de August Willemssen* (Apêndice 3).

O primeiro corpus, *Tabela cronológica das traduções de August Willemssen* (Apêndice 1), representa o resultado de uma tentativa de levantamento de todos os textos traduzidos por Willemssen. É uma lista completa de suas traduções. Todas as traduções, publicadas ou não, independentemente da forma de publicação (em forma de livros, na imprensa periódica, etc.), estão registradas e apresentadas cronologicamente nessa tabela. No caso de publicações em forma de livro, estão incluídas, nesse corpus, não só as primeiras edições mas também as reedições (com modificações). Os dados completos dos documentos achados não estão aí indicados, mas encontram-se no segundo corpus das *Traduções de August Willemssen* (Apêndice 2). Nesse Apêndice 2 se encontram dados adicionais sobre a presença, ou não, de prefácios ou posfácios, assim como de outros paratextos escritos por Willemssen. A lista de Schreij (2009: 27, versão portuguesa) contendo “quase todas as obras literárias de língua portuguesa em tradução neerlandesa produzidas entre 1900 e 2008” mostrou ser útil para a construção do meu corpus. Mas como Schreij (2009) se limita a obras de literatura e de língua portuguesa, conduzi uma pesquisa bibliográfica própria, presumindo que Willemssen tenha traduzido mais do que apenas textos literários e textos originalmente escritos em português.

Para descobrir como August Willemssen se expressou sobre tradução, faz-se necessário arrolar e coletar primeiramente todo o material original escrito. Como já foi explicado no capítulo anterior, limito-me, na presente pesquisa, a estudar apenas material impresso e publicado, como livros, textos escritos para a imprensa periódica, paratextos acompanhando traduções e cartas. As cartas que não foram publicadas não são investigadas. É de se supor ainda que Willemssen tenha se manifestado sobre tradução em entrevistas e é por isso que esses documentos também foram inventariados e coletados. Os textos originais de Willemssen e as entrevistas dele registradas por outrem constituem o terceiro corpus, ou seja, o corpus principal. Esse corpus do trabalho original de Willemssen, apresentado em ordem cronológica,

servirá de base para responder às perguntas principais sobre a sua poética tradutória. Os dados desse corpus principal encontram-se no Apêndice 3: *Documentos primários de August Willemssen*. Para a construção desse corpus, foi utilizado, como ponto de partida, um outro conjunto de dados de Schreij (2009: 145-171), a saber, os resultados de sua vasta pesquisa bibliográfica sobre “publicações de e sobre literatura lusófona em revistas literárias neerlandófonas”. Dessa lista foram incluídas 45 publicações no meu corpus principal de documentos primários de August Willemssen.

Desse modo, comparei primeiro as listas de Schreij com os dados do *Nederlandse Centrale Catalogus* (Catálogo Central Holandês) – *NCC*³, completando-as com os dados desse último quando aplicável. Acessei o *site* do catálogo através de *PiCarta*⁴ e efetuei a busca usando a combinação de palavras “August Willemssen” em “*alle woorden*” (isto é, “todas as palavras”) com o objetivo de encontrar todas as traduções e todos os trabalhos originais de Willemssen. O catálogo *NCC* não contém, porém, dados de artigos de jornal.

Para compensar essa lacuna, consultei o arquivo *LexisNexis Academic*⁵, que oferece dados sobre textos de jornais e revistas neerlandesas e estrangeiras. A informação contida nesse banco de dados data, contudo, a partir de mais ou menos 1991 em caso de jornais diários nacionais e em caso de diários regionais somente a partir de mais ou menos 2002. Para compensar essa insuficiência, continuei a minha busca nos “*niet nader gecatalogieeerde archivalia*”⁶ de August Willemssen, nomeadamente a herança dele, que recebeu um lugar no *Letterkundig Museum* (Museu de Letras) em Haia, Países Baixos⁷.

Das 22 caixas de que consta o arquivo de August Willemssen, dois terços apresentam a etiqueta “corr” (de “correspondência”). Nas caixas restantes encontram-se material impresso e outros tipos de material, tais como fotos. A princípio pretendia investigar as cartas também, mas já na fase inicial da pesquisa ficou patente que deveria fazer uma escolha. Considerando a grande quantidade de correspondência, não foi exatamente uma escolha mas um caminho imposto pelas circunstâncias: prosseguir com a pesquisa sem envolver as cartas (não publicadas). As caixas restantes do arquivo demonstraram, porém, conter uma riqueza em material publicado (e também, em menor quantidade, material não publicado), como por exemplo, informação complementar sobre documentos originais de August Willemssen. Desse modo, pude completar, em sua quase totalidade, os dados que faltavam nas três fontes

³ O catálogo *NCC* contém os dados bibliográficos e bibliotecários de livros e revistas em mais de 400 bibliotecas na Holanda.

⁴ <http://picarta.pica.nl>

⁵ Esse arquivo foi acessado por intermédio da Biblioteca da Universidade de Amsterdã (<http://uba.uva.nl>)

⁶ Literalmente: “documentos de arquivo não catalogados”, indicados na lista obtida pelo catálogo *NCC*.

⁷ Com agradecimento especial ao Sr. Bauke Marinus que me concedeu permissão para consultar o arquivo de August Willemssen.

supracitadas – a lista de Schreij, o catálogo *NCC* e o banco de dados *LexisNexis*. O próprio Willemsen guardou grande quantidade de material impresso: artigos de jornal, artigos (originais e secundários) de revistas, textos de palestras por ele proferidas, etc. Em uma primeira fase, selecionei o material que poderia atender aos objetivos da minha pesquisa. Seja dito aqui que é, e permanece, uma atividade humana. Embora tenha abordado o material das seis caixas de arquivo com zelo, é possível que me tenha escapado algo. Além disso, não há garantia de que o arquivo de Willemsen seja completo. Resta ainda a possibilidade de as caixas de correspondências apresentarem também documentos primários.

Em uma segunda fase, trabalhei sistematicamente com esse material selecionado, tendo por fim o levantamento de todo o material relevante à pesquisa. Apesar da inevitabilidade dessa situação imperfeita – pois, repito, não deixa de ser um ato humano – em que a pesquisa foi executada, o resultado final não se mostrou insatisfatório no sentido de que muitos dos documentos que estavam faltando foram encontrados, possibilitando assim a pesquisa de cada período da história e do desenvolvimento de August Willemsen.

Em seguida procurei coletar todos os documentos primários identificados durante o levantamento de dados⁸, o que significa que tive em mãos todas as traduções de August Willemsen para poder me apossar dos posfácios e outros paratextos. O material coletado dessa maneira foi explorado posteriormente, tanto para conhecer melhor a vida e a obra de August Willemsen (capítulo 3) como para responder às perguntas principais (capítulos 4 e 5).

Já explorando o material, foi-me ainda possível complementar aqui e acolá as lacunas informativas dos corpora com dados de documentos originais e traduções de Willemsen. Os dados encontrados foram inseridos, o tanto quanto possível, nos corpora, mas os próprios documentos não foram mais sempre coletados, não sendo mais evidentemente incluídos nas análises estatísticas. Esses documentos não coletados estão assinalados com um asterisco (*) no Apêndice 3.

⁸ Com agradecimento a Taco Schreij pela concessão de material relevante sobre August Willemsen numa fase ainda precoce da pesquisa.

3. AUGUST WILLEMSSEN

O capítulo 3 trata sobre a vida e a obra de August Willemsen. Após uma breve biografia (3.1), apresento o trabalho de Willemsen como tradutor, escritor e crítico, bem como suas atividades paralelas (3.2). A seguir analiso a relação entre seu trabalho de tradutor e sua obra original (3.3). Por último, apresento um resumo do capítulo na seção 3.4. Cada faceta da vida e da obra de August Willemsen será descrita, baseando-se nos resultados da pesquisa arqueológica (bibliográfica) apresentados no capítulo 2.

3.1. *A vida de August Willemsen*

August Willemsen nasceu no dia 16 de junho de 1936 em Amsterdã. Era o caçula de uma família de quatro filhos, sendo fruto do segundo casamento de seu pai e o único filho de sua mãe. Tinha uma irmã e dois irmãos. Passou a infância nas vizinhanças do Estádio Olímpico de Amsterdã até quando, aos oito anos de idade, foi morar temporariamente (nove meses) na Alemanha, o que resultou no aprendizado tanto de alemão como francês. Em uma entrevista a Ischa Meijer (W1993i)⁹ para o diário amsterdamês *Het Parool* Willemsen conta como aconteceu:

Na casa dos meus pais não tinha música nem literatura – absolutamente nada de cultura. Zona Sul de Amsterdã, os anos quarenta e cinquenta. Chato, chato, chato. [...] [...] Mais tarde, setembro de '44, fui transportado para a Alemanha com a minha mãe e uma irmã mais velha, por causa do *Bijltesdag*¹⁰. Minha primeira grande viagem. [...] Desde o começo estive intrigado com o fenômeno da linguagem. No início da guerra, numa escola que ficava perto de casa, acamparam-se soldados alemães e ainda me lembro como fiquei fascinado pela pronúncia deles, por aqueles sons estranhos, excitantes. À noite, na cama, tentava imitá-los, tentava então falar alemão bem do meu próprio jeito. Assim como outros garotos da minha idade brincavam com carrinhos, eu me ocupava com idiomas. Na Alemanha aprendi a falar alemão bem rápido e depois chegaram aqueles dois prisioneiros de guerra franceses, com quem me dei muito bem – é, eles se tornaram meus Grandes Amigos: principalmente um, que se chamava Rémy, um rapaz muito novo, bonito, na fala de quem fiquei excepcionalmente interessado e por fim consegui conversar com ele de verdade em uma mistura de francês e alemão. Eu ficava o tempo todo com aqueles dois rapazes franceses no rancho.

⁹ Os textos primários de August Willemsen, inclusive as entrevistas concedidas por ele, não foram, em princípio, incluídos na bibliografia da presente tese, mas podem ser encontrados no Apêndice 3. As referências a esses documentos do Apêndice 3 estão indicadas apenas com a letra inicial “W” do sobrenome de Willemsen, acompanhada do ano da publicação do texto ou da entrevista, e de uma letra minúscula do nosso alfabeto indicando sua ordem de apresentação dentro de cada ano. No Apêndice 3 encontra-se também o nome do autor da entrevista.

¹⁰ Dia de ajuste de contas com traidores à pátria após uma revolução ou uma guerra, neste caso a Segunda Guerra Mundial.

Mais tarde, na época do ensino médio, o francês tornou-se o melhor idioma de Willemsen e o primeiro idioma estrangeiro em que leu livros (W1991d). Que ele reagia fortemente aos estímulos da fala, constata-se também no comentário que segue: “Eu tinha um livro de aventuras com histórias e desenhos sobre viajantes que percorrem a América do Sul. [...] O que acho de mais bonito é que naquele livro as palavras estavam na língua original. Aquilo que nos países de língua espanhola se chamava *hacienda*, era, no Brasil, *fazenda*. Assim aprendi aos meus dez anos de idade que no Brasil se fala português e na maioria dos países naquela região, espanhol.” (W1986e) O espanhol, Willemsen (W1992t) aprendeu mais tarde, após retornar de uma viagem acidental à Espanha em 1956, “sozinho, de um livreto, em um ano”. E mais tarde, quando resolveu estudar Letras, acabou escolhendo português. Estudou também o idioma árabe por alguns anos, mas se decepcionou com a literatura (W1988m).

No período de 1949 a 1955 cursou o ensino médio na área de humanas no Hervormd Lyceum de Amsterdã. Após o término desse curso, estudou piano no Conservatório de Amsterdã, mas abandonou esse estudo quatro anos depois, em 1959. A seguir, depois de trabalhar pouco tempo em uma livraria, foi redator de uma agência de publicidade por um ano e meio (1960-1961). E apenas aos 25 anos, em 1961, iniciou o Curso de Português na Universidade de Amsterdã onde estava registrado como o único estudante que seguia português como disciplina obrigatória. Durante o curso na universidade, recebeu uma bolsa de estudos do governo holandês para estudar um ano no Brasil. Lá, no período de 1967 a 1968, fez pesquisa sobre literatura brasileira. Em 1970 foi publicada sua primeira tradução intitulada *Meesters der Portugese vertelkunst* [Mestres do Conto Português], uma coletânea de contos que também organizou e para a qual escreveu um vasto texto introdutório. No ano posterior a essa publicação, em 1971, obteve o diploma do curso universitário e foi admitido como pesquisador do Departamento de Português, onde continuou dando aulas até setembro de 1988. De acordo com Willemsen (W1993i):

Aos meus dezessete anos fiquei especialmente interessado em literatura. E logo depois juntou-se a música. Dentro de mim se inflamava uma disputa entre letras e artes musicais. Acabei optando pela música e fui ao conservatório. Gradualmente as letras se infiltraram de novo em mim. Eu traduzi, puramente para o meu próprio prazer, um romance de Gide. E pouco a pouco deslizei outra vez na direção da língua. Num dado momento não tinha mais sentido para mim terminar aquele estudo de piano – eu investia tempo demais em leitura. [...] Fui trabalhar numa livraria, na rua Damrak, em Amsterdã. Depois virei redator de uma agência de publicidade. Apareceu um anúncio no jornal:

“Procura-se escritores criativos para renomada agência de publicidade.” Não tinha a menor ideia do que fosse: mal tinha escrito, não sabia sequer o que significava uma agência de publicidade – mas fui admitido. E depois trabalhei lá um ano e meio em tempo integral. Eu era bom. Achei o trabalho um desafio útil para descobrir exatamente o que queria escrever e então formular isto, a seguir, de forma tão concisa quanto possível. Ainda agora vivencio aquele período como uma boa escola de aprendizagem. [...] Além do mais fui estudar português. Tinha então vinte e cinco anos. E pouco antes do fim daqueles dez anos de estudo fui publicar finalmente as minhas traduções. Até aquele momento já tinha traduzido muito, mas até aí só para minha satisfação particular./ Além disso escrevia também para mim próprio; a partir de ’56 mantinha diários. Esse escrever veio aproximadamente ao mesmo tempo que a vontade de traduzir e já durante a minha primeira visita ao Brasil escrevia cartas de viagem, que bem mais tarde veriam a luz como *Braziliaanse brieven*.

Em 1953, quando tinha 17 anos, Willemsen foi de férias a Paris pela primeira vez com amigos. Nos anos seguintes, visitou mais três vezes a França: em 1954, 1955 e 1956. Da segunda viagem, com 24 alunos de sua classe, escreveu um relatório que, mais tarde, em 1989, na ocasião da reunião dos companheiros dessa viagem, seria distribuído a esse grupo seletivo de pessoas com o título *De tuin van IJben* [O jardim de IJben] e que, ainda mais tarde, em 1999, seria feito acessível ao grande público. Sobre o período seguinte de sua vida, de 1956 a 1964, Willemsen publicou em 1998 *Vrienden, vreemden, vrouwen* [Amigos, estranhos, mulheres]. “Um *document humain* único, e uma bela imagem dos fins dos anos cinquenta e começo dos anos sessenta”, segundo a capa do livro. Após sua primeira estadia no Brasil, em 1967-1968, fez mais três viagens curtas a esse país em, respectivamente, 1973, 1979 e 1984. Durante essas viagens enviou cartas para a família, parentes e amigos, as quais posteriormente foram compiladas em *Braziliaanse brieven* [Cartas brasileiras] (1985), a coletânea de cartas com a qual estreou como escritor. Mais tarde Willemsen publicou ainda alguns trabalhos autobiográficos que cobrem outros períodos de sua vida: *De val* [A queda] em 1991, *Sprekend een brief* [Falando uma carta] em 1998 e *Van Tibooburra naar Packsaddle* [De Tibooburra a Packsaddle] em 2001. Em *De val* ele descreve o processo de reabilitação por que passou, depois de ter fraturado o quadril numa queda como resultado de uso excessivo de álcool. E nos dois últimos livros Willemsen faz relatos sobre a Austrália, para onde foi em 1996 por motivos particulares.

A leitura de seus livros, que individualmente cobrem um determinado período de sua vida, parece, portanto, uma boa maneira de conhecer a pessoa de August Willemsen. É possível obter uma ideia da vida de Willemsen em termos cronológicos, lendo seus livros autobiográficos na seguinte ordem:

De tuin van IJben. In memoriam Jan Meilof IJben

Vrienden, vreemden, vrouwen

Braziliaanse brieven

De val

Sprekend een brief

Van Tibooburra naar Packsaddle

Com relação à sua própria leitura, ou melhor, à história desta, Willemsen (W1990c) escreveu um artigo intitulado “Onontkoombaarheid” [Inevitabilidade] no qual ele expõe os livros que leu, o que achou deles, os escritores que conheceu, quem deixou de ler e quem quis continuar a ler, etc. Nesse artigo ele comenta o tipo de literatura que prefere: “Eu quero, como leitor, ser pego pelo colarinho. Esse é o constrangimento que exijo de uma obra de arte” (W1990c: 105). Não vou me aprofundar aqui nesse assunto, limitando-me a registrar os nomes a que Willemsen se refere nesse texto, com o intuito único de dar uma ideia global sobre sua formação e preferência literária: Delfgaauw, Oldewelt, Van Peursen, Pascal, Kierkegaard, Gabriel Marcel, Nijhoff, Bloem, Achterberg, Vestdijk, Elsschot, Nescio, Slauerhoff, Gijzen, Dostojevski, Gogol, Tsjechov, Gustavo Corção, Paul Léautaud, Alain, Maurois, Stendhal, Gide, Baudelaire, Verlaine, Rimbaud, Camus, Thomas Mann, Stefan Zweig, Valery Larbaud, Choderlos de Laclos, Chamfort, Benjamin Constant, Ortega y Gasset, Valle Inclán, Léon Pierre-Quint, Balzac, Du Perron, Ter Braak, Malraux, Pessoa, Drummond de Andrade, Machado de Assis, Italo Svevo, Euclides da Cunha, Guimarães Rosa e Tolstoj.

Interessante na vida de August Willemsen é a multiplicidade de seus interesses e talentos: viagens, idiomas (e tudo o que tem a ver com eles), desenho, teatro (veremos adiante), arte e também futebol. Na capa de sua coletânea de ensaios *Het hoge woord* [A palavra inevitável] (W1994a) pode-se ver um desenho a lápis de Willemsen quando tinha doze anos e em *Vrienden, vreemden, vrouwen* [Amigos, estranhos, mulheres] (W1998g) encontram-se mais desenhos da época de sua adolescência. São desenhos que fazem supor que Willemsen teria tido o mesmo sucesso se tivesse escolhido esse caminho. Sobre arte escreveu alguns ensaios (W1989a, W1994a), mas sua definição é magistral pelo caráter direto e simples: “Arte é meramente fazer bem algo difícil, seja em linho, pedra, papel, no tablado ou no gramado.” Numa outra coletânea de ensaios, *De taal als bril* [A língua como óculos] (W1987a), encontra-se um texto sobre a lenda do futebol brasileiro Garrincha, Mané Garrincha ou Manuel Francisco dos Santos. A definição de arte de Willemsen (W1994a: 343)

se referia a Garrincha: “a satisfação que é para mim de ter visto ainda as cavernas de Lascaux, de ter visto Gérard Philipe em *Le Cid* e de ter visto Piet Keizer jogar ao vivo, não compensa a tristeza de nunca ter podido ver a arte de Garrincha.” É de se compreender então que um dos últimos projetos de Willemsen foi a revisão de uma edição de um livro sobre o futebol brasileiro: *De goddelijke kanarie* [O canário divino] (W2007a). Viagens e línguas foram, porém, as grandes constantes na vida de Willemsen. Viajou para destinos cada vez mais longínquos e sempre na mesma direção, o sul (em relação à Holanda): Alemanha, França, Espanha, Portugal, Brasil, Marrocos e Austrália. Ele era multilíngue, um poliglota. Dominava alemão, francês, espanhol e português. O alemão e o francês aprendeu na infância por meio de contatos com falantes nativos, acrescentando-se então o inglês, provavelmente na escola. Com relação ao espanhol é autodidata e português ele aprendeu na universidade, tornando-se esta a sua língua fonte principal como tradutor. Willemsen conhecia também o árabe e o italiano.

Como motivo de sua escolha pelo português, considerou, por longo tempo, *Os sertões* de Euclides da Cunha – do qual, bem mais tarde, ele mesmo efetuará uma nova tradução integral – e Fernando Pessoa. Segundo Willemsen (W1982a):

A ideia de português me veio da leitura de um romance brasileiro, *Os sertões*, de Euclides da Cunha. E depois de ler aquele livro, decidi que queria ler o original e queria visitar o cenário do acontecimento. Isso se tornou o começo do meu curso de Português, em 1961, e, então, logo foram dadas aulas sobre Pessoa, sendo este o golpe fatal. Achei isso tamanha revelação, que eu soube naquele momento que iria continuar com isso e nunca mais iria parar.

Quanto à pergunta “Por quê português?” Willemsen (W1998g: 216) reconsideraria mais tarde em *Vrienden, vreemden, vrouwen* [Amigos, estranhos, mulheres]: “Tinha, e tenho, muitas respostas, nenhuma delas é incorreta. Mas talvez seja essa a resposta final: porque ninguém mais o fazia. E já que toquei no assunto: acredito agora, quase quarenta anos depois, que essa também seja a resposta para a igualmente frequente pergunta: ‘Por quê tradução?’”

O contato que Willemsen teve com a literatura brasileira durante a sua primeira estadia no Brasil foi também decisiva para a sua carreira. Numa entrevista disse ter descoberto “gigantes” lá que “eram mais importantes do que aquilo que [ele] poderia se tornar como escritor” (W1986g). A partir desse momento as suas aspirações de se tornar escritor foram relegadas ao segundo plano e a tradução desses grandes escritores brasileiros ganha prioridade.

A primeira tradução de Willemsen foi publicada em 1970. Até os fins dos anos oitenta do século passado, ele era um dos poucos que tinham traduzido literatura do português para o holandês. No período entre 1970 e 1986 havia mais quatro tradutores que, como ele, tinham publicado duas ou mais traduções de literatura de língua portuguesa em neerlandês. Contudo, eles eram responsáveis por apenas onze publicações, enquanto Willemsen tinha dezenove em seu nome (Schreij 2009: 175). Como tradutor, ele introduziu importantes escritores e poetas da língua portuguesa nos Países Baixos, principalmente de Portugal e do Brasil.

A partir de 1985 publicou também trabalho original. E até 1988 combinou o ofício de tradutor e escritor com o de professor universitário. Em setembro daquele ano pediu demissão do cargo na universidade para se dedicar totalmente à carreira de tradutor e escritor. Em novembro de 1996 vendeu seu apartamento no bairro Bijlmer – onde viveu prazerosamente desde o começo dos anos setenta e ao qual dedicou diversos ensaios e colunas – e mudou-se para a Austrália por motivos amorosos. A princípio parece ter pensado em emigrar mas nunca chegou a esse ponto. Nos últimos dez anos de sua vida morou alternadamente em Melbourne e Amsterdã com a consciência crescente de que a Austrália não fora destinada a ele, principalmente devido à língua. O apego ao seu próprio idioma e a pouca afinidade bem como a falta de experiência com o idioma inglês constituíram um obstáculo para que Willemsen pudesse se sentir totalmente em casa na Austrália (W2007b).

Como já foi dito, em 1983, foi conferido a Willemsen o Prêmio Martinus Nijhoff por toda a sua obra tradutória e, em 1986, o Prêmio Van der Hoogt pelas *Braziliaanse brieven* [Cartas brasileiras], sua estreia como escritor. Além disso, foi condecorado no Brasil, em 1987, com o grau de Oficial da Ordem de Rio Branco por suas contribuições para a literatura brasileira. E, em 1988, recebeu em Portugal o prêmio de tradução da Sociedade de Língua Portuguesa. (Vullings 1993: 2)

August Willemsen continuou a escrever e traduzir até a sua morte. Em sua provavelmente última entrevista (W2007b), concedida meio ano antes de falecer, falava ainda com muito entusiasmo sobre seus planos. Tinha ainda muitos planos de tradução, mas faleceu no dia 29 de novembro de 2007 durante o sono em sua cidade natal Amsterdã. Tinha 71 anos.

3.2. *A obra de August Willemsen*

Sobre o tema em seu trabalho, Willemsen (W1993i) disse uma vez: “É tudo, em princípio, sobre a paixão – talvez seja esse o tema predominante no meu trabalho. Aí

começou [...] também meu interesse na música: ópera, aquela exaltação. E reproduzir isso de modo tão preciso quanto possível, despejar em uma forma – essa é a minha paixão. Ou melhor: fazê-la utilizável. Encaminhar a paixão, estilizar. Paixão estilizada.”

Qual é o legado de August Willemssen? Segue abaixo uma tentativa para sistematizar toda a sua obra, tanto literária quanto tradutória. Vullings (1993: 7) nota uma semelhança entre Willemssen e Kees Verheul: “ambos começaram como tradutor e introduziram escritores importantes”. Quem são, afinal, esses escritores importantes que Willemssen introduziu ao público leitor da língua neerlandesa? Quando ele começou a traduzir? Em que período atuou como tradutor? O que ele traduziu? De que línguas traduziu? Traduziu para outros idiomas que não o neerlandês? Onde e para quem (qual editora) traduziu ele? E quando começou a escrever? O que escreveu, além dos livros autobiográficos?

A seguir apresento um panorama da obra de August Willemssen, partindo dos resultados da pesquisa arqueológica. As traduções serão abordadas primeiro. Depois apresentarei o seu trabalho como escritor e como crítico, seguindo-se aí um esboço das atividades paralelas de Willemssen. Por último, neste capítulo, discutirei a relação entre suas traduções e seu trabalho original. Será que o próprio Willemssen acreditava na existência de algo como “traduções típicas de Willemssen”?

As perguntas acima serão respondidas baseadas nos resultados da pesquisa arqueológica sobre as traduções, os documentos primários e as entrevistas dadas por Willemssen.

3.2.1. O tradutor August Willemssen

Já quando tinha uns vinte anos, August Willemssen começou a traduzir, por curiosidade, para seu prazer e continuou a fazê-lo até a sua morte em 2007. Aquilo que começou como curiosidade tornou-se sua profissão para a vida. A primeira tradução de Willemssen da qual a existência é conhecida, não foi publicada. Trata-se da tradução de *Isabelle*, de André Gide. Ele queria saber como as palavras de Gide ficariam em neerlandês. Segundo Willemssen (W1986e): “Sempre que leio novamente algo bonito num idioma estrangeiro quero saber como soa e fica em holandês.” Willemssen terminou de traduzir *Isabelle* em 28 de janeiro de 1959. Quando tentou publicar sua tradução, percebeu que era tarde demais. Ou seja, J.C. Bloem já tinha traduzido a obra um pouco antes dele. Ao comparar as duas traduções constatou Willemssen (W1992u): “A minha tradução era talvez, em alguns

pontos, quanto à escolha de palavras, um pouco inferior, mas até que não era uma má tradução.” Já vimos na seção 3.1 que Willemsen, após essa primeira tentativa e já durante o seu curso na universidade, tinha traduzido muito mais, mas que a sua primeira tradução só seria publicada no final do período de estudante, em 1970. Eu cito:

A minha primeira tradução, *De meesters der Portugese vertelkunst*, saiu em 1970. O livro não ficou conhecido, mas notei que o editor apreciava o meu trabalho de tradução. Eu tinha explorado as minhas possibilidades e tinha entendido que estava à altura de tal trabalho. In 1972 traduzi um livro sobre a Holanda do meu colega Rentes de Carvalho, com o título *Waar die andere God woont*. Com a literatura brasileira comecei no decorrer dos anos setenta. Naquele meio tempo me ocupei também com Fernando Pessoa e a publicação dos seus *Gedichten* em 1978 vejo como a revelação de mim próprio como tradutor e o rompimento da divulgação da língua e literatura portuguesas na Holanda. (W1988h)

Willemsen (W2005g) chegou a publicar a sua primeira tradução “por um acaso, por via de alguém”. Isto é, por intermédio de um estudante mais velho que lhe pediu ajuda com a tradução de um conto para a editora Meulenhoff, conheceu o redator daquela época, Theo Sontrop. A tradução de um conto em colaboração com uma outra pessoa acabou se tornando a organização, por si só, da coletânea *Meesters der Portugese vertelkunst* [Mestres do conto português], o que significou o começo de uma imponente carreira tradutória. Depois, entrou em contato, também por intermédio de alguém, com Laurens van Krevelen que tomou o lugar de Sontrop, depois deste ter se transferido para a editora De Arbeiderspers. A colaboração com esses dois editores que representavam as “editoras de literatura portuguesa mais importantes no campo literário neerlandês [e não: neerlandesa (sic)]” (Schreij 2009: 55, versão portuguesa), rendeu a Willemsen muitos trabalhos de tradução importantes.

Após concluir o curso na Universidade de Amsterdã em 1971, Willemsen tornou-se pesquisador por recomendação de seu mestre e professor titular Marcus de Jong. Até 1985, quando estreou como escritor com *Braziliaanse brieven* [Cartas brasileiras], combinou a atividade tradutória com a sua função de docente na faculdade. Nesse período, era um dos poucos tradutores de português. O livro *Braziliaanse brieven* colheu grande sucesso e Willemsen foi cada vez mais solicitado a publicar trabalho original. Em setembro de 1988 demitiu-se do seu cargo na universidade para se dedicar inteiramente à tradução e ao ofício de escrever. Esse ano pode ser visto como um marco em sua carreira. É o ano em que Willemsen sentiu que poderia sustentar-se exclusivamente como tradutor-escritor *freelance*. Antes disso, o seu emprego fixo proporcionava a segurança necessária para seu sustento e a liberdade

desejável como tradutor. Numa entrevista para o *Jornal do Brasil*, Willemsen (W1981a) afirmou traduzir apenas nas horas vagas devido a outras ocupações e à baixa remuneração. Com um sorriso, deu a entender que só receberia satisfação intelectual do Projeto Machado de Assis, que visava traduzir o melhor desse autor para o neerlandês e do qual constava sete traduções de livro, das quais Willemsen acabou executando seis. Além disso, afirmou na mesma entrevista que, pela tradução de *Primeiras Estórias* (*De derde oever van de rivier*, 1977) de Guimarães Rosa, ganhara o mesmo que sua sobrinha adolescente tinha adquirido com um bico de férias como garçone de lanchonete. É interessante constatar que o ano de 1988 corresponde também ao ponto médio da carreira de Willemsen, que começou em 1970 e terminou em 2007.

Nesse período de 38 anos saíram 119 publicações com traduções de August Willemsen (veja Tabela 1). Um pouco mais da metade (55%) destas traduções saiu em forma de livro, enquanto 45% saiu como publicação em revistas. O ano mais produtivo foi 1998 com 9 publicações, das quais 4 saíram em forma de livro. Houve também anos sem publicações, a saber: 1971, 1973, 1989, 1990 e 1994. A tabela cronológica dando um panorama geral de todas essas traduções encontra-se no Apêndice 1 e os dados completos desses documentos estão compilados no Apêndice 2.

Apesar desses hiatos, a produção tradutória total de August Willemsen demonstra uma linha ascendente, com uma média de aproximadamente 2 publicações por ano nos dez primeiros anos de sua carreira, 3,4 e 3,1 respectivamente nas segunda e terceira décadas e cerca de 4, nos últimos oito anos, com uma média de mais ou menos 3 publicações por ano (veja Tabela 2). Esse aumento se deu graças ao aumento evidente no número de publicações em forma de livro, que continua a crescer a partir de 0,7 livros por ano na primeira década de sua carreira tradutória (1970-1979) até 2,7 nos últimos oito anos (2000-2007). O número de publicações em revistas, pelo contrário, mostra justamente uma linha descendente. Nos primeiros dez anos Willemsen publicou as traduções duas vezes mais em revistas do que em forma de livro, enquanto nos últimos oito anos essa relação se inverte. Vale notar que a produção tradutória de Willemsen não demonstra nenhuma mudança espetacular depois de ele ter deixado seu emprego fixo em 1988. Pode-se constatar antes uma diferença maior entre a produção na primeira década e a no resto de sua carreira tradutória.

As traduções em revistas eram frequentemente publicações preliminares às traduções em forma de livro, as quais tinham por fim não só dar uma amostra ao leitor neerlandês, mas também informá-lo sobre o lançamento da tradução bem como convencê-lo a comprá-la. De

Dalton Trevisan, por exemplo, Willemsen traduziu em 1974 sete contos para a revista literária *Maatstaf* antes de publicar, no ano seguinte, a coletânea de contos *De koning der aarde* (O rei da terra), da qual os contos publicados na revista também faziam parte (veja Apêndice 1). É interessante notar a grande quantidade de traduções publicadas pela revista *Maatstaf*, principalmente nos anos setenta (veja Tabela 3). Essa revista foi editada de 1953 a 1999, primeiro por uma outra editora, mas desde 1969, pela editora De Arbeiderspers. Até a dissolução da revista, Willemsen publicou as suas traduções por esta editora. Em 1998, por exemplo, a editora da publicação preliminar de *Farewell* de Drummond é a De Arbeiderspers (veja Apêndice 1).

Tabela 1: Número de publicações com traduções de August Willemsen I, por ordem cronológica

ano	em forma de livro	em revistas	total
1970	1	0	1
1971	0	0	0
1972	1	1	2
1973	0	0	0
1974	0	2	2
1975	2	1	3
1976	0	2	2
1977	2	5	7
1978	1	2	3
1979	0	1	1
1980	2	0	2
1981	2	2	4
1982	2	4	6
1983	3	2	5
1984	4	2	6
1985	2	0	2
1986	1	3	4
1987	1	1	2
1988	1	2	3
1989	0	0	0
1990	0	0	0
1991	2	0	2
1992	5	1	6
1993	1	2	3
1994	0	0	0
1995	2	0	2
1996	1	2	3
1997	1	1	2
1998	4	5	9
1999	2	2	4
2000	4	1	5
2001	2	5	7
2002	2	0	2
2003	4	1	5
2004	1	0	1
2005	4	1	5
2006	2	1	3
2007	4	1	5
38 anos	66	53	119
	55%	45%	

Tabela 2: Número de publicações com traduções de August Willemssen II

período	livro	em revistas	total
1970-1979	7 (0,7)*	14 (1,4)	21 (2,1)
1980-1989	18 (1,8)	16 (1,6)	34 (3,4)
1990-1999	18 (1,8)	13 (1,3)	31 (3,1)
2000-2007	23 (2,9)	10 (1,2)	33 (4,1)
38 anos	66 (1,7)	53 (1,4)	119 (3,1)

(*) Média anual do número de traduções está entre parênteses

Tabela 3: Traduções de August Willemssen em revistas, por ordem cronológica

ano	autor	título do artigo com traduções de August Willemssen	revista	gênero literário
1972	Manuel Bandeira Drummond de Andrade ¹¹ João Cabral de Melo Neto	Braziliaanse poëzie na 1920	<i>Raster</i>	poesia
1974	José Cardoso Pires	Het regime van de censuur	<i>De Gids</i>	não ficção
1974	Dalton Trevisan	Zeven verhalen	<i>Maatstaf</i>	conto
1975	Dalton Trevisan	Drie verhalen* ¹²	<i>Maatstaf</i>	conto
1976	João Guimarães Rosa	De gebroeders Dagobé*	<i>Maatstaf</i>	conto
1976	Dalton Trevisan	Autobiografie*	<i>Maatstaf</i>	não ficção
1977	Fernando Pessoa	Anthologie*	<i>Avenue</i>	poesia
1977	Maria Teresa Horta Maria Velho da Costa Maria Isabel Barreno	Waarin geen '3 Maria's' in het Nederlands? Eerste brief 1	<i>Maatstaf</i>	carta
1977	João Guimarães Rosa	Soroco, zijn moeder, zijn dochter *	<i>Maatstaf</i>	conto
1977	Fernando Pessoa	De anarchistische bankier	<i>Maatstaf</i>	conto
1977	Fernando Pessoa	Liedboek	<i>Maatstaf</i>	poesia
1978	Fernando Pessoa	Portugese literatuur: Pessoa's heteroniemen aan het woord	<i>Maatstaf</i>	prosa
1978	E. M. de Melo e Castro M. A. Menéres Gastão Cruz Carlo Vittorio Cattaneo Armando Silva Carvalho Casimiro de Brito	Poesia 61 en andere stromingen in de Portugese poëzie*	<i>Raster</i>	poesia não ficção
1979	Drummond de Andrade	Braziliaanse literatuur: Carlos Drummond de Andrade	<i>Maatstaf</i>	poesia
1981	Rubem Fonseca	Zeven verhalen	<i>Maatstaf</i>	conto
1981	João Cabral de Melo Neto	Gedichten	<i>Nieuw Vlaams Tijdschrift</i>	poesia
1982	Dalton Trevisan	Zeven verhalen	<i>Maatstaf</i>	conto
1982	Manuel Bandeira	Manuel Bandeira	<i>Literair Paspoort</i>	poesia
1982	Dalton Trevisan	Trevisan vertaald. Over de stilistische ontwikkeling in het werk van Dalton Trevisan en enkele consequenties daarvan voor de vertaler	<i>Literair Paspoort</i>	conto
1982	Casimiro de Brito	Gedichten*	<i>Poëziekrant</i>	poesia
1983	Drummond de Andrade	Portfolio – Foto's van Sérgio Zalis bij gedichten van Carlos Drummond de Andrade; twee Brazilianen	<i>Maatstaf</i>	poesia
1983	Manuel Bandeira	Gedichten	<i>Nieuw Vlaams Tijdschrift</i>	poesia
1984	João Cabral de Melo Neto	João Cabral de Melo Neto*	<i>Optima</i>	poesia
1984	Machado de Assis	Verhalen	<i>Maatstaf</i>	conto
1986	Drummond de Andrade	Erotische gedichten*	<i>Optima</i>	poesia
1986	Drummond de Andrade João Cabral de Melo Neto Manuel Bandeira	Drie dichters over de dood*	<i>Nieuw Wereldtijdschrift</i>	poesia

¹¹ Nome completo: Carlos Drummond de Andrade.

¹² Traduções não acompanhadas de um paratexto (texto introdutório, informativo) de autoria de August Willemssen estão assinaladas com um asterisco (*).

1986	José Rentes de Carvalho	Danzas*	<i>Maatstaf</i>	conto
1987	Mário Cesariny	De verbrande stad. I. Spiegelschip. & II. Ontstaansgeschiedenis	<i>Het Moment</i>	poesia
1988	Machado de Assis	Portfolio – Het Rio de Janeiro van Machado de Assis in foto's van Sérgio Zalis	<i>Maatstaf</i>	romance não ficção (fragmentos)
1988	Ferreira Gullar	Zes Gedichten	<i>Raster</i>	poesia
1992	Drummond de Andrade	Erotische gedichten	<i>Maatstaf</i>	poesia
1993	João Cabral de Melo Neto	Dood en leven, severijns* In “¿No pasaran! - ¿No pasaran?”	<i>Point</i>	poesia
1993	João Guimarães Rosa	Riobaldo's estória	<i>Raster</i>	romance (fragmento)
1996	Graciliano Ramos	São Bernardo	<i>De Gids</i>	romance (fragmento)
1996	João Guimarães Rosa	Ontknoping*	<i>Raster</i>	conto
1997	Adília Lopes	Poetry International Festival*	<i>Poetry International</i>	poesia
1998	Drummond de Andrade	Gedichten	<i>Nieuw Wereldtijdschrift</i>	poesia
1998	Drummond de Andrade	Farewell	<i>Maatstaf</i>	poesia
1998	Nelson Ascher	(Fragmentos de poemas)	<i>Passionate</i>	poesia
1998	Cláudia Ahimsa	(Cinco poemas)	<i>Passionate</i>	poesia
1998	Nuno Júdice	Poetry International Festival*	<i>Poetry International</i>	poesia
1999	Cláudia Ahimsa	(Três poemas)*	<i>Passionate</i>	poesia
1999	Paulo Teixeira	30° Poetry International Festival	<i>Poetry International</i>	poesia
2000	Drummond de Andrade	Midden op de weg*	<i>Raster</i>	poesia
2001	Nuno Júdice	Gedichten*	<i>Tirade</i>	poesia
2001	Helder Mouro Pereira	Gedichten*	<i>Tirade</i>	poesia
2001	Antônio Franco Alexandre	rosencrantz, dramatische episode*	<i>Tirade</i>	episódio dramático
2001	Fernando Pinto do Amaral	Gedichten*	<i>Tirade</i>	poesia
2001	Fernando Pessoa (Álvaro de Campos)	Drie gedichten*	<i>Tirade</i>	poesia
2003	Gonçalo M. Tavares	Poetry International Festival	<i>Poetry International</i>	poesia
2005	Manuel Maria Barbosa du Bocage	Aan Manteigui	<i>De Tweede Ronde</i>	poesia
2006	Ana Paula Tavares	37e Poetry International Festival	<i>Poetry International</i>	poesia
2007	Nuno Júdice	38e Poetry International Festival	<i>Poetry International</i>	poesia
		Número de títulos: 53 publicações	<i>Maatstaf</i> : 18 <i>Raster</i> : 6 <i>Poetry International</i> : 6	poesia: 34 prosa: 20

As 66 traduções de August Willemsen publicadas em forma de livro – inclusive 7 coletâneas de diversos autores – estão indicadas na Tabela 4. Aos títulos dessas traduções holandesas seguem-se, nessa tabela, os títulos originais correspondentes (em itálico). Quando não existe uma obra original correspondente como é o caso de coletâneas, segue uma tradução minha (entre colchetes) quando se tratar de uma coletânea de diversos autores. Há casos de coletâneas, porém, em que os poemas, contos, etc. foram selecionados a partir de diversas obras de um autor individual e que levam como título o nome (ou um trecho) de um dos poemas ou histórias (contos) aí inseridos. Nesses casos, a Tabela 4 indica os nomes ou trechos correspondentes entre parênteses. O Apêndice 2 também apresenta dados sobre os títulos originais.

A maioria dos títulos foi publicada pelas editoras De Arbeiderspers (28 títulos) e Meulenhoff (17 títulos). Juntas, as duas editoras são responsáveis pela publicação de 45 títulos, o que corresponde a um pouco mais de dois terços de todas as traduções de August

Willemsen em forma de livro. Da editora De Arbeiderspers saíram 14 traduções de Fernando Pessoa (duas edições de *Gedichten*, *Ode van de zee*, *De stoïcijn*, *Het uur van de duivel*, *Boodschap*, *Oden*, *Herostratus*, *De hoeder van kudden en andere gedichten*, *Brieven 1905-1919*, *Liefdesbrieven 1920, 1929-1932*, *Brieven 1921-1935*, *Gedichten 1913-1922* e *De metafysische ingenieur en andere gedichten 1923-1935*), 6 de Machado de Assis (*Posthume herinneringen van Brás Cubas*, *Quincas Borba*, *De psychiater en andere verhalen*, *Dom Casmurro*, *Vrouwenarmen en andere verhalen* e *Dagboek van Aires*), 3 de Carlos Drummond de Andrade (*Gedichten*, *De liefde, natuurlijk* e *Farewell*) e um título de cada um dos três seguintes autores: Hector Malot (*Alleen op de wereld*), Graciliano Ramos (*Kinderjaren*) e José Rentes de Carvalho (*Portugal, de bloem en de sikkel*). Em colaboração com essa editora, Willemsen realizou dois dos projetos mais volumosos de tradução: o já mencionado projeto Machado de Assis e a Biblioteca de Pessoa. O projeto de tradução para verter ao holandês o melhor de Machado de Assis era um volumoso projeto da De Arbeiderspers, do qual constava cinco romances e duas coletâneas de contos. Esse projeto começou em 1983 e durou até 1992. A editora foi muito elogiada por esse projeto ousado. Willemsen não pôde traduzir todos os livros devido a problemas de saúde, acabando por traduzir seis dos sete volumes. A Biblioteca de Pessoa tinha como objetivo publicar a obra completa de Fernando Pessoa em holandês. Esse projeto teve início por volta da passagem do milênio e não estava concluído quando Willemsen faleceu em 2007.

Meulenhoff é responsável pela publicação de 4 títulos de João Guimarães Rosa (*De derde oever van de rivier*, *De toppen van Latijns-Amerika*, *Het uur en ogenblik van Augusto Matraga* e *Diepe wildernis: De wegen*), 3 de Dalton Trevisan (*De koning der aarde*, *De vijfvlugelige vogel* e *De zoete vijandin*), 2 de Chico Buarque (*Onrust* e *De spookschrijver uit Rio*) e um título de cada um dos seis autores que seguem: Rentes de Carvalho (*Waar die andere God woont*), Fernando Pessoa (*De anarchistische bankier*), Almeida Faria (*De veroveraar*), Antônio Torres (*Dit stuk grond*), Pêro Vaz de Caminha (*De ontdekking van Brazilië*) e Euclides da Cunha (*De binnenlanden*). Além disso, publicou 2 coletâneas de, respectivamente, escritores e poetas portugueses: *Meesters der Portugese vertelkunst* e *Ik verheerlijk het verleden niet*. O que chama a atenção ainda é a editora Coppens & Frenks que publicou 4 traduções de Graciliano Ramos (*Angst*, *São Bernardo*, *Dorre levens* e *Kannibalen*).

Tabela 4: Traduções de August Willemssen publicadas em forma de livro, por ordem cronológica

autor	título da tradução / título original	ano	editora	gênero
Diversos autores	Meesters der Portugese vertelkunst [Mestres do conto português]	1970	Meulenhoff	conto
José Rentes de Carvalho	Waar die andere God woont* / <i>Com os holandeses</i>	1972	Meulenhoff	não ficção
Dalton Trevisan	De koning der aarde (O rei da terra)	1975	Meulenhoff	conto
José Rentes de Carvalho	Portugal, de bloem en de sikkel* / <i>Portugal – a flor e a foice</i>	1975	De Arbeiderspers	não ficção
João Guimarães Rosa	De derde oever van de rivier / <i>Primeiras estórias</i>	1977	Meulenhoff	conto
Dalton Trevisan	De vijfvlugelige vogel (O pássaro de cinco asas)	1977	Meulenhoff	conto
Fernando Pessoa	Gedichten [Poemas]	1978	De Arbeiderspers	poesia prosa
Drummond de Andrade	Gedichten [Poemas]	1980	De Arbeiderspers	poesia
Fernando Pessoa	De anarchistische bankier & ander proza / <i>O banqueiro anarquista e outros contos de raciocínio</i>	1980	Meulenhoff	conto
João Cabral de Melo Neto	Gedichten [Poemas]	1981	De Lantaarn	poesia
Fernando Pessoa	Ode van de zee, door Álvaro de Campos / <i>Ode Marítima</i>	1981	De Arbeiderspers	poesia
Fernando Pessoa	Gedichten, 2 ^e herziene druk [Poemas, 2 ^a . edição]	1982	De Arbeiderspers	poesia
Manuel Bandeira	Gedichten [Poemas]	1982	De Lantaarn	poesia
Machado de Assis	Posthume herinneringen van Brás Cubas / <i>Memórias póstumas de Brás Cubas</i>	1983	De Arbeiderspers	romance
Drummond de Andrade	20 Gedichten van [Poemas de] Carlos Drummond de Andrade*	1983	Rijksacademie van de Beeldende Kunsten	poesia
João Guimarães Rosa	Het uur en ogenblik van Augusto Matraga / <i>A hora e a vez de Augusto Matraga</i>	1983	De Lantaarn	novela
Mário Cesariny	Honderd dichters uit vijftien jaar [Cem poetas de quinze anos de] Poetry International 1970-1984*	1984	Manteau	poesia
Machado de Assis	Quincas Borba / <i>Quincas Borba</i>	1984	De Arbeiderspers	romance
Machado de Assis	De psychiater (O alienista)	1984	De Arbeiderspers	conto
João Guimarães Rosa	De toppen van Latijns-Amerika* [Os topos da América Latina]	1984	Meulenhoff	conto
Machado de Assis	Dom Casmurro / <i>Dom Casmurro</i>	1985	De Arbeiderspers	romance
Diversos autores	Ik verheerlijk het verleden niet [Não glorifico o passado]	1985	Meulenhoff	poesia
Machado de Assis	Vrouwenarmen (Uns braços)	1986	De Arbeiderspers	conto
Diversos autores	De taal als bril [A língua como óculos]	1987	De Arbeiderspers	poesia conto
Diversos autores	Um mundo claro, um dia escuro: oito poetas holandeses	1988	Limiar	poesia
Fernando Pessoa	Ik is een ander* [Eu é um outro]	1991	Fantom	poesia
Diversos autores	Hoor de kleine kreet... [Ouça o pequeno grito...]	1991	Point	poesia
Machado de Assis	Dagboek van Aires / <i>Memorial de Aires</i>	1992	De Arbeiderspers	romance
Chico Buarque	Onrust / <i>Estorvo</i>	1992	Meulenhoff	romance
Dalton Trevisan	De zoete vijandin (A doce inimiga)	1992	Meulenhoff	conto
João Guimarães Rosa	Het uur en ogenblik van Augusto Matraga, 2 ^e druk / <i>A hora e a vez de Augusto Matraga</i>	1992	Meulenhoff	novela
Drummond de Andrade	De liefde, natuurlijk / <i>O amor natural</i>	1992	De Arbeiderspers	poesia
João Guimarães Rosa	Diepe wildernis: de wegen / <i>Grande sertão: Veredas</i>	1993	Meulenhoff	romance
Graciliano Ramos	Angst: roman / <i>Angústia</i>	1995	Coppens & Frenks	romance
Diversos autores	O Lissabon, mijn thuis [Ó Lisboa, meu lar]	1995	BasLubberhuizen	poesia
Graciliano Ramos	São Bernardo / <i>São Bernardo</i>	1996	Coppens & Frenks	romance
Almeida Faria	De veroveraar / <i>O conquistador</i>	1997	Meulenhoff	romance
Graciliano Ramos	Dorre levens / <i>Vidas Secas</i>	1998	Coppens & Frenks	romance
Nuno Júdice	Recept om blauw te maken (Receita para fazer o azul)	1998	Wagner & Van Santen	poesia
Drummond de Andrade	Farewell / <i>Farewell</i>	1998	De Arbeiderspers	poesia
Machado de Assis	Kort, maar opgewekt* (Curto, mas alegre)	1998	Ser J.L. Prop	fragmento romance
Antônio Torres	Dit stuk grond / <i>Essa terra</i>	1999	Meulenhoff	romance
Hector Malot	Alleen op de wereld / <i>Sans famille</i> [FR]	1999	De Arbeiderspers	romance
Pêro Vaz de Caminha	De ontdekking van Brazilië, 2e druk / <i>A carta de Pêro Vaz de Caminha</i>	2000	Meulenhoff	carta
Fernando Pessoa	De stoïcijn (Baron van Teive) / <i>A educação do estóico</i>	2000	De Arbeiderspers	prosa
Lêdo Ivo	Vleermuizen en blauwe krabben (Morcegos e goiamuns)	2000	Wagner & Van Santen	poesia
Fernando Pessoa	Het uur van de duivel / <i>A hora do diabo</i>	2000	De Arbeiderspers	conto
Euclides da Cunha	De binnenlanden / <i>Os Sertões</i>	2001	Meulenhoff	não ficção
Fernando Pessoa	Boodschap / <i>Mensagem</i>	2001	De Arbeiderspers	poesia
Fernando Pessoa	Oden (Ricardo Reis) / <i>Poesia</i>	2002	De Arbeiderspers	poesia
Graciliano Ramos	Kannibalen / <i>Caetés</i>	2002	Coppens & Frenks	romance
Fernando Pessoa	Herostratus / <i>Heróstrato – e A busca da imortalidade</i>	2003	De Arbeiderspers	ensaio
Fernando Pessoa	De hoeder van kudde (Alberto Caeiro) (O guardador de rebanhos)	2003	De Arbeiderspers	poesia
Ferreira Gullar	Morgen is weer geen andere dag (Amanhã ainda não será outro dia)	2003	Wagner & Van Santen	poesia

Diversos autores	O Lissabon, mijn thuis [Ó Lisboa, meu lar]	2003	BasLubberhuizen	poesia
Fernando Pessoa	Brieven [Cartas] 1905-1919	2004	De Arbeiderspers	carta
Chico Buarque	De spookschrijver uit Rio / <i>Budapest</i>	2005	Meulenhoff	romance
Nuno Júdice	De emotie in kaart gebracht (Cartografia de emoções)	2005	Wagner & Van Santen	poesia
Fernando Pessoa & Ofélia Queiroz	Liefdesbrieven (Cartas de amor) 1920, 1929-1932	2005	De Arbeiderspers	carta
Fernando Pessoa	Brieven (Cartas) 1921-1935	2005	De Arbeiderspers	carta
Fernando Pessoa	Gedichten [Poemas] 1913-1922 (Álvaro de Campos)	2006	De Arbeiderspers	poesia
Fernando Pessoa	Pessoa: een directe weg naar het lezen van gedichten van [um caminho direto para a leitura dos poemas de] Fernando Pessoa*	2006	Damon	poesia
Luís Vaz de Camões	Ware voor zo lange liefde niet zo kort het leven (Se não fora para tão longo amor tão curta a vida)	2007	De Arbeiderspers	poesia
Fernando Pessoa	De metafysische ingenieur (O engenheiro metafísico) en andere gedichten [e outros poemas] 1923-1935 (Álvaro de Campos)	2007	De Arbeiderspers	poesia
Graciliano Ramos	Kinderjaren / <i>Infância</i>	2007	De Arbeiderspers	romance
Fernando Pessoa	De mooiste gedichten van Fernando Pessoa* / <i>Fernando Pessoa: Poesia</i>	2007	Het Parool	poesia
	Número de títulos de livros: 66 (inclusive 7 coletâneas)		Meulenhoff: 17 De Arbeiderspers: 28	poesia: 29 prosa: 39

(*) Livros sem prefácios ou posfácios de August Willemsen estão assinalados com um asterisco.

Os escritores traduzidos por August Willemsen estão representados no Apêndice 4. No total, Willemsen traduziu 77 escritores, dos quais 50 (65%) são originalmente de Portugal, 15 (19%) do Brasil, 8 (10%) da Holanda, 1 da França, 1 da Itália, 1 de Angola e 1 de Moçambique, num total de 67 (87%) escritores lusófonos (veja Tabela 5). Um pouco mais da metade dos escritores (42) foram incluídos em coletâneas de diversos autores, enquanto 15 (19%) saíram apenas em revistas. O número de escritores que receberam publicações individuais em forma de livro é 20, isto é, 26% do total. Note-se a proporção entre o número de escritores portugueses e brasileiros. Willemsen traduziu três vezes mais escritores portugueses (50) do que brasileiros (15). Mas 80% (12 de 15) dos autores brasileiros teve publicação individual em forma de livro, enquanto dos escritores portugueses, apenas 14% (7 de 50).

Tabela 5: Escritores traduzidos por August Willemsen

origem	revista	coletânea	livro	
Portugal	10	33	7	50 (65%)
Brasil	3	0	12	15 (19%)
Holanda	0	8	0	8 (10%)
França	0	0	1	1
Itália	1	0	0	1
Angola	1	0	0	1
Moçambique	0	1	0	1
	15 (19%)	42 (55%)	20 (26%)	77

De quais escritores saíram então traduções em forma de livro? Apresento-os, a seguir, na Tabela 6. Aqui chama a atenção, por um lado, o fato de que os escritores brasileiros (12) estão melhor representados do que os portugueses (7). Por outro lado, salta à vista o grande número de publicações de traduções de Fernando Pessoa. Com 18 traduções em forma de livro, ele está sozinho no topo. De 1977 a 1982 saíram 4 traduções dele. Após um período de silêncio, foram publicadas 13 traduções de 2000 a 2007. Willemsen (W2000h): “Entre ’85 e ’88 não queria mais saber de Pessoa. Na época foram comemorados sucessivamente seu quinquagésimo aniversário de morte e seu centésimo aniversário e isso resultou em uma publicidade tão espalhafatosa que fiquei realmente cansado dele. Mas quando a editora me pediu para traduzir sua obra completa, achei isso um tamanho desafio, uma tamanha honra, acima de tudo, que era impossível dizer não.” Como já mencionado, Willemsen não pôde levar a cabo essa Biblioteca de Pessoa. Os outros autores com dois ou mais títulos de livro são Machado de Assis (7), João Guimarães Rosa (5), Graciliano Ramos (5), Carlos Drummond de Andrade (4), Dalton Trevisan (3), Nuno Júdice (3), Rentes de Carvalho (2) e Chico Buarque (2).

Tabela 6: Escritores traduzidos por August Willemsen com publicações individuais em forma de livro, por ordem de número de traduções

Autor traduzido	origem autor	número de traduções	ano de publicação das traduções
Fernando Pessoa (1888-1935)	P	18	1977, 1977, 1977, 1978, 1978, 1980, 1981, 1982, 1991 ¹³ , 2000, 2000 , 2001, 2001, 2002, 2003, 2003, 2004, 2005, 2005, 2006, 2006, 2007, 2007
Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908)	B	7	1983, 1984, 1984, 1984, 1985, 1986, 1988, 1992, 1998
João Guimarães Rosa (1908-1967)	B	5	1976, 1977, 1977, 1983, 1984, 1992 , 1993, 1993 , 1996
Graciliano Ramos (1892-1953)	B	5	1995, 1996, 1996, 1998, 2002, 2007
Carlos Drummond de Andrade (1902-1987)	B	4	1972, 1979, 1980, 1983 , 1983, 1986, 1986, 1987, 1987, 1987, 1987 , 1992, 1992 , 1998, 1998, 1998 , 2000
Dalton Trevisan (1925)	B	3	1974, 1975 , 1975, 1976, 1977 , 1982, 1982, 1992
Nuno Júdice (1949)	P	3	1991, 1998 , 1998, 2001, 2005, 2007
José Rentes de Carvalho (1930)	P	3	1970, 1972, 1975 , 1986
Chico Buarque (1944)	B	2	1992, 2005
João Cabral de Melo Neto (1920-1999)	B	1	1972, 1981 , 1981, 1984, 1986, 1987, 1987, 1993
Manuel Carneiro de Sousa Bandeira (1886-1968)	B	1	1972, 1982 , 1982, 1983, 1986, 1987
Almeida Faria (1943)	P	1	1997
Antônio Torres (1940)	B	1	1999
Hector Malot (1830-1907)	F	1	1999
Pero Vaz de Caminha (1450-1500)	P	1	2000
Lêdo Ivo (1924)	B	1	2000
Euclides da Cunha (1866-1909)	B	1	2001
Ferreira Gullar (1930)	B	1	1988, 2003
Ofélia Queiroz (1900-)	P	1	2005
Lúis Vaz de Camões (c. 1524-1580)	P	1	2007
20 autores	12 B 7 P 1 F		

B=Brasil; P=Portugal; F=França / Traduções publicadas em forma de livro estão em negrito; as publicadas em coletâneas, em negrito e itálico; as demais traduções foram publicadas em revistas.

¹³ Não foi publicada por August Willemsen.

Os oito autores holandeses que Willemsen traduziu para português são os poetas Bert Schierbeek (1918-1996), Gerrit Kouwenaar (1923), Lucebert (1924-1994), Remco Campert (1929), Hans Faverey (1933-1990), Cees Nooteboom (1933), J. Bernlef (1937-2012) e Arie van den Berg (1948) (veja Apêndice 4). Os poemas desses autores foram incluídos na coletânea *Um mundo claro, um dia escuro* (Portugal, 1988). Essa coletânea foi uma iniciativa do poeta português Egito Gonçalves (1920-2001) que, em 1975, trocou ideias com Schierbeek e, dez anos mais tarde, com Willemsen. Willemsen tomou as rédeas, e aí o projeto deslanchou. Com Schierbeek, fez a seleção dos poemas e, com Egito Gonçalves, a tradução. De novembro de 1984 a abril de 1986, Willemsen trabalhou também intensivamente com Drummond de Andrade numa coletânea maior de poesia holandesa, como mostra sua correspondência. Depois desse período o projeto não progrediu tanto devido a circunstâncias recíprocas, dentre elas, a doença da filha de Drummond. Que se saiba, esse projeto nunca foi concluído. Drummond vem a falecer em agosto de 1987. Alguns poemas que Willemsen traduziu junto com Drummond estão, porém, segundo Gonçalves (Schierbeek 1988), inclusos em *Um mundo claro, um dia escuro*.

O único autor francês de quem Willemsen publicou uma tradução é Hector Malot. Trata-se da nova tradução integral de *Sans famille, Alleen op de wereld* (1999) (veja Apêndices 1, 2 & 4; Tabela 6). Foi solicitado a traduzi-lo no fim de 1998, pelo diretor da editora De Arbeiderspers, Ronald Dietz. Ele tinha traduzido, como já vimos, um outro escritor francês, Gide, mas somente para si próprio, como exercício estilístico. Traduziu, além disso, um artigo do francês em 1974. De um autor italiano, Carlo Vittorio Cattaneo, Willemsen verteu um texto curtíssimo em *Poesia 61 en andere stromingen in de Portugese poëzie* (1978; veja Apêndice 1).

Com relação ao gênero literário, um pouco mais da metade (63) das publicações de traduções de Willemsen trata de poesia (veja Apêndice 1), da qual novamente 46% (29) foi publicada em forma de livro (veja Tabela 4). A coletânea de poesia *Gedichten* [Poemas] de Fernando Pessoa é a coletânea que alcançou o maior sucesso com nove edições durante a vida de Willemsen. *De liefde, natuurlijk* (*O amor natural*) de Carlos Drummond de Andrade, com oito edições, é quase tão bem sucedida. Além disso, quatro outras coletâneas de poesia foram editadas várias vezes (veja Tabela 7).

Tabela 7: Traduções de poesia de August Willemsen com duas ou mais edições¹⁴

Autor	Título da tradução	Número de edições	Ano de publicação
Pessoa, Fernando	Gedichten	9	1978, 1982, 1987, 1991, 1993, 1995, 1998, 2000, 2001, 2009 ¹⁵
Andrade, Drummond de	De liefde, natuurlijk	8	1992, 1996, 1997 (2), 1998, 1999, 2001, 2006
Melo Neto, João Cabral de	Gedichten	4	1981, 1983, 1984 (2)
Andrade, Drummond de	Gedichten	3	1980, 1990, 2002
Bandeira, Manuel	Gedichten	3	1982 (2), 1983
Pessoa, Fernando	Ode van de zee, door Álvaro de Campos	2	1981, 1988

Da outra (quase) metade (59) das publicações concernentes a prosa (veja Apêndice 1), 39 foram publicadas em forma de livro, das quais 16 romances, 11 coletâneas de contos, 3 livros de não ficção, 4 livros de cartas, 2 novelas e 2 textos de prosa de Pessoa, com 32 traduções de ficção contra 8 de não ficção (veja Tabela 4). A tradução de prosa com o maior número de edições é a não ficção *Waar die andere God woont (Com os holandeses)* de José Rentes de Carvalho. *De anarchistische bankier (O banqueiro anarquista)* de Pessoa alcançou quatro edições e *Diepe wildernis: De wegen (Grande sertão: Veredas)*, a coletânea de contos *De derde oever van de rivier (Primeiras histórias)* e a novela *Het uur en ogenblik van Augusto Matraga (A hora e a vez de Augusto Matraga)* de João Guimarães Rosa, respectivamente, quatro, três e três edições. *Angst (Angústia)* de Graciliano Ramos e três obras de Machado de Assis, a saber, *Dom Casmurro*, *De psychiater (O alienista)* e *Posthume herinneringen van Brás Cubas (Memórias póstumas de Brás Cubas)* foram, cada uma delas, editadas duas vezes (veja Tabela 8). Sobre *Grande sertão: Veredas* disse Willemsen (1993h): “*Grande sertão* é um clássico moderno e é considerado como obra-prima da literatura brasileira. É também a minha obra-prima.”

Tabela 8: Traduções de prosa de August Willemsen com duas ou mais edições¹⁶

Autor	Título da tradução	Edições	Ano de publicação
Carvalho, José Rentes de	Waar die andere God woont	8	1972, 1973, 1982, 1987, 1988, 1989 (2), 1990
Pessoa, Fernando	De anarchistische bankier & ander proza	4	1980, 1990, 1997, 2002
Rosa, João Guimarães	Diepe wildernis: De wegen	4	1993, 1995, 2000, 2007
Rosa, João Guimarães	De derde oever van de rivier	3	1977, 1984, 1993
Rosa, João Guimarães	Het uur en ogenblik van Augusto Matraga	3	1983, 1992, 1996
Ramos, Graciliano	Angst	2	1995, 1997
Assis, Machado de	Dom Casmurro	2	1985, 1987
Assis, Machado de	De psychiater en andere verhalen	2	1984, 1987
Assis, Machado de	Posthume herinneringen van Brás Cubas	2	1983, 1984

Quanto à introdução de escritores da língua portuguesa na Holanda, é necessário distinguir os autores inicialmente traduzidos por Willemsen daqueles traduzidos primeiro por outros tradutores. O último grupo é representado por: Machado de Assis, Luís Vaz de

¹⁴ Os dados sobre a reedição de traduções de August Willemsen são baseados principalmente na pesquisa de Schreij (2009: 58-59).

¹⁵ Edição póstuma, não incluída nas estatísticas desta tese.

¹⁶ Os dados sobre a reedição de traduções de August Willemsen são baseados na pesquisa de Schreij (2009: 58-59).

Camões, Ferreira de Castro, Euclides da Cunha e Graciliano Ramos (veja Tabela 9). Esses autores não foram portanto formalmente introduzidos por Willemsen, mas introduzir um autor é mais do que apenas traduzir. Se o autor traduzido não se tornar conhecido na cultura alvo, não se pode dizer que a introdução foi completa. Willemsen está intrinsicamente ligado a muitos dos autores mencionados. Principalmente Machado de Assis e Graciliano Ramos se tornaram conhecidos na Holanda e passaram a ser considerados grandes escritores somente depois das retraduições de Willemsen. Por isso, a distinção entre traduções e retraduições no caso de Willemsen não me parece muito relevante. O que é, sim, importante no que se refere a essas retraduições, é a possibilidade de pesquisa que oferecem: uma comparação das retraduições de Willemsen com as traduções de seus predecessores. Na Tabela 9 as obras que foram retraduzidas por Willemsen estão em negrito (veja também Apêndice 2).

Tabela 9: Autores retraduzidos por August Willemsen¹⁷

autor	título tradução, ano publicação	título original, ano publicação	tradutor	local: editora
Assis, Machado de	Laat commentaar van Brás Cubas, 1954	Memórias póstumas de Brás Cubas, 1881	A. Mastenbroek	Bussum: G.J.A. Ruys
Assis, Machado de	Dom Casmurro. Liefde en haat in Rio, 1966	Dom Casmurro, 1899	Joh. H. Couturier	Utrecht: Het Spectrum
Camões, Luís Vaz de	De Lusiade. Heldendicht in X zangen, 1777	Os Lusíadas, 1572	Lambartus Stoppendaal Pieterszoon	Amsterdam: G. Warnars
Camões, Luís Vaz de	Saudades en andere verzen, 1953	escolha do tradutor (inclusive sonetos)	Dolf Verspoor	Utrecht: De Roos
Castro, Ferreira de	De paradijsplantage. Portugeesche roman van de rubber-tappers aan de amazone-rivier, 1936	A selva, 1930	A. Gerzon-Caffé	Amsterdam: P.N. van Kampen & Zoon
Castro, Ferreira de	Onvruchtbare aarde, 1952	Terra fria, 1934	Lode Roelandt	Gent: De Vlam
Castro, Ferreira de	De schaapjes des Heren, 1954	A lâ e a neve, 1947	Lode Roelandt	Gent: De Vlam
Castro, Ferreira de	Het oerwoud, 1958	A selva, 1930	Lode Roelandt	Gent: De Vlam
Cunha, Euclides da	De binnenlanden. Opstand in Canudos, 1954	Os Sertões, 1902	Marcus de Jong	Amsterdam: Wereldbibliotheek
Ramos, Graciliano	Doem van de droogte. São Bernardo, 1972	Vidas Secas. São Bernardo, 1938	Rudolph Simoens	Brusse: D.A.P. Reinaert
Ramos, Graciliano	Vlucht voor de droogte, 1981	Vidas Secas, 1938	Cecília Correia Castilho	Bussum: Wereldvenster

Willemsen nunca trabalhou exclusivamente como tradutor profissional e nunca foi dependente da tradução para seu sustento. Sempre executou o trabalho tradutório em combinação com outras profissões. Isso lhe dava uma certa liberdade para decidir o que traduzia. Conforme Willemsen (W1994c): “Na verdade sempre traduzi os escritores da minha escolha. Com uma exceção: *Onrust* de Chico Buarque, com o qual comecei a pedido da Meulenhoff.” A escolha dos autores que Willemsen traduzia era determinada apenas pela qualidade literária. Ele estava interessado no melhor: “se é velho ou novo, não importa. [...]”

¹⁷ Dados baseados na pesquisa de Schreij (2009: 110, 113, 116, 119, 134) e comparados aos resultados desta pesquisa (veja Apêndice 2).

Os escritores que eu traduzo não são todos, afinal, os mais famosos no seu território linguístico – ou, sim, famosos eles são, sim, mas há outros, ao lado deles, que são considerados como do mesmo nível e que eu não gostaria de traduzir. O brasileiro Jorge Amado, por exemplo, e um considerável número de escritores portugueses modernos” (W1984b). Como motivo, ele aponta o estilo literário e a linguagem retórica desses autores. Com Clarice Lispector, também não tinha afinidade: “uma obra de malha intelectualista, por demais racionalizada” (W1987d). Willemsen tem preferência por uma linguagem econômica, por “escritores que desfazem a linguagem do ornamento e vão à procura da essência. Essas são as pessoas que traduzo” (W1985c). Schreij (2009: 78, versão portuguesa) constata uma certa “antipatia” por parte de Willemsen “pela literatura portuguesa contemporânea”. Baseado no acima exposto, parece, no entanto, que essa antipatia não era exclusivamente dirigida a esse grupo de autores, mas que era mais uma questão de preferência por um determinado tipo de estilo literário e linguagem. Willemsen (W1984a) não via também nada de interessante na literatura brasileira antes de Machado de Assis e com relação à poesia, ele achava que Portugal havia produzido pouco no período entre Camões e Pessoa. Willemsen (W2003j): “Sem Cesário Verde (1855-1886) não haveria na história da literatura portuguesa, entre Camões e Pessoa, nenhum poeta que valesse a pena ser traduzido. Talvez Bocage (por volta de 1800) ou os contemporâneos de Pessoa, Camilo Pessanha (1867-1926) e Mário de Sá-Carneiro (1890-1916). Mas no século passado? Almeida Garrett? Antero de Quental? Nem quero pensar.” Do poeta pré-romântico Bocage (1765-1805), Willemsen traduziu em 2005 “A Manteigui” para a revista literária *De Tweede Ronde* e tinha planos de traduzir mais desse poeta (W2007b). Além disso ele não era totalmente negativo sobre os poetas portugueses contemporâneos (W1985h): “a poesia portuguesa atual [oferece] uma imagem de diversidade e atividade extraordinárias em alto nível.” Mais tarde na sua carreira, ele traduziu também, a pedido de amigos, autores que não necessariamente se encaixavam na categoria dos “seus tipos de autores”. Daqui constata-se que Willemsen tinha uma opinião nítida sobre aquilo que queria e aquilo que não queria traduzir. Ele traduziu essencialmente os escritores e obras de escolha própria, embora, na realidade, houvesse mais fatores envolvidos que apenas seu próprio gosto e liberdade de escolha.

Resumindo, de 1970 a 2007, saíram 119 publicações com traduções de Willemsen. A primeira tradução publicada é a coletânea de contos *Meesters der Portugese vertelkunst*. Com a publicação de *Gedichten* de Fernando Pessoa em 1978, revelou-se como tradutor. Um pouco

mais da metade das publicações de suas traduções saiu em forma de livro e o restante em revistas. Ele traduziu principalmente do português para o holandês, com exceção de *Sans famille* (do francês para o holandês) e de *Um mundo claro, um dia escuro* (do holandês para o português). No total, Willemsen traduziu 77 diferentes autores dos quais apenas um quarto recebeu publicações individuais em forma de livro. As traduções dos demais autores foram apenas incluídas em coletâneas e/ou publicadas em revistas. Os escritores com o maior número de títulos de livro são Fernando Pessoa, Machado de Assis, Guimarães Rosa, Graciliano Ramos, Drummond de Andrade, Dalton Trevisan, Nuno Júdice, Rentes de Carvalho e Chico Buarque. No total, foram publicadas mais traduções de poesia do que de prosa, mas se considerarmos apenas as traduções em forma de livro, há mais títulos de prosa do que de poesia. Com relação ao sucesso das traduções, quinze títulos alcançaram reedições. Willemsen publicou mais pela editora De Arbeiderspers, ocupando Meulenhoff o segundo lugar. Os maiores sucessos de venda da primeira editora são as coletâneas de poemas *Gedichten* de Pessoa e *De liefde, natuurlijk* de Drummond de Andrade, enquanto os da editora Meulenhoff são o livro de não ficção *Waar die andere God woont* de Rentes de Carvalho, o conto *De anarchistische bankier* de Pessoa e o romance *Diepe wildernis: De wegen* de Guimarães Rosa. A carreira tradutória de Willemsen conheceu muitos pontos altos, mas desse último trabalho ele tinha, na minha opinião, o maior orgulho.

3.2.2. O escritor August Willemsen

Sobre o seu ofício de escrever disse Willemsen (W1986g): “Não sei escrever contos, nem romances, nem poemas, mas muitos caminhos levam a Roma. Sou um escritor de trabalhos autobiográficos, pertencço realmente à turma do domínio privado. O meu tema é o passar do tempo e a minha maneira de dar forma a esse tema, com o qual somos confrontados todos os dias, é chegar o mais próximo possível da realidade.” Sobre o seu estilo (W1988b): “Escrevo, na verdade, tudo como uma carta, mesmo os ensaios. Eles são em primeiro lugar escritos de alguém (eu) a alguém (o leitor).”

É pouco conhecido, mas, em 1968, ainda antes de Willemsen estreiar como tradutor, a revista feminina mensal *Avenue* publicou uma carta de viagem de sua autoria, onde ele descreve suas desesperadas tentativas para conseguir um apartamento em São Paulo. Foi no ano que retornou do Brasil. Willemsen leu uma reportagem de Cees Nooteboom sobre uma viagem confortável no Brasil que tinha feito para a *Avenue*. Numa entrevista com Rudie

Kagie (W1986e), Willemsen comentou ter achado o artigo “mal” e “superficial”: “Eu tinha vivido lá a situação em carne e osso e imaginava ser o único que tinha algo sensato a notificar a respeito do Brasil. Nooteboom só tinha andado de avião por lá e apanhado umas impressões aqui e acolá. Para mostrar como realmente era, enviei na época aquela carta à *Avenue*. Foi uma reação elementar ao artigo de Nooteboom, que, aliás, admitiu mais tarde que a estadia dele tinha sido curta demais para escrever um artigo elaborado.”

Quando Willemsen, mais tarde, em 1985, surpreendeu o público com o seu livro de estreia, *Braziliaanse brieven* [Cartas brasileiras], já gozava de alguma fama como tradutor competente de escritores portugueses e brasileiros. Esse livro foi a primeira publicação de trabalho original em forma de livro, mas, antes disso, já desde 1970, quando estreou como tradutor, ele mostrou do que era capaz em holandês. Escreveu para a sua primeira tradução *Meesters der Portugese vertelkunst* [Mestres do conto português] um texto introdutório que não passou despercebido.¹⁸ Mas a verdadeira apreciação por seu holandês veio em 1976 – na ocasião do lançamento de sua primeira coletânea de contos *De koning der aarde* (*O rei da terra*) de Dalton Trevisan – de ninguém menos que Rudy Kousbroek (*NRC Handelsblad*, 9 de abril de 1976), condecorado com o prêmio P.C. Hooftprijs na categoria de ensaísmo: “O holandês de *De koning der aarde* é até bem melhor do que o da maioria dos livros escritos originalmente em holandês; o vistosamente belo holandês de Rentes de Carvalho também provém, pelo que ouvi, de Willemsen.” Um ano depois, Kousbroek (*NRC Handelsblad*, 22 de abril de 1976) disse mais uma vez que “Willemsen, como se pode ver também nos posfácios de suas traduções, escreve um holandês maravilhoso, o que quer dizer, muito melhor do que é comum na Holanda mesmo em pessoas que usam a pena profissionalmente [...]”

O leitor atento e sensível à linguagem reconheceu imediatamente o “escritor subterrâneo”, para usar as palavras de Van Deel¹⁹ (W1986j: 171), que estava presente em Willemsen já na sua estreia como tradutor em 1970. Segundo Willemsen (W1986j: 171) a vontade de escrever nascera mediante a leitura e que já escrevia quando começou a traduzir:

Eu me lembro que traduzi aquele romance de Gide, mas não me lembro de modo nenhum que por causa disso fiquei com vontade de escrever, porque essa vontade eu já tinha. No máximo considerava como exercício estilístico. [...] Já na escola primária escrevia um tipo de opúsculo sobre pássaros, embora não sabia nada de pássaros. E no primeiro ano do ensino médio vinha toda segunda-feira com uma folhinha escrita em letras de bloco e ilustrada por mim mesmo com histórias de continuação, sobre

¹⁸ Veja Carvalho 1970; Doorne 1970; Eggink 1970; Kelk 1971; Warren 1971.

¹⁹ Tom van Deel é especialista da língua e cultura holandesas, poeta, antologista, ensaísta, redator e resenhador.

um tal de Jopie Paniek, entre outras, e isso circulava na classe. [...] Mais tarde, na mesma escola, veio a literatura verdadeira na minha vida, porque em casa não tinha nada. E assim no final dos meus vinte anos, na época do conservatório, bem antes de começar a traduzir, fui manter diários. Daquela época data ainda uma correspondência intensa com amigos e amigas, pois por muito tempo não tínhamos telefone.

Ainda na época do ensino médio, Willemsen (W1993h) começou também “com alguns amigos um jornal de poesia romântica com poemas no estilo de Rimbaud e Baudelaire”. Os diários, ele manteve até os seus trinta anos. No Brasil (1967-1968) vieram as cartas no lugar dos diários. Willemsen começou a escrever, portanto, já cedo, na escola primária, e desde então nunca mais parou de fazê-lo. Os opúsculos sobre pássaros e as histórias sobre Jopie Paniek foram substituídos por diários e cartas que serviram de base para os seus bem-sucedidos livros autobiográficos. Vários fragmentos desses livros foram incluídos em diversas revistas. Paralelamente, Willemsen escreveu reflexões na forma de paratextos de tradução (incluindo seus posfácios), ensaios, artigos e cartas para jornais e revistas, bem como resenhas de livros e traduções. Além disso, há textos de palestras e palavras de agradecimento publicados em revistas. Finalmente, os comentários de Willemsen podem ser encontrados nas inúmeras entrevistas com as quais colaborou.

No corpus dos *Documentos primários de August Willemsen*, ou seja, no Apêndice 3, encontra-se representada a lista completa tanto da obra original de August Willemsen quanto das entrevistas publicadas entre 1968 e 2007, o ano da publicação de seu primeiro texto e o ano de sua morte, respectivamente. Foi feita, dentro das limitações de uma tese MA, uma tentativa séria para obter uma lista tão completa quanto possível e o resultado não é frustrante. A lista obtida é suficientemente extensa para efetuar a pesquisa sobre a visão tradutória de August Willemsen. Os documentos da lista que não foram coletados, estão assinalados com um asterisco (*) antes do título e não estão incluídos nas análises estatísticas.

Na Tabela 10 apresento os documentos coletados em cifras, os quais totalizam 305 títulos. Nesta tabela os diversos tipos de textos e documentos são apresentados em ordem do ano de publicação. Para começar, Willemsen não só escreveu como organizou livros. Após sua estreia com *Braziliaanse brieven* [Cartas brasileiras] em 1985, publicou ainda 14, num total de 15, livros em seu nome (2ª coluna da esquerda para a direita).

Tabela 10: Documentos primários coletados de August Willemssen

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
ano	livro	fragmento texto próprio	prefácio, posfácio de tradução em livro ²⁰	paratexto de tradução em livro	artigo carta	resenha livro	crítica tradução	paratexto de/com tradução em revista	palestra, palavras de agrade- cimento	entrevista	
1970			1	1							2
1971											0
1972								1			1
1973											0
1974								2			2
1975			1	1							2
1976											0
1977			2	2	1			3			8
1978			1	3		1	1	1			7
1979					2	1	1	1			5
1980			2	4							6
1981			2	1	1		2	2		1	9
1982			1		3		3	3		1	11
1983			2	2	1			1	1		7
1984			2	2				1	1	2	8
1985	1		2	3						4	10
1986			2		1		1		1	3	8
1987	1									3	4
1988	1	1	1		3			2		7	15
1989	1		1	1	1						4
1990		1			2						3
1991	1	1	2		19		1			5	29
1992			5	5	7			1		4	22
1993		1	1	2				1		7	12
1994	2	1			2					2	7
1995	1		1	1	1					2	6
1996		1						1		3	5
1997			1	1							2
1998	2	1	3	2				3		8	19
1999	1		2	1	1			1		7	13
2000	1		4	1	2					5	13
2001	1		2	4	4						11
2002			2	3	1					1	7
2003	1		5	5	4			1		1	17
2004			1	2							3
2005			4	5				1	1		11
2006			1	2				1		1	5
2007	1		3	5				1		1	11
	15	7	57	59	56	2	9	28	4	68	305

Na Tabela 11 segue uma lista desses livros, que se caracterizam pelo seu caráter autobiográfico, não fictício. Ele não publicou prosa fictícia nem poesia. Os livros autobiográficos contam em total 7 títulos: *Braziliaanse brieven*, *Een liefde in het Zuiden & De dood in Zuid*, *De val*, *Sprekend een brief*, *Vrienden, vreemden, vrouwen*, *De tuin van IJben e Van Tibooburra naar Packsaddle*. Além disso, Willemssen organizou 4 coletâneas de ensaios com textos próprios – *De taal als bril*, *De goddelijke kanarie*, *Het hoge woord* e *Fernando Pessoa: Het ik als vreemde* – e uma coletânea de ensaios com textos próprios e alheios – *O Lissabon, mijn thuis*. Além disso, publicou um livro de cartas de Nicolaas Verschuur: *Brieven uit Brazilië 1897-1902*.

²⁰ Tanto em traduções próprias quanto alheias bem como coletâneas.

Os temas de seus livros são muito variados, tais como seu relacionamento com o Brasil (*Braziliaanse brieven*), a tradução e a literatura de língua portuguesa (*De taal als bril*, *Het hoge woord*), a própria juventude (*Een liefde in het Zuiden & De dood in Zuid*, *Vrienden, vreemden, vrouwen*, *De tuin van IJben*), sua luta contra o álcool e sua permanência em uma casa de reabilitação (*De val*), o futebol brasileiro (*De goddelijke kanarie*), viagens (*Van Tibooburra naar Packsaddle*), amores (*Vrienden, vreemden, vrouwen*) etc. A maioria dos 15 livros foi publicada pela editora De Arbeiderspers: 9 títulos. A editora Thomas Rap tem 3 livros por sua conta, enquanto Bas Lubberhuizen e Februari Boekhandels, respectivamente, dois e um. A ausência da Meulenhoff chama a atenção, levando em consideração o grande envolvimento desta editora nas publicações das traduções de Willemsen (veja 3.2.1).

Tabela 11: Livros de August Willemsen

<i>Braziliaanse brieven</i> [Cartas brasileiras]	1985	De Arbeiderspers	cartas/ autobiográfico
<i>De taal als bril</i> [A língua como óculos]	1987	De Arbeiderspers	ensaios
<i>Een liefde in het Zuiden</i> [Um amor no sul] & <i>De dood in Zuid</i> [A morte na zona sul de Amsterdã]	1988	Februari Boekhandels	autobiográfico
<i>Nicolaas Verschuur: Brieven uit Brazilië</i> [Cartas do Brasil] 1897-1902	1989	De Arbeiderspers	cartas
<i>De val</i> [A queda]	1991	De Arbeiderspers	autobiográfico
<i>De goddelijke kanarie</i> [O canário divino]	1994	Thomas Rap	livro de esporte literário
<i>Het hoge woord</i> [A palavra inevitável]	1994	De Arbeiderspers	ensaios
<i>O Lissabon, mijn thuis</i> [Ó Lisboa, meu lar]	1995	Lubberhuizen	ensaios
<i>Sprekende een brief</i> [Falando uma carta]	1998	Tomas Rap	carta/ autobiográfico
<i>Vrienden, vreemden, vrouwen</i> [Amigos, estranhos, mulheres]	1998	De Arbeiderspers	autobiográfico
<i>De tuin van IJben</i> [O jardim de IJben]	1999	Thomas Rap	autobiográfico
<i>Fernando Pessoa: Het ik als vreemde</i> [O eu como estranho]	2000	De Arbeiderspers	ensaios
<i>Van Tibooburra naar Packsaddle</i> [De Tibooburra a Packsaddle]	2001	De Arbeiderspers	relato de viagem
<i>O Lissabon, mijn thuis</i> , reedição	2003	Bas Lubberhuizen	ensaio
<i>De goddelijke kanarie</i> , 2ª reimpressão ampliada e completamente revisada	2007	De Arbeiderspers/ Het Sporthuis	livro de esporte literário

Voltando à Tabela 10, pode-se constatar na terceira coluna (da esquerda para a direita) que fragmentos de textos extraídos dos livros originais de Willemsen foram publicados 7 vezes entre 1988 e 2001 por outras pessoas, traduzidos ou não, em diversas coletâneas, revistas e jornais. O próprio Willemsen fez sempre acompanhar suas traduções em forma de livro não só de prefácios e posfácios, mas também de outros paratextos explicativos e/ou informativos (notas, dados biobibliográficos, justificativas, etc.). Na quarta e quinta colunas estão representados os 116 paratextos, dos quais 57 são prefácios ou posfácios (coluna 4), especialmente os últimos. Indiquei anteriormente, na Tabela 4, que foram publicadas 66 traduções em forma de livro. A partir daí podemos concluir que apenas 9 traduções não foram acompanhadas por um prefácio ou posfácio. Uma subsequente análise dessas traduções sem prefácios ou posfácios mostra, porém, que na realidade trata-se de apenas dois casos, especificamente os dois livros de não ficção de José Rentes de Carvalho – *Waar die andere*

God woont (1972) e *Portugal, de bloem en de sikkel* (1975). Os outros livros que não apresentam prefácios nem posfácios não são publicações de August Willemssen, mas livros alheios em que suas traduções foram inseridas (veja as traduções com um asterisco na Tabela 4). Os posfácios serão posteriormente discutidos no capítulo 4.

Na imprensa periódica saíram textos de August Willemssen na forma de ensaios, colunas, cartas, estudos, resenhas de livros e críticas de traduções. Os ensaios, colunas, cartas e estudos contam, no total, 56 documentos (coluna 6 da Tabela 10). As resenhas de livros (2) e críticas de traduções (9) estão indicadas respectivamente nas colunas 7 e 8 dessa tabela. Do mesmo modo que Willemssen fez acompanhar suas traduções em forma de livro com paratextos, ele o fez com suas traduções em revistas. Às vezes, as traduções fazem parte do texto (acompanhante) ou formam juntos um artigo. Outras vezes, a tradução e os (para)textos constituem rubricas separadas. “Paratexto com tradução” indica o primeiro caso e “paratexto de tradução”, o último. Esses dois tipos de paratextos foram indicados na coluna 9 da Tabela 10 (veja Apêndice 3 para mais informação sobre o tipo de texto). Willemssen escreveu 28 paratextos em revistas. Isso significa que ele escreveu paratextos para apenas a metade das traduções em revista (53 no total, como visto na Tabela 3), enquanto quase nunca deixou uma tradução em forma de livro desacompanhada de um prefácio ou posfácio. O Apêndice 5 dá um panorama geral dos periódicos em que Willemssen escreveu sobre inúmeros temas, literários e não literários. Note-se aí o alcance internacional de suas contribuições. Ele publicou tanto na Holanda e na Bélgica quanto em Portugal (revista *Persona*). Na Holanda, publicou mais frequentemente no jornal *Het Parool*, nas revistas literárias *Maatstaf* e *Literair Paspoort* e no jornal *NRC Handelsblad*, com respectivamente 22, 18, 12 e 7 contribuições.

Willemssen escreveu uma coluna semanal de 28 de agosto de 1991 a 22 de janeiro de 1992 para o jornal *Het Parool*. Na *Maatstaf* ele publicou, de 1977 a 1992, em média uma vez por ano. Nesse período a revista saía pela editora De Arbeiderspers. Esta revista constituía um importante palco para a apresentação de autores desconhecidos e para as publicações preliminares, não só dos escritores que saíam pela editora De Arbeiderspers, como Pessoa e Drummond de Andrade, mas também dos escritores que saíam predominantemente pela editora Meulenhoff, a saber, Trevisan e Guimarães Rosa. Isso indica a boa relação que Willemssen mantinha com ambas as editoras. O fato de Willemssen ter escrito bastante para a *Literair Paspoort* não é difícil de explicar. Ele foi redator daquela revista de 1979 a 1981.

Na imprensa periódica saíram ainda dois textos de palestras e dois textos de agradecimento (coluna 10, Tabela 10), bem como 68 entrevistas de August Willemssen

(coluna 11, Tabela 10). O Apêndice 6 especifica o meio e a data dessas publicações. A primeira entrevista é de 1981 e a última de abril de 2007, meio ano antes de sua morte. As entrevistas de Willemsen foram publicadas em inúmeros periódicos diários, semanais e mensais, literários e não literários, do Brasil (*Jornal do Brasil*), de Curaçao (*Ñapa*), da Bélgica (*Heibel, Poëziekrant, De Morgen, Humo, Gazet van Antwerpen* etc.) e Holanda. A Tabela 10 indica ainda que há três anos distintos em que a produção de Willemsen foi nula, especificamente, em 1971, 1973 e 1976. Além disso, pode-se constatar que ele já publicava trabalho original antes de estreitar como escritor em 1985.

Na Tabela 12 dividi os documentos primários de Willemsen em três grupos: livros, demais escritos (textos ensaísticos em coletâneas e periódicos, bem como textos de agradecimento e textos de palestras) e entrevistas. A produção literária e ensaística de Willemsen mostra uma linha crescente comparável à da sua produção tradutória (veja Tabela 2). Desse modo, ele publicou quase 3 trabalhos por ano na primeira década de sua carreira e depois essa média duplica nos anos oitenta. Nos anos noventa, a média sobe para oito publicações anuais. E nos últimos oito anos de sua vida, de 2000 a 2007, ele produziu 8,6 documentos originais por ano.

Tabela 12: Publicações originais de August Willemsen

período	livro	artigo	TOTAL 1	entrevista	TOTAL 2
1970-1979	0	27 (2,7)	27 (2,7)	0	27 (2,7)
1980-1989	4	57 (5,7)	61 (6,1)	21 (2,1)	82 (8,2)
1990-1999	7	73 (7,3)	80 (8,0)	38 (3,8)	118 (11,8)
2000-2007	4	65 (8,1)	69 (8,6)	9 (1,1)	78 (9,8)
38 anos	15	222 (5,8)	237 (6,2)	68 (1,8)	305 (8,0)

Média anual de publicações entre parênteses

3.2.3 August Willemsen como crítico

Todas as resenhas de livros de August Willemsen saíram pela *Literair Paspoort* como é indicado na Tabela 13. Ele resenhou três livros portugueses em duas críticas, a saber, um título do escritor português Dinis Machado e dois títulos de Dalton Trevisan.

Tabela 13: Resenhas de livros de August Willemsen

título do livro	autor	título da resenha	onde	lugar no Apêndice 3 ²¹
<i>O que diz Molero</i> (Wat zegt Molero)	Dinis Machado	Signalement over Dinis Machado	<i>Literair Paspoort</i>	1978g
<i>Abismo de rosas</i> (Rozenafgrond)	Dalton Trevisan	Signalement over Dalton Trevisan	<i>Literair Paspoort</i>	1979b
<i>A trombeta do anjo vingador</i> (De bazuin van de engel der wrake)	Dalton Trevisan	Signalement over Dalton Trevisan	<i>Literair Paspoort</i>	1979b

²¹ Dados completos encontram-se no Apêndice 3.

Com relação à crítica de tradução, Willemsen publicou entre 1977 e 1991 nove vezes em vários periódicos (veja Tabela 14). As oito críticas restantes estão incluídas na sua coletânea de ensaios *Het hoge woord* (W1994a). No total, fez críticas de 16 traduções, de 14 escritores e 14 tradutores. A Tabela 14 indica também que Willemsen não só resenhou traduções do português para o holandês, mas também traduções do espanhol para o holandês e traduções do português para o inglês. No total, a língua fonte de 13 traduções resenhadas por Willemsen é português e de 2 traduções, espanhol. Quanto à língua alvo das traduções, Willemsen resenhou 14 traduções para o holandês e uma tradução para o inglês.

Tabela 14: Crítica de tradução por August Willemsen, por ordem cronológica

autor título tradução	tradutor LÍNGUA FONTE > ALVO	título crítica	onde	lugar no Apêndice 3
Fernando Pessoa <i>*Selected Poems</i>	Edwin Honig PT-PT>EN	Fernando Pessoa als Amerikaans heteroniem	<i>Literair Paspoort</i>	1978f
Jorge Amado <i>Cacaoplantage</i>	Bertus Dijk PT-BR>NL	Signalement over Jorge Amado	<i>Literair Paspoort</i>	1979e
Pablo Neruda <i>De afgescheiden roos</i>	Barber van de Pol ES>NL	Eentonig is mijn zang: Neruda, soorten poëzie, manieren van vertalen	<i>NRC Handelsblad</i> <i>De taal als bril</i>	1981c
Fernando Pessoa <i>*Selected Poems</i>	Edwin Honig PT-PT>EN	Fernando Pessoa as American heteronym	<i>Persona</i>	1981i
**Herman van den Bergh <i>Verzamelde Gedichten</i>	(Herman van den Bergh)	Herman van den Bergh: waar háált hij het vandaan: dossier van een literaire kleptomaan heropend	<i>Maatstaf</i> <i>De taal als bril</i>	1982d
Jorge Amado <i>Tereza Batista, de hoer van Bahia</i>	R.K. van Spengen PT-BR>NL	Signalement over Jorge Amado	<i>Literair Paspoort</i>	1982e
Graciliano Ramos <i>Vlucht voor de droogte</i>	Cecilia Correia Castilho PT-BR>NL	Graciliano Ramos: <i>Vlucht voor de droogte</i>	<i>Literair Paspoort</i>	1982m
**Herman van den Bergh <i>Verzamelde Gedichten</i>	(Herman van den Bergh)	Opnieuw Herman van den Bergh: het plagiaat compleet?	<i>Maatstaf</i> <i>De taal als bril</i>	1986b
Almeida Faria <i>Passie</i>	Piet Jansen PT-PT>NL	Misschien herrijst de mens op zaterdag: eerste deel van Almeida Faria's Lusitaanse tetralogie vertaald	<i>NRC Handelsblad</i>	1991p
José Saramago <i>Memoriaal van het klooster</i>	Harrie Lemmens PT-PT>NL	Een knarsend meesterwerk	<i>Het hoge woord</i>	1994a
João Ubaldo Ribeiro <i>Brazilië, Brazilië</i>	Harrie Lemmens PT-BR>NL	Wild en verward dromen	<i>Het hoge woord</i>	1994a
Lidia Jorge <i>De kust van het gemurmel</i>	Maartje de Kort en Elly de Vries PT-PT>NL	Vernuftig verzinsel I	<i>Het hoge woord</i>	1994a
José Cardoso Pires <i>Ballade van het Hondenstrand</i>	Catherine Barel PT-PT>NL	Vernuftig verzinsel II	<i>Het hoge woord</i>	1994a
Rubem Fonseca <i>De pad & de geleerde</i>	Ruud Ploegmakers PT-BR>NL	Olympische wreedheid	<i>Het hoge woord</i>	1994a
Rubem Fonseca <i>Grote kunst</i>	Hermien Gaikhorst PT-BR>NL	Olympische wreedheid	<i>Het hoge woord</i>	1994a
Homero Aridjis <i>Juan Cabezón in de Nieuwe Wereld</i>	Aline Glastra van Loon ES>NL	Bladzijden bloed	<i>Het hoge woord</i>	1994a
Fernão Mendes Pinto <i>Pelgrimreis</i>	Arie Pos PT-PT>NL	Een imponerende arme stakker	<i>Het hoge woord</i>	1994a
Mário de Sá-Carneiro <i>De bekentenis van Lúcio</i>	Harrie Lemmens PT-PT>NL	Paarse passie	<i>Het hoge woord</i>	1994a
14 escritores 16 traduções	14 tradutores BT: 13 PT, 2 ES DT: 14 NL, 1 EN	16 títulos		

(*) São artigos correspondentes. O artigo saiu numa revista portuguesa em versão inglesa.

(**) Herman van den Bergh e sua obra *Verzamelde gedichten* (Poemas coletados) não são incluídos nas estatísticas pois, nesses artigos são tratados como um caso de plagiador-plágio e não tradutor-tradução.

Nesta tese não entrarei em detalhes quanto às críticas de tradução como tal. Indico aqui apenas que esse trabalho de Willemsen pode ser dividido em dois grupos. Do primeiro, fazem parte as críticas até 1991 em que as traduções são abordadas e avaliadas segundo suas qualidades tradutórias e, do segundo grupo fazem parte as críticas incluídas em *Het hoge woord* [A palavra inevitável]. As traduções aqui são avaliadas como trabalhos dos autores originais, onde não se faz quase nenhuma referência à qualidade das traduções. A única observação nesse sentido trata do título do livro de Homero Aridjis (W1994a: 92). Seria interessante efetuar uma pesquisa futura sobre as razões dessa grande diferença entre as críticas de tradução de Willemsen de antes de 1991 e as críticas posteriores.

3.2.4. Atividades paralelas de August Willemsen

Além de professor, literato, tradutor, organizador de coletâneas, ensaísta e escritor, Willemsen foi redator da revista literária *Literair Paspoort* de 1979 a 1981, foi membro do júri do Prêmio Martinus Nijhoff²² de 1984 a 1989 e foi colunista do jornal diário *Het Parool* de agosto de 1991 a janeiro de 1992. Ele também foi diretor de filmes e ator. Nesta pesquisa restrinjo-me a apresentar três dos projetos mais importantes nessa área: *De heteroniemen van Fernando Pessoa* (1982), *De zoete vijandin* (1992) e *Diepe wildernis* (2000).

O primeiro trabalho, *De heteroniemen van Fernando Pessoa* (Os heterônimos de Fernando Pessoa), trata-se de um programa de televisão feito para o programa *Beeldspraak*, que foi transmitida em 5 de janeiro de 1982 pelo canal Nederland 1 da televisão holandesa. Nesse projeto, Willemsen atua não só como diretor, em colaboração com Kees Hin e K. Schippers, mas também como ator. *De zoete vijandin* (A doce inimiga) é uma peça de teatro da companhia de teatro Orkater para o qual o próprio Willemsen adaptou os contos de Dalton Trevisan. Nessa ocasião, Willemsen atuou também como ator convidado. O último projeto, *Diepe wildernis* (Grande sertão), é uma peça de teatro musical na qual a história baseada no romance de Guimarães Rosa é contada por meio de fragmentos textuais dessa obra e acompanhada de música. Willemsen fez a seleção dos trechos dos textos que também declamou nas apresentações durante o mês de janeiro de 2000. Não podemos esquecer aqui que Willemsen era um convidado bem-vindo do festival de poesia Poetry International, para o qual não só traduzia mas também declamava suas traduções poéticas.

²²

<http://www.letterkundigmuseum.nl/Literaircentrum/Literaireprijzen/tabid/99/WriterId/1136/WriterName/August%20Willemsen/Mode/DetailsWriter/Default.aspx>

3.3 Relação entre a obra tradutória de Willemsen e sua obra original

Willemsen começou sua carreira profissional como tradutor em 1970. Um ano mais tarde, acrescentou-se aí um emprego acadêmico como pesquisador e professor na Universidade de Amsterdã e, em 1985, o ofício de escritor. Ele abandonou a docência em 1988, mas continuou traduzindo e escrevendo até o fim de sua vida. Sua carreira distingue-se, assim, em três fases: (1) o período entre 1971 e 1985 em que combinou o ofício de tradução com um emprego fixo na universidade; (2) o curto período de 1985 a 1988 em que tinha três profissões paralelas, especificamente a profissão de professor universitário, escritor e tradutor e (3) de 1988 a 2007, um período em que pôde dedicar-se exclusivamente às duas últimas profissões. Mas na realidade, trata-se de duas fases, como já vimos anteriormente: o período antes e depois de 1988. Isso porque ele já escrevia desde o começo, quando era apenas conhecido como tradutor. As traduções não eram trabalhos originais, mas Willemsen acompanhou-as sempre de textos ensaísticos e informativos que eram certamente originais. Todavia, a divisão em três fases é útil para acentuar a diferença entre suas publicações originais em forma de livro e aquelas na imprensa periódica. Além disso, essa divisão possibilita destacar o ano de 1985, isto é, o ano de sua brilhante estreia como escritor.

Sobre a primeira fase, Willemsen (W1986e) comentou uma vez que tinha “um emprego e um vício”. Assim vivenciava Willemsen o seu ofício tradutório. E embora usasse suas horas de folga para traduzir, via antes o seu trabalho na universidade “como uma extensão da atividade tradutória do que o contrário” (W1991z). Os posfácios ensaísticos e paratextos informativos, considerava por sua vez “como uma extensão do [s]eu trabalho na universidade” (W1985c). Via-os como uma oportunidade para deixar o leitor participar daquilo que ele fazia como pesquisador.

Devido ao sucesso de *Braziliaanse brieven* [Cartas brasileiras], o começo da segunda fase, Willemsen (W1987d) foi cada vez mais solicitado a publicar trabalho original. Por causa disso, não podia mais dedicar seu tempo livre exclusivamente à tradução, do qual parece ter sofrido claramente: “Distraí demais a atenção daquilo que devo fazer: traduzir os grandes escritores.” Willemsen (W1986e): “Acho os escritores que traduzo mais importantes do que eu próprio. Estritamente falando, um livro traduzido não é trabalho próprio, mas, tenho a impressão de que a diferença entre aquelas publicações e *Braziliaanse brieven* é pequena. Compare-as com filhos próprios e um filho adotado. Com o tempo, pais adotivos passam a gostar tanto deste filho como de seu próprio filho.” Willemsen (W1988b) não se considerava

um escritor: “Não invento romances, histórias ou poemas.” Mas reconhecia que era um bom escritor e queria, portanto, continuar a escrever paralelamente ao seu trabalho de tradução. Mesmo com as crescentes solicitações de trabalho original, nunca pensou em parar de traduzir. Na terceira fase de sua carreira, ele combinou assim a tradução com o ofício de escrever.

Quanto à diferença entre traduzir e escrever disse Willemsen (W1991γ): “Em [...] ‘Procura da poesia’, afirma [Drummond de Andrade] que poetizar é uma forma de lidar com palavras. Isso deve ser feito com muito tato, não se deve forçar as palavras, deve-se ter paciência e então deixá-las cair no lugar onde pertencem./ Para o tradutor talvez isso se aplique de um modo ainda mais forte, porque o tradutor está preso às palavras do poeta. É verdade que esse tem de prover os pensamentos e expressá-los em palavras, mas o tradutor, que recebe as palavras oferecidas pelo poeta, está preso ao modo pelo qual esses pensamentos foram expressos. Isso é um outro tipo de dificuldade. Traduzir não é mais difícil do que escrever, é diferente.”

Em relação à influência de suas traduções sobre seu trabalho de escritor afirmou Willemsen (W1986j: 170): “Não, na verdade não acredito que o meu trabalho de tradução tenha influência sobre a minha própria escrita. Mas é, eu traduzo poemas, histórias e romances, e eu mesmo não escrevo poemas, histórias e romances. Nas minhas cartas não poderia indicar essa influência.”

E ao contrário? Em relação à influência de sua maneira de escrever sobre as traduções, Willemsen (AW; W1986j: 163-164) foi confrontado por Tom van Deel (TvD) durante uma conversa entre eles em 1986, que foi registrada mais tarde em *Het hoge woord* (W1994a). Cito aqui o fragmento em questão:

TvD: As suas capacidades tradutórias não são também determinadas por, o que gostaria de chamar de, um tipo de vocabulário pessoal, só para você?

AW: Não no sentido de que num caso desses *sempre* usaria “*onthutsend*” e não também “*verbluffend*”. Mas é verdade que todo mundo que fala e escreve, tem, de fato, um vocabulário pessoal. Apenas, o tradutor deve se esforçar para tê-lo justamente tanto menos quanto possível.

TvD: Isso me parece uma grande proeza. Porque quando leio Machado, você não me deve levar isso a mal, e leio suas *Braziliaanse brieven*, então entendo muito bem que é você o tradutor desse livro.

AW: Pena. Não deveria ser assim. Em princípio não.

TvD: Não deveria, hem? Acredita mesmo?

AW: Não sei. Não saberia se as minhas traduções podem ser reconhecidas como traduções típicas de Willemsen. Nunca ouvi alguém dizer isso. E veja, é também verdade que no caso de Machado há uma questão de uma afinidade que já de antemão fazia com que eu me sentisse confortável com ele na sua linguagem, na sua própria linguagem. Eu me lembro muito bem, quando o li pela primeira vez, em 1967, que eu pensei: ai, na verdade, é assim mesmo que eu já queria ter escrito todo esse tempo.

Para se saber se existe algo como “traduções típicas de Willemsen”, é preciso fazer mais pesquisa. Na minha opinião, a comparação com Machado de Assis nesse caso não é a mais óbvia, justamente porque, como Willemsen afirma, a pena machadiana teve grande influência sobre a dele mesmo. Willemsen nunca escondeu isso. Uma comparação com Machado de Assis seria mais efetiva numa pesquisa sobre as influências que a escrita de Willemsen sofreu, na qual as contribuições de, entre outros, Gide e Léautaud não devem ser esquecidas.

Mas ao se tratar de uma pesquisa sobre a existência ou não de “traduções típicas de Willemsen”, talvez seja uma boa ideia comparar os estilos dos diferentes heterônimos de Fernando Pessoa. Willemsen (W2000h): “Pessoa escreveu sob vários nomes, que ele chamou de heterônimos. Um pseudônimo é um outro nome para o próprio eu, um heterônimo é um nome próprio para um outro eu, portanto, um alter ego. No caso de Pessoa esses outros eus se tornaram escritores, cada um com uma visão própria de vida e um estilo literário próprio, era como se fossem pessoas dramáticas sem peça teatral.” A mim me parece improvável que todos os heterônimos apresentem em holandês o mesmo estilo, o estilo de Willemsen. Já desde a sua primeira tradução, ele se mostrou bastante sensível e consciente em relação às diferenças estilísticas entre os diversos autores. O tradutor deve também, segundo ele, ter uma “mentalidade de tradutor”, “um tipo de modéstia para seguir o escritor”: “Requer-se dele, na qualidade de tradutor, ausência de um gosto e estilo próprios, ausência de uma individualidade própria, distanciamento, invisibilidade” (W2006d). É significativo também o que Willemsen (W1996d) diz sobre Dalton Trevisan e Graciliano Ramos, ambos “escritores de prosa de estilo descarnado”, isto é, escritores que são econômicos com palavras: “Antigamente Trevisan estava ocupado riscando palavras de uma maneira quase patológica; a cada reedição de seus livros, o número de palavras foi conseqüentemente reduzido de um quarto. Mesmo assim, tanto Ramos quanto Trevisan são suficientemente diferentes em seus estilos para não se parecerem um com o outro depois de traduzidos.” Mas para saber isso com certeza, recomenda-se pesquisa futura.

3.4. Conclusão do capítulo

Nesse capítulo apresentei primeiro uma breve descrição da vida de August Willemssen baseada, principalmente, naquilo que ele mesmo escrevera. Depois fiz uma tentativa para conhecer melhor sua obra, guiando-me pelas perguntas abaixo:

- Quando August Willemssen começou a traduzir? Em que período atuou como tradutor? Onde e para quem (que editora) traduziu? Quais são os escritores que introduziu aos leitores da língua neerlandesa? Quais são as obras por ele traduzidas? De que línguas traduziu? Traduziu em outras línguas que não a holandesa?
- Quando começou a escrever? O que ele escreveu?
- Qual é a relação entre suas traduções e seu trabalho original?
- Acredita Willemssen que exista algo como “traduções típicas de Willemssen”?

As respostas para essas perguntas estão representadas em diversas Tabelas (de 1 a 14) e Apêndices (de 1 a 6). Os Apêndices 1 e 2 contêm todas as traduções de August Willemssen de 1970 a 2010 e o Apêndice 3 contém tanto o seu trabalho original como as entrevistas que deu. No Apêndice 4 encontram-se os autores traduzidos por Willemssen. Para cada autor foram dadas informações sobre seu país de origem e o ano em que as traduções de suas obras foram publicadas na Holanda. As contribuições de Willemssen para a imprensa periódica estão indicadas no Apêndice 5 e as entrevistas, inclusive os textos de agradecimento e textos de palestras, no Apêndice 6.

A partir desses dados constatou-se que a carreira de Willemssen pode ser dividida em três fases: (1) o período entre 1971 e 1985 em que ele combinou a tradução com um emprego fixo de professor universitário; (2) um curto período de 1985 a 1988 em que tinha três diferentes profissões, a saber, a profissão de professor na universidade, escritor e tradutor e (3) de 1988 a 2007, um período em que se dedicou exclusivamente aos ofícios de escrever e traduzir.

Além do mais, veio à luz a imagem de um homem talentoso, entusiasmado, erudito, consciencioso, despretensioso, franco, teimoso e orgulhoso mas também emotivo, modesto e cordial que tinha um grande interesse em línguas, dedicando-se a elas, com muito amor, quase toda a sua vida. A admiração que tinha por alguns escritores brasileiros importantes e o desejo de ser único, foram determinantes para a sua carreira profissional, no sentido de que o ofício

de tradução sempre esteve no centro de suas atenções, mesmo depois de ter colhido sucesso como escritor. Willemsen sabia que também podia escrever, mas ele se sentia acima de tudo um tradutor.

4. DESCRIÇÃO DA POÉTICA TRADUTÓRIA EXTERNA DE AUGUST WILLEMSSEN

Neste capítulo será dada uma resposta à pergunta principal sobre a poética tradutória de August Willemssen: qual é a visão de August Willemssen sobre tradução? Como já vimos, Munday (2001: 152) acredita que comentários de tradutores poderiam dar indicações sobre a prática de trabalho deles ou poderiam pelo menos revelar o que acham que deveriam fazer. É a partir dessa perspectiva que explorei os documentos primários de Willemssen apresentados no Apêndice 3. Os textos foram abordados cronologicamente com o fim de descobrir o processo de desenvolvimento de Willemssen como tradutor. Observei particularmente as mudanças que ocorreram no seu modo de pensar e atuar em relação à tradução. Além disso, dei atenção especial aos temas que continham uma dicotomia ou conflito, bem como ao tema da tradução de poesia. Willemssen comentou com grande frequência em ensaios, entrevistas etc. sobre as próprias traduções bem como a tradução em geral; por isso limitar-me-ei à investigação de alguns aspectos que me parecem os mais característicos de sua visão tradutória. Ele tinha, aliás, uma orientação bem prática: “Sou um homem da prática, não sei nada de teoria literária, linguística ou Estudos da Tradução. Simplesmente não gosto disso. Fico com sono com esse tipo de publicações” (W1988b). Não sei se devo interpretar esse comentário como sincera modéstia ou uma observação depreciativa contra as duas áreas acadêmicas em questão, mas aí pode-se ver bem que o que apresento adiante são concepções tradutórias de alguém da arena profissional e não de um tradutólogo.

4.1. *Lealdade a dois mestres*

[...] a cada tradução, partindo de uma literatura que pertence a um, em essência, outro padrão cultural, agrava-se o dilema que W. C. Atkinson formulou tão concisamente no prefácio de sua tradução dos *Lusíadas*, de Camões: “Loyalty to one’s author is one thing, loyalty to one’s public is another.” Ilustrei aqui apenas brevemente um aspecto particular *dessa* literatura, a portuguesa, com base em alguns casos extremos, e posso apenas desejar ter conseguido conciliar um pouco ambas as “lealdades”. Em casos de dúvida deixei os interesses do leitor prevalecer acima dos do autor.

(Willemssen 1970a: 10-11)

Essa citação provém da introdução que Willemsen escreveu para a sua primeira tradução publicada, *Meesters der Portugese vertelkunst* [Mestres do conto português], de 1970. Não só o seu dilema como tradutor vem à tona aqui, mas também a posição que ele toma em relação a esse dilema. Willemsen procura um compromisso entre, por um lado, sua lealdade ao autor, por outro lado, sua lealdade ao leitor. Onde esse compromisso não é possível, o leitor é mais importante para ele do que o autor. Nesse estágio precoce da carreira, Willemsen (W1970a: 9) acha que “fazer legível o ilegível faz parte das tarefas do tradutor”. Nesse processo, ele se depara com um grande problema ao verter, por exemplo, o aspecto estilístico dos escritores portugueses que têm uma outra mentalidade que a dos holandeses. Eu cito Willemsen (W1970a: 8):

O escritor em Portugal pratica uma ocupação incompreensível para outras pessoas: longe do mundo, no isolamento de seu gabinete, bloqueado sob uma avalanche de livros, põe-se à sua escrivaninha – *e faz literatura*. Ao fazê-lo, terá bastante cuidado ao usar as mesmas palavras que as pessoas comuns. Ele usa outras palavras, outras sentenças, metáforas, muitas vezes enigmáticas para as pessoas comuns. Mas isso, elas não acham grave, nisso pode-se ver afinal que se trata de um escritor! E quanto mais bonitas, difíceis, as palavras, tanto maior o escritor. O respeito pelas pessoas que sabem escrever é grande, pelas que publicam livros, ilimitado. O escritor é um mágico, ele está acima das pessoas.

Essa “mania-de-fazer-literatura” acarreta problemas na tradução para o holandês, constata Willemsen. Ele pondera até “a possibilidade de, se não tiver outro jeito senão de o ‘traduttore’ ser um ‘traditore’, falsificar a história, não quanto à intenção, mas quanto ao estilo” (W1970a: 9). Parece, porém, não ter ido tão longe assim, pois Willemsen (W1970a: 9) se justifica mediante um caso extremo, a saber, o conto “Uma noite e nunca”, de Urbano Tavares Rodrigues: “E assim o leitor não irá, portanto, ler ‘*paraplu* [guarda-chuva]’, como todo mundo diz, mas ‘*zwarte paddenstoel van wanhoop* [cogumelo preto do desespero]’, como somente o escritor é capaz de dizer. Nem ‘*kerkhof* [cemitério]’ mas ‘*necropolis* [necrópole]’, nem ‘*hand in hand* [de mãos dadas]’ mas ‘*verenigd door het fluidum van hun nerveuze vingers* [reunido pelo fluido de seus dedos nervosos]’”. É como que a lealdade devida ao autor tivesse ganhado aqui de sua lealdade ao leitor, o que parece estar em contradição com a sua posição: “em casos de dúvida, deixar prevalecer os interesses do leitor acima dos do autor”. O que Willemsen diz, contradiz de certa maneira o que ele faz, mas parece que na sua primeira tradução, a coletânea *Meesters der Portugese vertelkunst* [Mestres do conto

português], esforçou-se para oferecer uma tradução legível ao leitor, e no entanto quis, ao mesmo tempo, proteger a intenção e o estilo do escritor.

No período subsequente, até mais ou menos 1976, não há muitos comentários relevantes de Willemsen sobre tradução, apesar de terem sido publicadas várias traduções suas. É apenas em 1977 que ele publica um artigo em *Maatstaf* (W1977b) comentando novamente sobre tradução. Nesse artigo ele oferece resistência contra as alterações sofridas pelo estilo e pela intenção do original e explica que ele, Willemsen, é a causa da inexistência de uma tradução holandesa do livro das “Três Marias”. Trata-se de *As novas cartas portuguesas* – escrito por Maria Teresa Horta, Maria Velho da Costa e Maria Isabel Barreno e publicado em 1972, um pouco antes do fim da ditadura em Portugal – que na época já tinha sido traduzido para o francês, alemão e inglês e era considerado, em geral, uma obra-prima. Willemsen não concordava, pelo menos em termos literários, com essa opinião. Ele achava que era um livro mal escrito e isso levou o editor a desistir da publicação de uma tradução holandesa. Sobre as três traduções existentes diz Willemsen (W1977b: 72) que nenhuma delas “pode sequer fazer suspeitar do terror supremo que este livro [...] é em português”. Sobre a tradução inglesa, em particular, Willemsen (W1977b: 73) acha que a tradutora, Helen R. Lane (1921-2004), “tergiversou para dar pelo menos algum sentido a trechos que em português são puros absurdos”. Utilizando exemplos, Willemsen mostra, entre outras coisas, as inúmeras adições que a tradutora fez para realizar sua maneira interpretativa, ou seja, subjetiva, de traduzir. Além do mais, ele compara sua própria tradução com a da profissional americana: “Minha tradução também não é literal, não pode ser, mas considero o estilo ofegante supostamente poético assintático sem sinais de pontuação (associações de um literato inspirado!) como sendo intencional, logo é minha tarefa de tradutor tentar conservá-lo” (W1977b: 73). Willemsen (W1977b: 73) defende aqui o respeito e a preservação da intenção e do estilo do autor: “Onde está absurdo traduzo por absurdo – mesmo que Helen Lane seja ainda tão explicitamente elogiada por Octavio Paz como ‘one of our major American translators’, e mesmo que Gregory Rabassa chame ‘The Three Maria’s’ um ‘new type of creation’”.

Willemsen (W1978f: 35) se expressa também criticamente sobre as traduções americanas²³ de *As primeiras histórias*, de Guimarães Rosa, “que se deixam ler como histórias escritas fluentemente em inglês ‘normal’ (em contradição com as particularidades

²³ Especificamente as traduções de William L. Grossman (Grossman 1967) e de Barbara Shelby (Shelby 1968). A tradução de Willemsen, *De derde oever van de rivier*, foi publicada pela editora Meulenhoff em 1977 (veja Apêndices 1 e 2).

linguísticas não convencionais de Rosa)”. Sobre Grossman, o tradutor de uma dessas traduções, diz Willemsen (W1978f: 36):

Acrescente a essa deformação de sentenças (para a qual raramente existe uma razão real, a assim chamada tradução livre é, na maioria das vezes, desculpa para pobreza de linguagem) a presunçosa separação e contração de parágrafos inteiros, o seu costume de explicar tudo que Rosa propositadamente deixou impreciso, a sua indiferença a qualquer efeito musical, e atingimos o paradoxo da tradução razoavelmente legível que equivale a verdadeiro homicídio do escritor.

A linguagem de Guimarães Rosa, que se caracteriza por seus experimentos linguísticos e pelo uso de meios e truques até oficialmente ilícitos, é de leitura difícil mesmo, e principalmente, para o leitor brasileiro. O leitor estrangeiro que lê a sua obra em tradução “verá inevitavelmente um texto que está enfraquecido e filtrado, adaptado pelo tradutor aos padrões existentes na língua receptora”²⁴ (Paulo Rónai, apud Willemsen em W1977d: 180). Willemsen (W1977d: 180) concorda com Rónai: “a tradução aparentemente mais ‘distorcida’ sempre a é ainda menos do que o texto original”. Ele mesmo esforçou-se para produzir, ao contrário das fluentes e legíveis traduções americanas, uma tradução que se aproximasse, tanto quanto possível, das idiossincrasias linguísticas rosianas:

A dificuldade de Guimarães Rosa, que muitas vezes espreita na ambiguidade, na vagueza, no enigmático e no impreciso dos contornos, é de propósito, e uma consequência direta da percepção de vida de Rosa: é que para ele cada momento na vida, mesmo o mais trivial, é de incomensurável complexidade. Por isso, o crítico deve ser prudente com interpretação, e o tradutor deve principalmente não escolher. Toda dúvida é para o leitor. (W1977d: 180)

Mais tarde, numa entrevista para o *Jornal do Brasil* (Branco 1981, W1981a), Willemsen se referiu novamente ao seu princípio tradutório:

Na hora de traduzir uma obra, Willemsen adota um princípio básico: “ficar o mais próximo possível do original”. Na prática, diz ele, isto significa conciliar três espécies de lealdades: lealdade ao sentido literal da frase, lealdade ao ritmo ou música do texto, lealdade a quem o deve ler traduzido. E quando isso não é possível, “deve dar prioridade a uma das três”./ [...] A lealdade número três obriga Willemsen a apresentar ao leitor um texto em bom holandês. Mas a maior lealdade que dedica aos

²⁴ Minha tradução de “zal noodzakelijkerwijs een tekst onder ogen krijgen die afgezwakt is en gefilterd, door de vertaler aangepast aan de in de ontvangende taal bestaande patronen”. O texto original de Rónai, aqui citado e traduzido por Willemsen, não foi consultado nesta tese.

autores que traduz já lhe valeu ataques da crítica: “Acusaram-me [Willemsen] de usar construções impossíveis em holandês, mas eu só o fiz porque Trevisan também violou as regras da sintaxe”. As experimentações de Rosa também irritaram alguns críticos. “Não entendo por quê. Experiências com a língua, já foram praticadas aqui, nos anos 50, sobretudo em poesia; e de vez em quando alguém ainda faz uma tentativa. Mas, de fato, não se trata de uma tendência importante na literatura holandesa. A meu ver, aqui essa prática é um exercício gratuito, não tem a envergadura do que fez Guimarães Rosa, para quem experimentar era consequência de uma visão de mundo”.

Quanto à maneira de traduzir de Willemsen, fica patente, na citação acima, o deslocamento de sua posição na direção do autor. O leitor ainda é importante para ele, mas ainda mais importante agora é o autor. Assim, ele acha que o poeta Pablo Neruda foi prejudicado na tradução holandesa *De afgescheiden roos*²⁵, porque aí o tom dos poemas originais não se manifesta devido a um uso excessivo de termos que não condizem com o tom original dos poemas. Willemsen (W1981c) dá exemplos dessas deficiências e se pergunta:

Graves, essas coisas? Talvez não para tão somente o leitor do holandês. Mas isso é justamente a desgraça do tradutor: ele deve se dividir em duas lealdades, aquela para com seu leitor e aquela para com seu autor. O leitor, nesse caso, não é prejudicado; Neruda, sim. O tradutor não está aí para compor uma historinha própria, reproduzir o original com palavras próprias. E embora o escritor possa então desde Homero cochilar de vez em quando, para mim essas manchas ocorrem de modo mais frequente do que apenas ‘de vez em quando’, isto é, frequentemente demais. Isso é uma pena, pois me parecem manchas desnecessárias numa tradução que tem eloquência poética.

É evidente que nesse momento Willemsen leva mais o escritor em conta do que inicialmente o fazia na época de sua primeira tradução.

Mas quando se deu essa mudança? Desde sua primeira tradução até essa entrevista de 1981 passaram-se dez anos e, nesse período, Willemsen publicou numerosas traduções, entre as quais oito em forma de livro, especificamente dois livros de não ficção de José Rentes de Carvalho (1972, 1975), duas coletâneas de contos de Dalton Trevisan (1975, 1977), uma coletânea de contos de João Guimarães Rosa (1977), uma coletânea de poemas e uma tradução de prosa de Fernando Pessoa (1978, 1980) e ainda uma coletânea de poemas de Carlos Drummond de Andrade (1980) (para verificar as traduções em revistas, veja Apêndice 1). Houve então algum momento específico em que Willemsen mudou sua maneira de traduzir? A resposta para essa pergunta encontra-se na coletânea de ensaios *Het hoge woord*

²⁵ Pablo Neruda: *De afgescheiden roos*. Seleção e tradução de Barber van de Pol. Amsterdam: De Arbeiderspers, 1981.

[A palavra inevitável] (W1994a) que contém a já citada conversa com Van Deel de 1986. Willemsen (W1986j: 169):

Penso que a partir de mais ou menos 1978, ou seja, com as publicações de Pessoa, comecei a trabalhar como trabalho ainda hoje. Não acredito que a minha maneira de traduzir desde então tenha mudado substancialmente.

Além disso, Willemsen (W1986j: 169) vê coisas na sua primeira tradução, os *Meesters der Portugese vertelkunst* [Mestres do conto português], que agora faria de modo diferente: “Tomei ali mais liberdades do que eu tomo agora”. Ele considera as suas traduções de Trevisan melhores do que a dos *Meesters* [Mestres], mas não está mais inteiramente de acordo com elas. Em 1978 saíram duas publicações de Pessoa: uma tradução de prosa na revista *Maatstaf* e uma tradução de poesia em forma de livro, a saber, a coletânea *Gedichten* [Poemas]. Willemsen publicou, porém, já em 1977, poesia bem como prosa de Pessoa em revistas (veja Apêndice 1). A alteração na sua poética tradutória ocorreu, portanto, provavelmente a partir dessa época. É a partir dessas primeiras publicações de Pessoa, datando de 1977-1978, que Willemsen passou a se guiar mais pelo autor e a tomar menos liberdades ao traduzir.

Nessa entrevista, Willemsen (W1986j: 159) foi também interpelado como avaliava seus próprios resultados tradutórios:

Avalio isso em virtude do tom e do estilo e da personalidade que o original tem. Por isso quero tê-lo lido primeiro. Se um jornal é um senhor, então um livro é um homem. Com seu próprio tom, fraseado, vocabulário, melodia da frase. Isso tento manter na tradução. Tem início nos elementos pequenos, as palavras: não, esta é uma palavra que ele nunca usaria. Depois o elemento maior, a sentença: esta é uma construção que ele nunca usaria. O parágrafo tem um fôlego, um ritmo, que devem ser o fôlego e o ritmo do original, assim como os capítulos, se o livro tiver capítulos, e assim finalmente o livro inteiro.

A seguir, o dilema tradutório de Willemsen é expressado novamente nessa ocasião: “O que ainda tento alcançar, e nisso não sou o único, consiste em um compromisso entre o que devemos ao autor e o que devemos ao leitor” (W1986j: 166).

De uma investigação mais detalhada dos documentos primários de Willemsen consta que esse conceito das duas lealdades é uma constante na obra de Willemsen. Ele sempre teve

em vista, de um lado, o autor e, do outro, o leitor, e seu principal objetivo era harmonizar sua lealdade a esses dois “mestres”, como ele mesmo os chamaria mais tarde:

Um tradutor deve tentar achar um equilíbrio entre sua lealdade ao autor e sua lealdade ao público. Esse foi um grande dilema ao traduzir *Grande sertão: Veredas*. Rosa faz coisas muito extravagantes e isso não consegui traduzir por inteiro, porque tive de levar o público em consideração. Como tradutor, você se justifica a dois mestres. (W1993h)

A citação seguinte mostra que o princípio tradutório de Willemssen ainda é o mesmo em 2001: “É uma das formas do dilema diante do qual o tradutor sempre se acha colocado: ter de fazer uma ponderação entre sua lealdade ao autor e sua lealdade ao leitor” (W2001g). A expressão “uma das formas” sugere que esse dilema tradutório é multiforme. Abordarei esse aspecto adiante, mas primeiro recapitulo as características mais importantes da visão tradutória de Willemssen que vieram à luz até agora.

“Lealdade” e “equilíbrio” parecem ter sido as palavras-chave desde o início e também durante toda a carreira tradutória de Willemssen: equilíbrio entre sua lealdade ao autor e sua lealdade ao leitor. Na prática significava ponderar entre as duas lealdades e dar prioridade a uma dessas lealdades quando não era possível uma conciliação. Inicialmente, Willemssen deixou prevalecer sua lealdade ao leitor e traduzia mais livremente para produzir textos legíveis. Mas logo ele percebe que essas traduções legíveis, escritas de modo fluente, nem sempre faziam justiça ao autor original e gradualmente pode-se observar uma mudança em suas concepções tradutórias. O próprio Willemssen considera as publicações de Pessoa em torno de 1977-1978 como o ponto de mudança. A partir dessa época ele começou a traduzir com menos liberdade e “ficar tão próximo quanto possível do original” passou a ser o seu ponto de partida. Para Willemssen lealdade ao autor significava lealdade a diversas características do original. Às vezes pesava uma determinada característica mais do que a outra: intenção e estilo do autor, tom da obra, significado literal da sentença, ritmo ou música do texto são as características mais importantes que foram mencionadas. Lealdade ao leitor significava primeiro uma tradução escrita em um holandês “fluente”, passando, mais tarde, a significar uma tradução em “bom holandês”. A ênfase deslocou de “fluente” para “bom”.

A seguir investigo como essa tendência a um modo de traduzir menos livre se desenvolveu. Depois concentrar-me-ei no ponto de vista de Willemssen concernente à

dicotomia “livre” versus “literal”, tendo em vista que essas concepções aparecem frequentemente nos comentários dele.

4.2. *Respeito pelo original e seu autor*

Após a sua conversa com Van Deel (W1986j), Willemsen comentou em mais duas ocasiões sobre seu desenvolvimento tradutório em termos de “livre” ou “literal”. Primeiro, em 1988, ele diz (W1988b):

Antigamente eu traduzia de modo muito mais livre do que o faço agora e puxava um texto muito mais para a minha direção. Agora levo mais o autor em consideração do que o leitor. Antes era o contrário, do tipo: *eu* vou apresentar uma bela historinha ao leitor – me tornei uma pessoa mais modesta.

Depois, em 2000, numa entrevista concedida a Truijens (2000; W2000f), constata-se a mudança de posição de Willemsen na direção da literalidade:

No dilema eterno do tradutor – deve-se traduzir literalmente ou mais “no espírito do escritor” – Willemsen se deslocou, nos últimos anos, mais na direção da literalidade: “Karel van het Reve colocou de modo simples. Ele disse: deve-se meramente traduzir o que está lá. Mas com isso desloca-se o problema: pois o que está lá? Tem sentenças que você pode traduzir com um dicionário na mão. Só quando isso não for possível, deve-se perguntar o que o autor quer dizer. Mas o espírito do escritor também está somente em palavras”.

Conheço a palavra “espírito” (*spirit*) como “creative energy of a tekst or language” (Munday 2001: 24), mas aqui, na primeira sentença, é usada com o significado oposto de “literal”, portanto, “livre” (mas, sim, conforme a maneira do escritor), e, na última sentença, nas palavras de Willemsen, como a “intenção” do escritor. Penso que Truijens quis dizer (na primeira sentença) que Willemsen se deslocou mais na direção do extremo da literalidade, afastando-se de um modo mais livre de traduzir, em que se leva menos consideração pelo fraseado, ou seja, pelas palavras do original, com a condição de que o “espírito”, isto é, a intenção do escritor seja respeitada. De qualquer forma, com base nessas duas citações, acho que posso tirar cuidadosamente a conclusão preliminar de que o modo de traduzir de Willemsen não sofreu mais mudanças essenciais desde as publicações precoces de Pessoa. A partir dessas publicações ele começou a traduzir de modo menos livre, ou melhor, mais à

letra, mas em bom neerlandês. Essa nova estratégia tradutória foi inspirada por um respeito crescente pelo autor.

Quando não era possível atingir um equilíbrio entre as duas lealdades e a decisão tinha de ser tomada à custa de um dos partidos, Willemsen deixou inicialmente, como já mencionado, prevalecer o interesse do leitor sobre o do autor, mas a partir das publicações de Pessoa em 1977-1978 os interesses do autor passaram a pesar mais. Devo observar aqui que essa inclinação já estava presente em 1977 na ocasião em que escrevera o artigo sobre as “Três Marias”, em que afirma “onde está absurdo traduzo com absurdo”, se não já antes, na ocasião de sua primeira tradução. Já naquela época, Willemsen se opunha a introduzir alterações no estilo floreado da obra original. A seguir apresento, cronologicamente, algumas citações em que se pode ler esse aspecto da visão tradutória de Willemsen, ou seja, o respeito pelo autor e o esforço para se aproximar, o tanto quanto possível, do fraseado e das palavras desse autor.

Não acredito que, em relação a isso, eu seja diferente da maioria dos tradutores de hoje. Apropriar-se do texto – não. Não poderia fazê-lo, não o desejaria e acredito que também não seja necessário. Você não precisa modernizar Thomas Mann, ou Proust, ou Machado – ou “fazer acessível”, como é dito – pois se você deixá-los falar sua própria “língua”, eles são suficientemente bons. O vocabulário do autor, sua alternância entre sentenças longas e curtas, sua divisão de parágrafos, de capítulos... Enfim, o que estou tagarelando, é tão óbvio para mim que se respeite isso. (W1986j: 160)

[...] os escritores que eu traduzo são em geral escritores de grande porte, por quem algum respeito é apropriado, diria eu. E posso imaginar que se você traduz uma brochura sobre, digamos, o imposto, então, em primeiro lugar, o que importa é que o leitor entenda o que é esse imposto, independentemente do fraseado do original. Mas quando traduzo Pessoa, ou Machado, acrescenta-se aí um aspecto estético que simplesmente faz parte do significado, e isso não posso deturpar. (W1986j: 161)

[Em uma tradução de Guimarães Rosa] recebi de alguém a reação: “Tem aí um fragmento, que é um holandês tão esquisito, que deve ser seu.” Isso era portanto um elogio, pois significava que a tradução se aproximava bastante do original. A maioria dos tradutores não teriam coragem de fazê-lo porque aí correm o risco de serem vistos como um mau tradutor, como alguém que não conhece a sua própria língua./ Os gramáticos dizem de Rosa que ele ofende a gramática e a sintaxe com tamanha violência que não é mais português. Eu admito que na minha tradução a linguagem é muitas vezes estranha, mas ainda não tão estranha quanto o original, pois desse nunca se pode aproximar. (W1991γ: 376)

O primeiro mandamento da pessoa August Willemssen é: tenha consideração mútua. E o do tradutor: respeitar o original./ Também nisso, Willemssen é mais severo do que muitos de seus colegas. Se achar necessário, ele traduz em holandês “esquisito”. Sobre o romance que ele tem em mãos agora [*Grande Sertão: Veredas*, de João Guimarães Rosa]: “Eu [e não “Em” (sic)] acho que devo produzir com o holandês o mesmo efeito que Rosa produziu no leitor brasileiro. E este diz: ‘Que português estranho!’ – muitos brasileiros não gostam de Rosa.” (Willemssen numa entrevista de Sebas Faber: W1992u; Faber 1992)

Sempre houve tradutores, como Pé Hawinkels, que tinham uma visão totalmente particular sobre tradução. Hawinkels serviu-se da obra de Thomas Mann como se fosse seu próprio livro. Esse modo de traduzir é obsoleto. Nos anos trinta, autores como Slauerhoff e Marsman, com um conhecimento bastante imperfeito de línguas estrangeiras, lidaram de uma maneira muito peculiar com textos alheios. Penso que Nijhoff lançou a moda da nova tradução em que fidelidade ao texto é combinada com inventividade. [...] / É só da última década que também se procura fazer justiça ao autor. (W1993h)

Traduzir bem é permanecer o mais fiel possível ao original, em um holandês tão bom quanto possível. Mas August Willemssen não está satisfeito com a sua resposta: “O que é traduzir? É uma pergunta que todo tradutor ouvirá sua vida inteira e para a qual ele, se for um bom tradutor, nunca poderá dar uma resposta concisa e satisfatória.” (Willemssen numa entrevista de Jeroen Heuvel: W1995e; Heuvel 1995)

O ato de traduzir se parece muito com o ato de representar no teatro, acha Willemssen [...]. Em ambas as disciplinas a autonegação é muito importante: “Traduzir é: escrever assim como o autor teria escrito se ele falasse a sua língua. Você deve ter uma ‘mentalidade de tradutor’, um tipo de modéstia para poder seguir o escritor. E esquecer-se de si próprio, isso também um ator deve fazer.” (Willemssen numa entrevista de Iris Pronk: W2006d; Pronk 2006)

[O tradutor] deve começar com leitura, diz Willemssen, uma leitura bem precisa, mas também “uma leitura musical”: “Deixar-se embalar pelas palavras.” A seguir, o tradutor deve analisar o texto para entender as particularidades: varia o escritor, por exemplo, entre linguagem de livro e linguagem da rua? É de propósito que aquela sentença é agramatical? O autor escreve um “português esquisito”? A tradução, nesse caso, deve ser em “holandês esquisito”. (idem)

Resumindo, respeitar o original e fazer justiça ao autor significam assim respeitar tanto o “vocabulário do escritor, sua alternância entre sentenças longas e curtas, sua divisão de parágrafos, de capítulos” quanto o “aspecto estético”, que constitui uma parte do significado. Além disso, trata-se de permanecer tão fiel ao original quanto possível, aproximar-se do original tanto quanto possível ou escrever como o autor teria escrito se este

falasse a língua alvo. E ao fazê-lo Willemsen teve muita coragem. Quando o texto original estava escrito em uma linguagem “esquisita”, ele escrevia (traduzia) também em um holandês “esquisito” pois o holandês devia produzir o mesmo efeito que o autor original produziu no seu leitor.

Além disso, vieram à luz alguns outros aspectos da poética tradutória de Willemsen. Em primeiro lugar, a distinção que ele faz, por exemplo, entre a tradução de textos técnicos e a de textos literários. Em segundo lugar, a concepção de que o tradutor deve produzir, com a sua tradução holandesa, o mesmo efeito que o autor produz em relação ao leitor do texto de partida. Em terceiro lugar, a relação entre estratégia tradutória e autor: ao traduzir Guimarães Rosa o tradutor tem de tomar liberdades, enquanto ele pode ficar mais próximo do original quando se trata de Machado de Assis. Examino a seguir esse último aspecto.

4.3 Atrever-se a tomar liberdade

Sobre a sua maneira de traduzir Willemsen se expressou, como já mencionado (4.1), em termos de tomar mais liberdades ou tomar menos liberdades: “Naquela tradução [*Meesters der Portugese Vertelkunst*] tomei mais liberdades do que tomo agora” (W1986j: 169). Por essa razão apresento a seguir o ponto de vista de Willemsen concernente ao dilema clássico livre-literal e o modo como ele usou os termos “livre” e “literal” em um contexto mais amplo.

Também já foi mencionado (4.1) que Willemsen (W1978f: 36) via a tradução livre como uma “desculpa para pobreza de linguagem”. E na conversa com Van Deel em 1986, Willemsen se refere novamente à clássica discussão sobre a tradução “literal” e “livre”:

Tradução literal é impossível, pois cada língua trilha diferente. E a tradução “livre” é uma desculpa para pobreza linguística, ou negligência, ou preguiça, ou a não consulta de dicionários, ou a fé em um excesso de criatividade. (W1986j: 160)

Um ano mais tarde ele volta a discutir esse dilema em *De taal als bril* [A língua como óculos] (W1987a: 31-32):

Livre ou literal? Gostaria que soubesse o que era isso, senão uma irritante e normalmente difundida simplificação do que é a tradução – ou deveria ser. Tradução literal é impossível, pois uma língua, muito simplesmente, não é a outra, e toda a ideia da tradução livre (“diga em suas próprias palavras, o

que você *sente* por elas, você sabe, né, só para as pessoas conseguirem entender”, e assim por diante) foi inventada por, e para, pessoas que precisam de uma desculpa para sua pobreza bilíngue.

E Willemsen prossegue mostrando o absurdo da pergunta e a insolubilidade do dilema com base em uma tradução que fez de um poema de João Cabral de Melo Neto.

Apesar desse ponto de vista, Willemsen continuou usando ambas as palavras – “literal” e “livre”. Na conversa com Van Deel (W1986j: 160), Willemsen explicou por exemplo como ele trabalhava. Na primeira fase da “tradução rudimentar” ele alterna seu olhar num constante vaivém entre o original e sua tradução, introduzindo continuamente modificações. “Depois”, diz ele,

largo o texto e só modifico ainda aquilo que ao meu gosto é melhor holandês ou aquilo que combine melhor. O tom, o tom do escritor, isso, nessa altura, tenho bem na minha cabeça. [...] Bem no fim, quando o livro já está pronto, vejo então se essas últimas modificações não se afastam demais do original. Esse é portanto o último controle: pode ainda isso? Não fui livre demais?

Willemsen não acredita, portanto, nos dois extremos da dicotomia “literal” e “livre”: a tradução literal é impossível e a tradução livre “demais” não é desejável. Para dar uma ideia mais completa da opinião de Willemsen quanto ao dilema livre versus literal deixo abaixo algumas citações.

Todo esse retalhar de sentenças, atamancar de sentenças, deixando seu próprio gosto e fantasia prevalecer sobre os do escritor – isso não é tradução livre, isso não é tradução nenhuma, isso é adaptação, “livre conforme esse-e-aquele”. (W1986j: 160)

Acho que se você, o que nunca fiz, traduz teatro, que você então se deve permitir liberdades, porque um texto falado inevitavelmente exige outras condições. E totalmente, no caso de textos cantados. Fiz isso uma vez, e foi di-fi-cí-li-mo, justamente porque eu tinha dificuldade em me permitir a tomar essas liberdades necessárias. Deve ter rima, e não se pode mexer com o número de sílabas, pois isso é determinado pela melodia. Tenho a maior admiração pelas pessoas que das canções da *Vila Sésamo* conseguem fazer canções holandesas legais. Fico realmente pasmado com isso. (W1986j: 161)

Tome Rosa, Guimarães Rosa. Esse homem lida muito livremente com a linguagem, faz de tudo que não é “permitido”. Ele brinca com a linguagem, cria novas palavras, desmembra palavras, e ele constrói dessa maneira uma linguagem que é difícil para quem leia racionalmente, e que só se pode ser lida se você esquecer o que aprendeu, mas isso, é claro, você deve ter aprendido primeiro. E isso me dá,

o que é paradoxal mas é verdade, uma liberdade, na realidade, maior do que em relação a escritores “normais”. Dá-me a liberdade de me exceder no holandês, afastando-me muito mais do original do que ousaria fazê-lo numa tradução de Machado. Se apenas conseguir o seu efeito, o onírico, associativo, musical, poético. (W1986j: 167)

[...] uma liberdade que corresponde totalmente ao estilo e teor do original, e que além disso é uma solução bonita para o dado de que o português não possui duas palavras para *avond* e *nacht*: ambas são “noite”. (W1991p)

Rosa tem uma linguagem muito barroca. Ao traduzi-lo, você, como tradutor, *deve* certamente tomar liberdades. Machado, por exemplo, escreve de modo bem mais simples, disso posso ficar bem próximo, enquanto mesmo assim resulta, sem qualquer esforço, em um bom holandês. Rosa apresenta problemas novos a cada página. Isso às vezes me endoidece./ [...] O que estou escrevendo no momento, sobre isso penso de vez em quando: o que devemos fazer com isso. Talvez possa ser assim no português, mas não no holandês. Ou preciso ter agora a coragem de deixá-lo assim, com o risco de que as pessoas digam: “Quem foi o desmazelado que produziu isso?” (W1992u: 12-13)

Como tradutor, você deve, falando em geral, saber precisamente o quê significa o quê. Ao traduzir Rosa tive uma certa liberdade, pois ele usa palavras novas e uma linguagem poética. Em primeira instância não fui lê-lo gramaticalmente, mas fui simplesmente lendo de relance até me ficar claro e entender o que ele queria dizer. Trata-se da música na sua linguagem, ela é mais importante do que o puro significado. (W2000d)

E o que fazer com uma aliteração (rima no início de palavras)?/ Willemsen dá um exemplo: num conto de João Guimarães Rosa deparou-se com a expressão portuguesa “bátegas de bênçãos”, que literalmente significa algo como “*slagregens van zegeningen*” em holandês. Isso, ele acha bom mas feio: “E também não tem a aliteração do original. Então pensei no que às vezes dizemos quando chove muito forte: ‘*Het regent dat het zeikt*’ [literalmente: Chove que até mijja]. E assim cheguei a ‘*een zeiken van zegeningen*’ [literalmente: uma mijada de bênçãos]./ Esse tipo de liberdades é permitido, não, o tradutor deve permitir-se a tomá-lo, acha Willemsen, desde que seja compatível com o espírito do escritor. (Willemsen numa entrevista de Iris Pronk: W2006d; Pronk 2006)

Portanto, o dilema livre-literal é, segundo Willemsen, uma “simplificação daquilo que é tradução”. Tradução literal é impossível pois uma língua não é a outra. Quanto a tradução livre, Willemsen é contra traduções que são abordadas de uma maneira livre demais, sendo, por conseguinte, mais adaptações do que traduções propriamente ditas. O próprio Willemsen preocupou-se em não traduzir de um modo excessivamente livre, para não se distanciar demais do original. Ao mesmo tempo, ele reconhece que o tradutor em determinadas

situações não tem outra escolha senão a de se permitir tomar as liberdades necessárias. Nas citações acima foram mencionadas, entre outras coisas, tipos especiais de textos como textos teatrais, letras de música e poesia, bem como textos em que o autor aborda a linguagem de um modo criativo e livre ou em que a música é mais importante do que o puro sentido. Essas liberdades podem e devem ser tomadas “desde que seja compatível com o espírito do escritor”. “Espírito” significa às vezes “rima e número de sílabas”, outras vezes “efeito”, ou “estilo e teor”, ou “música”, dependendo do gênero do texto e/ou estilo do autor. O tamanho da liberdade que Willemsen tomava, dependia do autor e do texto em questão. Machado de Assis, por exemplo, pode ser traduzido mais literalmente do que Guimarães Rosa, pois ao traduzir este último escritor devem ser tomadas mais liberdades, caso o tradutor queira fazer justiça ao autor. Aqui vejo novamente a multiformidade do dilema entre as lealdades, que examino na próxima seção.

4.4 Empurrar o escritor garganta adentro do leitor

A expressão “uma das formas do dilema” (W2001g) que se encontra em uma das citações em 4.1 sugere que o dilema, ou seja, o dilema tradutório sobre as duas lealdades, pode apresentar mais de uma forma. A ponderação para alcançar o equilíbrio ideal, situação essa em que é feita justiça tanto ao autor quanto ao leitor, variava no caso de Willemsen conforme o texto e principalmente conforme o escritor. Ele comentou frequentemente que ele não traduzia um livro mas um escritor, não traduzia um poema mas um poeta. E esse aspecto da poética tradutória vai de mãos dadas com uma outra característica do modo de traduzir de Willemsen, isto é, sua abordagem científica representada por seus posfácios dos quais Willemsen (W1991γ) sempre fez acompanhar suas traduções:

[...] eu me aprofundo totalmente na vida e na obra do poeta. Isso implica uma outra maneira de trabalhar. Não só traduzo o poeta, mas o empurro garganta adentro do leitor com o auxílio de posfácios e outras informações. Não traduzo um poema mas um poeta.

Da mesma forma, na sua palavra de agradecimento ao receber em 1983 o Prêmio Martinus Nijhoff de Tradução, Willemsen (W1983a: 12) dedicou atenção a esse aspecto científico da tradução:

No entanto quero ressaltar que, na minha opinião, o aspecto artístico e criativo da tradução é muitas vezes por demais enfatizado. O artístico deveria apenas ser visto como condição necessária, e criativo, o trabalho do tradutor não é, porque ele escreve obra alheia. Não que isso seja fácil. Impõe-se ao tradutor a curiosa condição de que ele deve conhecer o que o escritor conhece. Ele deve estar familiarizado com o país do escritor e, naturalmente, com a língua desse país. Mas também com a região ou a cidade do escritor e suas particularidades linguísticas. Com a época do escritor, a história de seu país, a literatura e a tradição literária particular em que ele eventualmente tem seu lugar. Com outros países, literaturas, artes, enfim: com tudo a que o escritor, direta ou indiretamente, se refere. O tradutor deve conhecer o que o escritor leu, deve estar a par das influências e preferências literárias e, na verdade, da vida inteira do escritor. Ele deve conhecer o que foi escrito sobre o autor. E tudo isso novamente a cada outro autor. Escrever obra alheia exige, portanto, além de certa erudição, uma sólida preparação científica. Por isso chamo o trabalho do tradutor de uma forma de ciência aplicada – um aspecto que gostaria de mencionar brevemente, porque isso, mesmo pelos tradutores, é raramente, ou nunca, indicado, em grande contraste com o “criativo”. Por quê? Talvez porque o investimento científico na própria tradução seja invisível; talvez porque seja mais fácil parecer criativo do que ser científico.

Parecem requisitos muito rigorosos, quase inatingíveis, o que Willemsen exige de um tradutor. É interessante, contudo, que ele, no decorrer dos anos, se tornou mais tolerante em relação a outros tradutores quanto a esse aspecto do estudo prévio e trabalho de campo: “Não sei se isso *tem de ser feito* – há muitos tradutores que não o fazem.” (W1992u: 12) Mas em relação a si próprio continuou inalteradamente a exigir altos requisitos. A prova mais forte disso são os posfácios que demonstram ser frutos de uma pesquisa ampla sobre a obra e o autor a serem traduzidos.

Esses posfácios – ensaios com um caráter introdutório e interpretativo – ocupam um lugar especial na obra de Willemsen. Na verdade, os posfácios fazem parte de sua poética tradutória no sentido de que refletem o crescente respeito de Willemsen pelo original (W1985c):

começou [...] com aqueles contos portugueses. Fui, mais tarde, escrever cada vez mais posfácios, que também se tornaram cada vez mais extensos, porque eu mesmo fiquei cada vez mais consciente do valor daqueles autores, do quão importante eu os achava e do quão desconhecidos eles eram aqui [na Holanda].

Além disso, Willemsen (W1993h) pôde expressar aqui o que ele não se permitia em suas traduções:

Eu tento acrescentar o menos possível ao original, eu sou um meio. Mas sou também, ao mesmo tempo, uma pessoa imensamente teimosa. Na tradução procuro ser modesto, a teimosia está no posfácio, em *Grande sertão*, quarenta páginas. Todas as minhas traduções são providas de um posfácio e estes são todos um tanto pedantes.

Esse tom nem sempre caiu bem entre as pessoas:

Fui censurado uma vez por causa dos meus posfácios. Algumas pessoas os acham um tanto intrometidos e presunçosos: “O Doutor pretende dizer o que nós temos de achar daquele escritor.” É óbvio que não era essa a intenção dos posfácios./ Tenho necessidade de fazer um escritor acessível. Não me considero apenas seu tradutor, mas *transmissor*. A historinha que acompanha é também um fruto do meu “trabalho de campo”. (W1992u: 12)

Pelos seus posfácios Willemsen distingue-se da maioria dos seus colegas profissionais que não acompanhavam as traduções de um posfácio. Ele expressou por vezes seu espanto (W1988h): “Como se pode traduzir García Márquez ou Vargas Llosa sem situá-los, sem interpretá-los? Eu tenho necessidade de fazê-lo”. Mais tarde (W1992u: 12): “Admira-me um tanto que tão poucas outras pessoas o façam. Traduz-se muito ‘ao acaso’”. O próprio Willemsen (W1986g: 106) queria compartilhar com o leitor o conhecimento que tinha adquirido e a opinião que tinha formado do escritor e da obra durante o processo de tradução:

Sempre achei lógico escrever esses posfácios. Eu traduzo escritores que são desconhecidos aqui e que antes eram desconhecidos para mim também. Parto do princípio de que o leitor queira saber as coisas sobre um escritor e seu trabalho que eu quis saber. [...] O ato de traduzir [...] força a gente a ler de modo bastante preciso. Através disso você forma uma ideia sobre a obra, você percebe porque acha bom uma história ou um poema. Os posfácios que eu escrevo, representam uma espécie de esclarecimento do processo mental com o qual me ocupei durante a tradução. Por isso eles são uma mistura de informação e de uma interpretação pessoal.

Os posfácios de Willemsen são resultados de pesquisas bem sólidas que muitas vezes tomam a forma de um verdadeiro trabalho de campo. Como preparação à tradução de *Sans famille*, de Hector Malot, visitou por exemplo o lugar de nascimento do autor e adquiriu bastante material através da bisneta do autor. Willemsen (W1999f: 15): “Com certa frequência fui à busca dos vestígios dos escritores. Por curiosidade. Isso faz parte do trabalho tradutório, acho eu.” Na realidade Willemsen fez muitos trabalhos de campo para investigar

os vestígios de muito mais escritores, dos quais os trabalhos sobre Euclides da Cunha e Graciliano Ramos estão amplamente descritos em *Braziliaanse brieven* [Cartas brasileiras] (W1985k). Até mesmo para um artigo sobre a poesia portuguesa recente, partiu para Portugal com o objetivo de coletar material no próprio lugar (W1977b: 72). Além do mais, Willemsen manteve contato, tanto pessoal quanto por correspondência, com muitos dos autores contemporâneos que traduziu, entre os quais: Dalton Trevisan, Carlos Drummond de Andrade, Lêdo Ivo e Chico Buarque de Holanda. Essa correspondência merece, sem dúvida, pesquisa futura. Willemsen fez muitos comentários sobre problemas de tradução em suas cartas, por exemplo, a Drummond de Andrade.

Como Willemsen conhecia bem os seus escritores, ele sabia, melhor do que ninguém, onde devia dar prioridade quando ele, a cada tradução, fazia a ponderação entre os interesses de ambos os partidos envolvidos, isto é, o autor e o leitor. Essa ponderação teve sempre uma base científica. Para traduzir um poema singular, Willemsen lia não só o poema mas o livro inteiro e efetuava uma vasta pesquisa sobre a obra e a vida completa do autor. Ele situava a obra e o seu escritor dentro de um contexto literário, social e cultural mais amplo e, nos seus posfácios, compartilhava esse conhecimento com o leitor. Essa atitude tinha tudo a ver com a convicção de Willemsen de que um tradutor é também um transmissor e que ele traduz não só uma obra individual (poema, conto ou livro), mas um autor. Os posfácios tinham ainda uma função compensadora. Eles propiciavam um lugar à sua “teimosia” da qual Willemsen não podia se desfazer na tradução. Através dos posfácios ele se fez, sem dúvida, mais visível como tradutor.

Até agora foram discutidos quatro aspectos da visão tradutória de Willemsen. Primeiramente o dilema tradutório fundamental no qual ele buscou um compromisso entre a lealdade ao autor e a lealdade ao leitor. Em segundo lugar, o crescente respeito pelo original, em outras palavras, o deslocamento que ocorreu na maneira de traduzir de Willemsen, ou seja, de uma maneira mais livre de traduzir para uma maneira mais literal. Em terceiro lugar, a necessidade e a coragem de tomar liberdades em situações especiais como a tradução de poemas, peças de teatro e letras de música. Para o segundo e terceiro aspectos, parece que Willemsen tomou um exemplo em Nijhoff que combinava fidelidade ao original com inventividade. E por último, os posfácios como expressão de: (1) sua abordagem científica que servia de base para as decisões relativas ao dilema fundamental das lealdades e (2) sua visão de que ele traduz não um poema mas um poeta.

4.5. Tradução de poesia

Willemsen distinguiu-se não só pelos seus posfácios mas também pelas suas inúmeras traduções de poesia. A acessibilidade da poesia de língua portuguesa ao público leitor holandês deve-se na maior parte a Willemsen. Porém, ele não só fez a poesia acessível mas também acrescentou poesia nova à poesia holandesa. Willemsen (W1991γ: 376): “O maior elogio que recebi até agora, foi de Kees Fens²⁶. Ele disse que se acrescentou poesia à poesia holandesa que já tínhamos. É verdade que é poesia de uma outra pessoa, mas ela não existia antes no holandês e agora sim. Isso dá satisfação.” A seguir examino os comentários de Willemsen relativos à tradução de poesia. Como o desenvolvimento de Willemsen consiste em um dos focos mais importantes na exploração de seus documentos primários, começo com as mudanças mais importantes que ocorreram em relação à tradução poética.

A primeira mudança se deu nas traduções de Carlos Drummond de Andrade. Na “Justificativa” da tradução dos *Gedichten* [*Poemas*], publicada em 1980, Willemsen explica a intraduzibilidade do jogo de palavras *amar-amaro* e a omissão de alguns poemas nessa coletânea:

Traduzibilidade é [...] um conceito extensível. Mas não ilimitadamente extensível. Traduzir é um ofício árduo de deslocar os limites de seus próprios compromissos, mas não importa o quão sem caráter a gente seja, um jogo de palavras como “amar-amaro”, o título do grupo temático sobre o amor e de um poema notável em *Lição das coisas*, com o significado literal em holandês de “*liefhebben-bitter*”, continua absolutamente intraduzível: o auditivo também conta. Esse problema revelou-se continuar influenciando quase todo o grupo temático: sucedeu-se a situação “impotencializadora” de que o aqui onipresente verbo português *amar*, totalmente normal, dissílabo, transitivo, pode ser adequadamente traduzido em francês, alemão e inglês, mas que as possibilidades em holandês como *liefhebben*, *beminnen* ou *houden van* frequentemente não eram utilizáveis por razões de ordem de palavras (divisão necessária de palavras em neerlandês), ritmo ou até significado lexical (ambiguidade acidental)./ Essa impossibilidade objetiva e inalterável, determinada pela natureza das línguas, de preservar na tradução um mínimo de sonoridade e ritmo, portanto, poesia, é uma das razões da omissão, nessa edição, de alguns poemas e da representação desigual dos temas. (W1980e: 267-268)

Seis anos depois, em 1986, Willemsen chega a traduzir não só o jogo de palavras “amar-amaro” mas também o poema inteiro com o mesmo título. Aliás, os poemas amorosos

²⁶ Kees Fens (1929-2008) foi crítico literário, ensaísta e colunista holandês. Pela mídia holandesa foi considerado “o mais importante crítico literário do século XX”. Ganhou muitos prêmios, dentre os quais, o P. C. Hooftprijs, um dos prêmios literários mais importantes da língua neerlandesa. (Em: <http://www.nrc.nl/boeken/2012/03/16/bibliotheek-van-kees-fens-online/>; <http://www.dbnl.org/auteurs/auteur.php?id=fens001>; http://nl.wikipedia.org/wiki/Kees_Fens).

também seriam traduzidos ainda mais tarde, em 1992, para a coletânea *De liefde, natuurlijk* (*O amor natural*). No ensaio que acompanha a tradução do poema *Amar-amaro* Willemsen (W1986d) explica porque não naquela época e agora sim. Isso tem a ver com a liberdade que ele se permite tomar agora:

Talvez o meu escrúpulo dantes tenha sido um tanto exagerado. Talvez tenha falhado também em inventividade ou não me tenha permitido tomar a liberdade, se é que eu a tinha, por vezes necessária. Onde está o limite entre língua e linguagem? O tradutor está constantemente ocupado com isso. Todo dia ele se pergunta se deve dizer “*ik hou van je*” (para quem?), “*ik heb je lief*” (como não parecer ridículo?) – e “*ik bemin je*” soa completamente antiquado. Será que o amor em português é mesmo assim tão diferente, ou a diferença não é tão grande assim quanto pensamos? É evidente que o tradutor deve saber esse tipo de coisas, mas na prática não faz muita diferença: assim como andorinhas copulam no ar, ele deve trabalhar com as palavras de sua língua. É com isso que ele prefere trabalhar. Mesmo admitindo que a essência é a mesma, acho, queira ou não queira, mas simplesmente porque sou holandês, que a palavra “*liefde*” é mais bonita do que a palavra “amor”. Isso é inexplicável. Eu também entendi isso só mais tarde (só agora). É por isso que é só agora também que deixei aquele escrúpulo de lado. Se amar é amaro, ora pois, vamos lá, então *liefde is lastig* [amor é difícil/ incômodo].

O importante aqui é a constatação de que Willemsen, depois da tradução dos *Gedichten* [Poemas] de Drummond de Andrade de 1980 e, com certeza, a partir do já mencionado ensaio de 1986, se permitiu tomar mais liberdades ao traduzir poesia.

A segunda mudança em sua concepção de tradução poética ocorreu em relação à coletânea de *Gedichten* [Poemas] de Fernando Pessoa, que foi lançada em 1978 e mais tarde, em 1982, foi revisada e reimpressa. Como já indiquei anteriormente, a primeira edição dessa tradução representa uma das publicações que introduzem uma nova fase no modo de traduzir de Willemsen. Porém, um pouco antes de sua morte, Willemsen (W2007b) pareceu não estar mais de acordo com essa tradução. Ele não estava mais satisfeito, particularmente, com a tradução de Ricardo Reis, um dos heterônimos de Pessoa, e com a tradução dos poemas ortônimos, ou seja, poemas escritos sob o próprio nome de Pessoa. Em 2002 a coletânea de *Oden* (*Odes*) de Ricardo Reis (Fernando Pessoa) foi publicada como parte da biblioteca pessoana. Willemsen planejava trabalhar também com a obra ortônima de Pessoa como fecho do projeto pessoano, mas isso ele não conseguiu realizar. Parece que havia planos de Harrie Lemmens se encarregar da tradução desses poemas ortônimos (Schreij 2009: 88, versão portuguesa). Se ele o fez, não me é conhecido. O que me é conhecido é que em 2009 a décima reedição revisada da coletânea *Gedichten* [Poemas] de Pessoa foi publicada postumamente.

Aí se encontram os poemas ortônimos e as “Odes” de Ricardo Reis. A “Justificativa” desta nova edição não indica se os poemas foram retraduzidos ou não. O caráter da revisão permanece vago. As razões da insatisfação de Willemsen relativa às traduções dos poemas ortônimos de Pessoa continuam portanto um enigma. Talvez tenham algo a ver com o fato de que ele, na época em que saiu a segunda edição revisada em 1982, tomava menos liberdades do que ele o faria mais tarde.

Sabemos agora que Willemsen, num determinado momento entre 1982 e 1986, mudou de estratégia tradutória, fazendo uso de uma abordagem mais livre na tradução de linguagem poética. No artigo “De schrijver van andermans werk” [O escritor de obra alheia] que publicou na revista *New Found Land* de abril de 1983 (W1983d: 65)²⁷ pode-se ler que já nessa época defendia a tomada de liberdades necessárias na tradução de poesia. Posteriormente, a visão tradutória de Willemsen relativa à poesia em geral não sofreu mais grandes mudanças. Segundo Willemsen (W2006d) tradutores de poesia devem escolher entre o fraseado e o vocabulário do poeta, isto é, o conteúdo, de um lado, e a forma do poema original, de outro lado. Preservar ambos, conteúdo e forma, é impossível:

Seguir precisamente o vocabulário do original e ao mesmo tempo rimar (e eventualmente manter uma métrica) é impossível. Se o tradutor optar pela rima, então terá que se permitir liberdades na escolha de palavras. (W2006d)

Willemsen sempre preferiu a última opção: já na sua primeira tentativa de tradução poética traduziu um poema rimado com uma tradução rimada. Embora essa escolha tenha sido inicialmente intuitiva, Willemsen (W2005g: 22) pode imaginar dois argumentos fortes a favor:

[...] um argumento que eu tinha [...] é que quando o poeta tinha optado por uma forma rimada e/ou métrica, eu, como tradutor, devia respeitar essa escolha, e quando o poeta provinha de uma época em que era costume poetizar com rima e métrica, então eu devia respeitar essa época. Mas mais forte pesou um outro argumento: em diversas oportunidades, no Poetry International, conversei sobre isso com alguns poetas, e eles declararam sem exceção que eles davam preferência a uma tradução que também fosse *um poema*, o que significava, entre outros: original rimado, então uma tradução rimada também – com todas as liberdades a nível de palavras que o tradutor inevitavelmente teria de tomar.

²⁷ Esse texto foi incluído mais tarde na coletânea de ensaios *De taal als bril* [A língua como óculos](1987); cf. W1984h (Apêndice 3).

Na prática, essas liberdades tomadas por causa da rima e métrica estendiam-se também até a ordem das palavras, construção de sentenças, ordem dos versos, mas isso, segundo Willemsen (W2005g: 23), não precisa ser grave desde que “o *tom* e o *teor*, a *intenção* do poeta, sejam preservados”. Da mesma forma, ele acha que “se [ele] com isso pode chegar mais perto do específico [em teor e tom] do original, [está] autorizado a fazer compromissos relativos a rima e métrica, isto é, introduzir de vez em quando um pé extra clandestinamente, alterar um esquema de rima (abba no lugar de abab), ou substituir uma rima externa por uma assonância” (W1987a: 23). Portanto, uma ponderação para chegar a um compromisso entre conteúdo e forma.

Com a sua escolha de traduzir com rima uma poesia rimada, Willemsen distingue-se não só de Vladimir Nabokov e Robert Lemm, que foram citados pelo próprio Willemsen (W2005g: 22), mas também de Bly (1984: 87) que não considera muito importante a preservação da rima no final do verso. Apesar de Willemsen ser a favor da manutenção da forma (rima e/ou métrica) de um poema, achava que a decisão para traduzir com, ou sem, rima, dependia do tipo da poesia. Frans van Dooren, por exemplo, o tradutor holandês da *Divina comédia*, fez, segundo Willemsen (W1991γ: 375), a escolha correta ao traduzir sem rima, pois no caso de Dante o conteúdo “prevalece sobre o esquema métrico e rítmico”.

Sobre o grau de dificuldade na tradução de poesia rimada, Willemsen (W2001g) era de opinião de que quanto mais sílabas em relação à quantidade de sons que rimam, tanto maior as chances de o tradutor conseguir traduzir bem:

O soneto clássico tem, na verdade, um esquema de rimas complicado, mas como na maioria das vezes apresenta versos relativamente longos (cinco, às vezes, seis pés), o tradutor tem a possibilidade de mexer com a ordem das palavras, antes que ele chegue novamente a uma rima. Há relativamente muitas sílabas em relação ao número de sons que rimam./ Mas é diferente, mesmo oposto, no caso de formas tradicionais como o rondó, ou a redondilha: estrofes de cinco versos com três pés, com apenas duas rimas por estrofe. Quadras curtas de versos com três sílabas tônicas e um esquema de rimas como por exemplo abba ou abab também são o desespero do tradutor: aqui há, diferentemente do soneto e outras formas de versos longos, relativamente poucas sílabas sobre a quantidade de sons que rimam. Por causa disso, não levarei a mal a ninguém que, para que fique tão próximo quanto possível do original para manter rima e métrica, trapaceie um pouco com o esquema de rimas e faça daquilo por exemplo abcb./ É uma das formas do dilema diante do qual o tradutor se acha sempre colocado: ter de ponderar entre sua lealdade ao autor e sua lealdade ao leitor.

Quando não é possível traduzir um poema como poema, Willemsen oferece ao leitor uma *werkvertaling* (tradução em construção), uma representação só do conteúdo do original, em um “Apêndice”, com informações complementares sobre as dificuldades tradutórias, como o fez na tradução da coletânea *O amor natural* de Drummond de Andrade (W1992q: 105). É mais uma demonstração da grande lealdade dedicada a ambos, o autor e o leitor.

Quanto à tradução de poesia, Willemsen mostrou um desenvolvimento no sentido de se permitir tomar cada vez mais as liberdades impostas pela necessidade, algo que defendeu a partir de mais ou menos 1983. Essa transformação pode ser considerada como o segundo ponto de mudança da estratégia tradutória de Willemsen. Seu ponto de partida continuou sendo, contudo, o respeito pelo autor do original. O fato de ele querer traduzir poesia rimada com rima é uma prova disso.

5. RELAÇÃO COM O DISCURSO TRADUTÓRIO NA HOLANDA

Ao examinar os documentos primários de Willemsen, vieram à luz cinco pessoas a quem ele se referiu explicitamente: Renan, Taine, W.C. Atkinson (1902-1992)²⁸, Martinus Nijhoff (1894-1953)²⁹ e Paulo Rónai (1907-1992)³⁰. Nenhum deles faz parte do discurso tradutório internacional. Willemsen comenta sobre os dois primeiros filósofos franceses (W1984c): “Também no século passado pessoas como Renan e Taine ressaltaram a importância de uma tradução. Renan até disse que um livro não fica totalmente publicado se não for traduzido.” As três últimas pessoas eram tradutores literários de grandes obras. Atkinson verteu para o inglês *Os Lusíadas* de Luís Vaz de Camões em 1952; Nijhoff traduziu, entre outras obras, *Tempestade* de Shakespeare para o holandês em 1930 e Rónai traduziu *La Comédie Humaine* de Balzac para o português em 1994. De Atkinson, Willemsen (W1970a: 10-11) adota o princípio da lealdade (veja 4.1): “Loyalty to one’s author is one thing, loyalty to one’s public is another.” De Nijhoff, a nova maneira de traduzir na qual “fidelidade ao texto é combinada com inventividade” (W1993h; veja também 4.2). E de Rónai, que Willemsen cita no seu posfácio da sua tradução de *Primeiras histórias (De derde oever van de rivier)* de Guimarães Rosa (W1977d), não é certo se ele exerceu influência sobre Willemsen. Sabe-se, sim, que eles se encontraram pessoalmente em 1984 mas que não conversaram sobre temas específicos de “tradutores entre si” (W1985k: 249).

Além desses filósofos e tradutores, Willemsen menciona também com frequência tradutores alemães de literatura brasileira, entre eles, Curt Meyer-Clason, na maioria das vezes em comparação com os tradutores americanos. Willemsen aprecia mais a abordagem dos tradutores alemães orientada à língua fonte do que a abordagem desses últimos baseada na língua alvo. Parece que Willemsen foi colecionador de traduções em todas as línguas de obras por ele também traduzidas. Possuía até traduções em chinês. Ao se preparar para suas traduções, Willemsen costumava consultar as traduções em outras línguas que ele dominava. Aqui se encontra certamente um interessante tema para pesquisa futura: comparação das traduções de Willemsen com as em outras línguas que ele conhecia bem (francês, espanhol, inglês, alemão), a fim de investigar a existência de eventuais influências.

²⁸ <http://www.newulsterbiography.co.uk>

²⁹ Veja Naaijken 1996 e <http://www.dbnl.org/auteurs/auteur.php?id=nijh004>

³⁰ <http://www.dicionariodetradutores.ufsc.br/pt/PauloRonai.htm>

O fato de Willemsen ter sido mais influenciado por seus antecessores e colegas profissionais do que por teóricos, não surpreende, se considerarmos o exposto na introdução do capítulo 4, onde me referi à orientação prática de Willemsen (W1988b): “Sou um homem da prática, não sei nada de teoria literária, linguística ou Estudos da Tradução.”. Tal comentário vindo de um homem tão erudito não deve, de maneira nenhuma, ser tomado ao pé da letra. Em uma de suas colunas para o diário *Het Parool*, Willemsen (W1991z) escreveu o seguinte sobre a Ciência da Literatura e os Estudos da Tradução: “quanto a isso não tenho nada a acrescentar ao que já foi dito sobre isso por todos os tradutores”. Isso parece estar mais perto da realidade. Willemsen tinha aparentemente pouco interesse para o lado teórico da literatura e da tradução. Mas isso não quer dizer que as suas concepções formadas a partir da prática tradutória nada tenham a acrescentar. Pelo contrário. A revelação de sua completa poética tradutória tem muito a oferecer ao campo da tradução. Esta pesquisa é apenas, esperamos, um primeiro passo na direção certa.

Prosseguindo, examinarei como as concepções tradutórias de Willemsen reveladas na minha pesquisa se relacionam ao discurso tradutório corrente na Holanda. É mais fácil, no entanto, falar do que executar, pois sobre as ideias e concepções tradutórias influentes na segunda metade do século vinte na Holanda ainda terá de ser escrito. Ademais, nessa tese MA foi examinado apenas o aspecto da poética externa de Willemsen. Portanto limitar-me-ei aqui a confrontar as ideias de Willemsen com as de dois colegas-tradutores. Mas antes disso tento visualizar a posição de Willemsen no contexto mais amplo da tradição tradutória na Europa Ocidental.

A abordagem orientada à língua fonte advogada por Willemsen e seu grande respeito pelo autor e texto originais apresentam muita semelhança com o método de alheamento³¹ favorecido por Schleiermacher em seu ensaio “Ueber die verschiedenen Methoden des Uebersetzens” (Dos diferentes métodos de tradução)³² datado de 1813. Segundo este, há duas maneiras de traduzir: “Ou o tradutor deixa o autor o mais possível em paz e leva o leitor ao seu encontro, ou deixa o leitor o mais possível em paz e leva o autor ao seu encontro”³³ (Schleiermacher 1813, traduzido em Schleiermacher 2011). Schleiermacher privilegiou a primeira estratégia, o que significa respeitar o original e o estranho. A mesma posição tomou

³¹ No sentido e terminologia de Mary Snell-Hornby (2004), na tradução para o português de Reichmann & Moreira (Snell-Hornby 2012). Nesse artigo, intitulado “A ‘estrangeirização’ de Venuti: O legado de Friedrich Schleiermacher aos Estudos da Tradução?”, Snell-Hornby refere-se à dicotomia de Schleiermacher relativa aos métodos de tradução como “método de alheamento”, de um lado, e “método de familiarização”, de outro.

³² Tradução de Mauri Furlan em Schleiermacher 2011.

³³ Tradução de Mauri Furlan em Schleiermacher 2011.

Willemsen. O exemplo mais claro é *Diepe Wildernis: De wegen*, a sua tradução de *Grande Sertão: Veredas*, que é escrita em um holandês “esquisito” porque o texto fonte também está em português “esquisito”. Além disso, as referências culturais que Willemsen deixava sem traduzir falam também a favor dessa estratégia. Em suas traduções, ele sempre acrescentou um glossário ou notas explicativas esclarecendo esses itens de especificidade cultural. O leitor é portanto levado a entrar em contato com um mundo cultural que não é o seu próprio. Como já mencionado, Schleiermacher defendeu este método em 1813. Um século mais tarde, segundo Van Leuven-Zwart (1992: 24), Ortega y Gasset também se expressou a favor desse mesmo método no ensaio intitulado “Miseria y esplendor de la traducción”. Willemsen não faz referências a Schleiermacher, mas sim, embora brevemente, a Ortega y Gasset, como foi visto em 3.1. Se Willemsen conhecia, ou não, esse específico ensaio, não se pôde constatar nesta pesquisa, mas supõe-se que ele o tenha lido. De qualquer forma, Willemsen foi um tradutor que, principalmente depois de 1977-1978, transportou o leitor na direção do autor, e não o contrário. E nisso pode-se constatar que sua visão tradutória vincula-se à de Schleiermacher. Uma comparação entre as ideias tradutórias de Schleiermacher e Willemsen forma assim um interessante tema para pesquisa futura.

Agora dirijo a atenção para a Holanda. Para se ter uma ideia do lugar de Willemsen na tradição tradutória desse país compara-se a sua visão com a de dois outros tradutores que, como ele, atuaram na segunda metade do século vinte: Dolf Verspoor (1917-1994) e Pé Hawinkels (1942-1977). O cotejo basea-se no artigo intitulado “Pé Hawinkels – vertalen, drugs en rock & roll” da autoria de Koster (2010), onde se pode ler um perfil deste tradutor e sua poética de tradução. Para a poética tradutória de Verspoor utiliza-se o dossiê organizado no ano acadêmico 2009-2010 no âmbito do curso *Vertaling, cultuur en wetenschap* [Tradução, cultura e ciência] da Universidade de Utrecht.³⁴

Antes de prosseguir com o confronto dos princípios tradutórios de Willemsen com os de Hawinkels e Verspoor, apresento seus perfis como tradutores (veja Tabela 15). Os três eram talentos múltiplos que não só foram apreciados pelas suas produções tradutórias mas também como escritores. Eles eram considerados excelentes estilistas em holandês. Verspoor é o mais velho dos três e começou a traduzir em 1950. Quando Hawinkels e Willemsen estrearam como tradutores em respectivamente 1968 e 1970, Verspoor já era um tradutor

³⁴ A minha gratidão vai a Cees Koster, por disponibilizar o dossiê, e aos organizadores Tom van der Aalst, Nathifa Martina, Cora Sendon van de Weerd e Sanne van de Werk.

consagrado e laureado com uma carreira de aproximadamente 20 anos. Ele recebeu o Prêmio Martinus Nijhoff de Tradução em 1958. Tal reconhecimento recebeu Willemsen 25 anos mais tarde, em 1983. Hawinkels não ganhou o prêmio, mas com a sua tradução *De toverberg* (1975) de Thomas Mann foi considerado o maior favorito ao prêmio em 1976 (Verstegen 1985; Koster 1996). A qualidade tradutória desses três tradutores é, ademais, confirmada pelo grande número de traduções que levam seus nomes, entre as quais se encontram aquelas de grandes autores e obras.

Tabela 15: Perfil dos tradutores Verspoor, Hawinkels e Willemsen

tradutor	Dolf Verspoor	Pé Hawinkels	August Willemsen
vida	1917-1994 (77 anos)	1942-1977 (34 anos)	1936-2007 (71 anos)
outras atividades	dramaturgo publicista literário (artigos, ensaios, bibliografias) júri e presidente Prêmio Nijhoff presidente NGV (Associação Holandesa de Tradutores) organizador de concertos de jazz	poeta colunista crítico de música compositor de canções	escritor (obras autobiográficas) publicista literário (ensaios, artigos, colunas, resenhas de livros, críticas de traduções) professor universitário diretor de produção para televisão adaptador de peças teatrais ator júri Prêmio Nijhoff
carreira	1950-1994	1968-1977	1970-2007
Prêmio Martinus Nijhoff	vencedor 1958 poesia holandesa moderna em francês (e poesia espanhola, italiana e portuguesa em holandês)	favorito 1976	vencedor 1983 prosa e poesia de autores portugueses e brasileiros em holandês
obra	91 traduções	55 traduções	66 traduções em forma de livro
tipo de texto	poesia, teatro , romance	prosa literária, teatro, filosofia, Bíblia	prosa literária, poesia
autores traduzidos	García Lorca, Quevedo y Villagas, Neruda, Shakespeare, Camões, G.E. Lessing, C. Goldoni, A. Camus, A. Jarry, Gerrit Achterberg...	Thomas Mann, Herman Hesse, Aldous Huxley, Bertolt Brecht, Sófocles, William Shakespeare, Friedrich Nietzsche...	Pessoa, Machado de Assis, Guimarães Rosa, Ramos, Drummond de Andrade, Trevisan, Nuno Júdice, Rentes de Carvalho, Chico Buarque...
obra-mestra	<i>De okeren sonnetten van Quevedo</i> (1964)	<i>De toverberg</i> (1975)	<i>Diepe wildernis: De wegen</i> (1993)
língua fonte	espanhol , inglês, português, italiano, francês, alemão, holandês e malaio	alemão, inglês , grego clássico	português , francês, holandês
língua alvo	holandês, francês , alemão, inglês	holandês	holandês , português

Willemsen publicou 66 traduções de prosa literária e poesia em forma de livro, entre outros, de Pessoa e Machado de Assis (veja também Tabela 6). Hawinkels traduziu, por sua vez, grandes nomes como Thomas Mann, Hermann Hesse e Nietzsche, enquanto Verspoor traduziu, entre outros, os poetas espanhóis García Lorca e Quevedo. Hawinkels produziu mais de 55 traduções de obras prosaicas e peças teatrais (Koster 2010: 25) e Verspoor 91 de predominantemente poemas e peças de teatro³⁵. É evidente que os números aqui citados não são estritamente comparáveis mas mesmo assim são registrados com o fim único de ilustrar a grande produção tradutória dos três tradutores. Willemsen considerava, como mencionado anteriormente, *Diepe wildernis: De wegen* de Guimarães Rosa (quatro edições: 1993, 1995,

³⁵ Fonte: dossiê de Van der Aalst, Martina, Van de Weerd e Van de Werk.

2000, 2007) como sua obra-mestra. Segundo Koster (2010: 34), a obra-prima de Hawinkels é *De toverberg* de Thomas Mann (1975; 14^a edição em 2009). E Lemm³⁶ (1999: 183) considera, assim como muitos outros, *De okeren sonnetten van Quevedo* (duas edições: 1964, 1970) como o ponto mais alto da carreira de Verspoor.

Quanto à língua fonte, Verspoor e Willemsen traduziram a partir de várias línguas, mas Verspoor é mais conhecido como tradutor de espanhol e Willemsen, de português. Hawinkels também traduziu a partir de vários idiomas, com a diferença de que ele traduziu quase a mesma quantidade do alemão e do inglês. Ele foi o único que traduziu apenas para o holandês. Willemsen e Verspoor serviram-se de outras línguas alvo, a saber, português e francês respectivamente. O Prêmio Nijhoff que Verspoor ganhou, foi na realidade conferido pelas suas traduções para o francês.

5. 1. Willemsen em relação a Verspoor

As obras tradutórias de Verspoor e Willemsen são comparáveis no sentido de que ambas contêm traduções de poesia. Quase a metade de suas produções consiste em traduções de poemas. Vou tentar, por isso, comparar seus conceitos de tradução na área da tradução poética.

Como se viu no capítulo 4, Willemsen favorece em geral uma abordagem orientada ao idioma de partida (veja 4.2) e, especificamente com relação à poesia, opta quase sempre pela fidelidade à forma do poema original (veja 4.5), o que significa que ele, entre outras coisas, mantém a estrutura da rima. Dentro dessa escolha ele se permite as “liberdades necessárias” (veja 4.3 em 4.5). O ponto de partida de Willemsen é sempre respeito pelo autor do original, o que significa que ele sacrifica o vocabulário e o significado do original apenas quando não há outra possibilidade. Isso também quer dizer que ele não adota sempre a estrutura exata da rima, se graças a isso puder ficar mais próximo do significado e da formulação do poema original. É uma liberdade com limites, porque Willemsen sempre procura alcançar um equilíbrio entre sua lealdade ao autor e sua lealdade ao leitor, evitando os dois extremos da liberdade e da literalidade (veja 4.1). Willemsen tinha como objetivo uma “tradução conciliadora”, um meio-termo, e quando tinha de se desviar muito desse ponto de equilíbrio,

³⁶ Robert Lemm (1945) é hispanista e tradutor de espanhol. Ganhou em 1979 o Prêmio Nijhoff de Tradução pelas suas traduções de literatura latino-americana.

preferia apresentar uma “tradução em construção” (veja 4.5) em um apêndice para levar o leitor ao conhecimento, pelo menos, do conteúdo do poema em questão.

Assim como Willemsen, Verspoor também optava por se manter fiel à forma e à musicalidade ao traduzir poemas com rima. Isso pode se ler nas resenhas de suas traduções tanto de Quevedo (Verstegen 1992) quanto, e sobretudo, de Lorca. A estratégia usada por Verspoor de transpor a musicalidade deste último poeta para o holandês, fica bem clara em contraste com a transposição semântica, de abordagem mais orientada à língua fonte, de seu sucessor Bart Vonck, que deu continuidade ao chamado Projeto de Tradução Lorca, iniciado e não completado por Verspoor (Vonck 2002, Fortuin 2009, Steenmeijer 2009, Van Vaan 2010). As opiniões sobre o resultado das traduções ficaram divididas (veja também De Moor 1999), mas o relevante aqui é a constatação de que Verspoor deu mais prioridade à música do que ao aspecto semântico do texto de partida. No posfácio dos *Gedichten* [Poemas] de Lorca, Verspoor (1992) compara o poema com uma partitura e o tradutor com o intérprete da música, dizendo que este “(com) a partitura diante de si (...) produzirá seus próprios sons, separados e contrastantes a cada linha e a cada poema.” E comenta sua estratégia de tradução:

É importante, portanto, evitar a não-liberdade, a ameaça para o homem e intérprete. Eu quis, quando necessário, perscrutar o holandês, este conjunto de sons, de natureza diferente, desde o valor sonoro até a concisão. Palavras mortas foram desdenhadas: “*gesteven*” não tem vida onde a língua alvo dispõe de “*kraakhelder*”; “*Hollands laken, linnen*” é um hispanismo e quebra o tom. “*Nardus*” não evoca nada, portanto, seguindo o exemplo de alguns outros intérpretes teclo o análogo “*lavendel*”. (Verspoor 1992: 88)

Nessa citação pode-se ver que Verspoor era a favor da tradução livre. Além disso, manifesta-se aí sua orientação à língua alvo e o aspecto modernizante de sua poética tradutória.

Verspoor se via como um “artista executante” e considerava a tradução como “criação própria”:

A escola da tradução de poesia teve por algum tempo o mote de Pound “*Make it new*”; o mote deve ser “*Keep it new*”. Portanto, a tradução é uma criação própria, em que o exemplo é análogo ao modelo que “*à travers un tempérament*” pode levar a um ou mais retratos. (Verspoor 1958: 80)

Essas ideias foram também expressas no discurso preparado para a cerimônia de entrega do Prêmio Nijhoff 1972 ao tradutor de Céline E. Kummer³⁷. Ele explica aqui sua visão tradutória. Segundo ele, tradução é uma arte que apenas existe como interpretação. Do mesmo modo que se pode ter múltiplas interpretações de uma partitura, pode-se ter mais traduções de um texto fonte singular. Ele equipara o tradutor ao maestro ou encenador e não, como o fez Jiří Levý, ao músico ou ator, já que um ator (ou um músico de orquestra) “não tem aquele controle sobre o total que o tradutor exerce” (Verspoor 1996: 148). Além disso o tradutor ainda faz algo que o ator não faz, isto é, melhorar o trabalho original:

Sabemos que quando, finalmente, após anos de trabalho e raciocínio instruído ingleses, a tradução inglesa de *L'Être et le Néant* de Sartre pôde ser publicado, um crítico bilingue exaltou que agora, finalmente, graças à tradução clara e graças à eliminação de vaguezas, além dos ingleses, os franceses leitores de inglês também poderiam compreender seu Sartre. E Levý, que está bem por dentro da literatura russa, poderia ter citado proficientemente o exemplo clássico do poeta Alexander Blok, que nas suas traduções de Heine sentiu-se obrigado a melhorar Heine onde ele, como Homero, tinha aparentemente sonogado. (Verspoor 1996: 148)

Lemm (1999: 181; 185-186), que chama Verspoor de “recriador, um autor oculto”, resume esse aspecto da poética tradutória de Verspoor do seguinte modo: “Representação ou interpretação supõe entender, submeter-se ao texto em silêncio para eventualmente, iluminado pela graça ou pela musa, esclarecer trechos obscuros, sendo até possível explicar o que o autor pareceu deixar em suspenso, ou talvez não tenha compreendido totalmente”. “Esclarecer”, “explicar” e “melhorar” são atos que, como já foi dito no decurso desta tese, foram justamente evitados por Willemsen.

Para Verspoor, os limites da liberdade tomada eram apenas determinados pela sua habilidade como “artista executante” (Verspoor 1958: 81) e como tal ele se permitiu muita liberdade. Até demais, acharam alguns. O professor catedrático Houwens Post³⁸, por exemplo, valorizou o “engenho poético” nas traduções de Verspoor dos poemas de Camões³⁹ mas achou-os traduzidos de modo “demasiadamente livre” (citado em Lemm 1999: 183). Uma crítica similar pode-se encontrar na recepção de outras traduções. Vonck (2002) e Verstegen

³⁷ Este discurso de 1972 está incluso em Naaijkens (1996). O próprio Verspoor considerava esse discurso como sendo sua maior contribuição ao debate tradutório.

³⁸ Doutor Hendrik Houwens Post foi professor catedrático do Curso de Língua Portuguesa e Literatura Portuguesa e Brasileira da Rijksuniversiteit Utrecht. (http://www.dbnl.org/tekst/jaa003198701_01/jaa003198701_01_0009.php; 14-4-2013)

³⁹ Verspoor traduziu 25 sonetos de Camões que foram publicados sob o título de *Saudades*. Essa coletânea foi impressa três vezes (1953, 1961, 1970) por diversas editoras. Em 1987 os sonetos foram incluídos inalterados nos *Romaanse sonnetten* de Verspoor.

(1992) observaram grandes desvios semânticos como resultado da estratégia de Verspoor que visava a manutenção da forma original. Verspoor marcava, pelo visto, os limites da liberdade para se desviar do texto original em um ponto bem mais distante deste que Willemsen.

Ao contrário de Verspoor, Willemsen não achava o trabalho do tradutor criativo, pois “ele escreve obra alheia”. Em 4.2 já foi mencionado que ele comparava a tradução com o ato de representar no teatro em que a autonegação é importante. Como tradutor você deve “ter uma ‘mentalidade de tradutor’, um tipo de modéstia para poder seguir o escritor. E esquecer de si próprio, isso também deve fazer um ator” (W2006d). O modo de pensar de Willemsen está em flagrante contraste com o de Verspoor que se consentia um tipo de autonomia para melhorar o texto fonte.

Considerando o exposto, pode-se concluir que Willemsen, ao traduzir poesia rimada, não tinha muito em comum com Verspoor, exceto a fidelidade ao aspecto formal e sonoro. Ambos traduziam poemas rimados com rima. Mas a maneira pela qual eles lidaram com a liberdade ao transpor o aspecto semântico dos poemas originais foi bem diversa. Verspoor foi bem mais livre que Willemsen. Enquanto Willemsen falava em “liberdades necessárias”, a “não-liberdade” era para Verspoor uma “ameaça” que deveria ser evitada.

Uma pesquisa mais detalhada sobre a poética tradutória interna desses dois tradutores poderia conduzir a resultados interessantes e proporcionar melhor compreensão no tamanho da liberdade que eles se permitiram. Os sonetos de Camões que foram traduzidos tanto por Verspoor quanto Willemsen (veja Tabela 9 e Apêndice 2), poderiam servir muito bem para esse fim. Ao comparar as coletâneas de poesia em questão para esta tese, constatou-se que dos 25 sonetos traduzidos por Verspoor, Willemsen retraduziu 21.

5.2. Willemsen em relação a Hawinkels

As obras tradutórias de Willemsen e Hawinkels são comparáveis quanto à quantidade significativa de prosa literária traduzida por ambos. Segundo Koster (2010: 36), Hawinkels utilizou uma poética tradutória homogênea caracterizada pelos conceitos-chave “esteticismo” e “modernização”: “Todos os textos são transformados em literatura, se já não a fossem em si próprios, o que no caso de textos históricos (afinal o grosso de sua obra) significa que não devem ser traduzidos de modo arcaizante, mas antes modernizante.”

Hawinkels traduziu todos os tipos de texto da mesma forma, seja este literário (prosa), bíblico, teatral ou filosófico. Para ele, tradução significa “reescrever algo a partir de um

idioma original em um outro, tanto quanto possível, como se tivesse sido escrito originalmente neste último” (Koster 2010: 35). E o tradutor é: “não só tradutor, mas, na realidade, o segundo autor” (Koster 2010: 34). Paralelamente ele defendeu o holandês contemporâneo, moderno “porque o livro deve se dirigir às pessoas de hoje.” (Koster 2010: 34) A tradução deve ser acessível ao público para o qual ele traduz. Hawinkels utilizava, portanto, uma abordagem orientada à língua alvo em que o leitor estava no centro, ao contrário de Willemsen, que tinha mais consideração pelo autor e texto originais.

Willemsen não fez comentários sobre a poética tradutória de Verspoor, mas, sim, sobre a de Hawinkels, como visto em 4.2. Willemsen achava que Hawinkels tinha uma “opinião totalmente particular” sobre tradução e que ele tratou a obra de Thomas Mann “como se fosse seu próprio livro”. Willemsen achava este modo de traduzir obsoleto e ele próprio adotou a nova maneira de traduzir introduzida por Nijhoff em que “fidelidade ao texto se combina com inventividade”. Para ele, Hawinkels pertence antes ao campo de Marsman e Slauerhoff.

Quanto à modernização dos textos, Willemsen (W1986j: 160) também é claro. Repito aqui a citação apresentada em 4.2:

Não acredito que, em relação a isso, eu seja diferente da maioria dos tradutores de hoje. Apropriar-se do texto – não. Não poderia fazê-lo, não o desejaria e acredito que também não seja necessário. Você não precisa modernizar Thomas Mann, ou Proust, ou Machado – ou “fazer acessível”, como é dito – pois se você deixá-los falar sua própria “língua”, eles são suficientemente bons. O vocabulário do autor, sua alternância entre sentenças longas e curtas, sua divisão de parágrafos, de capítulos... Enfim, o que estou tagarelando, é tão óbvio para mim que se respeite isso.

Assim como Verspoor, Hawinkels parece, como um “segundo autor”, ter-se permitido bastante liberdade ao desviar da formulação do autor original. Sobre a tradução livre, Willemsen foi igualmente bem claro. No decorrer desta tese MA viu-se o que ele achava desse aspecto, ou seja, “uma desculpa para pobreza linguística, ou negligência, ou preguiça, ou a não consulta de dicionários, ou a fé em um excesso de criatividade” (W1986j: 160).

Uma outra diferença com Hawinkels é que Willemsen utilizou uma poética tradutória heterogênea. Ele não só fazia distinção entre textos técnicos e literários, mas também entre prosa literária e teatro. A liberdade que ele tomava, dependia da linguagem utilizada: tanto mais poética a linguagem tanto mais liberdade.

Embora a estreia de Willemsen como tradutor não difere muito da de Hawinkels, constata-se que seus princípios tradutórios demonstram poucos pontos em comum. Pode-se quase afirmar que eles utilizavam estratégias opostas.

Neste capítulo tentou-se dar uma ideia da maneira pela qual a visão de Willemsen sobre tradução se relaciona com a de seus antecessores e colega-tradutores. No contexto maior da tradição tradutória da Europa Ocidental foram indicadas semelhanças com as ideias de Schleiermacher (1813; em Schleiermacher 2010, 2011; Snell-Hornby 2012). Mais concretamente no contexto holandês, constatou-se que os princípios tradutórios em que Willemsen se baseou, não demonstram semelhança com os de Dolf Verspoor ou de Pé Hawinkels.

CONCLUSÃO E SUGESTÕES PARA PESQUISA FUTURA

O objetivo desta tese MA foi dar o primeiro passo em direção à revelação da poética tradutória externa de August Willemssen. Para alcançar esse fim, efetuou-se uma pesquisa bibliográfica de toda a sua obra como foi apresentado no capítulo 2 e nos Apêndices (de 1 a 3). Todas as traduções (Apêndices 1 e 2), bem como todos os textos primários (Apêndice 3) de Willemssen foram inventariados e estes últimos foram ainda subsequentemente coletados. Com base nesse material original de Willemssen, os seus comentários relativos a sua vida e obra, bem como os comentários relativos a tradução em geral foram investigados a partir de uma perspectiva histórica. O capítulo 3 mostrou um panorama da vida e da obra de Willemssen e o capítulo 4 analisou a visão tradutória de Willemssen.

Os resultados da pesquisa mostraram que a visão tradutória de Willemssen foi principalmente influenciada por W.C. Atkinson e Martinus Nijhoff (capítulo 5). Além disso, foi possível distinguir cinco características da visão tradutória de Willemssen. Primeiramente, o dilema das lealdades como ponto de partida para suas decisões tradutórias (4.1). Willemssen buscava um equilíbrio entre sua lealdade ao autor e sua lealdade ao leitor. Como segunda característica foi identificado o respeito crescente pelo original (4.2), em outras palavras, a mudança ocorrida no modo de traduzir de Willemssen. Partindo de uma maneira mais livre de traduzir, Willemssen passou a traduzir mais literalmente, mudando assim de uma abordagem orientada à língua alvo para uma abordagem orientada à língua fonte. O ponto de virada são as publicações de Fernando Pessoa em torno de 1977-1978. A terceira característica é a ousadia crescente para tomar liberdade em situações especiais, como a tradução de linguagem poética e criativa em poemas, teatro ou letras de música, etc (4.3). Depois de 1983 Willemssen se atreveu a tomar mais liberdades, o que resultou na tradução de textos por ele antes considerados intraduzíveis. É nessa fase de sua formação tradutória que a inventividade vai ocupar um lugar importante, ao lado do respeito ao texto original. Isso significou também o segundo ponto de virada na maneira de Willemssen traduzir, além da chegada à fase final em relação à sua visão tradutória, que a partir deste momento não mudaria mais drasticamente. O quarto aspecto desvelado foram os posfácios de Willemssen como expressão de, em primeiro lugar, sua abordagem científica que servia de base para as decisões relativas ao dilema fundamental das lealdades e, em segundo lugar, seu ponto de vista de que ele traduzia não um poema, mas um poeta (4.4). O quinto e último aspecto da poética tradutória de Willemssen tem

a ver com tradução de poesia (4.5), em que ele certamente não optou pela estratégia mais fácil, preferindo traduzir poesia rimada por poesia rimada.

O desenvolvimento de Willemsen em termos de poética tradutória pode ser dividida em três fases como foi descrito no capítulo 4. Na primeira fase, que vai de 1970 até mais ou menos 1978, Willemsen deixou o interesse do leitor prevalecer sobre o do autor e abordou livremente os textos originais. A segunda fase começou com as publicações de Pessoa, por volta de 1978, e durou até o início de 1983, por volta do recebimento do Prêmio Martinus Nijhoff. Nessa fase intermediária Willemsen ressaltou o respeito pelo original, mostrando mais tendência para a literalidade ao traduzir. Essa posição continuou sendo a base de sua maneira de traduzir. Na terceira fase que começou aproximadamente após o recebimento do prêmio de tradução, Willemsen passou a mostrar mais ousadia, atrevendo-se a tomar as liberdades necessárias relativas à tradução de linguagem poética e criativa. A maneira de traduzir de Willemsen se desenvolveu de uma abordagem livre para uma abordagem literal, retornando por fim à abordagem livre. Na primeira fase a liberdade que ele tomava, estava a serviço do leitor; na última fase, ele tomava essa liberdade a serviço do autor.

As características das concepções tradutórias de Willemsen parecem ecoar a visão de Schleiermacher (1813; em Schleiermacher 2010, 2011; Snell-Hornby 2012). O método tradutório de alheamento defendido por ambos não encontra paralelo nos contemporâneos de Willemsen como Dolf Verspoor ou Pé Hawinkels, que atuaram de modo modernizador, naturalizador e livre. O fato de Willemsen ter retraduzido uma grande parte dos sonetos de Camões que Verspoor tinha traduzido anteriormente, oferece uma oportunidade para uma pesquisa comparativa desses trabalhos, possibilitando assim uma melhor compreensão da poética tradutória de Willemsen.

Como não foi possível envolver nesta pesquisa a correspondência de Willemsen nem o material audiovisual disponível, não se pode fazer afirmações definitivas sobre sua poética tradutória externa. Além disso, a validade dos resultados desta tese deve ser testada com pesquisas futuras, tanto sobre a poética tradutória interna de Willemsen quanto sobre a recepção de suas traduções. Ao decorrer da tese já foram feitas inúmeras sugestões que mostram o caminho para pesquisas detalhadas mais orientadas.

Finalizando apresenta-se aqui mais sugestões para pesquisa futura. Para testar, por exemplo, a validade das três fases do desenvolvimento de Willemsen, Guimarães Rosa seria provavelmente o autor mais apropriado, pois desse autor há traduções de Willemsen publicadas em cada uma das três fases: a tradução de *As Primeiras histórias*, *De derde oever*

van de rivier (1977), a tradução de *A hora e a vez de Augusto Matraga*, *Het uur en ogenblik van Augusto Matraga* (1983, 1992), e a tradução de *Grande sertão: Veredas*, *Diepe Wildernis: De wegen* (1993). Ao fato de que esta última obra ocupa um lugar especial não só na literatura brasileira mas também na obra tradutória de Willemsen, foi referido brevemente. Talvez esse trabalho até mereça uma pesquisa separada. O autor Dalton Trevisan consiste também em um interessante tema de pesquisa, porque Willemsen fez comentários explícitos a respeito de suas objeções quanto às suas primeiras traduções de obras desse autor. Qual é, por exemplo, a diferença nos princípios aplicados ao traduzir os contos da coletânea *De zoete vijandin* (A doce inimiga, 1992) em comparação com os contos incluídos em *De koning der aarde* (O rei da terra, 1975) ou *De vijfvleugelige vogel* (O pássaro de cinco asas, 1977)? E qual é a posição que ocupam os sete contos de Trevisan traduzidos por Willemsen para a revista *Maatstaf* em 1982?

O que intriga ainda é o que significa para Willemsen, na prática, “demasiadamente livre”. E também, o que significa, na prática, traduzir “literalmente”? Para se ter uma ideia do que Willemsen considerava “demasiadamente livre”, poder-se-ia examinar a sua primeira tradução, a coletânea de contos portugueses *Meesters der Portugese vertelkunst*, onde ele diz ter tomado liberdades que não tomaria mais tarde. Por outro lado, Willemsen conseguiu traduzir Machado de Assis literalmente sem deparar com grandes problemas. Quão literal é *literal* na combinação de línguas português-holandês? Para buscar respostas a essa pergunta, parece apropriado uma pesquisa nas traduções de Willemsen da obra desse autor.

A coletânea *Gedichten* [Poemas] de Pessoa constitui também um tema muito interessante por causa da posição especial que essa tradução ocupa na obra tradutória de Willemsen. Essa tradução foi bem recebida pela imprensa e pelo público e significou não só a revelação de Willemsen como tradutor, mas também o começo de uma nova fase em sua maneira de traduzir. Uma hipótese poderia ser que essa tradução consiste em um dos poucos documentos da segunda fase do desenvolvimento tradutório de Willemsen, em que ele mostrou forte tendência na direção da literalidade enquanto ainda não se permitia tomar as liberdades necessárias impostas pela linguagem poética e criativa.

Por último, a obra de August Willemsen oferece ainda possibilidades para efetuar amplas pesquisas de recepção, tanto sincrônicas quanto diacrônicas, devido à continuidade presente no seu trabalho. De vários autores, ele traduziu múltiplos trabalhos. As retraduições e as críticas de tradução já foram apontadas ao longo da tese como possíveis temas de pesquisa. E assim pode-se prosseguir com mais sugestões para pesquisa futura, sugestões essas que

provêm dos resultados da pesquisa para esta tese. E embora se reconheça que esta tese significa apenas um pequeno passo na direção de uma melhor compreensão do rico legado de August Willemssen, os resultados da pesquisa apresentados aqui formam um bom começo para pesquisa futura.

BIBLIOGRAFIA

- BLY, Robert. 1984. “The Eight Stages of Translation”, em: Frawley (ed.), 67-89.
- BRANCO, Heloísa Castello. 1981. “Drummond com atraso, em holandês: Editor de Amsterdã espera repetir com o poeta brasileiro o sucesso alcançado com antologia de Fernando Pessoa”, *Jornal do Brasil*, 14 de março.
- CAMOËNS, Luis de. 1961. *Saudades en andere verzen*. Traduzido do português para o neerlandês por Dolf Verspoor. Amsterdam: Moussault.
- CAMÕES, Luis de. 1953. *Saudades en andere verzen*. Traduzido do português para o neerlandês por Dolf Verspoor. Utrecht: De Roos.
- CARVALHO, José Rentes de. 1970. “Uma antologia de contos”, *Diário Popular*, 8 de outubro.
- DE MOOR, Wam. 1999. “Onder de pet”, *De Gelderlander*, 13 de fevereiro.
- DE VRIES, Eti. 2007. *Os Lusíadas na Holanda: A história da recepção entre 1572-1900/ Os Lusíadas van Luís Vaz de Camões in Nederland: Een receptiegeschiedenis 1572-1900*. Tese de MA. Utrecht: Igitur, Utrecht Publishing & Archiving Services.
- EGGINK, Clara. 1970. “Om op de verlanglijst te zetten (II)”, *Leidsch Dagblad*, 21 de novembro.
- FABER, Sebas. 1992. ‘Nieuwe Homerus of literaire hype? Chico Buarque de Holanda’, em: *Strapats*, 6: 9-13.
- FORTUIN, Arjen. 2009. “Vrij zijn om de sterren te zoeken: Monumentale uitgave van Lorca’s *Verzamelde gedichten*”, *NRC Handelsblad*, 11 de dezembro.
- FRAWLEY, William (ed.). 1984. *Translation: Literary, Linguistic, and Philosophical Perspectives*. Newark: University of Delaware Press.
- GILLAERTS, Paul. 1988. “De vertaalpoëtica van Martinus Nijhoff”, em: Van den Broeck (ed.), 129-137.
- GROSSMAN, William L. 1967. ‘The third bank of the river’, em: *Modern Brazilian Short Stories*. University of California Press.
- HEIDERMANN, Werner (ed.). 2010. *Clássicos da Teoria da Tradução*. Vol. 1: Alemão/Português. 2a. ed. Revisada e ampliada. Florianópolis: UFSC, 38-101.
- HEUVEL, Jeroen. 1995. “Vertalen is een spelletje canasta”, em: *Ñapa*, 5 de agosto.
- KELK, C.J. 1971. “In Portugal ontwijken de schrijvers de werkelijkheid niet”, *De Groene*, 17 de abril.

- KOSTER, Cees. 1996. "Over meesterlijke vertalingen: Veertig jaar Martinus Nijhoff Prijs", em Naaijken 2010, 86-105.
- KOSTER, Cees & Ton Naaijken. 2002. *Een vorm van lezen: Nederlandse beschouwingen over vertalen 1885-1946*. 's-Gravenhage: Stichting Bibliographia Neerlandica.
- KOSTER, Cees. 2010. "Pé Hawinkels – vertalen, drigs en rock & roll: Korte proeve van een vertalersprofiel", *Filter* 17, 4: 25-41.
- KOUSBROEK, Rudy. 1976. "Onze ellende is ongeneeslijk", *NRC Handelsblad*, 9 de abril.
- KOUSBROEK, Rudy. 1977. "De gedachten-experimenten van Dalton Trevisan", *NRC Handelsblad*, 22 de abril.
- LEMM, Robert. 1999. "Dolf Verspoor", em: *Jaarboek van de Maatschappij der Nederlandse letterkunde te Leiden 1997-1998*, 181-190.
- LORCA, Federico García. 1992. *Gedichten: In de vertaling van Dolf Verspoor*. Amsterdam: Meulenhoff.
- MANN, Thomas. 1975. *De toverberg*. Traduzido do alemão para o neerlandês por Pé Hawinkels. Amsterdam: De Arbeiderspers.
- MUNDAY, Jeremy. 2001. *Introducing Translation Studies: Theories and applications*. London and New York: Routledge.
- NAAIJKENS, Ton (ed.). 1996a. *Vertalers als erflaters: Staalkaart van een eeuw vertalen*. Bussum: Dick Coutinho.
- NAAIJKENS, Ton. 1996b. "Martinus Nijhoff en de opgetilde staat", em: Naaijken 1996a, 128-137.
- NAAIJKENS, Ton, Cees Koster, Henri Bloemen & Caroline Meijer (eds.). 2010. *Denken over vertalen*. Nijmegen: Vantilt.
- NERUDA, Pablo. 1981. *De afgescheiden roos*. Seleção e tradução de Barber van de Pol. Amsterdam: De Arbeiderspers.
- PRONK, Iris. "Ik ben schrijver van andermans werk", *Trouw*, 25 de fevereiro.
- PYM, Anthony. 1998. *Method in Translation History*. Manchester: St. Jerome Publishing.
- QUEVEDO Y VILLEGAS, Francisco Gómez de. 1964. *Okeren sonnetten van Quevedo*. Traduzido do espanhol para o neerlandês e reescrito por Dolf Verspoor. Amsterdam: Polak & Van Genneep.
- SCHIERBEEK, Bert, Gerrit Kouwenaar, Lucebert, Remco Campert, Hans Faverey, Cees Nooteboom, J. Bernlef & Arie van de Berg. 1988. *Um mundo claro, um dia escuro*:

- Oito poetas holandeses*. Seleção de August Willemsen, tradução de A. Willemsen e Egito Gonçalves. Porto: Limiar.
- SCHLEIERMACHER, Friedrich. 2010. “Over de verschillende methoden van het vertalen” (texto original em alemão de 1813). Tradução para o neerlandês de Henri Bloemen. Em: Naaijken (et al.) (eds.), 39-60.
- SCHLEIERMACHER, Friedrich. 2011. “Über die verschiedenen Methoden des Übersetzens” (texto original em alemão de 1813). Traduções para o português de Margarete von Mühlen Poll, Celso R. Braida & Mauri Furlan. Em: *Scientia Traductionis*, 9: 1-70.
- SCHREIJ, Taco. 2009. *O papel do tradutor: Introdução da literatura lusófona na língua neerlandesa entre 1900 e 2008/ De vertaler als actor: De introductie van Portugeestalige literatuur in het Nederlandse literaire veld 1900-2008*. Tese MA. Utrecht: Igitur, Utrecht Publishing & Archiving Services.
- SHELBY, Barbara. 1968. *The third bank of the river*. New York: Knopf.
- SNELL-HORNBY, Mary. 2012. “A ‘estrangeirização’ de Venuti: O legado de Friedrich Schleiermacher aos Estudos da Tradução?” (texto original em alemão, 2004). Traduzido para o português por Tinka Reichmann & Marcelo Moreira. Em: *Pandaemonium Germanicum* 15, 19:185-212.
- STEENMEIJER, Maarten. 2009. “De maan toont haar borsten van hard tin”, *De Volkskrant*, 23 de outubro.
- TRUIJENS, Aleid. 2000. “‘Eigenwijsheid is leuk als je gelijk hebt’: August Willemsen over de irritante genie Fernando Pessoa”. *De Volkskrant*, 14 de julho.
- VAN DEN BERGH, Hans et.al. (júri). 1983. “Juryrapport. August Willemsen”, *Uitreiking van de Martinus Nijhoff Prijs voor Vertalingen 1983*, Prins Bernard Fonds, 7-11.
- VAN DEN BROECK, Raymond (ed.). 1988. *Literatuur van elders: Over het vertalen en de studie van vertaalde literatuur in het Nederlands*. Leuven/Amersfoort: Acco.
- VAN DOORNE, J. 1970. “Het lijden van Portugal”, *Trouw*, 17 de outubro.
- VAN LEUVEN-ZWART, Kitty M. 1992. *Vertaalwetenschap: Ontwikkelingen en perspectieven*. Muiderberg: Coutinho.
- VAN VAAN, Sander. 2010. “Federico García Lorca, Spanje’s bekendste dichter: Een kreet als een strijkstok”, *Meander*, 17 de abril.
<http://meandermagazine.net/wp/2010/04/een-kreet-als-een-strijkstok/> (31-3-2013)
- VERSPoor, Dolf. 1958. “Proeven op de som van Wittgenstein”. Em: *Litterair paspoort: tijdschrift voor boeken uit de Oude en Nieuwe wereld* 13, 118: 79-81.

- VERSPoor, Dolf. 1970. *Saudades van Camoëns*. Amsterdam: Polak & Van GenneP.
- VERSPoor, Dolf. 1987. *Romaanse sonnetten*. Amsterdam: Meulenhoff.
- VERSPoor, Dolf. 1992. “Nawoord”, em: Lorca 1992, 86-91.
- VERSPoor, Dolf. 1996. “Het Nederlands en het vertalen in perspectief”, em: Naaijkens (ed.) 1996a, 144-148.
- VERSTEGEN, Livia. 1992. “Camilo Jose Cela: Een elftal voetbalverhalen. ...”, *NRC Handelsblad*, 30 de outubro.
- VERSTEGEN, Peter. 1985. *De muze met de Januskop: Dertig jaar Martinus Nijhoff Prijs*. Amsterdam: Bert Bakker.
- VONCK, Bart. 2002. “Lorca’s poëzie nauwgezet vertalen”, *Filter* 9, 4: 28-36.
- VULLINGS, Jeroen. 1993. “August Willemsen”, em: *Zuiderent* 1980-..., 48: 1-7.
- WARREN, Hans. 1971. “Meesters der Portugese vertelkunst”, *Provinciale Zeeuwse Courant*, 4 de abril.
- ZUIDERENT, Ad, Hugo Brems, Tom van Deel (ed.), 1980-... *Kritisch lexicon van de moderne Nederlandstalige literatuur*. Houten [etc.]: Bohn Stafleu van Loghum [etc.]; Groningen: Martinus Nijhoff; Alphen aan den Rijn [etc.]: Samson.

Fontes da internet

Letterkundig Museum

<http://www.letterkundigmuseum.nl/Literaircentrum/Literaireprijzen/tabid/99/WriterId/1136/WriterName/August%20Willemsen/Mode/DetailsWriter/Default.aspx>
(22/3/ 2013)

Dictionary of Ulster Biography

<http://www.newulsterbiography.co.uk/index.php/home/viewPerson/54> (16/3/2013)

DBNL - Digitale Bibliotheek voor de Nederlandse Letteren

<http://www.dbnl.org/auteurs/auteur.php?id=nijh004> (16/3/2013)

<http://www.dbnl.org/auteurs/auteur.php?id=fens001> (18/8/2013)

http://www.dbnl.org/tekst/_jaa003198701_01/_jaa003198701_01_0009.php
(14/4/2013)

Dicionário de tradutores literários no Brasil

<http://www.dicionariodetradutores.ufsc.br/pt/PauloRonai.htm> (16/3/2013)

Wikipedia

http://nl.wikipedia.org/wiki/Kees_Fens (18/8/2013)

NRC

<http://www.nrc.nl/boeken/2012/03/16/bibliotheek-van-kees-fens-online/> (18/8/2013)

Fontes consultadas na pesquisa arqueológica

SCHREIJ, Taco (2009). *O papel do tradutor: introdução da literatura lusófona na língua neerlandesa entre 1900 e 2008* / *De vertaler als actor: De introductie van Portugeestalige literatuur in het Nederlandse literaire veld 1900-2008*. Tese MA. Utrecht: Igitur, Utrecht Publishing & Archiving Services.

<http://igitur-archive.library.uu.nl/student-theses/2009-1022-200119/O-Papel-Tradutor-Vertaler-Actor-MAS-T-Schreij%200437972.pdf> (maio de 2012)

NCC – Nederlandse Centrale Catalogus, em <http://picarta.pica.nl> (fevereiro de 2010)

LexisNexis Academic NL, em <http://uba.uva.nl> (agosto de 2011)

Niet nader gecatalogiseerde archivalia van August Willemsen in het Letterkundig Museum [Documentos de arquivo não catalogado de August Willemsen no Museu de Letras em Haia, Holanda], em <http://picarta.pica.nl> (dezembro de 2011)

APÊNDICES / BIJLAGEN

APÊNDICE 1

TABELA CRONOLÓGICA DAS TRADUÇÕES DE AUGUST WILLEMSSEN

Deste corpus consta todas as publicações com traduções de August Willemsen. Os dados estão ordenados cronologicamente segundo o ano de publicação (primeira coluna da esquerda para a direita). Fiz uma tentativa para identificar a data exata das publicações mas nem sempre foi possível descobri-la. A ordem de apresentação dentro de cada ano tem portanto um caráter aleatório.

Na segunda coluna da tabela encontram-se os nomes dos autores traduzidos. Em caso de antologias ou artigos de revistas com traduções de múltiplos autores, o nome de cada um deles está mencionado separadamente. A ordem de apresentação coincide com aquela em que aparecem nas publicações. O nome do autor está em negrito quando se trata da primeira vez em que um autor foi traduzido por August Willemsen.

A terceira coluna indica os títulos das obras traduzidas. Os títulos das traduções em forma de livro apresento em itálico. Os demais títulos representam publicações em revistas com traduções de August Willemsen. As publicações destituídas de paratextos de autoria de Willemsen estão assinaladas com um asterisco (*) após o título. Quando o idioma do texto de partida não for o português, ele está posposto, entre colchetes, ao título da publicação.

A seguir, na quarta coluna, indico o nome da editora quando se tratar de edições em forma de livro. E nos outros casos o nome da revista vai indicado em itálico. Finalmente, na última coluna está especificado o gênero literário da publicação com menção especial quando se trata de antologia.

Nesta tabela estão incorporadas tanto as primeiras edições como as reedições modificadas das traduções em forma de livro. As traduções publicadas pela *Poetry International* não são consideradas publicações em forma de livro.

BIJLAGE 1

CHRONOLOGISCH OVERZICHT VAN DE VERTALINGEN VAN AUGUST WILLEMSSEN

Dit corpus bestaat uit alle publicaties met vertalingen van August Willemsen. De gegevens staan gerangschikt in chronologische volgorde van jaar van publicatie (eerste kolom van links naar rechts). Binnen een bepaald jaar is ook geprobeerd de maand (en dag) van verschijning in acht te nemen. Maar tot mijn spijt was het niet altijd mogelijk om op het spoor te komen van de precieze data van de uitgaven. De volgorde binnen een jaar is derhalve willekeurig.

In de tweede kolom zijn de namen van de vertaalde schrijvers te vinden. Waar sprake is van bloemlezingen of tijdschriftartikelen met vertalingen van meerdere auteurs wordt de naam van ieder van hen genoemd. Deze auteurs worden aangegeven in dezelfde volgorde als ze in de publicaties verschijnen. Bij de eerste keer dat een auteur door August Willemsen werd vertaald staat zijn naam vetgedrukt.

In de derde kolom staan de titels van de vertaalde werken. De titels van vertalingen in boekvorm heb ik recursiveerd. De andere titels hebben betrekking op publicaties in tijdschriften waarin vertalingen van August Willemsen te vinden zijn. Als de brontekst niet in het Portugees is, voeg ik na de werktitel de brontaal tussen rechthoekige haakjes toe.

Vervolgens heb ik in de vierde kolom bij de vertalingen in boekvorm de naam van de uitgeverij aangegeven. En bij de andere gevallen staat de naam van de tijdschriften schuin gedrukt. In de laatste kolom staat het genre vermeld waartoe het vertaalde werk behoort. Er wordt tevens aangegeven wanneer het om een bundel gaat.

In deze lijst zijn zowel de eerste drukken als de herziene/gewijzigde drukken van de publicaties in boekvorm opgenomen. De uitgaven van *Poetry International* beschouw ik niet als vertaling in boekvorm.

Voor de overzichtelijkheid staat de tabel gedeeltelijk in het Portugees. Er volgt hier daarom een woordenlijst:

<i>artigo de jornal</i>	–	krantenartikel
<i>antologia</i>	–	bundel, bloemlezing
<i>carta(s)</i>	–	brief (brieven)
<i>conto(s)</i>	–	verhaal (verhalen)
<i>ensaio(s)</i>	–	essay(s)
<i>episódio dramático</i>	–	dramatische episode
<i>fragmento(s)</i>	–	fragment(en)
<i>não-ficção</i>	–	non-fictie
<i>novela</i>	–	novelle
<i>poesia</i>	–	poëzie
<i>prosa</i>	–	proza
<i>romance</i>	–	roman

ano (jaar)	autor (auteur)	título da tradução <i>em forma de livro</i> em revista (titel van vertaling <i>in boekvorm</i> in tijdschrift)	editora revista (uitgeverij tijdschrift)	gênero (genre)
1959	André Gide	<i>Isabelle</i> [francês Frans]	não publicada (ongepubliceerd)	romance
1970	Vergílio Ferreira Miguel Torga Branquinho da Fonseca Mário Dionísio Ferreira de Castro Fernando Namora Manuel da Fonseca Joaquim Paço d'Arcos Jorge de Sena José Régio Domingos Monteiro Urbano Tavares Rodrigues Alves Redol Luandino Vieira José Cardoso Pires José Rentes de Carvalho	<i>Meesters der Portugese vertelkunst</i>	Meulenhoff	contos antologia
1972	José Rentes de Carvalho	<i>Waar die andere God woont</i>	Meulenhoff	não-ficção
1972	Manuel Bandeira Drummond de Andrade ⁴⁰ João Cabral de Melo Neto	Braziliaanse poëzie na 1920	<i>Raster</i>	poesia
1974	José Cardoso Pires	Het regime van de censuur [francês Frans]	<i>De Gids</i>	não-ficção
1974	Dalton Trevisan	Zeven verhalen	<i>Maatstaf</i>	contos
1975	Dalton Trevisan	<i>De koning der aarde en andere onvoorbeeldige vertellingen</i>	Meulenhoff	contos antologia
1975	José Rentes de Carvalho	<i>Portugal, de bloem en de sikkel</i>	De Arbeiderspers	não-ficção
1975	Dalton Trevisan	Drie verhalen	<i>Maatstaf</i>	contos
1976	João Guimarães Rosa	De gebroeders Dagobé	<i>Maatstaf</i>	conto
1976	Dalton Trevisan	Autobiografie	<i>Maatstaf</i>	não-ficção
1977	Fernando Pessoa	Anthologie	<i>Avenue</i>	poesia
1977	Maria Teresa Horta Maria Velho da Costa Maria Isabel Barreno	Waarom geen '3 Maria's' in het Nederlands? Eerste brief 1	<i>Maatstaf</i>	carta
1977	João Guimarães Rosa	Soroco, zijn moeder, zijn dochter	<i>Maatstaf</i>	conto
1977	João Guimarães Rosa	<i>De derde oever van de rivier</i>	Meulenhoff	contos antologia
1977	Dalton Trevisan	<i>De vijfvleugelige vogel</i>	Meulenhoff	contos antologia
1977	Fernando Pessoa	De anarchistische bankier	<i>Maatstaf</i>	conto
1977	Fernando Pessoa	Liedboek	<i>Maatstaf</i>	poesia
1978	Fernando Pessoa	Portugese literatuur: Pessoa's heteroniemen aan het woord	<i>Maatstaf</i>	prosa
1978	E. M. de Melo e Castro M. A. Menéres Gastão Cruz Carlo Vittorio Cattaneo Armando Silva Carvalho Casimiro de Brito	Poesia 61 en andere stromingen in de Portugese poëzie	<i>Raster</i>	poesia não-ficção
1978	Fernando Pessoa	<i>Gedichten</i>	De Arbeiderspers	poesia prosa
1979	Drummond de Andrade	Braziliaanse literatuur: Carlos Drummond de Andrade	<i>Maatstaf</i>	poesia
1980	Drummond de Andrade	<i>Gedichten</i>	De Arbeiderspers	poesia
1980	Fernando Pessoa	<i>De anarchistische bankier</i>	Meulenhoff	conto
1981	João Cabral de Melo Neto	<i>Gedichten</i>	De Lantaarn	poesia
1981	Fernando Pessoa	<i>Ode van de zee, door Álvaro de Campos</i>	De Arbeiderspers	poesia
1981	Rubem Fonseca	Zeven verhalen	<i>Maatstaf</i>	contos
1981	João Cabral de Melo Neto	Gedichten	<i>Nieuw Vlaams Tijdschrift</i>	poesia
1982	Fernando Pessoa	<i>Gedichten</i> , 2 ^e herziene druk	De Arbeiderspers	poesia
1982	Manuel Bandeira	<i>Gedichten</i>	De Lantaarn	poesia
1982	Dalton Trevisan	Zeven verhalen	<i>Maatstaf</i>	contos
1982	Manuel Bandeira	Manuel Bandeira	<i>Literair Paspoort</i>	poesia
1982	Dalton Trevisan	Trevisan vertaald. Over de stilistische ontwikkeling in het werk van Dalton Trevisan en enkele consequenties daarvan voor de vertaler	<i>Literair Paspoort</i>	conto

⁴⁰ O nome completo é (Zijn volledige naam luidt): Carlos Drummond de Andrade.

1982	Casimiro de Brito	Gedichten	<i>Poëziekrant</i>	poesia
1983	Machado de Assis ⁴¹	<i>Posthume herinneringen van Brás Cubas</i>	De Arbeiderspers	romance
1983	Drummond de Andrade	<i>20 Gedichten van Carlos Drummond de Andrade*</i>	Rijksacademie van de Beeldende Kunsten	poesia
1983	Drummond de Andrade	Portfolio – Foto's van Sérgio Zalis bij gedichten van Carlos Drummond de Andrade; twee Brazilianen	<i>Maatstaf</i>	poesia
1983	João Guimarães Rosa	<i>Het uur en ogenblik van Augusto Matraga</i>	De Lantaarn	novela
1983	Manuel Bandeira	Gedichten	<i>Nieuw Vlaams Tijdschrift</i>	poesia
1984	Mário Cesariny ⁴²	Aan een dode muis gevonden in een park* Em In <i>Honderd dichters uit vijftien jaar Poetry International 1970-1984</i>	Manteau	poesia
1984	João Cabral de Melo Neto	João Cabral de Melo Neto	<i>Optima</i>	poesia
1984	Machado de Assis	Verhalen	<i>Maatstaf</i>	contos
1984	Machado de Assis	<i>Quincas Borba</i>	De Arbeiderspers	romance
1984	Machado de Assis	<i>De psychiater en andere verhalen</i>	De Arbeiderspers	contos
1984	João Guimarães Rosa	De reigers* Em In <i>De toppen van Latijns-Amerika</i>	Meulenhoff	conto
1985	Machado de Assis	<i>Dom Casmurro</i>	De Arbeiderspers	romance
1985	José Gomes Ferreira Sophia de M.B. Andresen ⁴³ Carlos de Oliveira Egito Gonçalves Mário Cesariny Alexandre O'Neill Antônio Ramos Rosa Alberto de Lacerda E. M. de Melo e Castro Pedro Tamen Fernando Assis Pacheco Casimiro de Brito Armando Silva Carvalho	<i>Ik verheerlijk het verleden niet. 13 hedendaagse dichters uit Portugal</i>	Meulenhoff	poesia
1986	Drummond de Andrade	Erotische gedichten	<i>Optima</i>	poesia
1986	Drummond de Andrade João Cabral de Melo Neto Manuel Bandeira	Drie dichters over de dood	<i>Nieuw Wereldtijdschrift</i>	poesia
1986	Machado de Assis	<i>Vrouwenarmen en andere verhalen</i>	De Arbeiderspers	contos
1986	José Rentes de Carvalho	Danzas	<i>Maatstaf</i>	conto
1987	Mário Cesariny	De verbrande stad. I. Spiegelschip. & II. Ontstaansgeschiedenis	<i>Het Moment</i>	poesia
1987	Drummond de Andrade João Cabral de Melo Neto Fernando Pessoa Manuel Bandeira Dalton Trevisan	<i>De taal als bril</i> (as traduções dos diferentes autores encontram-se dispersas nos diversos ensaios de vertalingen van de verschillende auteurs zijn verspreid in de diverse stukken)	De Arbeiderspers	poesia conto (antologia de ensaios)
1988	Machado de Assis	Portfolio – Het Rio de Janeiro van Machado de Assis in foto's van Sérgio Zalis	<i>Maatstaf</i>	fragmentos romance artigo jornal
1988	Ferreira Gullar	Zes Gedichten	<i>Raster</i>	poesia
1988	Bert Schierbeek Gerrit Kouwenaar Lucebert Remco Campert Hans Faverey Cees Nootboom J. Bernlef Arie van den Berg	<i>Um mundo claro, um dia escuro: Oito poetas holandeses</i> [holandês Nederlands]	Limiar	poesia
1991	Fernando Pessoa	<i>Ik is een ander*</i> (De Uit: <i>Gedichten</i>)	Fantom	poesia
1991	Eugénio de Andrade Sophia de M.B. Andresen Casimiro de Brito Herberto Helder Nuno Júdice David Mourão-Ferreira	<i>Hoor de kleine kreet...: Hedendaagse Portugese poëzie</i>	Point	poesia

⁴¹ Nome completo (Volledige naam): Joaquim Maria Machado de Assis.

⁴² Nome completo (Volledige naam): Mário Cesariny de Vasconcelos.

⁴³ Nome completo (Volledige naam): Sophia de Mello Breyner Andresen.

	António Ramos Rosa Pedro Tamen Paulo Teixeira Mário Cesariny			
1992	Machado de Assis	<i>Dagboek van Aires</i>	De Arbeiderspers	romance
1992	Chico Buarque	<i>Onrust</i>	Meulenhoff	romance
1992	Dalton Trevisan	<i>De zoete vijandin: Verhalen</i>	Meulenhoff	contos antologia
1992	Drummond de Andrade	<i>Erotische gedichten</i>	<i>Maatstaf</i>	poesia
1992	João Guimarães Rosa	<i>Het uur en ogenblik van Augusto Matraga, 2^e druk</i>	Meulenhoff	novela
1992	Drummond de Andrade	<i>De liefde, natuurlijk</i>	De Arbeiderspers	poesia antologia
1993	João Cabral de Melo Neto	Dood en leven, severijns* In “ <i>¿No pasaran! - ¿No pasaran?</i> ”	<i>Point</i>	poesia
1993	João Guimarães Rosa	Riobaldo's estória	<i>Raster</i>	fragmento romance
1993	João Guimarães Rosa	<i>Diepe wildernis: De wegen</i>	Meulenhoff	romance
1995	Graciliano Ramos	<i>Angst: Roman</i>	Coppens & Frenks	romance
1995	Cesário Verde Fernando Pessoa Mário de Sá-Carneiro José de Almada Negreiros	<i>O Lissabon, mijn thuis</i> (as traduções dos diferentes autores encontram-se dispersas em dois capítulos distintos da coletânea de vertalingen van de verschillende auteurs zijn verspreid over twee hoofdstukken van de anthologie)	Bas Lubberhuizen	poesia
1996	Graciliano Ramos	São Bernardo	<i>De Gids</i>	fragmento romance
1996	Graciliano Ramos	<i>São Bernardo</i>	Coppens & Frenks	romance
1996	João Guimarães Rosa	Ontknoping	<i>Raster</i>	conto
1997	Almeida Faria	<i>De veroveraar</i>	Meulenhoff	romance
1997	Adília Lopes	Poetry International Festival	<i>Poetry International</i>	poesia
1998	Graciliano Ramos	<i>Dorre levens</i>	Coppens & Frenks	romance
1998	Nuno Júdice	<i>Recept om blauw te maken</i>	Wagner & Van Santen	poesia antologia
1998	Drummond de Andrade	Gedichten	<i>Nieuw Wereldtijdschrift</i>	poesia
1998	Drummond de Andrade	Farewell	<i>Maatstaf</i>	poesia
1998	Nelson Ascher	(Fragmenten van gedichten)	<i>Passionate</i>	poesia
1998	Cláudia Ahimsa	(Vijf gedichten)	<i>Passionate</i>	poesia
1998	Nuno Júdice	Poetry International Festival	<i>Poetry International</i>	poesia
1998	Drummond de Andrade	<i>Farewell</i>	De Arbeiderspers	poesia
1998	Machado de Assis	<i>Kort, maar opgewekt*</i>	Ser J.L. Prop	fragmento romance
1999	Cláudia Ahimsa	(Drie gedichten)	<i>Passionate</i>	poesia
1999	Antônio Torres	<i>Dit stuk grond</i>	Meulenhoff	romance
1999	Hector Mallot	<i>Alleen op de wereld</i> [francês Frans]	De Arbeiderspers	romance
1999	Paulo Teixeira	30 ^e Poetry International Festival	<i>Poetry International</i>	poesia
2000	Pêro Vaz de Caminha	<i>De ontdekking van Brazilië, 2e druk</i>	Meulenhoff	cartas
2000	Fernando Pessoa (Baron van Teive)	<i>De stoïcijn: Het enige manuscript van baron van Teive: de onmogelijkheid om superieure kunst te maken</i>	De Arbeiderspers	prosa
2000	Drummond de Andrade	Midden op de weg	<i>Raster</i>	poesia
2000	Lêdo Ivo	<i>Vleermuizen en blauwe krabben</i>	Wagner & Van Santen	poesia
2000	Fernando Pessoa	<i>Het uur van de duivel</i>	De Arbeiderspers	conto
2001	Euclides da Cunha	<i>De binnenlanden</i>	Meulenhoff	não-ficção
2001	Nuno Júdice	Gedichten	<i>Tirade</i>	poesia
2001	Helder Mouro Pereira	Gedichten	<i>Tirade</i>	poesia
2001	Antônio Franco Alexandre	rosencrantz, dramatische episode	<i>Tirade</i>	episódio dramático
2001	Fernando Pinto do Amaral	Gedichten	<i>Tirade</i>	poesia
2001	Fernando Pessoa (Álvaro de Campos)	Drie gedichten	<i>Tirade</i>	poesia
2001	Fernando Pessoa	<i>Boodschap</i>	De Arbeiderspers	poesia
2002	Fernando Pessoa (Ricardo Reis)	<i>Oden</i>	De Arbeiderspers	poesia
2002	Graciliano Ramos	<i>Kannibalen</i>	Coppens & Frenks	romance
2003	Fernando Pessoa	<i>Herostratus</i>	De Arbeiderspers	essays
2003	Fernando Pessoa (Alberto Caeiro)	<i>De hoeder van de kudden en andere gedichten</i>	De Arbeiderspers	poesia
2003	Ferreira Gullar	<i>Morgen is weer geen andere dag: Gedichten</i>	Wagner & Van Santen	poesia
2003	Gonçalo M. Tavares	Poetry International Festival	<i>Poetry International</i>	poesia

2003	Cesário Verde Fernando Pessoa Mário de Sá-Carneiro José de Almada Negreiros	<i>O Lissabon, mijn thuis</i> , gewijzigde herdruk (as traduções dos diferentes autores encontram-se dispersas em dois capítulos distintos da coletânea de vertalingen van de verschillende auteurs zijn verspreid over twee hoofdstukken van de anthologie)	Bas Lubberhuizen	poesia
2004	Fernando Pessoa	<i>Brieven 1905-1919</i>	De Arbeiderspers	cartas
2005	Chico Buarque	<i>De spookschrijver uit Rio</i>	Meulenhoff	romance
2005	Nuno Júdice	<i>De emotie in kaart gebracht</i>	Wagner & Van Santen	poesia
2005	Fernando Pessoa & Ofélia Queiroz	<i>Liefdesbrieven 1920, 1929-1932</i>	De Arbeiderspers	cartas
2005	Fernando Pessoa	<i>Brieven 1921-1935</i>	De Arbeiderspers	cartas
2005	Manuel Maria Barbosa du Bocage	Aan Manteigui	<i>De Tweede Ronde</i>	poesia
2006	Fernando Pessoa (Álvaro de Campos)	<i>Gedichten 1913-1922</i>	De Arbeiderspers	poesia
2006	Ana Paula Tavares	37e Poetry International Festival	<i>Poetry International</i>	poesia
2006	Fernando Pessoa	<i>Pessoa: een directe weg naar het lezen van gedichten van Fernando Pessoa*</i>	Damon	poesia
2007	Luís Vaz de Camões	<i>Ware voor zo lange liefde niet zo kort het leven: lyrische gedichten</i>	De Arbeiderspers	poesia
2007	Nuno Júdice	38e Poetry International Festival	<i>Poetry International</i>	poesia
2007	Fernando Pessoa (Álvaro de Campos)	<i>De metafysische ingenieur en andere gedichten 1923- 1935</i>	De Arbeiderspers	poesia
2007	Graciliano Ramos	<i>Kinderjaren</i>	De Arbeiderspers	romance
2007	Fernando Pessoa	<i>De mooiste gedichten van Fernando Pessoa*</i>	Het Parool	poesia
2008 ⁴⁴	Drummond de Andrade	Papier	Bureau Claxon	poesia
2009 ⁴⁵	Fernando Pessoa	<i>Gedichten</i> , 10 ^e herziene druk	De Arbeiderspers	
2010 ⁴⁶	Fernando Pessoa	<i>Heimwee naar vereeuwiging: De Engelse gedichten</i>	De Arbeiderspers	poesia
		119 publicações (publicaties)	66 em forma de livro 53 em revistas	poesia: 63 prosa: 59

⁴⁴ Publicação póstuma. Não está incluída nas estatísticas desta tese. (Postuum uitgegeven. Niet meegeteld in deze scriptie.)

⁴⁵ Idem.

⁴⁶ Idem.

APÊNDICE 2

TRADUÇÕES DE AUGUST WILLEMSSEN

Apresento abaixo os resultados da pesquisa bibliográfica. Neste corpus estão indicadas todas as traduções de August Willemssen que foram publicadas em forma de livro (primeiras edições bem como reedições modificadas) e em revistas. Os dados estão ordenados alfabeticamente pelo último sobrenome do autor e a seguir cronologicamente de acordo com o ano de publicação da tradução. A ordem dentro de um determinado ano é aleatória.

Os títulos dos livros (original e tradução) e o nome das revistas estão em itálico. Os títulos de traduções que estão entre parênteses são descrições minhas do conteúdo da publicação como substituição aos títulos ausentes. Nas traduções em forma de livro estão indicados o lugar de publicação e o nome da editora, enquanto nas traduções em antologias e revistas são dadas as fontes. O nome do antologista só é dado quando August Willemssen não for o (um dos) antologista(s). Por último, encontra-se a informação sobre os paratextos das traduções, quando presentes. Nos exemplos indico o lugar de cada informação.

Exemplos:

(Tradução em forma de livro)

Autor do original

Título do original, Ano de publicação do original ou s/d

Título da tradução, Ano de publicação da tradução

Local de publicação: Editora

Paratextos de August Willemssen

(Tradução em antologia)

Autor do original

Título do original, Ano de publicação do original ou s/d

Título da tradução, Ano de publicação da tradução

Título da antologia (página inicial-página final), Local de publicação: Editora

Paratextos de August Willemssen

(Tradução em revistas)

Autor do original

Título do original, Ano de publicação do original ou s/d

Título da tradução, Ano de publicação da tradução

Revista Volume (Número), Página inicial-página final

Paratextos de August Willemssen

BIJLAGE 2

VERTALINGEN VAN AUGUST WILLEMSEN

De resultaten van het archeologisch onderzoek zijn hieronder weergegeven. Dit corpus geeft alle vertalingen van August Willemsen weer die verschenen zijn in boekvorm (eerste drukken en herziene/gewijzigde drukken) en in tijdschriften. De gegevens staan alfabetisch gerangschikt op de laatste achternaam van de auteur en vervolgens chronologisch op jaar van publicatie van de vertaling. Binnen één jaar is de volgorde van de publicaties willekeurig.

De titels van boeken (origineel en vertaling) en de naam van tijdschriften staan schuin gedrukt. De titels van vertalingen die tussen ronde haakjes staan, zijn door mij gegeven aanduidingen van de inhoud als vervanging van een ontbrekende titel. Bij vertalingen in boekvorm zijn verder de plaats van uitgave en de naam van de uitgeverij te vinden terwijl bij vertalingen in bloemlezingen of tijdschriften de bron staat vermeld. De naam van de samensteller van een bloemlezing wordt slechts aangegeven wanneer August Willemsen niet (een van) de samenstellers is. Bij vertalingen die begeleid worden door parateksten (inleiding, voor- of nawoorden, aantekeningen, verantwoording, opmerkingen, etc.), staat deze informatie als laatste aangegeven. In de voorbeelden geef ik aan welke informatie waar te vinden is.

Voorbeelden:

(Vertaling in boekvorm)

Auteur van het origineel

Titel origineel, Jaar van publicatie origineel of s/d

Titel vertaling, Jaar van publicatie vertaling

Plaats van uitgave: Uitgeverij

Parateksten door August Willemsen

(Vertaling in bloemlezing)

Auteur van het origineel

Titel origineel, Jaar van publicatie origineel of s/d

Titel vertaling, Jaar van publicatie vertaling

Titel bloemlezing (eerste bladzij-laatste bladzij), Plaats van uitgave: Uitgeverij

Parateksten door August Willemsen

(Vertaling in tijdschriften)

Auteur van het origineel

Titel origineel, Jaar van publicatie origineel of s/d

Titel vertaling, Jaar van publicatie vertaling

Tijdschrift Jaargang (Nummer | Aflevering), eerste bladzij-laatste bladzij

Parateksten door August Willemsen

AHIMSA, Claudia

(Vijf gedichten), 1998

Passionate (4), 49-55

Introdução (Inleiding)

AHIMSA, Claudia

(Drie gedichten), 1999

Passionate (4), 112-113

ALEXANDRE, António Franco

De (Uit): *Quatro Caprichos*, 1999

Rosencrantz, dramatische episode, 2001

Tirade 45 (391), 384-90

AMARAL, Fernando Pinto do

Gedichten, 2001

Tirade 45 (391), 391-403

ANDRADE, Carlos Drummond de

Braziliaanse poëzie na 1920, 1972

Raster 6 (3), 364-372, 380

Introdução (Inleiding)

ANDRADE, Carlos Drummond de

Braziliaanse literatuur: Carlos Drummond de Andrade, 1979

Maatstaf 27 (3), 75-87

Introdução (Inleiding)

ANDRADE, Carlos Drummond de

Seleção do tradutor (Keuze vertaler), s/d

Gedichten, 1980

Amsterdam: De Arbeiderspers

Posfácio (Nawoord): Drummond – het zoeken naar de minimale mens | Notass (Aantekeningen) | Justificativa (Verantwoording) |

Bibliografia (Bibliografie)

ANDRADE, Carlos Drummond de

Seleção do tradutor (Keuze vertaler), s/d

20 Gedichten van Carlos Drummond de Andrade, 1983

Amsterdam: Rijksacademie van de Beeldende Kunsten, Fac. Visuele Communicatie

ANDRADE, Carlos Drummond de

Portfolio – Foto's van Sérgio Zalis bij gedichten van Carlos Drummond de Andrade:

Twee Brazilianen, 1983

Maatstaf 31 (9), 33-44

Introdução (Inleiding)

ANDRADE, Carlos Drummond de

Erotische gedichten, 1986

Optima 4 (2), 225-9

ANDRADE, Carlos Drummond de

Drie dichters over de dood, 1986

Nieuw Wereldtijdschrift (2), 18-23

ANDRADE, Carlos Drummond de

Liefde is lastig, 1987

In *De taal als bril* (16, 17-18). Amsterdam: De Arbeiderspers

Introdução (Inleiding)

ANDRADE, Carlos Drummond de

Waar háált hij het vandaan, 1987

In *De taal als bril* (62-65, 71-72). Amsterdam: De Arbeiderspers

Introdução (Inleiding)

ANDRADE, Carlos Drummond de

Vijf jaar aanstoot, 1987

In *De taal als bril* (210). Amsterdam: De Arbeiderspers

Introdução (Inleiding)

ANDRADE, Carlos Drummond de

Dit andere leven, 1987

In *De taal als bril* (231-232, 238, 243, 245). Amsterdam: De Arbeiderspers

Introdução (Inleiding)

ANDRADE, Carlos Drummond de

Erotische gedichten, 1992

Maatstaf 40 (8/9), 4-11

Prefácio (Voorwoord): De erotische gedichten van Drummond de Andrade

ANDRADE, Carlos Drummond de

O amor natural, 1992

De liefde, natuurlijk, 1992

Amsterdam: De Arbeiderspers

Apêndice (Appendix) | Posfácio (Nawoord): De laatste sluijer van de ziel | Notas (Noten)

ANDRADE, Carlos Drummond de

Gedichten, 1998

Nieuw Wereldtijdschrift (2), 74-77

ANDRADE, Carlos Drummond de

Farewell, 1998

Maatstaf 46 (4), 81-85

Introdução (Inleiding)

ANDRADE, Carlos Drummond de

Farewell, 1996

Farewell, 1998

Amsterdam: De Arbeiderspers

Notas (Aantekeningen) | Posfácio (Nawoord): Brief aan de uitgever | Apêndice (Appendix): Canção flautim

ANDRADE, Carlos Drummond de

Midden op de weg, 2000

Raster 90, 181

ANDRADE, Carlos Drummond de

Papier, 2008 (de | uit: *Gedichten*. De Arbeiderspers, 1980)

Gebruikt papier (ou | oftewel: *Anne de Boer 60!*). Impressão de (Gedrukt door) Hester Verkruijzen. Den

Haag: Bureau Claxon

ANDRADE, Eugénio de

De (Uit): *Poesia e prosa*, 1990

(Vier gedichten), 1991

Hoor de kleine kreet...: Hedendaagse Portugese poëzie (6-11), Meerbeke-Ninove: Point

Introdução (Inleiding): Portugese poëzie na 1950 | Seleção de dados biográficos e bibliográficos (Selectie bio- en bibliografische gegevens)

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner

Seleção do tradutor (Keuze vertaler), s/d

(Acht Gedichten), 1985

Ik verheerlijk het verleden niet: Dertien hedendaagse dichters uit Portugal, Amsterdam: Meulenhoff

Introdução (Inleiding): Portugese poëzie na 1940 | Notas (Noten) | Dados biográficos e bibliográficos (Bio-bibliografische gegevens)

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner

De (Uit): *Livro sexto*, 1962; *Geografia*, 1967

(Twee gedichten), 1991

Hoor de kleine kreet...: Hedendaagse Portugese poëzie (12-17), Meerbeke-Ninove: Point

Introdução (Inleiding): Portugese poëzie na 1950 | Seleção de dados biográficos e bibliográficos (Selectie bio- en bibliografische gegevens)

ARCOS, Joaquim Paço D'

A história de Venâncio, segundo-oficial, 1963

De geschiedenis van Venâncio, ambtenaar 2e klas, 1970

Meesters der Portugese vertelkunst (98-105), Amsterdam: Meulenhoff

Introdução (Inleiding) | Dados biográficos (Biografische gegevens)

ASCHER, Nelson

(Fragmenten van gedichten), 1998

Passionate (4), 43-44

Introdução (Inleiding)

ASSIS, Joaquim Maria Machado de

Memórias póstumas de Brás Cubas, 1881

Posthume herinneringen van Brás Cubas, 1983

Amsterdam: De Arbeiderspers

Notas (Aantekeningen) | Posfácio (Nawoord): Machado de Assis en zijn *Posthume herinneringen van Brás Cubas* | Justificativa (Verantwoording)

ASSIS, Joaquim Maria Machado de

Verhalen, 1984

Maatstaf 32 (5), 5-14

Prefácio (Voorwoord): De verhalen van Machado de Assis

ASSIS, Joaquim Maria Machado de

Quincas Borba, 1891

Quincas Borba, 1984

Amsterdam: De Arbeiderspers

Notas (Aantekeningen) | Posfácio (Nawoord): *Quincas Borba*: De ernst der zotheid | Justificativa (Verantwoording)

ASSIS, Joaquim Maria Machado de

Seleção de (Keuze uit): *Papéis avulsos* (1882), *Histórias sem data* (1884), *Várias histórias* (1896)

De psychiater en andere verhalen, 1984

Amsterdam: De Arbeiderspers

Notas (Aantekeningen) | Posfácio (Nawoord): De verhalen van Machado de Assis | Justificativa (Verantwoording)

ASSIS, Joaquim Maria Machado de

Dom Casmurro, 1900

Dom Casmurro, 1985

Amsterdam: De Arbeiderspers

Notas (Aantekeningen) | Posfácio (Nawoord): *Dom Casmurro*, of het bodemloos bestaan | Justificativa (Verantwoording)

ASSIS, Joaquim Maria Machado de

Seleção de (Keuze uit): *Várias histórias* (1896), *Páginas recolhidas* (1899), *Reliquia de casa velha* (1906), *Outros Contos (Obra Completa, parte/ deel II)*

Vrouwenarmen en andere verhalen, 1986

Amsterdam: De Arbeiderspers

Notas (Aantekeningen) | Posfácio (Nawoord): De latere verhalen van Machado de Assis

ASSIS, Joaquim Maria Machado de

Portfolio/ Het Rio de Janeiro van Machado de Assis in foto's van Sérgio Zalis, 1988

Maatstaf 36 (7), 34-40

Introdução (Inleiding)

ASSIS, Joaquim Maria Machado de

Memorial de Aires, 1908

Dagboek van Aires, 1992

Amsterdam: De Arbeiderspers

Notas (Aantekeningen) | Posfácio (Nawoord): *Dagboek van Aires* – De afvaart van het strand

ASSIS, Joaquim Maria Machado de

Curto, mas alegre (de/uit: *Memórias póstumas de Brás Cubas*), 1881

Kort, maar opgewekt, 1998

Terhorst: Ser J. L. Prop

[tiragem de trinta exemplares (kleine oplage van dertig exemplaren) | ontleend aan *Posthume herinneringen van Brás Cubas* in de vertaling van August Willemsen (Amsterdam: De Arbeiderspers, 1983)]

BANDEIRA Manuel Carneiro de Sousa

Braziliaanse poëzie na 1920, 1972

Raster 6 (3), 360-363, 375

Introdução (Inleiding)

BANDEIRA Manuel Carneiro de Sousa

Seleção do tradutor (Keuze vertaler), s/d

Gedichten, 1982

Leiden: De Lantaarn

Posfácio (Nawoord): Manuel Bandeira (1886-1968)

BANDEIRA, Manuel Carneiro de Sousa

Manuel Bandeira, 1982

Literair Paspoort 33 (299), 335-6

Introdução (Inleiding): Braziliaanse literatuur? Bestaat die dan?

BANDEIRA, Manuel Carneiro de Sousa

Gedichten, 1983

Nieuw Vlaams Tijdschrift (2), 192-4

Prefácio (Voorwoord)

BANDEIRA, Manuel Carneiro de Sousa

Drie dichters over de dood, 1986

Nieuw Wereldtijdschrift (2), 18-23

BANDEIRA, Manuel Carneiro de Sousa

Dit andere leven, 1987

In *De taal als bril* (228-229, 240, 241, 246). Amsterdam: De Arbeiderspers
Prefácio (Voorwoord)

BERG, Arie van den

Seleção de August Willemsen (Keuze van August Willemsen)

(Gedichten), 1988

Um mundo claro, um dia escuro: Oito poetas holandeses (103-107). Traduzido em colaboração com
(Vertaald met) Egito Gonçalves, Porto: Limiar
Introdução (Inleiding)

BERNLEF, J.

Seleção de August Willemsen (Keuze van August Willemsen)

(Negen gedichten), 1988

Um mundo claro, um dia escuro: Oito poetas holandeses (91-100). Traduzido em colaboração com
(Vertaald met) Egito Gonçalves, Porto: Limiar
Introdução (Inleiding)

BOCAGE, Manuel Maria Barbosa du

Aan Manteigui, 2005

De Tweede Ronde 26 (4), 73-80

Posfácio (Nawoord)

BRITO, Casimiro de

Poesia 61 en andere stromingen in de Portugese poëzie, 1978

Raster 5, 113, 128-133

BRITO, Casimiro de

Gedichten, 1982

Poëziekrant (5), 9

BRITO, Casimiro de

Seleção do tradutor (Keuze vertaler), s/d

(Negen Gedichten), 1985

Ik verheerlijk het verleden niet: Dertien hedendaagse dichters uit Portugal, Amsterdam: Meulenhoff
Introdução (Inleiding): Portugese poëzie na 1940 | Anotações (Noten) | Dados biográficos e bibliográficos (Bio-
bibliografische gegevens)

BRITO, Casimiro de

De (Uit): *Subitamente o silêncio*, 1991

(Twee gedichten), 1991

Hoor de kleine kreet...: Hedendaagse Portugese poëzie (18-23), Meerbeke-Ninove: Point

Introdução (Inleiding): Portugese poëzie na 1950 | Seleção de dados biográficos e bibliográficos (Selectie bio- en
bibliografische gegevens)

BUARQUE, Chico

Estorvo, 1991

Onrust: Roman, 1992

Amsterdam: Meulenhoff

Posfácio (Nawoord)

BUARQUE, Chico

Budapeste, 2003

De spookschrijver uit Rio, 2005

Amsterdam: Meulenhoff

Posfácio (Nawoord): De spoken van de schrijver | Notas (Aantekeningen)

CAMINHA, Pero Vaz de

A carta de Pêro Vaz de Caminha, 1965 en 1994

De ontdekking van Brazilië, 2000, 2^e druk

Amsterdam: Meulenhoff (Primeira edição de 1999 não comercializada | Eerste druk van 1999 niet in de handel)

Posfácio (Nawoord): De geboorteakte van Brazilië

CAMÕES, Luís Vaz de

Seleção do tradutor (Keuze vertaler), s/d

Ware voor zo lange liefde niet zo kort het leven: Lyrische gedichten, 2007

Amsterdam: De Arbeiderspers

Justificativa (Verantwoording) | Notas (Aantekeningen) | Posfácio (Nawoord): Camões: Het botte zwaard en de scherpe pen

CAMPERT, Remco

Seleção de August Willemsen (Keuze van August Willemsen)

(Vijf Gedichten), 1988

Um mundo claro, um dia escuro: Oito poetas holandeses (51-60). Traduzido em colaboração com

(Vertaald met) Egito Gonçalves, Porto: Limiar

Introdução (Inleiding)

CARVALHO, Armando Silva

Poesia 61 en andere stromingen in de Portugese poëzie, 1978

Raster 5, 114-117

CARVALHO, Armando Silva

Seleção do tradutor (Keuze vertaler), s/d

(Zes Gedichten), 1985

Ik verheerlijk het verleden niet: Dertien hedendaagse dichters uit Portugal, Amsterdam: Meulenhoff

Introdução (Inleiding): Portugese poëzie na 1940 | Anotações (Noten) | Dados biográficos e bibliográficos (Biobibliografische gegevens)

CARVALHO, José Rentes de

Lisboa à tarde, 1970

Lissabon, 1970

Meesters der Portugese vertelkunst (pp. 175-182), Amsterdam: Meulenhoff

Introdução (Inleiding) | Dados biográficos (Biografische gegevens)

CARVALHO, José Rentes de

Com os holandeses, 1972

Waar die andere God woont, 1972

Amsterdam: Meulenhoff

CARVALHO, José Rentes de

Portugal – a flor e a foice, 1975

Portugal, de bloem en de sikkel, 1975

Amsterdam: De Arbeiderspers

CARVALHO, José Rentes de

Danzas, 1986

Maatstaf 34 (10), 2-11

CASTRO, E.M. de Melo e

Poesia 61 en andere stromingen in de Portugese poëzie, 1978

Raster 5, 108-109, 113, 118-125

CASTRO, E.M. de Melo e

Seleção do tradutor (Keuze vertaler), s/d

(Gedichten), 1985

Ik verheerlijk het verleden niet: Dertien hedendaagse dichters uit Portugal, Amsterdam: Meulenhoff

Introdução (Inleiding): Portugese poëzie na 1940 | Anotações (Noten) | Dados biográficos e bibliográficos (Bio-bibliografische gegevens)

CASTRO, Ferreira de

Casas Viejas, 1946

Casas Viejas, 1970

Meesters der Portugese vertelkunst (63-81), Amsterdam: Meulenhoff

Introdução (Inleiding) | Dados biográficos (Biografische gegevens)

CATTANEO, Carlo Vittorio

Poesia 61 en andere stromingen in de Portugese poëzie, 1978

Raster 5, 110, 111, 112

CRUZ, Gastão

Poesia 61 en andere stromingen in de Portugese poëzie, 1978

Raster 5, 110, 111-112

CUNHA, Euclides da

Os Sertões, 1902

De binnenlanden, 2001

Amsterdam: Meulenhoff

Notas do tradutor (Aantekeningen van de vertaler) | Glossário (Verklarende woordenlijst) | Posfácio (Nawoord): Euclides da Cunha – De brug en het boek | Justificativa (Verantwoording) | Registro de nomes de pessoas (Register van persoonsnamen)

DIONÍSIO, Mário

Sardinhas e vento, 1948

Feira, 1970

Meesters der Portugese vertelkunst (51-62), Amsterdam: Meulenhoff

Introdução (Inleiding) | Dados biográficos (Biografische gegevens)

FARIA, Almeida

O conquistador, 1990

De veroveraar, 1997

Amsterdam: Meulenhoff

Posfácio (Nawoord): De omgekeerde mythe | Glossário (Verklarende woordenlijst)

FAVEREY, Hans

Seleção de August Willemssen (Keuze van August Willemssen)

(Gedichten), 1988

Um mundo claro, um dia escuro: Oito poetas holandeses (63-71). Traduzido em colaboração com
(Vertaald met) Egito Gonçalves, Porto: Limiar

Introdução (Inleiding)

FERREIRA, José Gomes

Seleção do tradutor (Keuze vertaler), s/d

(Gedichten), 1985

Ik verheerlijk het verleden niet: Dertien hedendaagse dichters uit Portugal, Amsterdam: Meulenhoff

Introdução (Inleiding): Portugese poëzie na 1940 | Anotações (Noten) | Dados biográficos e bibliográficos (Bio-bibliografische gegevens)

FERREIRA, Vergílio

O Encontro, 1948

Het rendez-vous, 1970

Meesters der Portugese vertelkunst (22-34), Amsterdam: Meulenhoff

Introdução (Inleiding) | Dados biográficos (Biografische gegevens)

FONSECA, Branquinho da

O anjo, z.j.

De engel, 1970

Meesters der Portugese vertelkunst (40-49), Amsterdam: Meulenhoff

Introdução (Inleiding) | Dados biográficos (Biografische gegevens)

FONSECA, Manuel da

Sempre é uma companhia, 1953

Altijd beter dan niets, 1970

Meesters der Portugese vertelkunst (91-97), Amsterdam: Meulenhoff

Introdução (Inleiding) | Dados biográficos (Biografische gegevens)

FONSECA, Rubem

Zeven verhalen, 1981

Maatstaf 29 (10), 68-91

Notas (Aantekeningen) | Posfácio (Nawoord): Moderne Braziliaanse literatuur: Rubem Fonseca

GONÇALVES, Egito

Seleção do tradutor (Keuze vertaler), s/d

(Gedichten), 1985

Ik verheerlijk het verleden niet: Dertien hedendaagse dichters uit Portugal, Amsterdam: Meulenhoff

Introdução (Inleiding): Portugese poëzie na 1940 | Anotações (Noten) | Dados biográficos e bibliográficos (Bio-bibliografische gegevens)

GULLAR, Ferreira

Zes Gedichten, 1988

Raster 43, 138-47

Introdução (Inleiding): Ferreira Gullar

GULLAR, Ferreira

Escolha do tradutor (keuze vertaler), s/d

Morgen is weer geen andere dag: Gedichten, 2003

Sliedrecht: Wagner & Van Santen

Notas (Aantekeningen) | Posfácio (Nawoord): Van Zeca tot Gullar

HELDER, Herberto

De (Uit): *Poesia Toda*, 1990

(Twee gedichten), 1991

Hoor de kleine kreet...: Hedendaagse Portugese poëzie (24-27), Meerbeke-Ninove: Point

Introdução (Inleiding): Portugese poëzie na 1950 | Seleção de dados biográficos e bibliográficos (Selectie bio- en bibliografische gegevens)

HORTA, Maria Teresa; Velho da Costa, Maria; Isabel Barreno, Maria

Eerste brief 1, 1977

Maatstaf 25 (4), 74

Introdução (Inleiding): Waarom geen '3 Maria's' in het Nederlands?

IVO, Lêdo

Seleção do tradutor (keuze vertaler), s/d

Vleermuizen en blauwe krabben, 2000

Sliedrecht: Wagner & Van Santen

Posfácio (Nawoord): De sensualiteit van de herinnering

JÚDICE, Nuno

De (Uit): *A condescendência do ser*, 1988; *As inumeráveis águas*, 1974

(Twee gedichten), 1991

Hoor de kleine kreet...: Hedendaagse Portugese poëzie (28-31), Meerbeke-Ninove: Point

Introdução (Inleiding): Portugese poëzie na 1950 | Seleção de dados biográficos e bibliográficos (Selectie bio- en bibliografische gegevens)

JÚDICE, Nuno

De (Uit): *A Fonte da vida*, 1997

Poetry International Festival, 1998

Rotterdam: Poetry International

JÚDICE, Nuno

Publicação por ocasião de (Verschenen ter gelegenheid van) *Poetry International 1998*

Recept om blauw te maken, 1998

Dordrecht: Wagner & Van Santen

Posfácio (Nawoord)

JÚDICE, Nuno

Gedichten, 2001

Tirade 45 (391), 360-370

JÚDICE, Nuno

De (Uit): *Poesia reunida 1967-2000*, 2000, *Pedro, Lembrando Inês*, 2001, *Cartografia de Emoções*, 2001

De emotie in kaart gebracht, 2005

Sliedrecht: Wagner & Van Santen

Posfácio (Nawoord): De liefde als poëtica

JÚDICE, Nuno

De (Uit): *Geometria variável*, 2005; *As coisas mais simples*, 2006

38e Poetry International Festival, 2007

Rotterdam: Poetry International

Posfácio (Nawoord)

KOUWENAAR, Gerrit

Seleção de August Willemssen (Keuze van August Willemssen)

(Acht Gedichten), 1988

Um mundo claro, um dia escuro: Oito poetas holandeses (27-35). Traduzido em colaboração com

(Vertaald met) Egito Gonçalves, Porto: Limiar

Introdução (Inleiding)

LACERDA, Alberto de

Seleção do tradutor (Keuze vertaler), s/d

(Gedichten), 1985

Ik verheerlijk het verleden niet: Dertien hedendaagse dichters uit Portugal, Amsterdam: Meulenhoff

Introdução (Inleiding): Portugese poëzie na 1940 | Anotações (Noten) | Dados biográficos e bibliográficos (Bio-bibliografische gegevens)

LOPES, Adília

De (Uit): *O Poeta de Pondichéry*, 1986

Poetry International Festival, 1997

Rotterdam: Poetry International

LUCBERT

Seleção de August Willemssen (Keuze van August Willemssen)

(Gedichten), 1988

Um mundo claro, um dia escuro: Oito poetas holandeses (39-48). Traduzido em colaboração com

(Vertaald met) Egito Gonçalves, Porto: Limiar

Introdução (Inleiding)

MALLOT, Hector

Sans famille, 1878

Alleen op de wereld, 1999

Amsterdam: De Arbeiderspers

Posfácio (Nawoord): Rémi, vondeling en vinder

MELO NETO, João Cabral de
Braziliaanse poëzie na 1920, 1972
Raster 6 (3), 373-74, 376-79, 381
Introdução (Inleiding)

MELO NETO, João Cabral de
Gedichten, 1981
Nieuw Vlaams Tijdschrift (4), 477-490
Posfácio (Nawoord)

MELO NETO, João Cabral de
Seleção do tradutor (Keuze vertaler), s/d
Gedichten, 1981
Leiden: De Lantaarn
Posfácio (Nawoord): João Cabral de Melo Neto

MELO NETO, João Cabral de
João Cabral de Melo Neto, 1984
Optima 29, 139-41

MELO NETO, João Cabral de
Drie dichters over de dood, 1986
Nieuw Wereldtijdschrift (2), 18-23

MELO NETO, João Cabral de
Hoe doe je dat nou, 1987
In *De taal als bril* (31-32, 47), Amsterdam: De Arbeiderspers
Introdução (Inleiding)

MELO NETO, João Cabral de
Dot andere leven, 1987
In *De taal als bril* (235-237), Amsterdam: De Arbeiderspers
Introdução (Inleiding)

MELO NETO, João Cabral de
Dood en leven , severijns, 1993
“*¿No pasaran! - ¿No pasaran?*” (8-13), Meerbeke-Ninove: Point

MENÉRES, M.A.
Poesia 61 en andere stromingen in de Portugese poëzie, 1978
Raster 5, 109-10

MONTEIRO, Domingos
Um recado para o céu, 1961
De boodschap, 1970
Meesters der Portugese vertelkunst (120-128), Amsterdam: Meulenhoff
Introdução (Inleiding) | Dados biográficos (Biografische gegevens)

MOURÃO-FERREIRA, David
De (Uit): *Obra poética*, 1988
(Drie gedichten), 1991
Hoor de kleine kreet...: Hedendaagse Portugese poëzie (32-35), Meerbeke-Ninove: Point
Introdução (Inleiding): Portugese poëzie na 1950 | Seleção de dados biográficos e bibliográficos (Selectie bio- en bibliografische gegevens)

NAMORA, Fernando

História quase policial, 1949

Bijna een detective story, 1970

Meesters der Portugese vertelkunst (82-90), Amsterdam: Meulenhoff

Introdução (Inleiding) | Dados biográficos (Biografische gegevens)

NEGREIROS, José de Almada

Mini-anthologie van het Portugese Modernisme, 2003

O Lissabon, mijn thuis (177-184), gewijzigde herdruk, Amsterdam: Bas Lubberhuizen

NEIL, Alexandre O'

Seleção do tradutor (Keuze vertaler), s/d

(Zeven gedichten), 1985

Ik verheerlijk het verleden niet: Dertien hedendaagse dichters uit Portugal, Amsterdam: Meulenhoff

Introdução (Inleiding): Portugese poëzie na 1940 | Anotações (Noten) | Dados biográficos e bibliográficos (Bio-bibliografische gegevens)

NOOTEBOOM, Cees

Seleção de August Willemssen (Keuze van August Willemssen)

(Elf gedichten), 1988

Um mundo claro, um dia escuro: Oito poetas holandeses (75-87). Traduzido em colaboração com (Vertaald met) Egito Gonçalves, Porto: Limiar

Introdução (Inleiding)

OLIVEIRA, Carlos de

Seleção do tradutor (Keuze vertaler), s/d

(Gedichten), 1985

Ik verheerlijk het verleden niet: Dertien hedendaagse dichters uit Portugal, Amsterdam: Meulenhoff

Introdução (Inleiding): Portugese poëzie na 1940 | Anotações (Noten) | Dados biográficos e bibliográficos (Bio-bibliografische gegevens)

PACHECO, Fernando Assis

Seleção do tradutor (Keuze vertaler), s/d

(Acht Gedichten), 1985

Ik verheerlijk het verleden niet: Dertien hedendaagse dichters uit Portugal, Amsterdam: Meulenhoff

Introdução (Inleiding): Portugese poëzie na 1940 | Anotações (Noten) | Dados biográficos e bibliográficos (Bio-bibliografische gegevens)

PEREIRA, Helder Mouro

Gedichten, 2001

Tirade 45 (391), 371-83

PESSOA, Fernando

Anthologie, 1977

Avenue, januari 1977, 153-155

PESSOA, Fernando

De anarchistische bankier, 1977

Maatstaf 25 (5/6), 13-32

Posfácio (Nawoord): Het proza van Fernando Pessoa

PESSOA, Fernando

Liedboek, 1977

Maatstaf 25 (8/9), 30-41

Introdução (Inleiding): Portugese literatuur: De poëzie van Fernando Pessoa (1888-1935)

PESSOA, Fernando

Portugese literatuur: Pessoa's heteroniemen aan het woord, 1978

Maatstaf 26 (1), 25-35

Introdução (Inleiding)

PESSOA, Fernando

Seleção do tradutor (Keuze vertaler), s/d

Gedichten, 1978

Amsterdam: De Arbeiderspers

Posfácio (Nawoord): Fernando Pessoa: - Waarheid veinzen om niet niets te zijn | Justificativa (Verantwoording) | Notas (Aantekeningen) | Bibliografia (Bibliografie)

PESSOA, Fernando

O banqueiro anarquista e outros contos de raciocínio, 1964

De anarchistische bankier & ander proza, 1980

Amsterdam: Meulenhoff

Posfácio (Nawoord): De bevolkte leegte: Over het proza van Fernando Pessoa | Justificativa e observações (Verantwoording en opmerkingen)

PESSOA, Fernando (Álvaro de Campos)

Ode Marítima, 1915

Ode van de zee, 1981

Amsterdam: De Arbeiderspers

Posfácio (Nawoord): De mislukte verlossing: Over de gevoelsexperimenten van Álvaro de Campos | Justificativa (Verantwoording)

PESSOA, Fernando

Keuze vertaler (Escolha do tradutor), s/d

**Gedichten*, 2e herziene druk 1982

Amsterdam: De Arbeiderspers

Posfácio (Nawoord): Fernando Pessoa: - Waarheid veinzen om niet niets te zijn | Justificativa (Verantwoording) | Notas (Aantekeningen) | Bibliografia (Bibliografie)

PESSOA, Fernando

De (Uit): Fernando Pessoa, *Gedichten*, 3^e druk, De Arbeiderspers, 1987

Waar háált hij het vandaan, 1987

In *De taal als bril* (76-77), Amsterdam: De Arbeiderspers

Introdução (Inleiding)

PESSOA, Fernando

De mislukte verlossing, 1987

In *De taal als bril* (115, 116, 117-118, 122, 123), Amsterdam: De Arbeiderspers

Introdução (Inleiding)

PESSOA, Fernando

De kennis crisis bij Fernando Pessoa, 1987

In *De taal als bril* (130-131, 133-137), Amsterdam: De Arbeiderspers

Introdução (Inleiding)

PESSOA, Fernando

De (Uit): Fernando Pessoa, *Gedichten*, 3^e druk, De Arbeiderspers, 1987

Pessoa in Persoon, 1987

In *De taal als bril* (144-145, 149, 153), Amsterdam: De Arbeiderspers

Introdução (Inleiding)

PESSOA, Fernando

De (Uit): Fernando Pessoa, *Gedichten*

Ik is een ander, 1991

Antwerpen: Fantom

PESSOA, Fernando

Mini-anthologie van het Portugese Modernisme, 1995
O Lissabon, mijn thuis (162-167), Amsterdam: Bas Lubberhuizen

PESSOA, Fernando (Baron van Teive)

A educação do estóico, 1999

De stoïcijn: Het enige manuscript van baron van Teive, 2000

Amsterdam: De Arbeiderspers
Posfácio (Nawoord): De baron van Teive

PESSOA, Fernando

A hora do diabo, 1997

Het uur van de duivel, 2000

Amsterdam: De Arbeiderspers
Notas (Aantekeningen) | Posfácio (Nawoord): De Duivel als dichter

PESSOA, Fernando (Álvaro de Campos)

Drie gedichten, 2001

Tirade 45 (391), 411-16

PESSOA, Fernando

Mensagem, 1934

Boodschap, 2001

Amsterdam: De Arbeiderspers
Notas (Aantekeningen) | Posfácio (Nawoord): De onfortuinlijke boodschapper

PESSOA, Fernando (Ricardo Reis)

Poesia, 2000

Oden, 2002

Amsterdam: De Arbeiderspers
Justificativa (Verantwoording) | Notas (Aantekeningen) | Posfácio (Nawoord): Ricardo Reis: De lepe (en leefbare) paradox

PESSOA, Fernando

Heróstrato e A busca da imortalidade, 1976

Herostratus: Over onsterfelijkheid en vergankelijkheid van literaire werken, 2003

Amsterdam: De Arbeiderspers
Justificativa (Verantwoording) | Notas (Aantekeningen) | Posfácio (Nawoord): Het clownspak en de eeuwigheid

PESSOA, Fernando (Alberto Caeiro)

De (Uit): *Obras completas*, 1963; *Obra Poética*, 1981; *O manuscrito de O guardador de Rebanhos*, 1986; *Poesia*, 2001

De hoeder van kudden en andere gedichten, 2003

Amsterdam: De Arbeiderspers
Justificativa (Verantwoording) | Notas (Aantekeningen) | Posfácio (Nawoord): De achterkant van de saudade

PESSOA, Fernando

Mini-anthologie van het Portugese Modernisme, 2003

O Lissabon, mijn thuis (162-167), gewijzigde herdruk, Amsterdam: Bas Lubberhuizen

PESSOA, Fernando

Seleção de (Keuze uit): *Correspondência inédita*, 1996, *Correspondência 1905-1922*, 1999

Brieven 1905-1919, 2004

Amsterdam: De Arbeiderspers
Notas (Aantekeningen) | Posfácio (Nawoord): Alles fragmenten, fragmenten, fragmenten

PESSOA, Fernando

De (Uit): *Cartas de amor de Fernando Pessoa*, 1978; *Cartas de amor de Ofélia a Fernando Pessoa*, 1996

Liefdesbrieven 1920, 1929-1932, 2005

Vertaald samen met Harrie Lemmens. Amsterdam: De Arbeiderspers.
Justificativa (Verantwoording) | Notas (Aantekeningen) | Posfácio (Nawoord): De dichter verliefd?

PESSOA, Fernando

De (Uit): *Correspondência inédita*, 1996; *Correspondência 1905-1922*, *Correspondência 1923-1935*, 1996

Brieven 1921-1935, 2005

Amsterdam: De Arbeiderspers

Justificativa (Verantwoording) | Notas (Aantekeningen) | Posfácio (Nawoord): Het portret en het masker

PESSOA, Fernando (Álvaro de Campos)

Seleção do tradutor (Keuze vertaler), s/d

Gedichten 1913-1922, 2006

Amsterdam: De Arbeiderspers

Justificativa (Verantwoording) | Notas (Aantekeningen) | Posfácio (Nawoord): De heteroniemen van Álvaro de Campos

PESSOA, Fernando

Pessoa: Een directe weg naar het lezen van gedichten van Fernando Pessoa, 2006

Budel: Damon

PESSOA, Fernando (Álvaro de Campos)

Seleção do tradutor (Keuze vertaler) s/d

De metafysische ingenieur en andere gedichten 1923-1935, 2007

Amsterdam: De Arbeiderspers

Justificativa (Verantwoording) | Notas (Aantekeningen) | Posfácio (Nawoord): De metafysische verkoudheid van Álvaro de Campos

PESSOA, Fernando

Fernando Pessoa: Poesia, 1977

De mooiste gedichten van Fernando Pessoa, 2007

Amsterdam: Het Parool – Wereldpoëzie

PESSOA, Fernando

Gedichten, 10^e, herz. dr., 2009

Amsterdam: De Arbeiderspers

PESSOA, Fernando

Fernando Pessoa: Poesia Inglesa, 2000

Heimwee naar vereeuwiging: De Engelse gedichten, 2010

Traduzido em colaboração com (Vertaald samen met) Maarten Asscher. Amsterdam: De Arbeiderspers

PIRES, José Cardoso

Os caminheiros, 1949

Het kruispunt, 1970

Meesters der Portugese vertelkunst (164-174), Amsterdam: Meulenhoff

Introdução (Inleiding) | Dados biográficos (Biografische gegevens)

PIRES, José Cardoso

Traduzido do francês (Uit het Frans vertaald)/ Título original desconhecido (Oorspronkelijke titel onbekend)

Het regime van de censuur, 1974

De Gids 137 (5), 307-318

Introdução (Inleiding)

QUEIROZ, Ofélia

De (Uit): *Cartas de amor de Fernando Pessoa*, 1978; *Cartas de amor de Ofélia a Fernando Pessoa*, 1996

Liefdesbrieven 1920, 1929-1932, 2005

Traduzido em colaboração com (Vertaald samen met) Harrie Lemmens. Amsterdam: De Arbeiderspers.

Justificativa (Verantwoording) | Notas (Aantekeningen) | Posfácio (Nawoord): De dichter verliefd?

RAMOS, Graciliano

Angústia, 1936

Angst: Roman, 1995

Amsterdam: Coppens & Frenks

Notas (Aantekeningen) | Posfácio (Nawoord): Het dunne vernis

RAMOS, Graciliano

São Bernardo, 1996

De Gids 159 (2), 127-139

Introdução (Inleiding): Over São Bernardo van Graciliano Ramos

RAMOS, Graciliano

São Bernardo, 1938

São Bernardo, 1996

Amsterdam: Coppens & Frenks

Prefácio (Voorwoord)

RAMOS, Graciliano

Vidas Secas, 1938

Dorre levens, 1998

Amsterdam: Coppens & Frenks

Notas (Aantekeningen) | Posfácio (Nawoord): Het meedogenloze paradijs

RAMOS, Graciliano

Caetés, 1933

Kannibalen, 2002

Amsterdam: Coppens & Frenks

Notas (Aantekeningen) | Posfácio (Nawoord): Liefdes Schijngestalte

RAMOS, Graciliano

Infância, 1945

Kinderjaren, 2007

Amsterdam: De Arbeiderspers

Notas (Aantekeningen) | Posfácio (Nawoord): Het kind als vader van de mens

REDOL, Alves

O cheiro do branco, 1963

De lucht van de blanke, 1970

Meesters der Portugese vertelkunst (145-152), Amsterdam: Meulenhoff

Introdução (Inleiding) | Dados biográficos (Biografische gegevens)

RÉGIO, José

Conto do Natal, 1970

Een kerstverhaal, 1970

Meesters der Portugese vertelkunst (112-119), Amsterdam: Meulenhoff

Introdução (Inleiding) | Dados biográficos (Biografische gegevens)

RODRIGUES, Urbano Tavares

Uma noite e nunca, 1963

Eén nacht, zo ooit, 1970

Meesters der Portugese vertelkunst (129-144), Amsterdam: Meulenhoff

Introdução (Inleiding) | Dados biográficos (Biografische gegevens)

ROSA, António Ramos

Seleção do tradutor (Keuze vertaler), s/d

(Zes Gedichten), 1985

Ik verheerlijk het verleden niet: Dertien hedendaagse dichters uit Portugal, Amsterdam: Meulenhoff

Introdução (Inleiding): Portugese poëzie na 1940 | Anotações (Noten) | Dados biográficos e bibliográficos (Bio-bibliografische gegevens)

ROSA, António Ramos

De (Uit): *Facilidade do Ar*, 1990; *Círculo aberto*, 1979

(Drie gedichten), 1991

Hoor de kleine kreet...: Hedendaagse Portugese poëzie (36-41), Meerbeke-Ninove: Point

Introdução (Inleiding): Portugese poëzie na 1950 | Seleção de dados biográficos e bibliográficos (Selectie bio- en bibliografische gegevens)

ROSA, João Guimarães

De gebroeders Dagobé, 1976

Maatstaf, 24 (4), 20-23

ROSA, João Guimarães

Soroco, zijn moeder, zijn dochter, 1977

Maatstaf, 25 (4), 76-78

ROSA, João Guimarães

Primeiras estórias, 1962

De derde oever van de rivier, 1977

Amsterdam: Meulenhoff

Palavras e expressões não traduzidas (Onvertaalde woorden en uitdrukkingen) | Posfácio) Nawoord: Braziliaanse literatuur: João Guimarães Rosa (1908-1967)

ROSA, João Guimarães

A hora e a vez de Augusto Matraga (Sagarana), 1946

Het uur en ogenblik van Augusto Matraga, 1983

Leiden: De Lantaarn

Notas (Aantekeningen) | Posfácio (Nawoord): Brief van 16-6-1983 aan Jan Paul

ROSA, João Guimarães Rosa

De reigers, 1984

De toppen van Latijns-Amerika, Amsterdam: Meulenhoff

ROSA, João Guimarães

A hora e vez de Augusto Matraga, 1946

Het uur en ogenblik va Augusto Matraga, 2e druk, 1992

Amsterdam: Meulenhoff

Posfácio (Nawoord): Tussen Odysseus en Riobaldo | Notas (Aantekeningen)

ROSA, João Guimarães

Riobaldo's estória, 1993

Raster 61, 92-105

Posfácio (Nawoord): Vertellen als verlossing

ROSA, João Guimarães

Grande sertão: Veredas, 1956

Diepe wildernis: De wegen, 1993

Amsterdam: Meulenhoff

Posfácio (Nawoord): Het woord als gedicht – Het boek als de wereld | Notas e justificativa (Aantekeningen en verantwoording)

ROSA, João Guimarães

Ontknoping, 1996

Raster 74, 127-129

SÁ-CARNEIRO, Mário de

Mini-anthologie van het Portugese Modernisme, 2003

O Lissabon, mijn thuis (168-176), gewijzigde herdruk, Amsterdam: Bas Lubberhuizen

SCHIERBEEK, Bert

De (Uit): *De deur (A porta)*, 1972

(Gedichten), 1988

Um mundo claro, um dia escuro: Oito poetas holandeses (17-24) Traduzido em colaboração com (Vertaald met) Egito Gonçalves, Porto: Limiar

Introdução (Inleiding)

SENA, Jorge de

A campanha da Rússia, 1960

De Russische veldtocht, 1970

Meesters der Portugese vertelkunst (106-111), Amsterdam: Meulenhoff

Introdução (Inleiding) | Dados biográficos (Biografische gegevens)

TAMEN, Pedro

Seleção do tradutor (Keuze vertaler), s/d

(Gedichten), 1985

Ik verheerlijk het verleden niet: Dertien hedendaagse dichters uit Portugal, Amsterdam: Meulenhoff

Introdução (Inleiding): Portugese poëzie na 1940 | Anotações (Noten) | Dados biográficos e bibliográficos (Bio-bibliografische gegevens)

TAMEN, Pedro

De (Uit): *O aparelho circulatório*, 1978; *Horácio e coriáceo*, 1981

(Twee gedichten), 1991

Hoor de kleine kreet...: Hedendaagse Portugese poëzie (42-45), Meerbeke-Ninove: Point

Introdução (Inleiding): Portugese poëzie na 1950 | Seleção de dados biográficos e bibliográficos (Selectie bio- en bibliografische gegevens)

TAVARES, Ana Paula

37e Poetry International Festival, 2006

Rotterdam: Poetry International

Posfácio (Nawoord)

TAVARES, Gonçalo M.

Poetry International Festival, 2003

Rotterdam: Poetry International

Nawoord

TEIXEIRA, Paulo (Lourenço Marques)

De (Uit): *A região brilhante*, 1988

(Twee gedichten), 1991

Hoor de kleine kreet...: Hedendaagse Portugese poëzie (46-49), Meerbeke-Ninove: Point

Introdução (Inleiding): Portugese poëzie na 1950 | Seleção de dados biográficos e bibliográficos (Selectie bio- en bibliografische gegevens)

TEIXEIRA, Paulo (Lourenço Marques)

Fonte (Uit): *Inventário e Despedida*, 1997; *O rapto de Europa*, 1994; *Patmos*, 1994; *As Esperas e Outros Poemas*, 1997

30e Poetry International Festival (Tien gedichten), 1999

Rotterdam: Poetry International

Voorwoord

TORGA, Miguel

Miura, 1940

Miura, 1970

Meesters der Portugese vertelkunst (35-39), Amsterdam: Meulenhoff

Introdução (Inleiding) | Dados biográficos (Biografische gegevens)

TORRES, Antônio

Essa terra, 1976

Dit stuk grond, 1999

Amsterdam: Meulenhoff

Notas (Aantekeningen) | Posfácio (Nawoord): De droom van de sertanejo

TREVISAN, Dalton

Zeven verhalen, 1974

Maatstaf, 22 (7), 1-13

Posfácio (Nawoord): Moderne Braziliaanse literatuur: Dalton Trevisan

TREVISAN, Dalton

Novelas nada exemplares, 1970 en *O rei da terra*, 1972

De koning der aarde en andere onvoorbeeldige vertellingen, 1975

Amsterdam: Meulenhoff

Lista de expressões não traduzidas (Lijst van onvertaalde uitdrukkingen) | Posfácio (Nawoord): De Braziliaanse schrijver Dalton Trevisan

TREVISAN, Dalton

Drie verhalen, 1975

Maatstaf, 23 (11), 15-20

TREVISAN, Dalton

De (Uit): flaptekst van *A faca no coração (Het mes in het hart)*, 1975

Autobiografie, 1976

Maatstaf, 24 (5/6), 91

TREVISAN, Dalton

O pássaro de cinco asas, 1974 en *A faca no coração*, 1975

De vijfvlugelige vogel, 1977

Amsterdam: Meulenhoff

Lista de expressões não traduzidas (Lijst van onvertaalde uitdrukkingen) | Posfácio (Nawoord): De kleine hel van Dalton Trevisan

TREVISAN, Dalton

Zeven verhalen, 1982

Maatstaf, 30 (7), 104-120

Observação (Opmerking)

TREVISAN, Dalton

Trevisan vertaald. Over de stilistische ontwikkeling in het werk van Dalton Trevisan en enkele consequenties daarvan voor de vertaler, 1982

Literair Paspoort 33 (299), 337-8, 347-8

Introdução (Inleiding)

TREVISAN, Dalton

De kleine hel, 1987

In *De taal als bril* (247-249, 276-279), Amsterdam: De Arbeiderspers

Introdução (Inleiding)

TREVISAN, Dalton

Verschillende vertaalde verhalen (Vários contos traduzidos), s/d

De zoete vijandin, 1992

Amsterdam: Meulenhoff

Lista de expressões não traduzidas (Lijst van onvertaalde uitdrukkingen) | Posfácio (Nawoord): De kleine hel van Dalton Trevisan

VASCONCELOS, Mário Cesariny de

A um rato morto encontrado no parque

Aan een dode muis gevonden in een park, 1984

In Remco Campert [e.a.] (red.) *Honderd dichters uit vijftien jaar Poetry International 1970-1984* (114-115), Amsterdam: Manteau

VASCONCELOS, Mário Cesariny de

Seleção do tradutor (Keuze vertaler), s/d

(Zeven gedichten), 1985

Ik verheerlijk het verleden niet: Dertien hedendaagse dichters uit Portugal, Amsterdam: Meulenhoff

Introdução (Inleiding): Portugese poëzie na 1940 | Anotações (Noten) | Dados biográficos e bibliográficos (Bio-bibliografische gegevens)

VASCONCELOS, Mário Cesariny de

De verbrande stad. I. Spiegelschip & II. Ontstaansgeschiedenis, 1987

Het Moment (5), 45-72

VASCONCELOS, Mário Cesariny de

De (Uit): *Titânia e a cidade queimada*, 1977

De verbrande stad I en VII, 1991

Hoor de kleine kreet...: Hedendaagse Portugese poëzie (50-53), Meerbeke-Ninove: Point

Introdução (Inleiding): Portugese poëzie na 1950 | Seleção de dados biográficos e bibliográficos (Selectie bio- en bibliografische gegevens)

VERDE, CESÁRIO

O sentimento dum ocidental, 1880

De westelijke stad, 1995, 2003

O Lissabon, mijn thuis (51-56), Amsterdam: Bas Lubberhuizen

Introdução (Inleiding): Cesário Verde, de wandelende dichter

VIEIRA, Luandino

O fato completo de Lucas Matesso, 1965

Het driedelige pak van Lucas Matesso, 1970

Meesters der Portugese vertelkunst (153-163), Amsterdam: Meulenhoff

Introdução (Inleiding) | Dados biográficos (Biografische gegevens)

APÊNDICE 3

DOCUMENTOS PRIMÁRIOS DE AUGUST WILLEMSSEN

Os documentos estão ordenados cronologicamente de acordo com o ano de publicação. Dentro de cada ano a ordem é aleatória. Todos os documentos/textos escritos por August Willemssen bem como todas as entrevistas dadas por ele encontram-se nesta lista:

- livros originais
- artigos e colunas escritos para a imprensa periódica (jornais e revistas) e contribuições a antologias próprias ou de outros
- críticas literárias
- críticas de tradução
- prefácios (introduções) e posfácios em traduções em forma de livro
- outros paratextos em traduções em forma de livro como justificativas, notas, dados bio-bibliográficos, anotações, etc.
- textos em revistas que acompanham ou que contem traduções – (1) de vez em quando, as traduções de Willemssen publicadas em revistas vêm acompanhadas de um outro artigo, escrito por ele, que funciona como um prefácio ou posfácio, isto é, um paratexto acompanhando uma tradução, e (2) às vezes Willemssen escreve um artigo ensaístico contendo uma tradução sua.
- cartas
- textos de palestras e palavras de agradecimento
- entrevistas

O título indicado entre parênteses representa uma descrição minha do conteúdo do texto como substituição do título ausente (ou não conhecido). Documentos não coletados estão assinalados com um asterisco (*) anteposto ao seu título. Quando se trata de textos encontrados em traduções, o nome do tradutor será apenas mencionado caso este não seja August Willemssen. A data das ‘palavras de agradecimentos’ coincide com a data proferida, e não com a data de publicação. Seguem exemplos indicando o local dos diversos dados.

Exemplos:

livro

Ano de publicação
Título do livro
Local de publicação: Editora
[Tipo de publicação]

revista

Ano de publicação
Título do artigo
Nome da revista Volume (número), primeira página-última página do artigo
[Tipo de publicação]

antologia

Ano de publicação
Título da contribuição
Em Nome do antologista, *Título da antologia* (primeira página-última página). Local da publicação: Editora
[Tipo de publicação]

jornal

Ano de publicação
Título do artigo / coluna
Nome do jornal, dia mês
[Tipo de publicação]

BIJLAGE 3

PRIMAIRE TEKSTEN VAN AUGUST WILLEMSSEN

De gegevens van de documenten zijn gerangschikt in chronologische volgorde op jaar van publicatie. De volgorde binnen een jaar is willekeurig. Alle door August Willemsen geschreven teksten alsook alle door hem gegeven interviews zijn hierin opgenomen. Het betreft:

- eigen boeken
- artikelen en columns in de periodieke pers (kranten en tijdschriften) en bijdragen aan anthologieën van anderen
- recensies van boeken
- vertaalkritieken
- voorwoorden (inleidingen) en nawoorden bij vertalingen in boekvorm
- andere parateksten bij vertalingen in boekvorm, zoals verantwoordingen, aantekeningen, bio- en bibliografische gegevens, noten
- teksten bij en met vertalingen in tijdschriften – (1) soms zijn vertalingen van Willemsen in tijdschriften opgenomen waarbij in een andere rubriek in hetzelfde tijdschrift een begeleidende tekst van hem te vinden is, een soort inleiding (of nawoord) bij de vertaling en (2) soms schrijft Willemsen een essayistisch stuk waarin vertalingen zijn opgenomen
- brieven
- teksten van lezingen en dankwoorden
- interviews.

Wanneer een titel tussen ronde haakjes staat, is deze een beschrijving van de inhoud van de tekst als vervanging van de ontbrekende (of onbekende) titel. De documenten die de onderzoeker niet kon bemachtigen zijn aangegeven met een asterisk(*) vóór de titel van het desbetreffende document. Bij teksten die vertalingen begeleiden, wordt de naam van de vertaler slechts vermeld wanneer August Willemsen niet de vertaler is. Bij dankwoorden telt de datum waarop deze uitgesproken werden en niet de publicatiedatum. Hieronder volgt een voorbeeld van wat waar staat.

Voorbeeld:

bij boeken

Jaar van publicatie

Boektitel

Plaats uitgave: Uitgeverij

[Soort publicatie]

bij tijdschriften

Jaar van publicatie

Titel artikel

Naam tijdschrift Jaargang (aflevering/nummer), eerste en laatste pagina van het artikel

[Soort publicatie]

bij bloemlezingen

Jaar van publicatie

Titel bijdrage

In Naam samensteller, *Titel bloemlezing* (eerste en laatste pagina van de bijdrage). Plaats van uitgave: Uitgeverij

[Soort publicatie]

bij kranten

Jaar van publicatie

Titel artikel / column

Naam krant, dag maand

[Soort publicatie]

1968

(a)

*(Brief)

Avenue, 1968

[carta de viagem | reisbrief]

1970

(a)

Inleiding

In A. Willemsen (red.), *Meesters der Portugese vertelkunst* (7-15). Amsterdam: Meulenhoff

[prefácio de tradução em forma de livro | voorwoord bij vertaling in boekvorm]

(b)

Biografische gegevens

In A. Willemsen (red.), *Meesters der Portugese vertelkunst* (183-191). Amsterdam: Meulenhoff

[paratexto de tradução em forma de livro | paratekst bij vertaling in boekvorm]

1972

(a)

Braziliaanse poëzie na 1920: Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto

Raster, 6 (3), 357-381

[paratexto de tradução em revista | voorwoord bij vertaling in tijdschrift]

(b)

*O bicho em Graciliano – Acerca da presença dos animais na obra romanesca de Graciliano Ramos

Ocidente, Lissabon, maart, mei, juni 1973

1974

(a)

José Cardoso Pires

J.C. Pires, Het regime van de censuur, in: *De Gids*, 137, 307-319

[paratexto de tradução (do francês) em revista | paratekst bij vertaling (uit het Frans) in tijdschrift]

(b)

Moderne Braziliaanse literatuur: Dalton Trevisan

Maatstaf, 22 (7), 14-171

[paratexto de tradução em revista | artikel bij vertaling in tijdschrift]

1975

(a)

Lijst van onvertaalde uitdrukkingen

In D. Trevisan, *De koning der aarde en andere onvoorbeeldige vertellingen* (137). Amsterdam: Meulenhoff

[paratexto de tradução em forma de livro | paratekst bij vertaling in boekvorm]

(b)

De Braziliaanse schrijver Dalton Trevisan

In D. Trevisan, *De koning der aarde en andere onvoorbeeldige vertellingen* (139-143). Amsterdam: Meulenhoff

[posfácio de tradução em forma de livro | nawoord bij vertaling in boekvorm]

(c)

*Literatuur: het onbekende Brazilië/ De meesterwerken liggen op de loer

Haagse Post, 62 (32), 9 augustus 1975

1977

(a)

João Guimarães Rosa: De taal als bril

Haagse Post, 64 (11), 19 maart

[artikel in tijdschrift introduzierend Rosa en pré-lanzando *De derde oever van de rivier*; later, in 1987, opgenomen in *De taal als bril* | introductie van Rosa en voorpublicatie van *De derde oever van de rivier*; later, in 1987, opgenomen in *De taal als bril*]

(b)

Waarom geen '3 Maria's' in het Nederlands?

Maatstaf, 25 (4), 72-75

[artikel in tijdschrift met vertaling]

(c)

Onvertaalde woorden en uitdrukkingen

In J.G. Rosa, *De derde oever van de rivier* (171). Amsterdam: Meulenhoff, 1977

[paratexto de tradução em forma de livro | paratekst bij vertaling in boekvorm]

(d)

Braziliaanse literatuur: João Guimarães Rosa (1908-1967)

In J.G. Rosa, *De derde oever van de rivier* (173-184). Amsterdam: Meulenhoff, 1977

[posfácio de tradução em forma de livro | nawoord bij vertaling in boekvorm]

(e)

Onvertaalde uitdrukkingen

In D. Trevisan, *De vijfvlugelige vogel* (133). Amsterdam: Meulenhoff, 1977

[paratexto de tradução em forma de livro | paratekst bij vertaling in boekvorm]

(f)

De kleine hel van Dalton Trevisan

In D. Trevisan, *De vijfvlugelige vogel* (135-139). Amsterdam: Meulenhoff, 1977

[posfácio de tradução em forma de livro | nawoord bij vertaling in boekvorm]

(g)

Het proza van Fernando Pessoa

Maatstaf, 25 (5/6), 33-34

[paratexto de tradução em revista | essay bij vertaling in tijdschrift]

(h)

Portugese literatuur: de poëzie van Fernando Pessoa (1888-1935)

Maatstaf, 25 (8/9), 20-29

[paratexto de tradução em revista com bibliografia | artikel bij vertaling in tijdschrift met bibliografie]

(i)

*Moderne Braziliaanse literatuur: Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto, João Guimarães Rosa, Dalton Trevisan

Bzzlletin, 6 (49), oktober 1977

(j)

*Fernando Pessoa

Grote Spectrum Encyclopedie, deel 14

[artikel]

1978

(a)

Portugese literatuur: Pessoa's heteroniemen aan het woord

Maatstaf, 26 (1), 25-35

[artigo em revista com tradução de fragmentos de prosa | essay in tijdschrift met vertaling van prozafragmenten]

(b)

Fernando Pessoa – Waarheid veinzen om niet niets te zijn

In F. Pessoa, *Gedichten* (221-252). Amsterdam: De Arbeiderspers

[posfácio de tradução em forma de livro | nawoord bij vertaling in boekvorm]

(c)

Verantwoording

In F. Pessoa, *Gedichten* (253-254). Amsterdam: De Arbeiderspers

[paratexto de tradução em forma de livro | paratekst bij vertaling in boekvorm]

(d)

Aantekeningen

In F. Pessoa, *Gedichten* (255-257). Amsterdam: De Arbeiderspers

[paratexto de tradução em forma de livro | paratekst bij vertaling in boekvorm]

(e)

Bibliografie

In F. Pessoa, *Gedichten* (258-261). Amsterdam: De Arbeiderspers

[paratexto de tradução em forma de livro | paratekst bij vertaling in boekvorm]

(f)

Fernando Pessoa als Amerikaans heteroniem

Literair Paspoort, 29 (275), 35-41

[crítica de tradução; incluído em *De taal als bril*, 1987 | vertaalkritiek-artikel; in *De taal als bril*, 1987]

(g)

Signalement over Dinis Machado

Literair Paspoort, 29 (275), 43, 64

[crítica literária | boekrecensie]

(h)

*Bernlef over Pessoa, of hoe misverstanden in de wereld blijven

NRC/Handelsblad, 1 december

[crítica literária | recensie-artikel]

1979

(a)

Een teerlingworp in het Braziliaanse binnenland

Literair Paspoort, 30 (276), 67-72

[artigo em revista | essay]

(b)

Signalement over Dalton Trevisan

Literair Paspoort, 30 (276), 72-73

[crítica literária | boekrecensie]

(c)

Braziliaanse literatuur: Carlos Drummond de Andrade

Maatstaf, 27 (3), 73-74

[paratexto de tradução em revista | voorwoord bij vertaling in tijdschrift]

(d)

De steen van Drummond: Vijftig jaar aanstoot

Literair Paspoort, 30 (278), 249-255

[artigo em revista – análise do escândalo do poema 'No meio do caminho' | essay – analyse van het schandaal van het gedicht 'Midden op de weg']

(e)

Signalement over Jorge Amado

Literair Paspoort, 30 (278), 256-257

[crítica de tradução | vertaalkritiek]

1980

(a)

De bevolkte leegte: Over het proza van Fernando Pessoa

In F. Pessoa, *De anarchistische bankier & ander proza* (173-200). Amsterdam: Meulenhoff

[posfácio de tradução em forma de livro | nawoord bij vertaling in boekvorm]

(b)

Verantwoording en opmerkingen

In F. Pessoa, *De anarchistische bankier & ander proza* (201-206). Amsterdam: Meulenhoff

[paratexto de tradução em forma de livro | paratekst bij vertaling in boekvorm]

(c)

Drummond – Het zoeken naar de minimale mens

In C.D. de Andrade, *Gedichten* (240-261). Amsterdam: De Arbeiderspers

[posfácio de tradução em forma de livro | nawoord bij vertaling in boekvorm]

(d)

Aantekeningen

In C.D. de Andrade, *Gedichten* (262-266). Amsterdam: De Arbeiderspers

[paratexto de tradução em forma de livro | paratekst bij vertaling in boekvorm]

(e)

Verantwoording

In C.D. de Andrade, *Gedichten* (267-269). Amsterdam: De Arbeiderspers

[paratexto de tradução em forma de livro | paratekst bij vertaling in boekvorm]

(f)

Bibliografie

In C.D. de Andrade, *Gedichten* (270-274). Amsterdam: De Arbeiderspers

[paratexto de tradução em forma de livro | paratekst bij vertaling in boekvorm]

(g)

*Fernando Pessoa: De mislukte verlossing

[palestra em Antuérpia, Bélgica, 20-11-1980 | lezing aan het International Cultureel Centrum, Antwerpen, 20-11-1980]

1981

(a)

Drummond, com atraso, em holandês: Editor de Amsterdã espera repetir com o poeta brasileiro o sucesso alcançado com antologia de Fernando Pessoa

Jornal do Brasil, 14 março

[entrevista a Heloísa Castello Branco | interview met Heloísa Castello Branco]

(b)

Drummond de Andrade

NRC Handelsblad, 20 maart

[carta à redação do jornal | brief aan de krantredactie]

(c)

Eentonig is mijn zang: Neruda, soorten poëzie, manieren van vertalen

NRC/ Handelsblad, 3 april

[crítica de tradução, incluída em *De taal als bril*, 1987 | vertaalkritiek, in *De taal als bril*, 1987]

(d)

João Cabral de Melo Neto

Cahiers van De Lantaarn, (7), 29-31

[posfácio de tradução em forma de livro | nawoord bij vertaling in boekvorm]

(e)

De mislukte verlossing: Over de gevoelsexperimenten van Álvaro de Campos

In F. Pessoa, *Ode van de Zee* door Álvaro de Campos (71-88). Amsterdam: De Arbeiderspers

[posfácio de tradução em forma de livro | nawoord bij vertaling in boekvorm]

(f)

Verantwoording

In F. Pessoa, *Ode van de Zee* door Álvaro de Campos (89). Amsterdam: De Arbeiderspers

[paratexto de tradução em forma de livro | paratekst bij vertaling in boekvorm]

(g)

Aantekeningen

Maatstaf, 29 (10), 91

[paratexto de tradução em revista | paratekst bij vertaling in tijdschrift]

(h)

Moderne Braziliaanse literatuur: Rubem Fonseca

Maatstaf, 29 (10), 91-92

[paratexto de tradução em revista | nawoord bij vertaling in tijdschrift]

(i)

Fernando Pessoa as American Heteronym

Persona (Porto), nr. 6, okt. 1981

[crítica de tradução traduzida em inglês por Dagmar Speer, originalmente publicada em *Literair Paspoort* de nov/dez 1978 | vertaling in het Engels, door Dagmar Speer, van het vertaalkritiek-artikel in *Literair Paspoort* van nov/dec 1978]

1982

(a)

De heteroniemen van Fernando Pessoa

VPRO-gids (1), 2 januari t/m 8 januari, 10-13

[entrevista a Rein Bloem | interview met Rein Bloem]

(b)

*Pessoa in persoon

NRC/Handelsblad, 15-1-1982

[artigo de jornal | artikel]

(c)

*O peso de Pessoa na terra de Rembrandt

Jornal de Letras (Lisboa| Lissabon), 2-15 março 1982

[entrevista a Fernando Venâncio | interview met Fernando Venâncio]

(d)

Herman van den Bergh: Waar háált hij het vandaan: Dossier van een literaire kleptomaan heropend

Maatstaf, 30 (3), 1-13

[crítica de tradução incluída em *De taal als bril*, 1987 | vertaalkritiek-artikel, in 1987 opgenomen in *De taal als bril*]

(e)

Signalement over Jorge Amado

Literair Paspoort, 33 (296), 199-201

[crítica de tradução | vertaalkritiek]

(f)

Opmerking (in Dalton Trevisan: Zeven verhalen)

Maatstaf, 30 (7), 120

[paratexto de tradução em revista | paratekst bij vertaling in tijdschrift]

(g)

Reply to Edwin Honig

Persona (Porto), nr. 7, aug. 1982

[carta; incluída em *De taal als bril*, 1987 | brief; opgenomen in *De taal als bril*, 1987]

(h)

*(vergelijkende studie van Euclides da Cunha's *Os sertões* en Mario Vargas Llosa's *La guerra del fin del mundo*)

NRC Handelsblad, 13 augustus 1982

[artigo de jornal | artikel]

(i)

Braziliaanse literatuur? Bestaat die dan?

Literair Paspoort, 33 (299), 333-334

[artigo de revista | essay]

(j)

Manuel Bandeira

Literair Paspoort, 33 (299), 335-336

[artigo de revista com tradução | paratekst met vertaling in tijdschrift]

(k)

Trevisan vertaald: Over de stilistische ontwikkeling in het werk van Dalton Trevisan en enkele consequenties daarvan voor de vertaler

Literair Paspoort, 33 (299), 337-348

[artigo de revista com tradução | paratekst met vertaling in tijdschrift]

(l)

Het meedogenloze paradijs: Over de romans van Graciliano Ramos

Literair Paspoort, 33 (299), 349-364

[artigo de revista; incluído em *De taal als bril*, 1987 | essay; opgenomen in *De taal als bril*]

(m)

Graciliano Ramos: *Vlucht voor de droogte*

Literair Paspoort, 33 (299), 365-367

[crítica de tradução | vertaalkritiek]

(n)

Manuel Bandeira (1886-1968)

Cahiers van De Lantaarn, (14), 29-30

[posfácio de tradução em forma de livro | nawoord bij vertaling in boekvorm]

(o)

*Ik vertaal niet een boek, ik vertaal een schrijver

NRC/Handelsblad, 10 december

[interview met H.M. v.d. Brink]

1983

(a)

Dankwoord

In H. van den Bergh (Red.), *Uitreiking van de Martinus Nijhoff Prijs voor Vertalingen 1983, 26 januari 1983 in de Oude Raadzaal van de Gemeente 's-Gravenhage [aan] August Willemsen [en] Andrzej Wojtas* (pp. 12-15).

Prins Bernhard Fonds

[palavra de agradecimento proferida por ocasião do recebimento do prêmio Martinus Nijhoff | dankwoord bij aanvaarding Martinus Nijhoff Prijs]

(b)

*Over vertalen

[palestra na Universidade de Lovaina, 10-2-1983 | lezing aan de Universiteit van Leuven, 10-2-1983]

(c)

*Fernando Pessoa

[palestra ao Círculo de Apreciadores da Poesia, Lovaina, 10-2-1983 | lezing voor de Kring van Poëzieliefhebbers, Leuven, 10-2-1983]

(d)

*De schrijver van andermans werk

New Found Land, april 1983

[artigo de revista | essay]

(e)

Aantekeningen

In M. de Assis, *Posthume herinneringen van Brás Cubas* (228-230). Amsterdam: De Arbeiderspers

[paratexto de tradução em forma de livro | paratekst bij hervertaling in boekvorm]

(f)

Machado de Assis en zijn *Posthume herinneringen van Brás Cubas*

In M. de Assis, *Posthume herinneringen van Brás Cubas* (231-265). Amsterdam: De Arbeiderspers

[posfácio de tradução em forma de livro | nawoord bij hervertaling in boekvorm]

(g)

Aantekeningen

In J.G. Rosa, *Het uur en ogenblik van Augusto Matraga* (49). Leiden: De Lantaarn

[paratexto de tradução em forma de livro | paratekst bij vertaling in boekvorm]

(h)

Amsterdam, 16.6.1983...

In J.G. Rosa, *Het uur en ogenblik van Augusto Matraga* (50-51). Leiden: De Lantaarn

[posfácio de tradução em forma de livro | nawoord bij vertaling in boekvorm]

(i)

Portfolio – Foto's van Sérgio Zalis bij gedichten van Carlos Drummond de Andrade; twee Brazilianen

Maatstaf, 31 (9), 32

[paratexto de tradução em revista | voorwoord bij vertaling in tijdschrift]

(j)

Dangerfield

In C. Peters, & D. Meijssing (Red.), *Het favoriete personage van vijfenzeventig Nederlandse schrijvers, dichters en uitgevers van A. Alberts tot Ad Zuiderent* (141-142). Amsterdam: Raamgracht

[pequeno texto em antologia | kleine tekst in bundel]

(k)

*Fernando Pessoa

Moderne Encyclopedie van de Wereldliteratuur, deel 7

[artigo enciclopédico | artikel]

(l)

*De kennis crisis bij Fernando Pessoa

De Revisor, december 1983

[paratexto de tradução em revista | essay bij vertaling in tijdschrift]

1984

(a)

De verhalen van Machado de Assis

Maatstaf, 32 (5), 1-4

[paratexto de tradução em revista | artikel bij vertaling in tijdschrift]

(b)

De kunst van het vertalen

Trouw, 7 juni

[entrevista a T. van Deel | interview met T. van Deel]

(c)

Het literaire landschap in de Nieuwe Wereld: Interview met August Willemsen

Heibel, 18 (4), 21-29

[entrevista a | interview met Milton Costa, Walter Costa, Piet Couttenier, Philippe Humblé, & Joost Loncin]

(d)

Aantekeningen

In M. de Assis, *Quincas Borba* (284-287). Amsterdam: De Arbeiderspers
[paratexto de tradução em forma de livro | paratekst bij vertaling in boekvorm]

(e)

Quincas Borba: De Ernst der zotheid

In M. de Assis, *Quincas Borba* (288-305). Amsterdam: De Arbeiderspers
[posfácio de tradução em forma de livro | nawoord bij vertaling in boekvorm]

(f)

Aantekeningen

In M. de Assis, *De psychiater en andere verhalen* (205-207). Amsterdam: De Arbeiderspers
[paratexto de tradução em forma de livro | paratekst bij vertaling in boekvorm]

(g)

De verhalen van Machado de Assis

In M. de Assis, *De psychiater en andere verhalen* (208-229). Amsterdam: De Arbeiderspers
[posfácio de tradução em forma de livro | nawoord bij vertaling in boekvorm]

(h)

O autor da obra alheia

Fragmentos, 1 (1), 1986, 53-65

[palestra na Universidade Federal de Santa Catarina, outubro (ou: 22 de novembro) 1984 | lezing aan de UFSC – Federale Universiteit van Santa Catarina, Florianópolis, Brazilië – in oktober (of: 22.11) 1984]

1985

(a)

In Brazilië wil ik altijd terugkomen: August Willensen, de belichaming van de Portugeestalige literatuur in Nederland

de Volkskrant, 15 maart

[entrevista a | interview met Cees Zoon]

(b)

Leven en schrijven in Brazilië

Latijns-Amerika, 16 (3), 3-4

[entrevista a | interview met KvK/PN]

(c)

“Ik bleek de enige te zijn die Portugees studeerde”: August Willemsen maakte Braziliaanse lietratuur in Nederland populair

Het vrije volk, 20 juni

[entrevista a | interview met Frank van Dijk]

(d)

Gesprek met Rob Schouten, Jean Pierre Rawie en August Willemsen

Optima, 3 (4), 5-14

[entrevista a | interview met Henk Corthals en Ad Fransen]

(e)

*Is vertalen te leren?

[palestra ao | lezing aan het Hoger Instituut voor Vertalers en Tolken, Antuérpia | Antwerpen, 23-5-1985]

(f)

Aantekeningen

In M. de Assis, *Dom Casmurro* (239-241). Amsterdam: De Arbeiderspers
[paratexto de retradução em forma de livro | paratekst bij hervertaling in boekvorm]

(g)

Dom Casmurro, of het bodemloos bestaan

In M. de Assis, *Dom Casmurro* (242-258). Amsterdam: De Arbeiderspers

[posfácio de retradução em forma de livro | nawoord bij hervertaling in boekvorm]

(h)

Portugese poëzie na 1940

In Willemsen, A. (red.). *Ik verheerlijk het verleden niet: Dertien hedendaagse dichters uit Portugal* (9-12).

Amsterdam: Meulenhoff (Poetry International Serie)

[introdução de tradução em forma de livro | inleiding bij vertaling in boekvorm]

(i)

Noten

In Willemsen, A. (red.). *Ik verheerlijk het verleden niet: Dertien hedendaagse dichters uit Portugal* (159-160).

Amsterdam: Meulenhoff (Poetry International Serie)

[paratexto de tradução em forma de livro | paratekst bij vertaling in boekvorm]

(j)

Bio-bibliografische gegevens

In Willemsen, A. (red.). *Ik verheerlijk het verleden niet: Dertien hedendaagse dichters uit Portugal* (161-164).

Amsterdam: Meulenhoff (Poetry International Serie)

[paratexto de tradução em forma de livro | paratekst bij vertaling in boekvorm]

(k)

Braziliaanse brieven

Amsterdam: De Arbeiderspers

[livro | boek]

(l)

*A redenção falhada

Actas do 3o. Congresso Internacional de Estudos Pessoaanos, Centro de Estudos Pessoaanos, Porto, 1987

[palestra durante o Terceiro Congresso Internacional Fernando Pessoa em Lisboa, 2-12-1985 | lezing tijdens het Derde Internationale Pessoa Congres, te Lissabon, 2 dec. 1985]

1986

(a)

Paz over Pessoa

In O. Paz. *Het onbekende zelf. Fernando Pessoa* (31-43). Vert. door Willem Brugmans. Maastricht: Gerards & Schreurs

[posfácio de tradução de livro de outrem | nawoord bij andermans boekvertaling]

(b)

Opnieuw Herman van den Bergh: Het plagiaat compleet?

Maatstaf, 34 (2), 86-87

[crítica de tradução; incluída em *De taal als bril*, 1987 | vertaalkritiek; in *De taal als bril*, 1987]

(c)

De latere verhalen van Machado de Assis

In M. de Assis. *Vrouwenarmen en andere verhalen* (179-183). Amsterdam: De Arbeiderspers

[posfácio de tradução em forma de livro | nawoord bij vertaling in boekvorm]

(d)

Liefde is lastig

In Meulenhoff (red.). *Het wonder van Babylon* (17). Amsterdam: Meulenhoff

[artigo de jornal sobre tradução; incluído em *De taal als bril*, 1987 | krantenartikel over vertalen; in *De taal als bril*, 1987]

(e)

Subliem gekanker: 'Ik kan blijkbaar iets schrijven waarmee ik mensen een genoeg doen. Dat was een heel nieuw gevoel'

VN, 47 (23), 7 juni

[entrevista a | interview met Rudie Kagie]

(f)

*'L'homme qui joue'

[lezing – pleidooi voor erkenning van het humoristische, ludieke aspect in Fernando Pessoa – tijdens *Rencontres de Royaumont*, Royaumont, 28 sep. 1986; opgenomen in *Het hoge woord*, 1994: 'De spelende mens']

(g)

“Mijn thema is het verstrijken van de tijd”: Vertaler/schrijver August Willemsen krijgt de Van der Hoogt-prijs

Elseviers magazine, 42 (47), 22 november, 106-109

[entrevista a | interview met Vera Illés]

(h)

Dankwoord: Prolegomena tot een nieuwe communicatietheorie

In *Jaarboek van de Maatschappij der Nederlandsche Letterkunde te Leiden 1986-1987* (176-182). Leiden:

Maatschappij der Nederlandse Letterkunde, 1988

[palavra de agradecimento proferida por ocasião do recebimento do prêmio Lucy B. En C.W. van der Hoogt | dankwoord bij aanvaarding Lucy B. En C.W. van der Hoogtprijs, 29 november 1986]

(i)

*De volmaakte tekst: Vijf lezingen in boekhandel De Verloren Tijd

De Held, (2), 20

[palestra | lezing]

(j)

De vertaler vertaald

In A. Willemsen, *Het hoge woord* (157-187), Amsterdam: De Arbeiderspers, 1994

[entrevista a T. van Deel, em 1986 | gesprek met T. van Deel, ergens in 1986]

(k)

*Drie dichters over de dood

Nieuw Wereldtijdschrift 3, 2: 18-23

[ensaio com tradução | essay met vertaling]

1987

(a)

De taal als bril in twintig stukken [Liefde is lastig | De schrijver van andermans werk | Hoe doe je dat nou | Eentonig is mijn zang | Waar háált hij het vandaan | Een dergelijke liefde | Het volmaakte gedicht | De mislukte verlossing | De kennis crisis bij Fernando Pessoa | Pessoa in Persoon | Een Amerikaans heteroniem | Paz over Pessoa | De taal als bril | Een teerlingworp in de wildernis | Vijftig jaar aanstoot | Dit andere leven | De kleine hel | Het meedogenloze paradijs | Canudos | God is rond]

Amsterdam: De Arbeiderspers

[livro: antologia de ensaios sobre tradução, Fernando Pessoa e literatura brasileira | boek: bundel essays over vertalen, Fernando Pessoa e Braziliaanse literatuur]

(b)

Fernando Pessoa in de Bijlmermeer

Intermediair, nr. 10, 13 maart

[entrevista a | interview met Maryse Vincken]

(c)

August Willemsen over João Guimarães Rosa

NRC Handelsblad, 8 mei

[entrevista a | interview met Noor Hellmann]

(d)

‘Emotie is het enige dat ik wil’

Parool, 11 december

[entrevista a | interview met Katrien Gottlieb en Matthijs van Nieuwkerk]

1988

(a)

De receptie van Fernando Pessoa in de Nederlanden

In Raymond van den Broeck (red.). *Literatuur van elders: Over het vertalen en de studie van vertaalde literatuur in het Nederlands* (63-74). Amersfoort & Leuven: Acco

[artigo científico em coletânea | wetenschappelijk artikel in bundel]

(b)

Vertalen doe ik altijd hardop

AD, 16 januari

[entrevista a | interview met Doris Grotenboer]

(c)

De tien onhebbelijkheden. De intolerantie van de Bijbelse geboden

NRC, 19 februari

[artigo ensaístico em jornal | essayistisch artikel]

(d)

Een langzaam opgevulde boekenplank: Vertaler August Willemsen maakt vijfde wereldtaal voor Nederlanders toegankelijk

Leeuwarder Courant, 11 maart

[entrevista a | interview met Nico Hylkema]

(e)

Hij schrijft verder aan mijn boek

NRC Handelsblad, 11 maart

[entrevista a | interview met Tracy Metz]

(f)

‘De vertaler verliest altijd’: August Willemsen legt zich meer en meer toe op het schrijven

De Gelderlander, 9 april

[entrevista a | interview met Alex Ruitenbeek]

(g)

August Willemsen: ‘Drummond de Andrade vind ik een veel groter dichter dan Pablo Neruda’

Poëziekrant, 12 (6), 9

[entrevista a | interview met Chris Delarivière]

(h)

‘Ik kan me enorm druk maken over vertaalfouten, maar niet over regeerders’

De Morgen, 17 juni

[entrevista a | interview met Mark Schaevers]

(i)

Geen groter verdriet: La Divina Commedia van Dante

NRC Handelsblad, 24 juni

[artigo ensaístico em jornal | essayistisch artikel]

(j)

Portfolio / Het Rio de Janeiro van Machado de Assis in foto’s van Sérgio Zalis

Maatstaf, 36 (7), 31-40

[artigo de revista com tradução | paratekst met vertaling in tijdschrift]

(k)

Rio de Janeiro, 29 de Julho de 1979

O Estado – Florianópolis, 17 de agosto

[fragmento de *Cartas brasileiras* traduzido para português por Walter Costa | fragment uit *Braziliaanse brieven* vertaald in het Portugees door Walter Carlos Costa]

(l)

Ferreira Gullar

Raster 43, 136-137

[paratexto de tradução em revista | inleiding bij vertaling in tijdschrift]

(m)

Een andere taal studeren is het mooiste dat er is

de Volkskrant, 17 december

[entrevista a | interview met Cees Zoon]

(n)

Een liefde in het Zuiden* en *De dood in Zuid

Februari Boekhandels

[livro | boek]

(o)

Introdução

Um mundo claro, um dia escuro: Oito poetas holandeses, Porto: Limiar, 7-13

[introdução de tradução em forma de livro | inleiding bij vertaling in boekvorm]

1989

(a)

Portfolio/Edith Sont: Een grammatica van de ruimte

Maatstaf, 37 (3), 31-46

[ensaio em revista sobre o trabalho de um artista plástico | essay over het werk van een beeldende kunstenaar]

(b)

Nicolaas Verschuur: Brieven uit Brazilië 1897-1902

Amsterdam: De Arbeiderspers

[livro organizado por | boek samengesteld door August Willemsen]

(c)

Uit de ruwvelden

In Nicolaas Verschuur. *Brieven uit Brazilië: 1897-1902* (5-11), Amsterdam: De Arbeiderspers

[introdução do livro organizado pelo próprio August Willemsen | inleiding bij door August Willemsen zelf samengesteld boek]

(d)

Noten

In Nicolaas Verschuur. *Brieven uit Brazilië: 1897-1902* (208-210), Amsterdam: De Arbeiderspers

[paratexto do livro organizado pelo próprio August Willemsen | paratekst bij door August Willemsen zelf samengesteld boek]

1990

(a)

De wet van de luiheid maakt van Pumpido Pompidou

NRC Handelsblad, 5 juli

[artigo de jornal | essay over de uitspraak van vreemde namen]

(b)

Uit «Braziliaanse brieven» door August Willemsen

Septentrion 19 (4), 46-50

[fragmento de *Braziliaanse brieven* traduzido em francês por Frans de Haes | fragment uit *Braziliaanse brieven* vertaald in het Frans door Frans de Haes]

(c)

Onontkoombaarheid

Raster 51, 105-118

[artigo de revista; incluído posteriormente em *Het hoge woord*, 1994 | essay; later opgenomen in *Het hoge woord*, 1994]

1991

(a)

Leven is schrijven

In H. Verschelden, *Ik is een ander / Fernando Pessoa* (50-52). Antwerpen & Harmelen: Fanton, Theater Malpertuis

[ensaio em antologia de textos de e sobre Fernando Pessoa | essay in tekstbundel van en over Fernando Pessoa]

(b)

Ezau en Jacob – De sonate van het absolute

In M. de Assis, *Ezau en Jacob* (269-285). Vertaald door Harrie Lemmens. Amsterdam: De Arbeiderspers

[posfácio de tradução de livro de outrem | nawoord bij andermans boekvertaling]

(c)

Portugese poëzie na 1950

In G. Droogenbroodt, & A. Willemsen [red.]. *Hoor de kleine kreet...: Hedendaagse Portugese poëzie* (3-4).

Meerbeke-Ninove: Point (*Point 24*, jrg 5)

[introdução de tradução em forma de livro: sobre a poesia e poetas portugueses atuais | inleiding bij vertaling in boekvorm: over de huidige Portugese poëzie en de dichters]

(d)

Uit *Braziliaanse brieven*

In B. Chatwin (e.a.). *Op reis met...: Bruce Chatwin, Albert Helman, ... August Willemsen* (145). Amsterdam: De Arbeiderspers (Grote ABC nr. 792)

[fragmento de *Cartas brasileiras* em antologia de outrem | fragment uit *Braziliaanse brieven*]

(e)

We proberen hier regionale en landelijke problemen op te lossen

Weekmedia, 1 augustus

[entrevista a | interview met Paul Vreuls: over de Bijlmermeer]

(f)

Thuiskomst

Het Parool, 28 augustus

[coluna de jornal | column: over de Bijlmer]

(g)

Anders

Het Parool, 4 september

[coluna de jornal | column: over de Bijlmer]

(h)

Oksel

Het Parool, 11 september

[coluna de jornal | column: de Bijlmer]

(i)

Vragen (1)

Het Parool, 18 september

[coluna de jornal | column: antwoorden op de vraag 'Waarom Portugees?']

(j)

Vragen (2)

Het Parool, 25 september

[coluna de jornal | column]

(k)

De val

Amsterdam & Antwerpen: De Arbeiderspers

[livro autobiográfico | autobiografisch boek]

(l)

Triomf

Het Parool, 2 oktober

[coluna de jornal | column]

(m)

Eten

Het Parool, 9 oktober

[coluna de jornal | column]

(n)

Brussel

Het Parool, 16 oktober

[coluna de jornal | column]

(o)

Demon alcohol: "Ik had een vloeibare vriend, maar ik kan hem niemand aanbevelen"

Humo, nr. 2667, 17 oktober, pp. 196-199

[entrevista a | interview met Manu Adriaens]

(p)

Misschien herrijst de mens op zaterdag: eerste deel van Almeida Faria's Lusitaanse tetralogie vertaald

NRC Handelsblad, 18 oktober

[crítica de tradução | vertaalkritiek]

(q)

'Ik wist niet dat het zó erg was geweest.' Soms werd hij zelfs dronken van water. Koning Alcohol en de Werdegang van schrijver/vertaler August Willemsen

HP / De Tijd, 18 oktober

[entrevista a | interview met Ad Franssen]

(r)

Lof

Het Parool, 23 oktober

[coluna de jornal | column]

(s)

Kan het zijn dat de wereld uit holhoofden bestaat? August Willemsen over drank en literatuur

NRC Handelsblad, 25 oktober

[entrevista a | interview met W. Woltz]

(t)

Entrée

Het Parool, 30 oktober

[coluna de jornal | column]

(u)

Blijft

Het Parool, 6 november

[coluna de jornal | column]

(v)

Halte

Het Parool, 13 november

[coluna de jornal | column]

(w)

Raar

Het Parool, 20 november

[coluna de jornal | column]

(x)

Gewoon

Het Parool, 27 november

[coluna de jornal | column]

(z)

Vak

Het Parool, 4 december

[coluna de jornal | column]

(α)

SOS

Het Parool, 11 december

[coluna de jornal | column]

(β)

Teken

Het Parool, 18 december

[coluna de jornal | column]

(γ)

August Willemsen: 'Ik vertaal niet een gedicht maar een dichter.'

De Talen, 107 (10), 373-376

[entrevista a | interview met Angela Houdijk: over het vertalen van poëzie]

(δ)

De zucht naar het Zuiden

Maatstaf, 39 (11/12), 20-36

[ensaio em revista; incluído em *Vrienden, vreemden, vrouwen*, 1998 | essay: 'document humain'; in 1998 opgenomen in *Vrienden, vreemden, vrouwen*]

(ε)

*'Ben ik te stom voor deze boeken?'

NRC Handelsblad, 14 juni 1991

1992

(a)

Rijm

Het Parool, 8 januari

[coluna de jornal | column]

(b)

Erg

Het Parool, 15 januari

[coluna de jornal | column]

(c)

Een ziekelijke hang naar gezondheid. Arts en schrijver discussiëren over medische zorg

Het Parool, 16 januari

[artigo de jornal: relato por Pauline Sinnema de um debate público entre | verslag door Pauline Sinnema van een publiek gesprek met A.J. Dunning en A. Willemsen]

(d)

Finish

Het Parool, 22 januari

[coluna de jornal | column]

(e)

Wij zijn oergezond en worden stokoud

Trouw, 31 januari

[artigo de jornal: relato por Ruud van Haastrecht do debate público entre A.J. Dunning e A. Willemsen | krantenartikel: verslag door Ruud van Haastrecht van publiek debat tussen A.J. Dunning en A. Willemsen]

(f)

Niets spreekt meer vanzelf

Trouw, 31 januari

[entrevista a | interview met Cisca Dresselhuys]

(g)

De vervulling van een jongensdroom

NRC Handelsblad, 7 februari

[artigo de jornal: retrospecto dos dias de ensaio da peça teatral *A doce inimiga* | krantenartikel: terugblik op de repetitietijd van theatervoorstelling *De zoete vijandin*]

(h)

August Willemsen: op na de val: 'Ik ben in alles een laatbloeier'

Trouw, 27 februari

[entrevista a | interview met Hanneke Wijgh]

(i)

Lijst van onvertaalde uitdrukkingen

In D. Trevisan, *De zoete vijandin. Verhalen* (309-310). Amsterdam: Meulenhoff

[paratexto de tradução em forma de livro | paratekst bij vertaling in boekvorm]

(j)

De kleine hel van Dalton Trevisan

In D. Trevisan, *De zoete vijandin. Verhalen* (311-317). Amsterdam: Meulenhoff

[posfácio de tradução em forma de livro | nawoord bij vertaling in boekvorm]

(k)

Aantekeningen

In M. de Assis, *Dagboek van Aires* (194-197). Amsterdam: De Arbeiderspers

[paratexto de tradução em forma de livro | paratekst bij vertaling in boekvorm]

(l)

Dagboek van Aires – De afvaart van het strand

In M. de Assis, *Dagboek van Aires* (198-217). Amsterdam: De Arbeiderspers

[posfácio de tradução em forma de livro | nawoord bij vertaling in boekvorm]

(m)

Nawoord

In Chico Buarque, *Onrust* (131-136). Amsterdam: Meulenhoff

[posfácio de tradução em forma de livro | nawoord bij vertaling in boekvorm]

(n)

Tussen Odysseus en Riobaldo

In J.G. de Rosa, *Het uur en ogenblik van Augusto Matraga* (75-92). Amsterdam: Meulenhoff

[posfácio de tradução em forma de livro | nawoord bij vertaling in boekvorm]

(o)

Aantekeningen

In J.G. de Rosa, *Het uur en ogenblik van Augusto Matraga* (93-95). Amsterdam: Meulenhoff

[paratexto de tradução em forma de livro | paratekst bij vertaling in boekvorm]

(p)

De erotische gedichten van Drummond de Andrade

Maatstaf, 40 (8/9), 2-4

[introdução de tradução em revista | inleiding bij vertaling in tijdschrift]

(q)

Appendix

In C. D. De Andrade, *De liefde, natuurlijk* (105-109). Amsterdam: De Arbeiderspers

[paratexto de tradução em forma de livro | paratekst bij vertaling in boekvorm]

(r)

De laatste sluier van de ziel

In C. D. De Andrade, *De liefde, natuurlijk* (111-116). Amsterdam: De Arbeiderspers

[posfácio de tradução em forma de livro | nawoord bij vertaling in boekvorm]

(s)

Noten

In C. D. De Andrade, *De liefde, natuurlijk* (117-125). Amsterdam: De Arbeiderspers

[paratexto de tradução em forma de livro | paratekst bij vertaling in boekvorm]

(t)

Het hoge woord

Nieuw Wereldtijdschrift, 9 (1), 5-13

[artigo ensaístico em revista | essay]

(u)

Rechtvaardiging van een bestaan: Een gesprek met August Willemsen

Strapats, (6), 9-13

[entrevista a | interview met Sebas Faber]

(v)

Nieuwe Homerus of literaire hype? Chico Buarque de Holanda

VPRO Gids 45, 7 t/m 13 november, 12-14

[entrevista a | interview met Anton de Goede]

1993

(a)

Vertellen als verlossing

Raster, 61, 106-110

[posfácio de tradução em revista | nawoord bij vertaling in tijdschrift]

(b)

Het woord als gedicht – Het boek als de wereld

In J.G. Rosa, *Diepe wildernis: De wegen* (563- 596). Amsterdam: Meulenhoff

[posfácio de tradução em forma de livro | nawoord bij vertaling in boekvorm]

(c)

Aantekeningen

In J.G. Rosa, *Diepe wildernis: De wegen* (597- 604). Amsterdam: Meulenhoff

[paratexto de tradução em forma de livro | paratekst bij vertaling in boekvorm]

(d)

Verantwoording

In J.G. Rosa, *Diepe wildernis: De wegen* (605- 607). Amsterdam: Meulenhoff

[paratexto de tradução em forma de livro | paratekst bij vertaling in boekvorm]

(e)

Braziliaanse brieven

Diepzee 10 (3), 43-44

[fragmento de *Cartas brasileiras* em revista literária | fragment uit *Braziliaanse brieven*]

(f)

*Een buitenissig soort Nederland

Ons erfdeel, 36 (5), 671-676

(g)

Een raar land met te smalle trottoirs

Freed, 10 september

[entrevista a | interview met Nico Hylkema]

(h)

‘Een vertaler is altijd een verliezer’

De Groene Amsterdammer, 15 september

[entrevista a | interview met Frank Verkuijl]

(i)

Over de hartstocht

Het Parool, 17 september

[entrevista a | interview met Ischa Meijer]

(j)

De vertaler als bril

Algemeen Dagblad, 23 september

[entrevista a | interview met L. Oomens]

(k)

‘Ik snap nog niet dat ik het durfde’

Leidsch Dagblad/ Haarlems Dagblad/ IJmuider Courant, 23 september

[entrevista a | interview met Nico Hylkema]

(l)

De *Sertão* van August Willemsen

Rotterdams Dagblad, 25 september

[entrevista a | interview met Nico Hylkema]

(m)

August Willemsen: De vertaler verliest

LC, 27 september

[entrevista a | interview met Nico Hylkema]

1994

(a)

Het hoge woord: Beschouwingen en boutades [Inzicht | Het buitenissige Nederland | De Bijlmer en het bekertje van de Etrusken | De spelende mens | De bewoner van het denkbeeldige | Het volmaakte falen | Fernando Pessoa in de Nederlanden | Een knarsend meesterwerk | Wild en verward dromen | Vernuftig verzinsel I | Vernuftig verzinsel II | Olympische wreedheid | Bladzijden bloed | Een imponerende arme stakker | Paarse passie | De zee van Vigo | Geen groter verdriet | De tien onhebbelijkheden | De wet van de luiheid | Het hoge woord | Onontkoombaarheid | De vertaler vertaald]

Amsterdam & Antwerpen: De Arbeiderspers

[livro | boek: bundel beschouwingen en boutades over Fernando Pessoa, Bijlmeermeer, het vertalen]

(b)

‘Er gaat niet zoveel door me heen als ik vertaal’: August Willemsen bij Poëziekring Eemland

De Stad Amersfoort, 23 maart

[entrevista a | interview met Ellen de Jong-de Wilde]

(c)

‘Ik hou van magere schrijvers’

América Revista, 21 (22), 18-21

[entrevista a | interview met Luc Verheyen en Luc Versmissen]

(d)

Hartstocht en lijden van de gefolterden van Brazilië: ‘Wie is de bal?’

Vrij Nederland, 14 mei, 18-21

[artigo de revista pré-lançando o livro | essay/voorpublicatie van *De Goddelijke kanarie: over het Braziliaanse voetbal*]

(e)

Pelé en de zege van de aanval

Het Parool, 14 mei

[artigo de jornal pré-lançando o livro | essay/voorpublicatie van *De Goddelijke kanarie: over het Braziliaanse voetbal*]

(f)

De goddelijke kanarie: Over het Braziliaanse voetbal

Amsterdam: Rap

[livro | boek]

(g)

Wrak

Diepzee, 12 (2), 40-43

[fragmento de *De val* em revista literária | fragment ui *De val*]

1995

(a)

Aantekeningen

In G. Ramos, *Angst* (249-253). Amsterdam: Coppens & Frenks
[paratexto de tradução em forma de livro | paratekst bij vertaling in boekvorm]

(b)

Het dunne vernis

In G. Ramos, *Angst* (255-271). Amsterdam: Coppens & Frenks
[posfácio de tradução em forma de livro | nawoord bij vertaling in boekvorm]

(c)

O Lissabon, mijn thuis

Amsterdam: Lubberhuizen

[livro: coletânea de textos literários e dissertativos, fotos, desenhos e traduções organizada por August Willemsen e Marcel van den Boogert |
boek samengesteld door August Willemsen en Marcel van den Boogert: bundel van letterkundige opstellen, beschouwingen, foto's,
tekeningen en vertaalde teksten]

(d)

De muze van de massa

Nieuw Wereldtijdschrift, 12 (4), 40-45

[entrevista a John Heymans sobre futebol e Faverey | interview met John Heymans over voetbal en Faverey]

(e)

“Vertalen is een spelletje canasta”

Ñapa, 5 augustus

[entrevista a | interview met Jeroen Heuvel]

(f)

Het onvertaalbare vertaald

Armada, 1 (1), 91-94

[artigo de revista | essayistisch]

1996

(a)

Anti-drankpil?

de Volkskrant, 9 januari

[entrevista a | interview met Harmen Bockma]

(b)

Over São Bernardo

De Gids, 159 (2), 124-126

[introdução de tradução em revista | inleiding bij vertaling in tijdschrift]

(c)

Brief uit Brazilië

Diepzee, 13 (3), 10-11

[fragmento de | fragment uit *Braziliaanse brieven*]

(d)

De vertaler als taalopfrisser

De Gelderlander, 16 maart

[entrevista a | interview met Henk Maassen en Paul Ophey]

(e)

Een boom wordt nooit een krokodil: August Willemsen verruilt de Bijlmer voor Melbourne: ‘In Australië weten ze niets van Portugese literatuur’

de Volkskrant, 8 november

[entrevista a | interview met Sietse van der Hoek]

1997

(a)

De omgekeerde mythe

In Almeida Faria, *De veroveraar* (109-110). Amsterdam: Meulenhoff
[paratexto de tradução em forma de livro | paratekst bij vertaling in boekvorm]

(b)

Verklarende woordenlijst

In Almeida Faria, *De veroveraar* (101-107). Amsterdam: Meulenhoff
[posfácio de tradução em forma de livro | nawoord bij vertaling in boekvorm]

(c)

*O sertão is overal

Kruispunt 169, 280-295
[interview aan Ignace Pollet]

1998

(a)

Aantekeningen

In G. Ramos, *Dorre levens* (113-117). Amsterdam: Coppens & Frenks
[paratexto de tradução em forma de livro | paratekst bij vertaling in boekvorm]

(b)

Het meedogenloze paradisijs

In G. Ramos, *Dorre levens* (119-144). Amsterdam: Coppens & Frenks
[posfácio de tradução em forma de livro | nawoord bij vertaling in boekvorm]

(c)

Carlos Drummond de Andrade. *Farewell*

Maatstaf, 46 (4), 81
[introdução de tradução em revista | inleiding bij vertaling in tijdschrift]

(d)

Aantekeningen

In C.D. de Andrade, *Farewell* (152-153). Amsterdam [etc.]: De Arbeiderspers
[paratexto de tradução em forma de livro | paratekst bij vertaling in boekvorm]

(e)

Brief aan de uitgever

In C.D. de Andrade, *Farewell* (152-153). Amsterdam [etc.]: De Arbeiderspers
[posfácio de tradução em forma de livro | nawoord bij vertaling in boekvorm]

(f)

Sprekend een brief

Amsterdam: Rap
[livro: carta em forma de livro | brief in boekvorm]

(g)

Vrienden, vreemden, vrouwen

Amsterdam: De Arbeiderspers
[livro autobiográfico | autobiografisch boek]

(h)

August Willemsen en zijn dagboeken van rond 1960 ‘Een langgerekte aarzelings’

De Stem, 10 maart
[entrevista a | interview met Dirk Vellenga]

(i)

De troebele wonderjaren van August Willemsen

Humo, 10 maart, 144-146
[entrevista a | interview met Bart Vanegeren]

(j)

Niets geleerd van het verleden

[*De Morgen*], 12 maart

[entrevista a | interview met Helga Merits]

(k)

'Het meesterschap van het leven zit in de versmalling': Vroege memoires van de laatbloeiër August Willemsen

SdL, 12 maart 1998, 10-11

[entrevista a | interview met Pascal Verbeke]

(l)

Nietsontziend beeld van verleden: August Willemsen over liefdes en reizen in 'Vrienden, vreemden, vrouwen'

Drents-Groningse Dagbladen, 12 maart

[entrevista a | interview met Jacob Moerman]

(m)

Recensie: August Willemsen en zijn dagboeken van r

Eindhovens Dagblad, 19 maart

[entrevista a | interview met Dirk Vellenga]

(n)

"Muziek is de hoogste kunst": August Willemsen legt zijn ziel bloot in 'Vrienden, vreemden, vrouwen'

Gazet van Antwerpen, 21 en 22 maart

[entrevista a | interview met Martine Cuyt]

(o)

Auteur: August Willemsen: 'Soms heb ik echt de pest aan mezelf'

Boekblad 13, 165, 27 maart

[entrevista a | interview met EVE (Ed van Eeden)]

(p)

(Over de poëzie van Nelson Ascher)

Passionate, 1998, 4, 43-44

[paratexto de tradução em revista | paratekst met vertaling in tijdschrift]

(q)

Cláudia Ahimsa

Passionate, 1998, 4, 48

[introdução de tradução em revista | inleiding bij vertaling in tijdschrift]

(r)

Nuno Júdice

In Nuno Júdice, *Recept om blauw te maken: Gedichten* (35). Dordrecht/ Sliedrecht: Wagner & Van Santen

[posfácio de tradução em forma de livro | nawoord bij vertaling in boekvorm]

(s)

Een keurig baasje

In P.J. Claessens, *Familieportret van Privé-domein*. Amsterdam & Antwerpen: De Arbeiderspers

[fragmento de texto original em coletânea | fragment eigen werk in bloemlezing]

1999

(a)

Aantekeningen

In A. Torres, *Dit stuk grond* (139-140). Amsterdam: Meulenhoff

[paratexto de tradução em forma de livro | paratekst bij vertaling in boekvorm]

(b)

De droom van de sertanejo

In A. Torres, *Dit stuk grond* (141-144). Amsterdam: Meulenhoff
[posfácio de tradução em forma de livro | nawoord bij vertaling in boekvorm]

(c)

***De tuin van IJben*, 2^e druk**

Amsterdam: Rap

[livro: relato de viagem; originalmente de edição própria, impressa em 1989 por iniciativa de Bauke Marinus e Hettie Kommandeur em uma tiragem de 50 exemplares | reisverslag; de eerste druk verscheen in oktober 1989 op initiatief van Bauke Marinus en Hettie Kommandeur in eigen beheer in een oplage van vijftig exemplaren]

(d)

De geboorteakte van Brazilië

De tweede ronde. Brazilië-nummer, 20 (1), 81-86

[artigo de revista | essay]

(e)

Rémi, vondeling en vinder

In Hector Malot, *Alleen op de wereld* (507- 519). Amsterdam & Antwerpen: Archipel

[posfácio de tradução em forma de livro | nawoord bij vertaling in boekvorm]

(f)

‘Het wordt vast een hype’: August Willemsen werpt zich op Hector Malot

SdL, 4 maart, pp. 14-15

[entrevista a | interview met Marijke Arijis]

(g)

Interview met schrijver August Willemsen

De Gelderlander, 25 maart

[entrevista a | interview met Merlijn Sutmuller]

(h)

Uit de kast

Het Parool, 26 maart

[entrevista a | interview met Maartje Somers]

(i)

Malots Rémi woelt ook bij volwassenen grote emoties los

(Zeeuwse Courant, maart)

[entrevista a | interview met Roelf Reinders]

(j)

Alleen op de wereld vertaald door August Willemsen

Eindhovens Dagblad, 22 april

[entrevista a | interview met Merlijn Sutmuller]

(k)

Paulo Teixeira

In *30e Poetry International Festival: Catalogus*, 12 t/m 18 juni, pp. 82

[introdução de tradução em revista (Poetry International Festival) | inleiding bij vertaling voor Poetry International]

(l)

Liefde begint laat

Het Parool, 10 juli

[entrevista a | interview met Frans van Deijl]

(m)

August Willemsen

In Ischa Meijer, *De Interviewer* (375-379). Amsterdam: Prometheus

[entrevista a | interview met Ischa Meijer]

2000

(a)

De baron van Teive

In Baron van Teive [Fernando Pessoa], *De stoïcijn: Het enige manuscript van de baron van Teive: De onmogelijkheid om superieure kunst te maken* (67-92). Amsterdam [etc.]: De Arbeiderspers
[posfácio de tradução em forma de livro | nawoord bij vertaling in boekvorm]

(b)

Aantekeningen

In F. Pessoa, *Het uur van de Duivel* (31). Amsterdam & Antwerpen: De Arbeiderspers
[paratexto de tradução em forma de livro | paratekst bij vertaling in boekvorm]

(c)

De Duivel als dichter

In F. Pessoa, *Het uur van de Duivel* (33-52). Amsterdam & Antwerpen: De Arbeiderspers
[posfácio de tradução em forma de livro | nawoord bij vertaling in boekvorm]

(d)

August Willemsen en Daniel Cross componeren taal en klank van Rosa; Muziektheater

Trouw, 20 januari
[entrevista a | interview met Stijntje Blankendaal]

(e)

De sensualiteit van de herinnering

In L. Ivo, *Vleermuizen en blauwe krabben: Gedichten* (183-186). Sliedrecht: Wagner & Van Santen
[posfácio de tradução em forma de livro | nawoord bij vertaling in boekvorm]

(f)

‘Eigenwijsheid is leuk als je gelijk hebt’: August Willemsen over het irritante genie Fernando Pessoa

De Volkskrant, 14 juli
[entrevista a | interview met Aleid Truijens]

(g)

Land dat nergens toe dient

Vrij Nederland, 61 (29), 32-36
[artigo de revista: reportagem sobre Austrália em forma de diário | reportage in dagboekvorm over Australië]

(h)

Sterke drank is helemaal niet lekker

Het Parool, 5 augustus
[entrevista a | interview met Peter van Brummelen]

(i)

Verwacht. August Willemsen (1936). De Pessoa Bibliotheek

Elsevier, 12 augustus
[entrevista a | interview met Jan Paul Bresser]

(j)

36 echte mannen in strakke pakjes

Vrij Nederland, 61 (34), 28-31
[artigo de revista: ensaio sobre futebol australiano | essay over Australian football]

(k)

‘Door Da Cunha ben ik Portugees gaan studeren’: Het beslissende boek van: August Willemsen

NRC Handelsblad, 8 december
[entrevista a | interview met Martijn Meijer]

(l)

Fernando Pessoa: Het ik als vreemde

Amsterdam: De Arbeiderspers
[livro: monografia Fernando Pessoa | boek: Pessoa-monografie]

(m)

De geboorteakte van Brazilië

In Pêro Vaz de Caminha, *De ontdekking van Brazilië* (37-60). Amsterdam: Meulenhoff
[posfácio de tradução em forma de livro | nawoord bij vertaling in boekvorm]

2001

(a)

Aantekeningen van de vertaler

In E. da Cunha, *De binnenlanden* (471-510). Amsterdam: Meulenhoff
[paratexto de tradução em forma de livro | paratekst bij vertaling in boekvorm]

(b)

Verklarende woordenlijst

In E. da Cunha, *De binnenlanden* (511-519). Amsterdam: Meulenhoff
[paratexto de tradução em forma de livro | paratekst bij vertaling in boekvorm]

(c)

Euclides da Cunha – De brug en het boek

In E. da Cunha, *De binnenlanden* (520-536). Amsterdam: Meulenhoff
[posfácio de tradução em forma de livro | nawoord bij vertaling in boekvorm]

(d)

Verantwoording

In E. da Cunha, *De binnenlanden* (537-538). Amsterdam: Meulenhoff
[paratexto de tradução em forma de livro | paratekst bij vertaling in boekvorm]

(e)

Van Tibooburra naar Packsaddle: Australië in 7 stukken, 59 foto's en een epiloog

Amsterdam: De Arbeiderspers

[livro: descrições de viagem | boek: reisbeschrijvingen]

(f)

Grievend

de Volkskrant, 19 mei

[carta do leitor ao jornal | lezersbrief]

(g)

Poëzie vertalen: August Willemsen

Het Financieele Dagblad, 4 augustus

[artigo de jornal | krantenartikel]

(h)

Land dat nergens toe dient

In R. Wester (red.), *Droomreizen: De beste Nederlandse en Vlaamse reisverhalen van 2000* (45-52).

Amsterdam: Contact

[texto próprio em coletânea | eigen tekst in bundel]

(i)

Mensagem – De boodschap die niet aankwam

Tirade 45 (391), 404-410

[artigo de revista | essay]

(j)

Aantekeningen

In Fernando Pessoa, *Boodschap* (133-150). Amsterdam: De Arbeiderspers

[paratexto de tradução em forma de livro | paratekst bij vertaling in boekvorm]

(k)

De onfortuinlijke boodschapper

In Fernando Pessoa, *Boodschap* (151-157). Amsterdam: De Arbeiderspers

[posfácio de tradução em forma de livro | nawoord bij vertaling in boekvorm]

2002

(a)

Aantekeningen

In G. Ramos, *Kannibalen* (185-188). Amsterdam: Coppens & Frenks
[paratexto de tradução em forma de livro | paratekst bij vertaling in boekvorm]

(b)

Liefdes schijngestalte

In G. Ramos, *Kannibalen* (189-210). Amsterdam: Coppens & Frenks
[posfácio de tradução em forma de livro | nawoord bij vertaling in boekvorm]

(c)

Verlaine op de fiets

De tweede ronde, 23 (3), 193-194
[artigo de revista: testemunho | getuigenis]

(d)

Euclides da Cunha, *Os Sertões*

In Margot Dijkgraaf en Martijn Meijer, *Het beslissende boek* (204-7). Amsterdam/Rotterdam: Prometheus/ NRC Handelsblad
[entrevista a | interview met Martijn Meijer]

(e)

Verantwoording

In Ricardo Reis [Fernando Pessoa], *Oden* (449-450). Amsterdam: De Arbeiderspers
[paratexto de tradução em forma de livro | paratekst bij vertaling in boekvorm]

(f)

Aantekeningen

In Ricardo Reis [Fernando Pessoa], *Oden* (451-456). Amsterdam: De Arbeiderspers
[paratexto de tradução em forma de livro | paratekst bij vertaling in boekvorm]

(g)

Ricardo Reis: de lepe (en leefbare) paradox

In Ricardo Reis [Fernando Pessoa], *Oden* (457-473). Amsterdam: De Arbeiderspers
[posfácio de tradução em forma de livro | nawoord bij vertaling in boekvorm]

2003

(a)

Aantekeningen

In F. Gullar, *Morgen is weer geen andere dag: Gedichten* (207-209). Sliedrecht: Wagner & Santen
[paratexto de tradução em forma de livro | paratekst bij vertaling in boekvorm]

(b)

Van Zeca tot Gullar

In F. Gullar, *Morgen is weer geen andere dag: Gedichten* (211-217). Sliedrecht: Wagner & Santen
[posfácio de tradução em forma de livro | nawoord bij vertaling in boekvorm]

(c)

Goedaardige schizofrenie: August Willemsen over zijn dichtheid Pessoa

Literatuur, 20 (3), 29-31
[entrevista a | interview met Joris van Casteren]

(d)

Verantwoording

In Fernando Pessoa, *Herostratus: Over onsterfelijkheid en vergankelijkheid van literaire werken* (101-103). Amsterdam: De Arbeiderspers
[paratexto de tradução em forma de livro | paratekst bij vertaling in boekvorm]

(e)

Aantekeningen

In Fernando Pessoa, *Herostratus: Over onsterfelijkheid en vergankelijkheid van literaire werken* (105-110).

Amsterdam: De Arbeiderspers

[paratexto de tradução em forma de livro | paratekst bij vertaling in boekvorm]

(f)

Het clownspak en de eeuwigheid

In Fernando Pessoa, *Herostratus: Over onsterfelijkheid en vergankelijkheid van literaire werken* (111-124).

Amsterdam: De Arbeiderspers

[posfácio de tradução em forma de livro | nawoord bij vertaling in boekvorm]

(g)

O Lissabon, mijn thuis, gewijzigde herdruk

Amsterdam: Bas Lubberhuizen

[livro: coletânea de textos literários e dissertativos, fotos, desenhos e traduções organizada por August Willemsen e Marcel van den Boogert | boek samengesteld door August Willemsen en Marcel van den Boogert: bundel van letterkundige opstellen, beschouwingen, foto's, tekeningen en vertaalde teksten]

(h)

Inleiding

In August Willemsen, & Marcel van den Boogert (red.), *O Lissabon, mijn thuis* (9-15). Gewijzigde herdruk.

Amsterdam: Bas Lubberhuizen

[prefácio de coletânea | voorwoord bloemlezing]

(i)

Camões in Lissabon

In August Willemsen, & Marcel van den Boogert (red.), *O Lissabon, mijn thuis* (16-18). Gewijzigde herdruk.

Amsterdam: Bas Lubberhuizen

[texto em coletânea | tekst in bloemlezing]

(j)

Cesário Verde, de wandelende dichter

In August Willemsen, & Marcel van den Boogert (red.), *O Lissabon, mijn thuis* (40-50). Gewijzigde herdruk.

Amsterdam: Bas Lubberhuizen

[prefácio de tradução em coletânea | voorwoord bij vertaling in bloemlezing]

(k)

'Het Mysterie smaakt mij naar een ander ik...': Het Modernisme in de Portugese poëzie, 1912-1917

In August Willemsen, & Marcel van den Boogert (red.), *O Lissabon, mijn thuis* (134-161). Gewijzigde herdruk.

Amsterdam: Bas Lubberhuizen

[prefácio de tradução em coletânea | voorwoord bij vertaling in bloemlezing]

(l)

De voorbijganger aan zichzelf: Pessoa in Lissabon

In August Willemsen, & Marcel van den Boogert (red.), *O Lissabon, mijn thuis* (185-203). Gewijzigde herdruk.

Amsterdam: Bas Lubberhuizen

[texto próprio em coletânea | eigen tekst in bloemlezing]

(m)

De teloorgang van Lissabon en de rampen van de liefde: Over de Portugese fado

In August Willemsen, & Marcel van den Boogert (red.), *O Lissabon, mijn thuis* (244-253). Gewijzigde herdruk.

Amsterdam: Bas Lubberhuizen

[texto próprio em coletânea | eigen tekst in bloemlezing]

(n)

Verantwoording

In Fernando Pessoa (Alberto Caeiro), *De hoeder van de kudden en andere gedichten* (319-321). Amsterdam: De Arbeiderspers

[paratexto de tradução em forma de livro | paratekst bij vertaling in boekvorm]

(o)

Aantekeningen

In Fernando Pessoa (Alberto Caeiro), *De hoeder van de kudden en andere gedichten* (322-336). Amsterdam: De Arbeiderspers

[paratexto de tradução em forma de livro | paratekst bij vertaling in boekvorm]

(p)

De achterkant van de saudade

In Fernando Pessoa (Alberto Caeiro), *De hoeder van de kudden en andere gedichten* (337-352). Amsterdam: De Arbeiderspers

[posfácio de tradução em forma de livro | nawoord bij vertaling in boekvorm]

(q)

Gonçalo M. Tavares

In *Poetry International Festival [2003]*. Rotterdam: Poetry International

[posfácio de tradução em revista | nawoord bij vertaling in tijdschrift]

2004

(a)

Verantwoording

In Fernando Pessoa, *Brieven 1905-1919* (275-277). Amsterdam: De Arbeiderspers

[paratexto de tradução em forma de livro | paratekst bij vertaling in boekvorm]

(b)

Aantekeningen

In Fernando Pessoa, *Brieven 1905-1919* (279-318). Amsterdam: De Arbeiderspers

[paratexto de tradução em forma de livro | paratekst bij vertaling in boekvorm]

(c)

Alles fragmenten, fragmenten, fragmenten

In Fernando Pessoa, *Brieven 1905-1919* (319-327). Amsterdam: De Arbeiderspers

[posfácio de tradução em forma de livro | nawoord bij vertaling in boekvorm]

2005

(a)

Verantwoording

In F. Pessoa, *Fernando Pessoa & Ofélia Queiroz: Liefsdesbrieven 1920/ 1929-1932* (307-309). Amsterdam [etc.]: De Arbeiderspers

[paratexto de tradução em forma de livro | paratekst bij vertaling in boekvorm]

(b)

Aantekeningen

In F. Pessoa, *Fernando Pessoa & Ofélia Queiroz: Liefsdesbrieven 1920/ 1929-1932* (311). Amsterdam [etc.]: De Arbeiderspers

[paratexto de tradução em forma de livro | paratekst bij vertaling in boekvorm]

(c)

De dichter verliefd?

In F. Pessoa, *Fernando Pessoa & Ofélia Queiroz: Liefsdesbrieven 1920/ 1929-1932* (339). Amsterdam [etc.]: De Arbeiderspers

[posfácio de tradução em forma de livro | nawoord bij vertaling in boekvorm]

(d)

Verantwoording

In F. Pessoa, *Brieven 1921-1935* (349-351). Amsterdam [etc.]: De Arbeiderspers

[paratexto de tradução em forma de livro | paratekst bij vertaling in boekvorm]

(e)

Aantekeningen

In F. Pessoa, *Brieven 1921-1935* (353). Amsterdam [etc.]: De Arbeiderspers
[paratexto de tradução em forma de livro | paratekst bij vertaling in boekvorm]

(f)

Het portret en het masker

In F. Pessoa, *Brieven 1921-1935* (435). Amsterdam [etc.]: De Arbeiderspers
[posfácio de tradução em forma de livro | nawoord bij vertaling in boekvorm]

(g)

De opzettelijke toevalligheid

Filter 13 (2), 20-29

[texto de palestra | tekst van een lezing]

(h)

De liefde als poëtica

In N. Júdice, *De emotie in kaart gebracht: Gedichten*. Sliedrecht: Wagner & Van Santen

[posfácio de tradução em forma de livro | nawoord bij vertaling in boekvorm]

(i)

Manuel Maria Barbosa du Bocage

In Aan Manteigui, *De Tweede Ronde 26* (4), 80

[paratexto de tradução em revista | paratekst bij vertaling in tijdschrift]

(j)

De spoken van de schrijver

In Chico Buarque, *De spookschrijver uit Rio* (153-156). Amsterdam: Meulenhoff

[posfácio de tradução em forma de livro | nawoord bij vertaling in boekvorm]

(k)

Aantekeningen

In Chico Buarque, *De spookschrijver uit Rio* (157-159). Amsterdam: Meulenhoff

[paratexto de tradução em forma de livro | paratekst bij vertaling in boekvorm]

2006

(a)

Verantwoording

In Álvaro de Campos [Fernando Pessoa], *Gedichten 1913-1922* (413-415). Amsterdam [etc.]: De Arbeiderspers

[paratexto de tradução em forma de livro | paratekst bij vertaling in boekvorm]

(b)

Aantekeningen

In Álvaro de Campos [Fernando Pessoa], *Gedichten 1913-1922* (417-423). Amsterdam [etc.]: De Arbeiderspers

[paratexto de tradução em forma de livro | paratekst bij vertaling in boekvorm]

(c)

De heteroniemen van Álvaro de Campos

In Álvaro de Campos [Fernando Pessoa], *Gedichten 1913-1922* (425-445). Amsterdam [etc.]: De Arbeiderspers

[posfácio de tradução em forma de livro | nawoord bij vertaling in boekvorm]

(d)

Ik ben schrijver van andermans werk

Trouw, 25 februari

[entrevista a | interview met Iris Pronk]

(e)

Ana Paula Tavares

In *Poetry International Festival [2006]*, Rotterdam: Poetry International

[posfácio de tradução em revista | nawoord bij vertaling in tijdschrift]

2007

(a)

De goddelijke kanarie: Over het Braziliaanse voetbal, 2a. impressão ampliada e completamente revisada | uitgebr. en geheel herz. 2^e dr.

Amsterdam & Antwerpen: De Arbeiderspers/ Het Sporthuis

[livro sobre a história do futebol brasileiro | literair sportboek over de complete geschiedenis van het Braziliaanse voetbal]

(b)

Ik dronk de koffie die ik zelf zette

Meander, 7 apr 2007, <http://meandermagazine.net/t.php?txt=3310>

[entrevista a | interview met Sander de Vaan]

(c)

Verantwoording

In Luís Vaz de Camões, *Ware voor zo lange liefde niet zo kort het leven* (197-198). Amsterdam & Antwerpen:

De Arbeiderspers

[paratexto de tradução em forma de livro | paratekst bij vertaling in boekvorm]

(d)

Aantekeningen

In Luís Vaz de Camões, *Ware voor zo lange liefde niet zo kort het leven* (199-218). Amsterdam & Antwerpen:

De Arbeiderspers

[paratexto de tradução em forma de livro | paratekst bij vertaling in boekvorm]

(e)

Camões: het botte zwaard en de scherpe pen

In Luís Vaz de Camões, *Ware voor zo lange liefde niet zo kort het leven* (219-243). Amsterdam & Antwerpen:

De Arbeiderspers

[posfácio de tradução em forma de livro | nawoord bij vertaling in boekvorm]

(f)

Aantekeningen

In G. Ramos, *Kinderjaren* (232-243). Amsterdam & Antwerpen: De Arbeiderspers

[paratexto de tradução em forma de livro | paratekst bij vertaling in boekvorm]

(g)

Het kind als vader van de mens

In G. Ramos, *Kinderjaren* (244-260). Amsterdam & Antwerpen: De Arbeiderspers

[posfácio de tradução em forma de livro | nawoord bij vertaling in boekvorm]

(h)

Verantwoording

In Álvaro de Campos [Fernando Pessoa], *De metafysische ingenieur en andere gedichten 1923-1935* (523-524).

Amsterdam [etc.]: De Arbeiderspers

[paratexto de tradução em forma de livro | paratekst bij vertaling in boekvorm]

(i)

Aantekeningen

In Álvaro de Campos [Fernando Pessoa], *De metafysische ingenieur en andere gedichten 1923-1935* (525-535).

Amsterdam [etc.]: De Arbeiderspers

[paratexto de tradução em forma de livro | paratekst bij vertaling in boekvorm]

(j)

De metafysische verkoudheid van Álvaro de Campos

In Álvaro de Campos [Fernando Pessoa], *De metafysische ingenieur en andere gedichten 1923-1935* (537-557).

Amsterdam [etc.]: De Arbeiderspers

[posfácio de tradução em forma de livro | nawoord bij vertaling in boekvorm]

(k)

Nuno Júdice

In *Poetry International Festival [2007]*, Rotterdam: Poetry International

[posfácio de tradução em revista | nawoord bij vertaling in tijdschrift]

APÊNDICE (BIJLAGE) 4

AUTORES TRADUZIDOS POR AUGUST WILLEMSSEN
(DOOR AUGUST WILLEMSSEN VERTAALDE AUTEURS)

Nome escritor Naam schrijver	origem afkomst	Ano de publicação Jaar publicatie ⁴⁷
Ahimsa, Cláudia	B	1998, 1999
Alexandre, António Franco	P	2001
Amaral, Fernando Pinto do	P	2001
Andrade, Carlos Drummond de	B	1972, 1979, 1980, 1983 , 1983, 1986, 1986, 1987, 1987, 1987 , 1987, 1992, 1992 , 1998, 1998, 1998 , 2000
Andrade, Eugénio de	P	1991
Andresen, Sophia de Mello Breyner	P	1985, 1991
Arcos, Joaquim Paço d'	P	1970
Ascher, Nelson	B	1998
Assis, Joaquim Maria Machado de	B	1983 , 1984, 1984, 1984, 1985, 1986 , 1988, 1992, 1998
Bandeira, Manuel Carneiro de Sousa	B	1972, 1982 , 1982, 1983, 1986, 1987
Berg, Arie van den	N	1988
Bernlef, J.	N	1988
Bocage, Manuel Maria Barbosa du	P	2005
Brito, Casimiro de	P	1978, 1982, 1985, 1991
Buarque, Chico	B	1992, 2005
Caminha, Pero Vaz de	P	2000
Camões, Luís Vaz de	P	2007
Campert, Remco	N	1988
Carvalho, Armando Silva	P	1978, 1985
Carvalho, José Rentes de	P	1970, 1972, 1975 , 1986
Castro, E. M. de Melo e	P	1978, 1985
Castro, Ferreira de	P	1970
Cattaneo, Carlo Vittorio	I	1978
Cruz, Gastão	P	1978
Cunha, Euclides da	B	2001
Dionísio, Mário	P	1970
Faria, Almeida	P	1997
Faverey, Hans	N	1988
Ferreira, José Gomes	P	1985
Ferreira, Vergílio	P	1970
Fonseca, Branquinho da	P	1970
Fonseca, Manuel da	P	1970
Fonseca, Rubem	B	1981
Gide, André ⁴⁸	F	1959
Gonçalves, Egito	P	1985
Gullar, Ferreira	B	1988, 2003
Helder, Herberto	P	1991
Horta, Maria Teresa/ Maria Velho da Costa/ Maria Isabel Barreno	P	1977
Ivo, Lêdo	B	2000
Júdice, Nuno	P	1991, 1998 , 1998, 2001, 2005 , 2007
Kouwenaar, Gerrit	N	1988
Lacerda, Alberto de	P	1985
Lopes, Adília	P	1997
Lucebert	N	1988
Malot, Hector	F	1999
Melo Neto, João Cabral de	B	1972, 1981 , 1981, 1984, 1986, 1987, 1987, 1993
Menéres, M. A.	P	1978
Monteiro, Domingos	P	1970
Mourão-Ferreira, David	P	1991
Namora, Fernando	P	1970
Negreiros, José de Almada	P	2003

⁴⁷ Revista / *Coletânea* / Livro | Tijdschrift / *Bloemlezing* / Boek

⁴⁸ Apesar de a tradução por August Willemsen de *Isabelle* de André Gide nunca ter sido publicada, incluí o nome de Gide nesta tabela porque Willemsen o aponta frequentemente como o primeiro autor que traduziu. Gide não está porém incluído nas estatísticas. | Hoewel August Willemsens vertaling van *Isabelle* van André Gide nooit is gepubliceerd, heb ik deze Franse auteur hier toch toegevoegd omdat Willemsen Gide graag noemt als de eerste auteur die hij ooit vertaalde. Gide wordt echter niet meegeteld in de berekeningen.

Nootboom, Cees	N	1988
Oliveira, Carlos de	P	1985
O'Neill, Alexandre	P	1985
Pacheco, Fernando Assis	P	1985
Pereira, Helder Mouro	P	2001
Pessoa, Fernando	P	1977, 1977, 1977, 1978, 1978, 1980, 1981, 1982, 1987, 1987, 1987, 1987, 1991, 1995, 2000, 2000, 2001, 2001, 2002, 2003, 2003, 2003, 2004, 2005, 2005, 2006, 2006, 2007, 2007
Pires, José Cardoso	P	1970, 1974 [F] ⁴⁹
Queiroz, Ofélia	P	2005
Ramos, Graciliano	B	1995, 1996, 1996, 1998, 2002, 2007
Redol, Alves	P	1970
Régio, José	P	1970
Rodrigues, Urbano Tavares	P	1970
Rosa, António Ramos	P	1985, 1991
Rosa, João Guimarães	B	1976, 1977, 1977, 1983, 1984, 1992, 1993, 1993, 1996
Sá-Carneiro, Mário de	P	2003
Schierbeek, Bert	N	1988
Sena, Jorge de	P	1970
Tamen, Pedro	P	1985, 1991
Tavares, Ana Paula	A	2006
Tavares, Gonçalo M.	P	2003
Teixeira, Paulo	M	1991, 1999
Torga, Miguel	P	1970
Torres, António	B	1999
Trevisan, Dalton	B	1974, 1975, 1975, 1976, 1977, 1982, 1982, 1987, 1992
Vasconcelos, Mário Cesariny de	P	1984, 1985, 1987, 1991
Verde, Cesário	P	1995
Vieira, Luandino	P	1970
Autores traduzidos Vertaalde auteurs: 77 (+ André Gide)		

A=Angola; B=Brasil/Brazilië; F=França/Frankrijk; I=Itália/Italië; M=Moçambique/Mozambique; N=Holanda/Nederland; P=Portugal

⁴⁹ Traduzido do francês. | Vertaling uit het Frans.

APÊNDICE (BIJLAGE) 5

APÊNDICE 5: Contribuições de August Willemsen na imprensa periódica
 BIJLAGE 5: *Bijdragen van August Willemsen in de periodieke pers*

ano jaar	72	74	75	76	77	78	79	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96	97	98	99	0	1	2	3	4	5	6	7	
<i>Raster</i> ⁵⁰	1															1																				4
<i>De Gids</i>		1																						1												2
<i>Maatstaf</i>		1			3	1	1		2	2	1	1	1	1		1				1																18
HP					1																															1
<i>Literair</i>					2	4			6																											12
<i>Paspoort</i>																																				7
NRC					2				2																											2
<i>Persona</i> ⁵¹					1	1																														1
<i>Meulenhoff</i>														1																						1
Trouw																																				1
Volkskrant																																				1
VN																																				1
Het Parool																																				3
Het Parool										17	4																									22
NWT ⁵²																																				1
<i>Armada</i>																																				1
<i>Passionate</i>																																				1
<i>Tweede</i>																																				2
<i>Ronde</i>																																				3
FD																																				1
<i>Tirade</i>																																				1
<i>Poetry International</i>																																				1
<i>Poetry International</i>																																				4
1	2	0	0	4	3	5	0	5	9	1	1	1	0	2	0	4	1	2	19	8	1	2	1	1	0	3	2	2	3	1	1	0	1	1	1	87

⁵⁰ Revistas especializadas nas áreas de literatura, tradução e ensino de línguas são apresentadas em itálico. | Tijdschriften over literatuur en (ver)alen zijn schuingedrukt.

⁵¹ Revistas em outro idioma que o holandês estão em negrito | Niet-Nederlandstalige tijdschriften vetgedrukt. *Persona* is een tijdschrift uitgegeven door het Centro de Estudos Pessoaanos (Centrum voor Pessoa-studie) en Faculdade de Letras do Porto (Faculteit Letterkunde van Porto), Portugal.

⁵² Nieuw Wereldtijdschrift.

APÊNDICE (BIJLAGE) 6

68 ENTREVISTAS, 2 PALESTRAS & 2 PALAVRAS DE AGRADECIMENTO
(68 INTERVIEWS, 2 LEZINGEN & 2 DANKWOORDEN)

	81	82	83	84	85	86	87	88	91	92	93	94	95	96	98	99	0	2	3	6	7		
Jornal do Brasil ⁵³	1																					1	
VPRO-gids		1								1													2
Nijhoffprijs			1 ⁵⁴																				1
Trouw				1						2							1				1		5
<i>Heibel</i> ⁵⁵				<i>1</i>																			1
<i>Fragmentos</i> ⁵⁶				1																			1
De Volkskrant					1			1						2			1						5
Latijns-Amerika					1																		1
Het vrije volk					1																		1
<i>Optima</i>					1																		1
VN						1																	1
Elseviers						1											1						2
Van der Hoogtprijs						1																	1
T.vanDeel ⁵⁷						1																	1
Intermediair							1																1
NRC							1	1	1								1	1					5
Het Parool							1				1					2	1						5
AD								1			1												2
Leeuwaarder C.								1			2												3
Gelderlander								1						1		1							3
<i>Poëziekrant</i>								1															1
De Morgen								1								1							2
Weekmedia									1														1
Humo									1							1							2
HP/De Tijd									1														1
<i>De Talen</i>									1														1
<i>Strapats</i>										1													1
De Groene											1												1
LD ⁵⁸											1												1
Rotterdams D											1												1
De Stad Amersfoort												1											1
América Revista												1											1
<i>NWT</i> ⁵⁹													1										1
Ñapa													1										1
De Stem															1								1
Sdl																1	1						2
Drents																1							1
Eindhovens																1	1						2
GVA ⁶⁰																1							1
Boekblad																1							1
Zeeuwse C.																	1						1
<i>Literatuur</i>																				1			1
<i>Filter</i>																					1		1
<i>Meander</i>																						1	1
	1	1	1	3	4	3	3	7	5	4	7	2	2	3	8	6	5	1	2	1			

⁵³ Landelijk dagblad in Brazilië.

⁵⁴ Textos de agradecimento e de palestras em negrito. | Dankwoorden en teksten van lezingen staan vetgedrukt.

⁵⁵ Revistas literárias em itálico. | Literaire tijdschriften staan schuingedrukt.

⁵⁶ Literaire tijdschrift uitgegeven door de Universiteit van Santa Catarina, Brazilië.

⁵⁷ Conversa com Tom van Deel registrada em *Het hoge woord* (1994) de August Willemsen. | Gesprek met Tom van Deel opgenomen in *Het hoge woord* (1994) van August Willemsen.

⁵⁸ Leidsch Dagblad.

⁵⁹ Nieuw Wereldtijdschrift.

⁶⁰ Gazet van Antwerpen.

VERSÃO HOLANDESA DA TESE /

NEDERLANDSE VERSIE VAN DE SCRIPTIE

'IK VERTAAL NIET EEN GEDICHT MAAR EEN DICHTER'

- Externe vertaalpoëtica van AUGUST WILLEMSEN



(Foto: A Hora do Brasil Foundation, 2007)

MA-Scriptie

Yaemi Natumi (3456900)

Opleiding Portugese Taal en Cultuur – Masterprogramma Vertalen

Begeleider: dr. Cees Koster

Tweede begeleider: dr. Marian Schoenmakers-Klein Gunnewiek

Augustus 2013



Universiteit Utrecht

*Kunst is gewoon iets moeilijks goed doen, of het
nu is op linnen, steen, papier, op planken of op gras.*

August Willemssen

INHOUDSOPGAVE

INLEIDING	1
Doelstelling van de scriptie en hoofdvragen	2
Opbouw van de scriptie	2
1. THEORETISCHE CONTEXT	5
2. ONDERZOEKSMETHODE	11
3. AUGUST WILLEMSSEN	15
3.1. <i>Het leven van August Willemsen</i>	15
3.2. <i>Het werk van August Willemsen</i>	20
3.2.1. De vertaler August Willemsen	21
3.2.2. De schrijver August Willemsen	35
3.2.3. August Willemsen als criticus	41
3.2.4. Nevenactiviteiten van August Willemsen	43
3.3. <i>Relatie tussen Willemsens vertalingen en eigen werk</i>	44
3.4. <i>Samenvatting van dit hoofdstuk</i>	46
4. BESCHRIJVING VAN DE EXTERNE VERTAALPOËTICA VAN AUGUST WILLEMSSEN	49
4.1. <i>Loyaliteit aan twee meesters</i>	49
4.2. <i>Respect voor het origineel en zijn auteur</i>	56
4.3. <i>Vrijheid durven nemen</i>	59
4.4. <i>De schrijver de lezer door de strot duwen</i>	62
4.5. <i>Het vertalen van poëzie</i>	65
5. AANSLUITING BIJ HET VERTAALDISCOURS IN NEDERLAND	71
5.1. Willemsen ten opzichte van Verspoor	75
5.2. Willemsen ten opzichte van Hawinkels	78
CONCLUSIE EN SUGGESTIES VOOR TOEKOMSTIG ONDERZOEK	81
BIBLIOGRAFIE	85
APÊNDICE / BIJLAGE 1	93
APÊNDICE / BIJLAGE 2	98
APÊNDICE / BIJLAGE 3	119
APÊNDICE / BIJLAGE 4	150
APÊNDICE / BIJLAGE 5	152
APÊNDICE / BIJLAGE 6	153
ABSTRACT – SINOPSE – SAMENVATTING	

INLEIDING

Op 29 november 2012 was het precies vijf jaar geleden dat August Willemsen (1936-2007) is overleden. Met zijn dood hebben niet alleen Nederland en Vlaanderen maar ook Brazilië en Portugal een man van vele talenten verloren. Het is zelfs niet overdreven om te zeggen dat Brazilië een van zijn belangrijkste culturele ambassadeurs in Nederland verloren heeft. Willemsen was vooral bekend als vertaler en schrijver. Hij vertaalde voornamelijk Portugese en Braziliaanse dichters en schrijvers, terwijl zijn eigen werk onder meer bestond uit autobiografische boeken, brieven, reisverslagen, dagboekbladen en beschouwingen in de vorm van essays, artikelen, columns, parateksten bij vertalingen, boekrecensies en vertaalkritieken. Zijn onderwerpen waren divers: taal, vertalen, Braziliaanse en Portugese literatuur, Lissabon, de Bijlmermeer, kunst en zelfs voetbal. Hij kon ook nog acteren, pianospelen en tekenen.

Zijn bekendheid had hij tevens te danken aan de kwaliteit van zijn werk. Voor zijn vertalingen van de Braziliaanse schrijvers Dalton Trevisan, João Guimarães Rosa en Carlos Drummond de Andrade alsook de Portugese Fernando Pessoa ontving Willemsen in 1983, reeds 12 jaar na zijn debuut als vertaler, de Martinus Nijhoff prijs, de belangrijkste literaire vertaalprijs in Nederland. In het juryrapport (Van den Bergh 1983) wordt zijn vertaling van het verhaal *De anarchistische bankier* van Pessoa als ‘bijna perfect’ beoordeeld en die van het gedicht *Autopsychografie* van dezelfde auteur zelfs als ‘perfect’. Voor *Braziliaanse brieven* (1985), zijn debuut als schrijver en een bestseller, werd hij onmiddellijk bekroond met de Lucy B. en C. V. van der Hoogt prijs. Zowel dit boek als zijn vertalingen – met name van Pessoa – kwamen op de leeslijst van scholen en worden tot de Nederlandse literatuur gerekend. Bovendien bleven de zeer uitgebreide, haast wetenschappelijke nawoorden waarvan hij zijn vertalingen voorzag niet onopgemerkt en al vanaf het begin van zijn loopbaan ontbrak het hem niet aan waardering. Hij bouwde een goede relatie op met een aantal uitgeverijen en deze samenwerking resulteerde in bijzondere vertaalprojecten die leidden tot de introductie in Nederland van het neusje van de zalm uit de klassieken van de Portugeestalige literatuur. De literaire kritiek was het er unaniem over eens dat Willemsen een excellent stilist was. De pers hield van hem en besprak veel van zijn werk. En het hield hier niet op. Bij het verschijnen van haast ieder werk, hetzij vertalingen hetzij publicaties van eigen hand, werd Willemsen gevraagd voor interviews. Zijn mening werd over veel verschillende onderwerpen gevraagd, waaronder ook zijn visie op vertalen.

Doelstelling van de scriptie en hoofdvragen

Ondanks de grote aandacht voor het leven en het werk van Willemsen ontbreekt er tot nu toe een gericht onderzoek naar de vertaalopvattingen van August Willemsen. Deze scriptie is een eerste poging om verandering in deze situatie te brengen door de externe vertaalpoëtica van deze (tot voor kort) contemporaine vertaler in kaart te brengen. Ik wil een antwoord zoeken op de vragen:

1. Wat is de vertaalpoëtica van August Willemsen?
2. Hoe heeft zijn denken over vertalen zich ontwikkeld?
3. Welke plaats neemt de vertaalpoëtica van Willemsen binnen het vertaaldiscours in Nederland?

Deze hoofdvragen worden beantwoord op basis van een grondige kennismaking met zijn persoon en zijn werk waarbij de volgende vragen als leidraad dienen:

4. Wie is August Willemsen?
5. Wat houdt zijn werk in?
6. Wat is de relatie tussen zijn vertalingen en eigen werk?
7. Wat heeft August Willemsen over vertalen geschreven?

Opbouw van de scriptie

In hoofdstuk 1 presenteer ik de theoretische context van deze scriptie. Hoofdstuk 2 is de uiteenzetting van de gehanteerde onderzoeksmethode. Hierin laat ik zien hoe de gegevens van het werk van August Willemsen werden geïnventariseerd en samengebracht in de corpora. Hoofdstuk 3 gaat over August Willemsen zelf en zijn werk. Hier worden vragen 4, 5 en 6 eerst beantwoord. Na een korte biografie ga ik verder in op zijn werk als vertaler: wat, wanneer en voor wie heeft hij vertaald? Vervolgens komt het werk van Willemsen als schrijver aan de orde: wat, wanneer en voor wie heeft hij geschreven? Daarna krijgt het werk van Willemsen als criticus de aandacht: heeft hij kritiek geleverd op verschenen boeken (van Portugeestalige auteurs) en/of op vertalingen van collega's? Zijn nevenactiviteiten worden dan kort gepresenteerd en als laatste in dit hoofdstuk schets ik de relatie van zijn vertaalwerk tot zijn originele werk. De bespreking van elk facet van zijn leven en werk wordt ondersteund

door de resultaten van het in hoofdstuk 2 geïntroduceerd archeologisch onderzoek ofwel bibliografisch onderzoek.

In hoofdstuk 4 komen de hoofdvragen 1 en 2 over de vertaalopvattingen van Willemsen aan de orde: wat is de vertaalpoëtica van August Willemsen en hoe hebben zijn vertaalopvattingen zich ontwikkeld? Deze vragen worden beantwoord aan de hand van vraag 7 over wat Willemsen heeft geschreven over vertalen. Zijn externe vertaalpoëtica wordt hier beschreven vanuit een historisch perspectief. Daarmee bedoel ik dat zijn uitspraken chronologisch worden verkend opdat een beeld wordt verkregen van Willemsens vertaalontwikkeling. In hoofdstuk 5 probeer ik de vertaal-poëtische uitspraken die in hoofdstuk 4 naar voren zijn gekomen in verband te brengen met het bestaande vertaaldiscours in Nederland. Hoofdstuk 5 beantwoordt dus hoofdvraag 3. Vervolgens volgt een conclusie van de bevindingen. Daarbij lever ik tevens een commentaar op het verrichte onderzoek met eventuele suggesties voor vervolgonderzoek.

1. THEORETISCHE CONTEXT

In *Literatuur van Elders*, geeft Gillaerts (1988: 130) aanwijzingen over hoe een onderzoeksproject over de vertaalpoëtica van Martinus Nijhoff eruit zou kunnen zien. Bovendien definieert Gillaerts de vertaalpoëtica van een vertaler als ‘het min of meer samenhangende geheel van opvattingen over het vertalen en vertalingen’. Het zijn de ‘vertalersopvattingen over het *vertaalproces* (ontstaan en ontwikkeling), over het *vertaalprodukt* (de vertaling) en over de *functie* van de vertalingen in de doelliteratuur en doelcultuur’. Het uitgangspunt van dit soort onderzoek is dus de vertaler, zijn opvattingen.

Vertalersopvattingen over het hoe en waarom van een vertaling hebben volgens Pym (1998: 12) een gedeeltelijk historische en gedeeltelijk theoretische inslag. Maar de vertaalgeschiedenis en de vertaler nemen geen duidelijke plaats in het, volgens Munday (2001: 13), ‘nog steeds vaak gehanteerde’ model van Holmes voor de indeling van de vertaalwetenschappen. Het is ook Munday (2001: 14) die deze kritiek van Pym (1998: 1-3) op Holmes’ model doeltreffend samenvat: ‘Holme’s map omits any mention of the individuality of the style, decision-making process and working practices of human translators involved in the translation process’. Mijn onderzoek wil juist de schijnwerper richten op één individuele vertaler, August Willemsen, en zijn vertaalopvattingen. Om dit onderzoek van een theoretisch kader te voorzien leek het model van Holmes niet afdoende. Geschikter bleek de door Pym (1998) voorgestelde onderzoeksmethode voor vertaalgeschiedenis. Hij ziet vertaalgeschiedenis als ‘a unified area for the humanistic study of human translators and their social actions, both within and beyond their material translations’ (Pym 1998: 4) en omschrijft vertaalgeschiedenis als

a set of discourses predicating the changes that have occurred or have actively been prevented in the field of translation. Its field includes actions and agents leading to translations (or non-translations), the effects of translations (or non-translations), theories about translation, and a long etcetera of causally related phenomena. (Pym 1998: 5)

Hierin heeft de vertaler als *agent*, oftewel actor, een plaats naast vertalingen en vertaaltheorieën en wordt hij zowel binnen als buiten zijn vertalingen bestudeerd. Pym (1998: 5-6) onderscheidt verder drie deelgebieden binnen de vertaalgeschiedenis:

- vertaalarcheologie

- historische kritiek
- verklaring

Onder *vertaalarcheologie* vallen uitspraken die, in meer of mindere mate, antwoord geven op de vraag: ‘wie vertaalde wat, hoe, waar, wanneer, voor wie en met welk effect?’⁶¹ (Pym 1998: 5). *Historische kritiek* heeft een ideologische basis en heeft te maken met uitspraken over vertalingen vanuit het gezichtspunt van vooruitgang, waarbij de waarde van het werk van een vertaler wordt bepaald in een historische context: heeft een bepaald werk toen, in het verleden, vooruitgang gestimuleerd of juist belemmerd? Het derde deelgebied, *verklaring*, tracht te begrijpen waarom de archeologische feiten zijn opgetreden zoals ze zijn opgetreden: waarom individuele feiten en teksten zich voordeden op dat bepaalde moment en op die bepaalde plaats in de geschiedenis. Het heeft betrekking op de oorzaak van veranderingen en het is hierin dat vertalers als effectieve actoren kunnen worden geïdentificeerd.

Bijzondere aandacht verdient de primaire positie van ‘wie’ in de eerste vraag hierboven: ‘wie vertaalde wat, hoe, waar, wanneer, voor wie en met welk effect’. Bij Pym (1998) krijgen vertalers een centrale positie in de vertaalgeschiedenis. Vertalers worden gezien als een van de onmisbare oorzaken voor de totstandkoming van vertalingen en als zodanig verdienen ze bijzondere aandacht in de vertaalgeschiedenis. In deze context waarin de persoon van de vertaler als uitgangspunt van de vertaalgeschiedenis dient en als een mogelijke oorzaak van verandering wordt beschouwd, meen ik een plaats voor mijn onderzoek over de vertaalopvattingen van August Willemsen gevonden te hebben.

Dat August Willemsen een essentiële rol heeft gespeeld in de introductie van de Portugeestalige literatuur in Nederland, is reeds uit het onderzoek van Schreij (2009) gebleken. Vooral in de jaren zeventig en tachtig van de vorige eeuw, toen er nog weinige professionals actief waren die literatuur uit het Portugees naar het Nederlands vertaalden, heeft Willemsen veel betekend voor het ontstaan van een ‘subveld’ Portugeestalige literatuur binnen het literaire veld in Nederland. Door zich actief op te stellen kreeg hij een permanente positie in dat veld en was hij vaak persoonlijk verantwoordelijk voor de publicatie van zijn vertalingen. Volgens Schreij (2009: 96): ‘Door recensies en essays te publiceren in kranten en tijdschriften, door actief uitgeverijen af te gaan met titels van Portugeestalige auteurs, door het schrijven van voor- en nawoorden en door [zijn] eigen literaire reputatie [heeft

⁶¹ Mijn vertaling van ‘who translated what, how, where, when, for whom and with what effect?’ (Pym 1998: 5)

Willemsen] bijgedragen aan de classificatie van bepaalde werken als literatuur'. Op deze manier was Willemsen niet alleen bezig met de materiële productie van literatuur maar ook met de symbolische productie daarvan. Niet alleen zijn enthousiasme, doorzettingsvermogen en werkdrijf maar ook en vooral 'de literaire kwaliteit van zijn vertalingen' (Schreij 2009: 94) worden benadrukt als de oorzaken van de grote invloed die Willemsen heeft gehad op de introductie van de Portugeestalige literatuur in Nederland. In deze scriptie beschrijf ik hoe de man die het Nederlandse literatuurlandschap veranderde dacht over vertalen.

Voor Pym (1998) zijn vervolgens de drie categorieën – archeologie, historische kritiek en verklaring – met elkaar verbonden en is het beantwoorden van de waaromvraag (verklaring) het punt waar het uiteindelijk om gaat in de vertaalgeschiedenis. Maar hij erkent ook dat er geen historische kritiek noch verklaring kan plaatsvinden zonder een degelijk archeologisch onderzoek. Op deze laatste categorie ligt dus de focus van deze scriptie.

Het deelgebied vertaalarcheologie behelst nogmaals uitspraken die antwoorden geven op de vraag: 'wie vertaalde wat, hoe, waar, wanneer, voor wie en met welk effect?' (Pym 1998: 5) Het 'wie' in deze scriptie is August Willemsen en de vragen 'wat', 'waar', 'wanneer' en 'voor wie' hebben betrekking op zijn vertaalwerk: wat heeft August Willemsen vertaald?, enzovoorts. Om deze vragen te beantwoorden is een archeologisch onderzoek de geschiktste methode. De vraag 'hoe' Willemsen heeft vertaald is niet los te zien van 'wat' hij over vertalen dacht, i.e. 'hoe' hij erover dacht. 'Hoe' Willemsen heeft vertaald en gedacht over vertalen, kun je op twee manieren onderzoeken. Of je probeert een beter inzicht te krijgen in zijn expliciete uitspraken (externe vertaalpoëtica) of je probeert zijn vertaalopvattingen af te leiden uit zijn vertaalproductie, namelijk zijn vertalingen (interne vertaalpoëtica). In deze scriptie wordt slechts gekeken naar Willemsens externe vertaalpoëtica. Dat betekent dat ik geïnteresseerd ben in de vertaalopvattingen van August Willemsen 'voor zover die buiten zijn vertalingen vallen; zijn uitspraken erover in recensies, commentaar, inleidingen, enz.' (Gillaerts 1988: 130). Munday (2001: 152) refereert aan Toury die het nadeel ziet van vooringenomenheid in expliciete commentaren van vertalers, maar Munday zelf herkent er de waarde van: 'such comments are at best a significant indication of working practices; at worst they at least reveal what the participants feel they ought to be doing'.

In de impliciete vertaalopvattingen die mogelijk af te leiden zijn uit een analyse van zijn vertaalwerk, ben ik dus niet geïnteresseerd. Dat betekent dat zijn vertalingen niet geanalyseerd worden in dit onderzoek. Gillaerts (1988) wil, zoals hierboven aangegeven, ook vertaalrecensies betrekken in een onderzoek naar vertaalpoëtica, maar daar heb ik niet voor

gekozen, omdat daarin weinig expliciete uitspraken van de vertaler zelf te vinden zijn en wanneer die wel aanwezig zijn, zijn ze meestal aangehaald uit zijn eigen werk. Bovendien zijn recensies geschikter voor een receptieonderzoek dat op zichzelf al zeer omvangrijk zou kunnen zijn. Deze keuze om slechts de externe vertaalpoëtica te onderzoeken levert het voordeel op dat er in de vertalersuitspraken aanwijzingen te vinden zijn om een gericht vervolgonderzoek te verrichten naar de vertalingen zelf (Pym 1998: 128-130). Met andere woorden: de externe poëtica van een vertaler kan leiden tot een efficiënter vervolgonderzoek naar zijn interne vertaalpoëtica.

Waar kan ik dan de uitspraken van Willemsen vinden? Hier valt te denken aan door hem geschreven en gepubliceerd materiaal als boeken, stukken voor de periodieke pers, parateksten bij vertalingen en ook brieven. Dat Willemsen zich ook in interviews heeft uitgelaten over vertalen, is denkbaar en daarom worden deze ook in het onderzoek betrokken. Daarnaast is het mogelijk dat er audiovisueel materiaal beschikbaar is waarin Willemsen zich over vertalen uitte. Een onderzoek naar dit soort materiaal zou zeer tijdrovend kunnen zijn en valt dus buiten het bestek van een masterscriptie. Voor deze scriptie beperk ik me tot het inventariseren en verzamelen van geschreven en gepubliceerd materiaal.

Dit verzamelde materiaal wordt verkend en daarbij zal ik letten op de uitspraken van Willemsen over wat hij denkt over vertalen en hoe hij daarbij te werk ging. Omdat ik de inhoud van het materiaal van tevoren noch op kwantiteit noch op kwaliteit kan beoordelen, acht ik het verstandig om eerst een aantal thematische uitgangspunten te bepalen. ‘Verandering’ is mijn eerste sleutelwoord. Ik zal letten op de veranderingen die Willemsen zelf ondervond: veranderingen in zijn denken over vertalen. Ik zie mijn onderzoek waarin Willemsens uitspraken in de tijd gevolgd worden, als een uitgesproken kans om iets over zijn vertaalontwikkeling te weten te komen. Heeft August Willemsen tijdens zijn vertaalloopbaan zijn visie over vertalen en zijn werkwijze veranderd? Hoe deed zijn vertaalontwikkeling zich voor?

Vervolgens lijkt me ‘debat’ zoals Pym (1998: 128) en Koster & Naaijens (2002: 4) voorstellen een goede keuze als het tweede sleutelwoord. Op deze manier besteed ik in mijn beschrijving van de externe vertaalpoëtica van August Willemsen bijzondere aandacht aan de thema’s waarin een dichotomie, een tegenstelling, een controversie te bespeuren is. De derde vertaalwetenschapper die mij richting gaf voor de onderwerpskeuze is Schreij (2009: 56). Hij benadrukt het monopolie van Willemsen als het gaat om de vertaling van poëzie uit het Portugees in het Nederlands. In de tijd waarin hij actief was als vertaler waren er nog slechts

twee andere vertalers die poëzie uit het Portugees waagden te vertalen: Irene Koenders en Arie Pos. Maar verreweg de meeste titels werden door Willemsen vertaald. Zijn opvattingen over poëzievertaling krijgen derhalve speciale aandacht bij de beschrijving van zijn vertaalpoëtica in hoofdstuk 4.

Om de inhoud van de uitingen van August Willemsen beter te kunnen begrijpen, acht ik een grondige kennis van zijn persoon en werk onmisbaar. Daarom zal ik eerst de vraag beantwoorden ‘wie’ August Willemsen was voordat ik inga op de vraag ‘hoe’ hij heeft vertaald, namelijk de kenmerken van zijn vertaalopvattingen zoals te destilleren zijn uit Willemsens expliciete uitspraken. Bij de kennismaking met de persoon van August Willemsen wordt zijn oeuvre ook besproken: ‘wat’, ‘waar’, ‘wanneer’ en ‘voor wie’ heeft hij vertaald? De vraag ‘met welk effect’ hij vertaalde, komt niet aan de orde. Een receptieonderzoek valt nogmaals buiten het bestek van deze scriptie. In een receptieonderzoek is de waaromvraag van groot belang. Men zoekt onder andere verklaringen voor het wel of niet tot stand komen van een vertaling waarbij de vertaler, volgens Pym (1998: 157-159), slechts een van de oorzaken kan zijn. De aard van deze scriptie is meer descriptief dan verklarend.

Het belang van deze scriptie berust in het feit dat vertalersopvattingen belangrijk kunnen zijn bij het geven van ‘mogelijke verklaringen voor een bepaalde receptie’ (De Vries 2007: 104). Daarnaast kan de ontsluiting van de externe vertaalpoëtica van August Willemsen de weg wijzen voor een vervolgonderzoek naar zijn interne vertaalpoëtica. Het is een kleine, maar wel noodzakelijke eerste stap voor het begrijpen van de totale vertaalpoëtica van August Willemsen. Ik ben ervan overtuigd dat studies over het denken en het werk van met name voorbeeldige vertalers zoals August Willemsen de vertaaltheorie en de vertaalpraktijk nader tot elkaar zouden kunnen brengen.

2. ONDERZOEKSMETHODE

Ten eerste heb ik een archeologisch (bibliografisch) onderzoek verricht naar de vertalingen van August Willemsen. De resultaten daarvan zijn opgenomen in twee corpora: *Chronologisch overzicht van de vertalingen van August Willemsen* (Bijlage 1) en *Vertalingen van August Willemsen* (Bijlage 2). Ten tweede heb ik het eigen werk van Willemsen, namelijk zijn primaire teksten geïnventariseerd. Het resultaat daarvan bevindt zich in het corpus *Primaire teksten van August Willemsen* (Bijlage 3).

Het eerste corpus *Chronologisch overzicht van de vertalingen van August Willemsen* (Bijlage 1) is het resultaat van een poging om alle door August Willemsen vertaalde werken te inventariseren. Het is een allesomvattende lijst van vertalingen. Alle vertalingen, gepubliceerd of ongepubliceerd, in boekvorm of in tijdschriften, zijn geïnventariseerd en in chronologische volgorde gepresenteerd in een tabel. In het geval van vertalingen in boekvorm zijn niet alleen de eerste drukken maar ook de gewijzigde herdrukken opgenomen. In dit overzicht zijn de complete brongegevens niet aangegeven. Dat wordt gedaan in het tweede corpus *Vertalingen van August Willemsen* (Bijlage 2). Hier is tevens informatie te vinden over de aanwezigheid van voor- of nawoorden en andere parateksten van de hand van August Willemsen. Nuttig hierbij bleek de lijst van Schreij (2009: 27) met ‘vrijwel alle naar het Nederlands vertaalde Portugeestalige literaire werken die geproduceerd zijn van 1900 tot 2008’. Omdat Schreij (2009) zich echter beperkt tot vertaling van literatuur en de Portugese taal, heb ik mijn eigen bibliografisch onderzoek uitgevoerd vanuit de veronderstelling dat August Willemsen meer dan alleen literaire werken heeft vertaald en ook werken uit een andere brontaal dan het Portugees.

Om erachter te kunnen komen hoe August Willemsen zich over vertalen heeft uitgelaten, is een degelijke inventarisatie en verzameling nodig van ten eerste al het door Willemsen zelf geschreven materiaal. Zoals reeds in het vorige hoofdstuk toegelicht, beperk ik me in dit onderzoek tot het gedrukte en gepubliceerde materiaal, waaronder boeken, stukken voor de periodieke pers, parateksten bij vertalingen en ook brieven. De ongepubliceerde brieven worden niet onderzocht. Dat Willemsen zich ook in interviews heeft uitgelaten over vertalen, is denkbaar en daarom heb ik die ook geïnventariseerd en verzameld. De door Willemsen geschreven werken samen met de teksten van door anderen met hem gehouden interviews vormen het derde corpus, ofwel het hoofdcorpus. Dit corpus van de originele teksten van August Willemsen dient als basis voor het antwoord op de hoofdvragen

over zijn vertaalopvattingen en staat in chronologische volgorde aangegeven. De gegevens van dit hoofdcorpus bevinden zich in Bijlage 3: *Primaire teksten van August Willemsen*. Voor het samenstellen hiervan is als uitgangspunt een andere set gegevens van Schreij (2009: 145-171) gebruikt, namelijk de resultaten van zijn uitgebreide bibliografische onderzoek naar de ‘publicaties van en over Portugeestalige literatuur in Nederlandstalige literaire tijdschriften’, die een goede basis bieden voor het samenstellen van mijn hoofdcorpus. Uit deze lijst heb ik 45 publicaties overgenomen in mijn hoofdcorpus met de primaire teksten van August Willemsen.

Aldus heb ik ten eerste de lijsten van Schreij vergeleken en waar van toepassing aangevuld met de gegevens verstrekt door de catalogus van de Nederlandse Centrale Catalogus (NCC). Ik heb toegang tot deze catalogus gezocht via PiCarta⁶² en de zoekopdracht uitgevoerd met de woordcombinatie ‘August Willemsen’ op ‘alle woorden’ met het doel alle vertalingen en alle primaire teksten van Willemsen te kunnen traceren. In de NCC-catalogus ontbreken echter gegevens van krantenartikelen.

Om deze leemte te vullen, heb ik het tekstarchief van Nederlandse en buitenlandse dagbladen en tijdschriften LexisNexis Academic⁶³ geraadpleegd. De gegevens in deze database dateren echter vanaf ca. 1991 voor landelijke dagbladen en voor regionale pas vanaf ca. 2002, terwijl bekend is dat Willemsen al sinds 1970 actief was als vertaler. Om deze tekortkoming te compenseren, heb ik mijn zoektocht verder voortgezet in de NCC-‘niet nader gecatalogiseerde archivalia’ van August Willemsen, namelijk zijn nalatenschap, die een plaats heeft gekregen in het Letterkundig Museum in Den Haag⁶⁴.

Van de 22 dozen die het archief van August Willemsen omvat, heeft ongeveer twee derde het etiket ‘corr’ (van ‘correspondentie’). In de resterende dozen is gedrukt materiaal en andersoortig materiaal zoals foto’s te vinden. Aanvankelijk was het mijn bedoeling om een onderzoek naar de brieven te doen, maar al vroeg werd duidelijk dat ik een keuze moest maken. Gezien de grote hoeveelheid correspondentie was het geen echte keuze, maar een door de omstandigheden opgelegde weg: het onderzoek moest worden voortgezet zonder daarbij de (ongepubliceerde) brieven te betrekken. De overgebleven archiefdozen bleken echter een rijkdom aan gepubliceerd (en, in mindere mate, ongepubliceerd) materiaal te bevatten, waaronder aanvullende informatie over de primaire werken van August Willemsen. Ik kon dus op deze manier de ontbrekende gegevens van de drie bovengenoemde bronnen –

⁶² <http://picarta.pica.nl>

⁶³ Dit archief werd geraadpleegd via de Bibliotheek van de Universiteit van Amsterdam (<http://uba.uva.nl>).

⁶⁴ Mijn bijzondere dank gaat uit naar dhr Bauke Marinus die mij toestemming gaf om de nalatenschap van August Willemsen te raadplegen.

de lijst van Schreij, de NCC-catalogus en de LexisNexis-database – tot een zekere mate van compleetheid aanvullen. August Willemsen heeft veel gedrukt materiaal zelf bewaard: krantenknipsels, artikelen (primaire en secundaire literatuur) uit tijdschriften, teksten van door hem gegeven lezingen, etc. In een eerste fase heb ik een grove selectie gemaakt van het materiaal dat aan de doelstelling van mijn onderzoek zou kunnen beantwoorden. Het moet hier gezegd worden dat het mensenwerk is en blijft. Hoewel ik zorgvuldig ben omgegaan met het materiaal in de zes archiefdozen, is het mogelijk dat er hier en daar wat ongezien is gebeven. Bovendien is er geen zekerheid dat Willemsens archief compleet is. En misschien waren er meer primaire teksten te vinden in de overige dozen tussen zijn briefwisseling.

Met dit geselecteerde materiaal heb ik in een tweede fase systematisch gewerkt zodat ik zoveel mogelijk relevant materiaal kon inventariseren. Ondanks het onontkoombaar onvolkomen karakter – want nogmaals het is mensenwerk – waarop het onderzoek in de archieven is uitgevoerd, stelt het eindresultaat tot tevredenheid, in die zin dat veel van de ontbrekende documenten wel werden gevonden en dat het uiteindelijke corpus het onderzoek naar elke periode van de geschiedenis en ontwikkeling van August Willemsen mogelijk maakte.

Vervolgens heb ik getracht om alle geïnventariseerde primaire teksten te verzamelen.⁶⁵ Wat ook betekende het ter hand nemen van alle vertalingen in boekvorm van August Willemsen om achter zijn nawoorden te komen. Dit verzamelde materiaal werd daarna verkend om zowel kennis te maken met het leven en werk van Willemsen (hoofdstuk 3) als de hoofdvragen van dit onderzoek te beantwoorden (hoofdstuk 4 en 5).

Tijdens het verkennen van het materiaal, namelijk de verzamelde primaire teksten, was ik in staat om de drie corpora hier en daar nog aan te vullen met gegevens van ontbrekende vertalingen of primaire teksten van August Willemsen. Deze gegevens zijn zoveel mogelijk opgenomen in de drie corpora, maar de documenten zelf werden niet meer altijd verzameld. De niet-verzamelde teksten worden met een asterisk (*) aangegeven in Bijlage 3 en uiteraard niet in de statistieke berekeningen meegenomen.

⁶⁵ Met dank aan Taco Schreij voor het beschikbaarstellen van waardevol materiaal over August Willemsen in een vroeg stadium van het onderzoek.

3. AUGUST WILLEMSSEN

Hoofdstuk 3 gaat in op het leven en het werk van August Willemsen. Na een korte biografie (3.1), beschrijf ik zowel het werk van Willemsen als vertaler, schrijver en criticus, als zijn nevenactiviteiten (3.2). Vervolgens schets ik de relatie tussen zijn vertaalwerk en eigen werk (3.3). Als laatste vat ik dit hoofdstuk samen in deel 3.4. Elk facet van het leven en het werk van August Willemsen wordt beschreven op basis van de resultaten van het archeologische (bibliografische) onderzoek gepresenteerd in hoofdstuk 2.

3.1. Het leven van August Willemsen

August Willemsen werd geboren in Amsterdam op 16 juni 1936. Uit een eerder huwelijk van zijn vader waren een dochter en twee zoons geboren. August kwam voort uit het tweede huwelijk en was de jongste van het gezin en het enige kind van zijn moeder. Zijn prille jeugd bracht hij door in de Amsterdamse Stadionbuurt totdat hij op zijn achtste tijdelijk (negen maanden) in Duitsland ging wonen, waar hij Duits maar ook Frans leerde spreken. In een interview voor *Het Parool* aan Ischa Meijer (W1993i)⁶⁶ vertelt Willemsen hoe dat ging:

Bij mijn ouders thuis was er geen muziek of literatuur – helemaal niks van cultuur. Amsterdam-Zuid, de jaren veertig en vijftig. Saai, saai, saai. [...] Later, september '44, ging ik als achtjarig jongetje met mijn moeder en een oudere zuster op transport naar Duitsland, vanwege Bijltesdag. Mijn eerste grote reis. [...] Van meet af aan ben ik geïntrigeerd geweest door het fenomeen taal. In het begin van de oorlog waren er in een school bij ons om de hoek Duitse soldaten gelegerd, en ik herinner me nog hoe ik gefascineerd werd door hun spraak, die vreemde, boeiende klanken. 's Avonds in bed probeerde ik die te imiteren, dan probeerde ik op mijn heel eigen manier Duits te spreken. Zoals andere jongetjes van mijn leeftijd met autootjes speelden, was ik met taal in de weer. In Duitsland leerde ik vrij snel Duits praten, en vervolgens kwamen daar die twee Franse krijgsgevangenen aanzetten, met wie ik zeer goed kon opschieten – ja, dat werden mijn Grote Vrienden: vooral de ene, die Rémy heette, een vrij jonge, mooie kerel, in wiens taal ik buitengewoon geïnteresseerd raakte en op den duur kon ik toch wel echt met hem converseren in een mengelmoesje van Frans en Duits. Ik zat de hele tijd bij die twee Franse jongens in onze schuur.

⁶⁶ Verwijzingen naar de primaire teksten van August Willemsen, inclusief de interviews door hem gegeven, zijn in principe niet opgenomen in de bibliografie van deze scriptie, maar zijn terug te vinden in Bijlage 3. Omdat het altijd om teksten van August Willemsen gaat, of teksten, namelijk de interviews met hem, waarin zijn uitspraken een centrale plaats nemen, geef ik dat aan met de initiaal 'W' van zijn achternaam. Deze wordt gevolgd door het jaartal van de publicatie en een kleine letter van het alfabeet, die het volgorde binnen dat jaar aangeeft. De naam van de auteur van het interview staat ook aangegeven in Bijlage 3.

Frans werd later op de middelbare school de beste taal van Willemsen en de eerste vreemde taal waarin hij boeken las (W1991d). Dat hij van jongs af aan scherp reageerde op taalprikkels, blijkt ook uit zijn volgende uitspraak (W1986e): ‘Ik had een avonturenboek met verhalen en tekeningen over reizigers die door Zuid-Amerika trekken. [...] Het mooiste vind ik dat er woorden in de oorspronkelijke taal in dat boek stonden. Wat in Spaanstalige landen *hacienda* heette, was in Brazilië *fazenda*. Zo leerde ik op mijn tiende dat in Brazilië Portugees gesproken wordt en in de meeste landen in dat gebied Spaans.’ Het Spaans leerde Willemsen later, na zijn terugkeer van een toevallig bezoek aan Spanje in 1956, in zijn ‘eentje, uit een boekje, in een jaar’ (W1992t). En op het Portugees viel zijn keuze toen hij nog later letterkunde besloot te gaan studeren. Hij heeft ook een aantal jaren Arabisch gestudeerd, maar raakte teleurgesteld door de literatuur (W1988m).

In de periode van 1949 tot 1955 bezocht hij de gymnasium alfa-afdeling van het Amsterdams Hervormd Lyceum. Na de middelbare school studeerde hij piano aan het Conservatorium van Amsterdam. Die studie brak hij in 1959 na vier jaar af. Na korte tijd gewerkt te hebben bij een boekhandel, werkte hij vervolgens anderhalf jaar als tekstschrijver voor een reclamebureau (1960-1961). En pas op zijn vijfentwintigste, in 1961, begon Willemsen met de studie Portugees aan de Universiteit van Amsterdam, waar hij geregistreerd stond als de enige student met Portugees als hoofdvak. Tijdens deze studie ontving hij een studiebeurs van de Nederlandse overheid om een jaar in Brazilië te gaan studeren. In de periode van 1967 tot 1968 verrichte hij daar onderzoek naar Braziliaanse literatuur. In 1970 verscheen zijn eerste vertaling *Meesters der Portugese vertelkunst*, een verhalenbundel die hij ook samenstelde en van een uitgebreide inleiding voorzag. Een jaar later, in 1971, behaalde hij zijn doctoraal diploma. Daarna werd hij aangesteld als wetenschappelijk medewerker aan het Portugees Seminarium, waar hij colleges bleef geven tot september 1988. Willemsen (W1993i):

Op mijn zeventiende raakte ik bijzonder geïnteresseerd in literatuur. En kort daarna kwam de muziek erbij. Er ontbrandde in mij een strijd tussen de letterkunde en de toonkunst. Uiteindelijk koos ik voor de muziek en ik ging naar het conservatorium. Geleidelijk aan is de letterkunde weer bij mij binnengelopen. Ik vertaalde, puur voor mijn eigen plezier, een roman van Gide. En langzamerhand gleed ik de taal weer in. Het had op een gegeven moment voor mij geen zin meer om die pianostudie af te maken – ik stak te veel tijd in lezen. [...] Ik ging in een inloopboekhandel werken, aan het Amsterdamse Damrak. Daarna ben ik tekstschrijver geworden bij een reclamebureau. Er stond een advertentie in de krant: ‘Creatieve schrijvers gevraagd door gerenommeerd reclamebureau.’ Ik had geen flauw idee wat dat was; ik had nog nauwelijks geschreven, ik wist niet eens wat een reclamebureau

inhiel – maar ik werd aangenomen. En vervolgens heb ik daar anderhalf jaar fulltime gewerkt. Ik was goed. Ik vond het een nuttige uitdaging om me precies te realiseren wat ik wilde gaan opschrijven, en dat dan vervolgens zo bondig mogelijk te formuleren. Nu nog steeds ervaar ik die periode als een goede leerschool. [...] Voorts ben ik Portugees gaan studeren. Ik was toen vijftien jaar. En tegen het einde van die tienjarige studie ging ik mijn vertalingen eindelijk publiceren. Tot dat moment had ik al heel wat vertaald, maar dan alleen voor mijn privé-geoegeen./ Bovendien schreef ik ook voor mezelf; vanaf '56 hield ik dagboeken bij. Dat schrijven kwam ongeveer gelijk met de lust tot vertalen, en al tijdens mijn eerste bezoek aan Brazilië schreef ik reisbrieven, die veel later het licht zouden zien als *Braziliaanse brieven*.

In 1953, toen Willemsen 17 was, ging hij voor het eerst met vrienden op vakantie naar Parijs. In de jaren daarna bezocht hij Frankrijk nog drie keer: in 1954, 1955 en 1956. Van de tweede reis met vierentwintig leerlingen van het Hervormd Lyceum maakte hij een verslag, dat hij later, in 1989, bewerkte tot *De tuin van IJben* voor een selecte groep mensen ter gelegenheid van de reünie van de medereizigers en dat nog later, in 1999, voor het grote publiek zou worden uitgegeven. Over de volgende periode van zijn leven, van 1956 tot 1964, schreef Willemsen *Vrienden, vreemden, vrouwen* (1998). ‘Een uniek *document humain*, en een schitterend tijdsbeeld van de late jaren vijftig en begin jaren zestig’, aldus de flaptekst van het boek. Na zijn eerste verblijf in Brazilië in 1967-1968 maakte hij nog drie kortere reizen naar dat land in 1973, 1979 en 1984. Tijdens deze vier reizen stuurde hij brieven naar het thuisfront, die later werden gebundeld in *Braziliaanse brieven* (1985), waarmee hij debuteerde als schrijver. Daarna publiceerde Willemsen nog een aantal autobiografische werken die andere perioden van zijn leven bestrijken: *De val* (1991), *Sprekend een brief* (1998) en *Van Tibooburra naar Packsaddle* (2001). In *De val* beschrijft hij het revalidatieproces nadat hij zijn heup had gebroken bij een val als gevolg van overmatig alcoholgebruik. En in de laatste twee boeken vertelt Willemsen over Australië, waar privéredenen hem in 1996 naartoe brachten met de bedoeling er langere tijd te blijven.

De lectuur van zijn eigen boeken die elk een periode van zijn leven beslaan, blijkt een goede manier om kennis te maken met de persoon van August Willemsen. Het is mogelijk om een chronologisch beeld te krijgen van zijn leven door zijn autobiografische boeken in de volgende volgorde te lezen:

De tuin van IJben. In memoriam Jan Meilof IJben

Vrienden, vreemden, vrouwen

Braziliaanse brieven

De val

Sprekend een brief

Van Tibooburra naar Packsaddle

Over zijn eigen lectuur, of liever over de geschiedenis ervan, schreef Willemsen (W1990c) een artikel getiteld ‘Onontkoombaarheid’, waarin hij een uiteenzetting geeft over de boeken die hij las, wat hij ervan vond, over de schrijvers met wie hij kennismakte, wie van hen hij liet vallen en wie hij wilde behouden, etc. Over zijn soort literatuur zegt hij: ‘Ik wil, als lezer, bij de lurven gegrepen worden. Dat is de dwang die ik eis van een kunstwerk’ (W1990c: 105). Ik ga hier niet verder op in en beperk me tot het registreren van de namen die door Willemsen in dit opstel worden genoemd om een globaal idee te geven van zijn vorming en literaire voorkeur: Delfgaauw, Oldewelt, Van Peursen, Pascal, Kierkegaard, Gabriel Marcel, Nijhoff, Bloem, Achterberg, Vestdijk, Elsschot, Nescio, Slauerhoff, Gijsen, Dostojevski, Gogol, Tsjechov, Gustavo Corção, Paul Léautaud, Alain, Maurois, Stendhal, Gide, Baudelaire, Verlaine, Rimbaud, Camus, Thomas Mann, Stefan Zweig, Valery Larbaud, Choderlos de Laclos, Chamfort, Benjamin Constant, Ortega y Gasset, Valle Inclán, Léon Pierre-Quint, Balzac, Du Perron, Ter Braak, Malraux, Pessoa, Drummond de Andrade, Machado de Assis, Italo Svevo, Euclides da Cunha, Guimarães Rosa en Tolstoj.

Opvallend in het leven van August Willemsen is de veelzijdigheid van zijn interesses en talenten: reizen, talen (en alles wat daarmee te maken heeft), tekenen, acteren (hierover later), kunst en ook voetbal. In de omslag van zijn essaybundel *Het hoge woord* (W1994a) is een potloodtekening van de twaalfjarige Willemsen te zien en in *Vrienden, vreemden, vrouwen* (W1998g) staan meer tekeningen van de volwassen wordende Willemsen. Het zijn tekeningen die doen vermoeden dat hij net zoveel succes geboekt zou hebben als hij voor die richting had gekozen. Over kunst schreef hij een aantal essays (W1989a, W1994a), maar zijn definitie ervan is meesterlijk in haar directheid en eenvoud: ‘Kunst is gewoon iets moeilijks goed doen, of het nu is op linnen, steen, papier, op planken of op gras.’ In zijn andere essaybundel *De taal als bril* (W1987a) staat een essay over de Braziliaanse voetballegende Garrincha, Mané Garrincha, ofwel Manuel Francisco dos Santos. Zijn definitie van kunst sloeg op Garrincha: ‘de voldoening die het voor me is de grotten van Lascaux nog te hebben gezien, Gérard Philipe te hebben gezien in *Le Cid* en Piet Keizer in werkelijkheid te hebben zien spelen, weegt niet op tegen het verdriet nooit te hebben kunnen kijken naar de kunst van Garrincha’ (W1994a: 343). Een van de laatste projecten waaraan Willemsen zich wijdde, was

dan ook de herziene editie van een boek over het Braziliaanse voetbal: *De goddelijke kanarie* (W2007a). Reizen en talen waren echter de grootste constanten in het leven van Willemsen. Hij reisde naar steeds verdere bestemmingen en altijd in dezelfde richting, het zuiden (ten opzicht van Nederland): Frankrijk, Spanje, Portugal, Marokko, Brazilië en Australië. Hij was meertalig, een polyglot. Hij beheerste Duits, Frans, Engels, Spaans en Portugees. Duits en Frans leerde hij, zoals vermeld, als kind en later kwam het Engels er waarschijnlijk op school bij. Wat betreft Spaans, was hij autodidact. En Portugees studeerde hij aan de universiteit. Hij kende ook Arabisch en Italiaans. Hij vertaalde voornamelijk uit het Portugees.

Als aanleiding voor zijn keuze om Portugees te gaan studeren beschouwde hij lange tijd *De binnenlanden* van Euclides da Cunha – waar hij nog veel later zelf een integrale hervertaling van zou maken – en de Portugese schrijver Fernando Pessoa:

Ik ben tot Portugees gekomen door lezing van een Braziliaanse roman, *De binnenlanden*, van Euclides da Cunha. En toen ik dat boek gelezen had, besloot ik dat ik het oorspronkelijk wilde lezen en de plaats van handeling wilde bezoeken. Dat werd het begin van mijn studie, in 1961, en toen werd meteen een cursus over Pessoa gegeven en dat was de genadeslag. Ik vond dat zo'n onthulling, dat ik toen wist dat ik er mee door zou gaan en niet meer op zou houden. (W1982a)

Op de vraag 'Waarom Portugees?' zou Willemsen (W1998g: 216) later nog terugkomen in *Vrienden, Vreemden, Vrouwen*: 'Ik had, en heb, daarop vele antwoorden, geen van alle onjuist. Maar misschien is dit hét antwoord: omdat niemand anders het deed. En nu ik toch bezig ben: ik geloof nu, bijna veertig jaar later, dat dit ook het antwoord is op de eveneens vaak gestelde vraag: "Waarom vertalen?"'

Willemsens kennismaking met de Braziliaanse literatuur tijdens zijn eerste verblijf in Brazilië is ook bepalend geweest voor zijn loopbaan. In een interview (W1986g) zegt hij daar 'giganten' te hebben ontdekt die 'belangrijker waren dan wat [hij] als schrijver zou kunnen worden'. Vanaf dat moment komen zijn aspiraties voor het schrijverschap op het tweede plan en krijgt het vertalen van die grote Braziliaanse schrijvers prioriteit.

Vanaf 1970 begint hij zijn vertalingen te publiceren. Tot eind jaren tachtig van de vorige eeuw was Willemsen een van de weinigen die literatuur uit het Portugees vertaalde. In de periode tussen 1970 en 1986 waren er nog vier andere vertalers die net als hij twee of meer Portugeestalige literaire werken in het Nederlands hadden vertaald, maar van hen samen zijn slechts elf vertalingen in boekvorm verschenen. Van Willemsen verschenen er negentien

(Schreij 2009: 175). Als vertaler introduceerde hij belangrijke Portugeestalige schrijvers en dichters voornamelijk uit Portugal en Brazilië.

Vanaf 1985 publiceerde hij ook eigen werk. Tot 1988 combineerde hij zijn vertaalwerk en schrijverschap met het docentschap. In september van dat jaar nam hij afscheid van zijn baan aan de universiteit om zich geheel te wijden aan het vertalen en schrijven. In november 1996 verkocht Willemsen zijn appartement in de Bijlmer – waar hij sinds begin jaren zeventig met plezier woonde en waaraan hij veel essays en columns wijdde – en verhuisde hij naar Australië vanwege liefdesaangelegenheden. Aanvankelijk schijnt hij aan emigreren gedacht te hebben, maar het is nooit zover gekomen. In de laatste tien jaar van zijn leven woonde hij om beurten in Melbourne en in Amsterdam met een groeiend besef dat Australië niet voor hem bestemd was, vooral vanwege de taal. De gehechtheid aan zijn eigen taal en de niet zo grote affiniteit en ervaring met de Engelse taal waren voor hem een obstakel om zich in Australië volledig thuis te kunnen voelen (W2007b).

In 1983 werd aan Willemsen de Martinus Nijhoff Prijs toegekend voor zijn gehele vertaaloeuvre en in 1986 de Van der Hoogt Prijs voor *Braziliaanse brieven*, zijn debuut als schrijver. In Brazilië werd hij in 1987 tot Officier in de Orde van Rio Branco benoemd vanwege zijn verdiensten voor de Braziliaanse literatuur. En in Portugal kreeg hij in 1988 de Portugese vertaalprijs van de Sociedade de Língua Portuguesa. (Vullings 1993: 2)

August Willemsen bleef schrijven en vertalen tot aan zijn dood. In zijn waarschijnlijk laatste interview ruim een half jaar voor zijn dood (W2007b) praatte hij nog met veel enthousiasme over zijn plannen. Hij had plannen om nog veel te vertalen maar overleed op 29 november 2007 tijdens zijn slaap in zijn geboortestad Amsterdam. Hij werd 71 jaar.

3.2. *Het werk van August Willemsen*

Over het thema in zijn werk heeft August Willemsen (W1993i) eens gezegd: ‘Het gaat allemaal in principe over de hartstocht – misschien is dat wel het allesoverheersende thema in mijn werk. Daar is [...] ook mijn interesse in de muziek mee begonnen: opera, die passie. En dat zo precies mogelijk weer te geven, in een vorm gieten – dat is mijn hartstocht. Of liever gezegd: het hanteerbaar maken ervan. De hartstocht in banen leiden, stileren. Gestileerde hartstocht.’

Wat heeft August Willemsen ons nagelaten? Hieronder volgt een poging om al zijn werk als vertaler en als schrijver in kaart te brengen. Vullings (1993: 7) ziet een sterke verwantschap tussen Willemsen en Kees Verheul: ‘beiden begonnen als vertaler en

introduceerden belangrijke schrijvers'. Wie zijn dan die belangrijke schrijvers die Willemsen introduceerde aan het Nederlandstalige lezerspubliek? Wanneer begon August Willemsen te vertalen? In welke periode was hij actief als vertaler? Wat heeft hij vertaald? Uit welke talen? Heeft hij in andere talen dan Nederlands vertaald? Waar en voor wie (welke uitgeverij) heeft hij vertaald? En wanneer begon hij te schrijven? Wat schreef hij behalve zijn autobiografische boeken?

Ik doe hieronder een poging om een beeld te schetsen van het werk van August Willemsen aan de hand van de resultaten van het archeologische onderzoek. Zijn vertalingen komen eerst aan de orde. Vervolgens wordt zijn werk als schrijver en als criticus gepresenteerd. Daarna schets ik heel kort zijn nevenactiviteiten. Als laatste bespreek ik de relatie tussen zijn vertalingen en eigen werk. Denkt Willemsen dat er zoiets bestaat als 'typische Willemsen-vertalingen'?

De bovenstaande vragen worden beantwoord aan de hand van een archeologisch onderzoek naar Willemsens vertaalwerk, primaire teksten en interviews.

3.2.1. De vertaler August Willemsen

Al toen hij een jaar of twintig was, begon August Willemsen uit nieuwsgierigheid voor zijn plezier te vertalen en dat bleef hij doen tot aan zijn dood in 2007. Wat als nieuwsgierigheid was begonnen, werd zijn levenswerk. De eerste vertaling van August Willemsen waarvan het bestaan bekend is, werd niet gepubliceerd. Het gaat om de vertaling van *Isabelle* van André Gide. Hij wilde weten hoe de woorden van Gide er in het Nederlands uit zouden zien. Aldus Willemsen (W1986e): 'Iedere keer weer als ik iets moois lees in een vreemde taal wil ik weten hoe dat klinkt en eruitziet in het Nederlands.' Deze vertaling van *Isabelle* voltooide Willemsen op 28 januari 1959. Toen hij die uitgegeven trachtte te krijgen, bleek dat hij net te laat was geweest. Oftewel J.C. Bloem was Willemsen (W1992u) net voor: 'Mijn vertaling was op een paar punten wat betreft woordkeus misschien ietsje minder, maar het was best een behoorlijke vertaling.' In 3.1 hebben we al vernomen dat Willemsen na deze eerste poging en nog tijdens zijn studie aan de universiteit veel meer heeft vertaald, maar dat zijn eerste vertaling pas tegen het einde van zijn studententijd, in 1970, is verschenen. Ik citeer:

Mijn eerste vertaling, *De meesters der Portugese vertelkunst*, verscheen in 1970. Het boek is niet bekend geworden, maar ik merkte wel dat de uitgever mijn vertaalwerk op prijs stelde. Ik had mijn

mogelijkheden verkend en begrepen dat ik zulk werk aankon. In 1972 vertaalde ik een boek over Nederland van mijn kollega Rentes de Carvalho, *Waar die andere God woont*. Met Braziliaanse literatuur ben ik begonnen in de loop van de jaren zeventig. Intussen was ik ook bezig met Fernando Pessoa en het verschijnen van zijn *Gedichten* in 1978 zie ik als de doorbraak van mezelf als vertaler, en van de bekendmaking van de Portugese taal en literatuur in Nederland. (W1988h)

Aan de publicatie van zijn eerste vertaling kwam Willemsen ‘door een toeval, via-via’ (W2005g). Via een oudere student die hem vroeg om te helpen bij het vertalen van een verhaal voor uitgeverij Meulenhoff, maakte hij kennis met de toenmalige redacteur Theo Sontrop. De vertaling van een verhaal in samenwerking met iemand anders werd uiteindelijk de vervaardiging in zijn eentje van de hele bundel *Meesters der Portugese vertelkunst* en dat was het begin van een zeer imposante vertaalcarrière. Daarna kwam Willemsen, ook via-via, in contact met Laurens van Krevelen, die de plaats van Sontrop innam nadat deze naar De Arbeiderspers verhuisde. De samenwerking met deze twee heren en uitgeverijen, de ‘belangrijkste uitgeverijen van Portugeestalige literatuur in Nederland’ (Schreij 2009: 55), leverde Willemsen veel belangrijk werk op.

Na het voltooien van zijn studie aan de Universiteit van Amsterdam in 1971 werd Willemsen, zoals eerder vermeld, wetenschappelijk medewerker op voorspraak van zijn leermeester en hoogleraar Marcus de Jong. Tot 1985, toen hij als schrijver debuteerde met *Braziliaanse brieven*, combineerde Willemsen het vertaalwerk met het docentschap. In deze periode was hij een van de weinige vertalers Portugees. *Braziliaanse brieven* oogste groot succes en Willemsen werd steeds meer gevraagd om ook eigen werk te publiceren. In september 1988 nam hij afscheid van zijn werk aan de universiteit om zich volledig te wijden aan het vertalen en schrijven. Dat jaar kan gezien worden als een mijlpaal in zijn carrière. Het is het jaar dat Willemsen voelde dat hij zijn brood uitsluitend als freelance vertaler-schrijver kon verdienen. Voordien leverde zijn vaste baan de nodige zekerheid voor zijn levensonderhoud en de gewenste vrijheid als vertaler. In een interview voor het dagblad *Jornal do Brasil* zei Willemsen (W1981a) slechts in zijn vrije tijd te vertalen wegens andere bezigheden en het lage vertaalhonorarium. Met een glimlach liet hij doorschemeren dat hij slechts intellectuele voldoening zou krijgen van het vertaalproject Machado de Assis – bestaande uit zeven boekvertalingen waarvan Willemsen er zes ter hand zou nemen. Bovendien vermeldt dat interview dat hij voor zijn vertaling *De derde oever van de rivier* (1977) van de verhalen van de Braziliaanse schrijver Guimarães Rosa net zoveel had verdiend als zijn adolescente nichtje met haar vakantiebaantje als serveerster in een snackbar. Het is

hier interessant te constateren dat het jaar 1988 ook het middelpunt markeert van Willemsens loopbaan die in 1970 begon en in 2007 eindigde.

In deze periode van 38 jaar zijn er 119 publicaties met vertalingen van August Willemsen verschenen (zie Tabel 1). Iets meer dan de helft daarvan (55%) verscheen in boekvorm terwijl 45% in tijdschriften verscheen. Het meest productieve jaar was 1998 met 9 publicaties, waaronder 4 in boekvorm. Er waren ook jaren zonder publicaties, te weten: 1971, 1973, 1989, 1990 en 1994. Het chronologische overzicht van al deze vertalingen is opgenomen in Bijlage 1 en de volledige gegevens ervan zijn te vinden in Bijlage 2.

Ondanks deze hiaten blijkt de totale vertaalproductie van August Willemsen een stijgende lijn te vertonen met een gemiddelde van ongeveer 2 publicaties per jaar in de eerste tien jaar van zijn loopbaan, 3,4 en 3,1 in respectievelijke de tweede en derde decennia en ongeveer 4 in de laatste acht jaar met een gemiddelde van ongeveer 3 publicaties per jaar (zie Tabel 2). Deze toename is te danken aan de duidelijke toename van het aantal publicaties in boekvorm. Dit stijgt gestaag van 0,7 boeken per jaar in het eerste decennium van zijn vertaalloopbaan, van 1970 tot 1979, tot 2,9 in de laatste acht jaar, van 2000 tot 2007, terwijl het aantal publicaties in tijdschriften juist een licht dalende tendens vertoont. In de eerste tien jaar publiceerde Willemsen zijn vertalingen twee keer zoveel in tijdschriften als in boekvorm terwijl deze verhouding in de laatste acht jaar juist omgekeerd is. Opvallend is dat de vertaalproductie van Willemsen geen spectaculaire verandering vertoont nadat hij zijn vaste baan in 1988 opgaf. Een groter verschil is eerder te zien tussen de eerste tien jaar en de rest van zijn vertaalcarrière.

De publicaties in tijdschriften waren vaak voorpublicaties met de bedoeling om de lezer niet alleen een voorproefje te geven, maar ook te informeren over de in boekvorm te verschijnen vertaling en te bewegen tot de aanschaf ervan. Van de Braziliaanse schrijver Dalton Trevisan bijvoorbeeld vertaalde Willemsen in 1974 zeven verhalen voor het literaire tijdschrift *Maatstaf* voordat hij in het jaar daarop de verhalenbundel *De koning der aarde en andere onvoorbeeldige vertellingen* publiceerde, waarvan die verhalen ook deel uitmaakten (zie Bijlage 1). Wat direct opvalt, is de grote hoeveelheid vertalingen die bij *Maatstaf* zijn gepubliceerd, vooral in de jaren zeventig (zie Tabel 3). Dit tijdschrift verscheen van 1953 tot 1999, eerst bij een andere uitgeverij, maar vanaf 1969 bij De Arbeiderspers. Tot aan de opheffing van dit tijdschrift publiceerde Willemsen hier zijn vertalingen. In 1998 bijvoorbeeld is de voorpublicatie van Drummonds dichtbundel *Farewell* bij deze uitgeverij verschenen (zie Bijlage 1).

Tabel I: Publicaties met vertalingen van August Willemssen in cijfers I, in chronologische volgorde

jaar	in boekvorm	in tijdschrift	totaal
1970	1	0	1
1971	0	0	0
1972	1	1	2
1973	0	0	0
1974	0	2	2
1975	2	1	3
1976	0	2	2
1977	2	5	7
1978	1	2	3
1979	0	1	1
1980	2	0	2
1981	2	2	4
1982	2	4	6
1983	3	2	5
1984	4	2	6
1985	2	0	2
1986	1	3	4
1987	1	1	2
1988	1	2	3
1989	0	0	0
1990	0	0	0
1991	2	0	2
1992	5	1	6
1993	1	2	3
1994	0	0	0
1995	2	0	2
1996	1	2	3
1997	1	1	2
1998	4	5	9
1999	2	2	4
2000	4	1	5
2001	2	5	7
2002	2	0	2
2003	4	1	5
2004	1	0	1
2005	4	1	5
2006	2	1	3
2007	4	1	5
38 jaar	66	53	119
	55%	45%	

Tabel 2: Publicaties met vertalingen van August Willemsen in cijfers II

periode	boek	in tijdschriften	totaal
1970-1979	7 (0,7)*	14 (1,4)	21 (2,1)
1980-1989	18 (1,8)	16 (1,6)	34 (3,4)
1990-1999	18 (1,8)	13 (1,3)	31 (3,1)
2000-2007	23 (2,9)	10 (1,2)	33 (4,1)
38 anos	66 (1,7)	53 (1,4)	119 (3,1)

(*) Gemiddeld aantal vertalingen per jaar tussen ronde haakjes

Tabel 3: Vertalingen van August Willemsen verschenen in tijdschriften, in chronologische volgorde

jaar	auteur	titel van vertaling in tijdschrift	tijdschrift	genre
1972	Manuel Bandeira Drummond de Andrade ⁶⁷ João Cabral de Melo Neto	Braziliaanse poëzie na 1920	<i>Raster</i>	poëzie
1974	José Cardoso Pires	Het regime van de censuur [Frans]	<i>De Gids</i>	non-fictie
1974	Dalton Trevisan	Zeven verhalen	<i>Maatstaf</i>	verhalen
1975	Dalton Trevisan	Drie verhalen ⁶⁸	<i>Maatstaf</i>	verhalen
1976	João Guimarães Rosa	De gebroeders Dagobé*	<i>Maatstaf</i>	verhaal
1976	Dalton Trevisan	Autobiografie*	<i>Maatstaf</i>	non-fictie
1977	Fernando Pessoa	Anthologie*	<i>Avenue</i>	poëzie
1977	Maria Teresa Horta Maria Velho da Costa Maria Isabel Barreno	Waarin geen '3 Maria's' in het Nederlands? Eerste brief 1	<i>Maatstaf</i>	brief
1977	João Guimarães Rosa	Soroco, zijn moeder, zijn dochter*	<i>Maatstaf</i>	verhaal
1977	Fernando Pessoa	De anarchistische bankier	<i>Maatstaf</i>	verhaal
1977	Fernando Pessoa	Liedboek	<i>Maatstaf</i>	poëzie
1978	Fernando Pessoa	Portugese literatuur: Pessoa's heteroniemen aan het woord	<i>Maatstaf</i>	proza
1978	E. M. de Melo e Castro M. A. Menéres Gastão Cruz Carlo Vittorio Cattaneo Armando Silva Carvalho Casimiro de Brito	Poesia 61 en andere stromingen in de Portugese poëzie*	<i>Raster</i>	poëzie non-fictie
1979	Drummond de Andrade	Braziliaanse literatuur: Carlos Drummond de Andrade	<i>Maatstaf</i>	poëzie
1981	Rubem Fonseca	Zeven verhalen	<i>Maatstaf</i>	verhalen
1981	João Cabral de Melo Neto	Gedichten	<i>Nieuw Vlaams Tijdschrift</i>	poëzie
1982	Dalton Trevisan	Zeven verhalen	<i>Maatstaf</i>	verhalen
1982	Manuel Bandeira	Manuel Bandeira	<i>Literair Paspoort</i>	poëzie
1982	Dalton Trevisan	Trevisan vertaald. Over de stilistische ontwikkeling in het werk van Dalton Trevisan en enkele consequenties daarvan voor de vertaler	<i>Literair Paspoort</i>	verhaal
1982	Casimiro de Brito	Gedichten*	<i>Poëziekrant</i>	poëzie
1983	Drummond de Andrade	Portfolio – Foto's van Sérgio Zalis bij gedichten van Carlos Drummond de Andrade; twee Brazilianen	<i>Maatstaf</i>	poëzie
1983	Manuel Bandeira	Gedichten	<i>Nieuw Vlaams Tijdschrift</i>	poëzie
1984	João Cabral de Melo Neto	João Cabral de Melo Neto*	<i>Optima</i>	poëzie
1984	Machado de Assis	Verhalen	<i>Maatstaf</i>	verhalen
1986	Drummond de Andrade	Erotische gedichten*	<i>Optima</i>	poëzie
1986	Drummond de Andrade João Cabral de Melo Neto Manuel Bandeira	Drie dichters over de dood*	<i>Nieuw Wereldtijdschrift</i>	poëzie

⁶⁷ Zijn volledige naam luidt: Carlos Drummond de Andrade.

⁶⁸ Vertalingen die niet voorzien zijn van een door August Willemsen geschreven paratekst (inleidende informatieve tekst) geef ik aan met een asterisk(*).

1986	José Rentes de Carvalho	Danzas*	<i>Maatstaf</i>	verhaal
1987	Mário Cesariny	De verbrande stad. I. Spiegelschip. & II. Ontstaansgeschiedenis	<i>Het Moment</i>	poëzie
1988	Machado de Assis	Portfolio – Het Rio de Janeiro van Machado de Assis in foto's van Sérgio Zalis	<i>Maatstaf</i>	fragmenten romans krantartikel
1988	Ferreira Gullar	Zes Gedichten	<i>Raster</i>	poëzie
1992	Drummond de Andrade	Erotische gedichten	<i>Maatstaf</i>	poëzie
1993	João Cabral de Melo Neto	Dood en leven, severijns* In “;No pasaran! - ;No pasaran?”	<i>Point</i>	poëzie
1993	João Guimarães Rosa	Riobaldo's estória	<i>Raster</i>	fragment roman
1996	Graciliano Ramos	São Bernardo	<i>De Gids</i>	fragment roman
1996	João Guimarães Rosa	Ontknoping*	<i>Raster</i>	verhaal
1997	Adília Lopes	Poetry International Festival*	<i>Poetry International</i>	poëzie
1998	Drummond de Andrade	Gedichten	<i>Nieuw Wereldtijdschrift</i>	poëzie
1998	Drummond de Andrade	Farewell	<i>Maatstaf</i>	poëzie
1998	Nelson Ascher	(Fragmenten van gedichten)	<i>Passionate</i>	poëzie
1998	Cláudia Ahimsa	(Vijf gedichten)	<i>Passionate</i>	poëzie
1998	Nuno Júdice	Poetry International Festival*	<i>Poetry International</i>	poëzie
1999	Cláudia Ahimsa	(Drie gedichten)*	<i>Passionate</i>	poëzie
1999	Paulo Teixeira	30 ^e Poetry International Festival	<i>Poetry International</i>	poëzie
2000	Drummond de Andrade	Midden op de weg*	<i>Raster</i>	poëzie
2001	Nuno Júdice	Gedichten*	<i>Tirade</i>	poëzie
2001	Helder Mouro Pereira	Gedichten*	<i>Tirade</i>	poëzie
2001	António Franco Alexandre	rosencrantz, dramatische episode*	<i>Tirade</i>	dramatische episode
2001	Fernando Pinto do Amaral	Gedichten*	<i>Tirade</i>	poëzie
2001	Fernando Pessoa (Álvaro de Campos)	Drie gedichten*	<i>Tirade</i>	poëzie
2003	Gonçalo M. Tavares	Poetry International Festival	<i>Poetry International</i>	poëzie
2005	Manuel Maria Barbosa du Bocage	Aan Manteigui	<i>De Tweede Ronde</i>	poëzie
2006	Ana Paula Tavares	37e Poetry International Festival	<i>Poetry International</i>	poëzie
2007	Nuno Júdice	38e Poetry International Festival	<i>Poetry International</i>	poëzie
		Aantal titels: 53 publicaties	<i>Maatstaf</i> : 18 <i>Raster</i> : 6 <i>Poetry International</i> : 6	poëzie: 34 proza: 20

De 66 vertalingen van August Willemsen die in boekvorm zijn gepubliceerd – inclusief 7 bloemlezingen van meerdere schrijvers – geef ik weer in Tabel 4. In deze tabel staan de titels van de corresponderende oorspronkelijke titels schuingedrukt aangegeven. Er zijn bloemlezingen die genoemd zijn naar de titel (of fragmenten) van een van de gebundelde gedichten of verhalen. De corresponderende oorspronkelijke titels (of fragmenten) worden dan aangegeven tussen haakjes. Ook in Bijlage 2 bevinden zich gegevens over de oorspronkelijke titels.

De meeste titels zijn uitgegeven door De Arbeiderspers (28 titels) en Meulenhoff (17 titels). Samen zijn deze twee uitgeverijen verantwoordelijk voor 45 titels, wat gelijk is aan ruim twee derde van alle vertalingen van Willemsen in boekvorm. Bij De Arbeiderspers zijn 14 vertalingen van Fernando Pessoa (twee uitgaves van *Gedichten*, *Ode van de zee*, *De stoïcijn*, *Het uur van de duivel*, *Boodschap*, *Oden*, *Herostratus*, *De hoeder van kudden en andere gedichten*, *Brieven 1905-1919*, *Liefdesbrieven 1920, 1929-1932*, *Brieven 1921-1935*,

Gedichten 1913-1922 en *De metafysische ingenieur en andere gedichten 1923-1935*), 6 van Machado de Assis (*Posthume herinneringen van Brás Cubas, Quincas Borba, De psychiater en andere verhalen, Dom Casmurro, Vrouwenarmen en andere verhalen* en *Dagboek van Aires*), 3 van Carlos Drummond de Andrade (*Gedichten, De liefde, natuurlijk* en *Farewell*) en één titel van respectievelijk Hector Malot (*Alleen op de wereld*), Graciliano Ramos (*Kinderjaren*) en José Rentes de Carvalho (*Portugal, de bloem en de sikkel*) verschenen. In samenwerking met deze uitgeverij zou Willemsen twee van zijn omvangrijkste vertaalprojecten realiseren: het eerder besproken vertaalproject Machado de Assis en de Pessoabibliotheek. Het vertaalproject van de Braziliaanse schrijver Machado de Assis was een omvangrijk project van De Arbeiderspers, bestaande uit vijf romans en twee verhalenbundels, dat in 1983 begon en tot 1992 duurde. De Arbeiderspers werd alom geprezen voor dit gedurfde project. Willemsen vertaalde er wegens gezondheidsproblemen uiteindelijk zes boeken voor. De Pessoabibliotheek beoogde het gehele oeuvre van de Portugese schrijver Fernando Pessoa in Nederlandse vertaling uit te geven. Dit project begon tegen de eeuwwisseling en was nog niet klaar toen Willemsen in 2007 overleed.

Meulenhoff is verantwoordelijk voor de uitgave van 4 titels van João Guimarães Rosa (*De derde oever van de rivier, De toppen van Latijns-Amerika, Het uur en ogenblik van Augusto Matraga* en *Diepe wildernis: De wegen*), 3 van Dalton Trevisan (*De koning der aarde, De vijfvleugelige vogel* en *De zoete vijandin*), 2 van Chico Buarque (*Onrust* en *De spookschrijver uit Rio*), één titel van respectievelijk Rentes de Carvalho (*Waar die andere God woont*), Fernando Pessoa (*De anarchistische bankier*), Almeida Faria (*De veroveraar*), Antônio Torres (*Dit stuk grond*), Pêro Vaz de Caminha (*De ontdekking van Brazilië*) en Euclides da Cunha (*De binnenlanden*). Daarnaast gaf Meulenhoff nog 2 bloemlezingen van respectievelijk Portugese schrijvers en dichters uit: *Meesters der Portugese vertelkunst* en *Ik verheerlijk het verleden niet*. Verder valt de uitgeverij Coppens & Frenks op door de uitgave van 4 vertalingen van Graciliano Ramos (*Angst, São Bernardo, Dorre levens* en *Kannibalen*).

Tabel 4: Vertalingen van August Willemsen verschenen in boekvorm, in chronologische volgorde

auteur	titel van vertaling / titel origineel	jaar	uitgeverij	genre
Diverse auteurs	Meesters der Portugese vertelkunst	1970	Meulenhoff	verhalen
José Rentes de Carvalho	Waar die andere God woont* / <i>Com os holandeses</i>	1972	Meulenhoff	non-fictie
Dalton Trevisan	De koning der aarde (O rei da terra)	1975	Meulenhoff	verhalen
José Rentes de Carvalho	Portugal, de bloem en de sikkel* / <i>Portugal – a flor e a foice</i>	1975	De Arbeiderspers	non-fictie
João Guimarães Rosa	De derde oever van de rivier / <i>Primeiras estórias</i>	1977	Meulenhoff	verhalen
Dalton Trevisan	De vijfvleugelige vogel	1977	Meulenhoff	verhalen

	(O pássaro de cinco asas)			
Fernando Pessoa	Gedichten	1978	De Arbeiderspers	poëzie proza
Drummond de Andrade	Gedichten	1980	De Arbeiderspers	poëzie
Fernando Pessoa	De anarchistische bankier & ander proza / <i>O banqueiro anarquista e outros contos de raciocínio</i>	1980	Meulenhoff	verhaal
João Cabral de Melo Neto	Gedichten	1981	De Lantaarn	poëzie
Fernando Pessoa	Ode van de zee, door Álvaro de Campos / <i>Ode Marítima</i>	1981	De Arbeiderspers	poëzie
Fernando Pessoa	Gedichten, 2 ^e herziene druk	1982	De Arbeiderspers	poëzie
Manuel Bandeira	Gedichten	1982	De Lantaarn	poëzie
Machado de Assis	Posthume herinneringen van Brás Cubas / <i>Memórias póstumas de Brás Cubas</i>	1983	De Arbeiderspers	roman
Drummond de Andrade	20 Gedichten van Carlos Drummond de Andrade*	1983	Rijksacademie van de Beeldende Kunsten	poëzie
João Guimarães Rosa	Het uur en ogenblik van Augusto Matraga / <i>A hora e a vez de Augusto Matraga (Sagarana)</i>	1983	De Lantaarn	novelle
Mário Cesariny	Honderd dichters uit vijftien jaar Poetry International 1970- 1984*	1984	Manteau	poëzie
Machado de Assis	Quincas Borba / <i>Quincas Borba</i>	1984	De Arbeiderspers	roman
Machado de Assis	De psychiater (O alienista) en andere verhalen	1984	De Arbeiderspers	verhalen
João Guimarães Rosa	De toppen van Latijns-Amerika*	1984	Meulenhoff	verhaal
Machado de Assis	Dom Casmurro / <i>Dom Casmurro</i>	1985	De Arbeiderspers	roman
Diverse auteurs	Ik verheerlijk het verleden niet. 13 hedendaagse dichters uit Portugal	1985	Meulenhoff	poëzie
Machado de Assis	Vrouwenarmen (Uns braços) en andere verhalen	1986	De Arbeiderspers	verhalen
Diverse auteurs	De taal als bril	1987	De Arbeiderspers	poëzie verhaal
Diverse auteurs	Um mundo claro, um dia escuro: oito poetas holandeses [Een heldere wereld, een donkere dag: acht Nederlandse dichters]	1988	Limiar	poëzie
Fernando Pessoa	Ik is een ander* (Uit: Gedichten)	1991	Fantom	poëzie
Diverse auteurs	Hoor de kleine kreet...: hedendaagse Portugese poëzie	1991	Point	poëzie
Machado de Assis	Dagboek van Aires / <i>Memorial de Aires</i>	1992	De Arbeiderspers	roman
Chico Buarque	Onrust / <i>Estorvo</i>	1992	Meulenhoff	roman
Dalton Trevisan	De zoete vijandin (A doce inimiga)	1992	Meulenhoff	verhalen
João Guimarães Rosa	Het uur en ogenblik van Augusto Matraga, 2 ^e druk / <i>A hora e a vez de Augusto Matraga</i>	1992	Meulenhoff	novelle
Drummond de Andrade	De liefde, natuurlijk / <i>O amor natural</i>	1992	De Arbeiderspers	poëzie
João Guimarães Rosa	Diepe wildernis: De wegen / <i>Grande sertão: Veredas</i>	1993	Meulenhoff	roman
Graciliano Ramos	Angst: roman / <i>Angústia</i>	1995	Coppens & Frenks	roman
Diverse auteurs	O Lissabon, mijn thuis	1995	BasLubberhuizen	poëzie
Graciliano Ramos	São Bernardo / <i>São Bernardo</i>	1996	Coppens & Frenks	roman
Almeida Faria	De veroveraar / <i>O conquistador</i>	1997	Meulenhoff	roman
Graciliano Ramos	Dorre levens / <i>Vidas Secas</i>	1998	Coppens & Frenks	roman
Nuno Júdice	Recept om blauw te maken (Receita para fazer o azul)	1998	Wagner & Van Santen	poëzie
Drummond de Andrade	Farewell / <i>Farewell</i>	1998	De Arbeiderspers	poëzie
Machado de Assis	Kort, maar opgewekt* (Curto, mas alegre)	1998	Ser J.L. Prop	fragment roman
Antônio Torres	Dit stuk grond / <i>Essa terra</i>	1999	Meulenhoff	roman
Hector Malot	Alleen op de wereld / <i>Sans famille</i> [FR]	1999	De Arbeiderspers	roman
Pêro Vaz de Caminha	De ontdekking van Brazilië, 2e druk / <i>A carta de Pêro Vaz de Caminha</i>	2000	Meulenhoff	brieven
Fernando Pessoa	De stoïcijn (Baron van Teive) / <i>A educação do estóico</i>	2000	De Arbeiderspers	proza
Lêdo Ivo	Vleermuizen en blauwe krabben (Morcegos e goiamuns)	2000	Wagner & Van Santen	poëzie
Fernando Pessoa	Het uur van de duivel / <i>A hora do diabo</i>	2000	De Arbeiderspers	verhaal
Euclides da Cunha	De binnenlanden / <i>Os Sertões</i>	2001	Meulenhoff	non-fictie
Fernando Pessoa	Boodschap / <i>Mensagem</i>	2001	De Arbeiderspers	poëzie
Fernando Pessoa	Oden (Ricardo Reis) / <i>Poesia</i>	2002	De Arbeiderspers	poëzie
Graciliano Ramos	Kannibalen / <i>Caietés</i>	2002	Coppens & Frenks	roman
Fernando Pessoa	Herostratus / <i>Heróstrato – e A busca da imortalidade</i>	2003	De Arbeiderspers	proza
Fernando Pessoa	De hoeder van kudden (O guardador de rebanhos) en andere gedichten (Alberto Caeiro)	2003	De Arbeiderspers	poëzie
Ferreira Gullar	Morgen is weer geen andere dag (Amanhã ainda não será outro dia)	2003	Wagner & Van Santen	poëzie
Diverse auteurs	O Lissabon, mijn thuis	2003	BasLubberhuizen	poëzie
Fernando Pessoa	Brieven (Cartas) 1905-1919	2004	De Arbeiderspers	brieven
Chico Buarque	De spookschrijver uit Rio / <i>Budapeste</i>	2005	Meulenhoff	roman
Nuno Júdice	De emotie in kaart gebracht (Cartografia de emoções)	2005	Wagner & Van Santen	poëzie

Fernando Pessoa & Ofélia Queiroz	Liefdesbrieven (Cartas de amor) 1920, 1929-1932	2005	De Arbeiderspers	brieven
Fernando Pessoa	Brieven (Cartas) 1921-1935	2005	De Arbeiderspers	brieven
Fernando Pessoa	Gedichten (Cartas) 1913-1922 (Álvaro de Campos)	2006	De Arbeiderspers	poëzie
Fernando Pessoa	Pessoa: een directe weg naar het lezen van gedichten van Fernando Pessoa*	2006	Damon	poëzie
Luís Vaz de Camões	Ware voor zo lange liefde niet zo kort het leven (Se não fora para tão longo amor tão curta a vida)	2007	De Arbeiderspers	poëzie
Fernando Pessoa	De metafysische ingenieur (O engenheiro metafísico) en andere gedichten 1923-1935 (Álvaro de Campos)	2007	De Arbeiderspers	poëzie
Graciliano Ramos	Kinderjaren / <i>Infância</i>	2007	De Arbeiderspers	roman
Fernando Pessoa	De mooiste gedichten van Fernando Pessoa* / <i>Fernando Pessos: Poesia</i>	2007	Het Parool	poëzie
	Aantal titels in boekvorm: 66 (inclusief 7 bloemlezingen)		Meulenhoff: 17 De Arbeiderspers: 28	poëzie: 29 proza: 39

(*) niet van een voor- of nawoord voorzien

De door August Willemsen vertaalde schrijvers zijn in Bijlage 4 weergegeven. In totaal vertaalde August Willemsen 77 schrijvers van wie er 50 (65%) afkomstig zijn uit Portugal, 15 (19%) uit Brazilië, 8 (10%) uit Nederland, 1 uit Frankrijk, 1 uit Italië, 1 uit Angola en 1 uit Mozambique, met een totaal van 67 (87%) Portugeestalige schrijvers (zie Tabel 5). Ruim de helft van de schrijvers (42) werd opgenomen in bloemlezingen van meerdere schrijvers terwijl 15 (19%) slechts in tijdschriften zijn verschenen. Het aantal schrijvers dat individuele uitgaves in boekvorm heeft gekregen is 20, namelijk 26% van het totaal. Opvallend is de verhouding tussen het aantal Portugese en Braziliaanse schrijvers. Willemsen heeft meer dan drie keer zoveel Portugese schrijvers (50) als Braziliaanse (15) vertaald. Maar van deze laatste werden 80% (12 van de 15) individueel uitgegeven in boekvorm tegen slechts 14% (7 van de 50) van de Portugese.

Tabel 5: Schrijvers die door August Willemsen zijn vertaald

afkomst	tijdschrift	bloemlezing	boek	
Portugal	10	33	7	50 (65%)
Brazilië	3	0	12	15 (19%)
Nederland	0	8	0	8 (10%)
Frankrijk	0	0	1	1
Italië	1	0	0	1
Angola	1	0	0	1
Mozambique	0	1	0	1
	15 (19%)	42 (55%)	20 (26%)	77

Van welke schrijvers zijn dan individuele uitgaves in boekvorm verschenen? In Tabel 6 geef ik die weer. Hier valt enerzijds op dat de Braziliaanse schrijvers (12) beter vertegenwoordigd zijn dan de Portugese (7). Anderzijds springt het grote aantal publicaties van vertalingen van Fernando Pessoa's werk in het oog. Met 18 publicaties in boekvorm staat hij eenzaam aan de top. Van 1977 tot 1982 zijn er 4 vertalingen van hem verschenen. Na een periode van stilte zijn er van 2000 tot 2007 13 vertalingen gepubliceerd. Willemsen (W2000h): 'Tussen '85 en '88 kreeg ik genoeg van Pessoa. Toen werden achtereenvolgens zijn vijftigste sterf- en honderdste geboortejaar herdacht en dat had zo'n hype tot gevolg dat ik echt moe van hem werd. Maar toen De Arbeiderspers me vroeg zijn complete werk te vertalen, vond ik dat zo'n uitdaging, zo'n eer vooral ook, dat ik onmogelijk nee kon zeggen.' Zoals eerder vermeld, heeft hij de eindstreep van deze Pessoabibliotheek net niet gehaald. De andere auteurs met twee of meer titels in boekvorm zijn Machado de Assis (7), João Guimarães Rosa (5), Graciliano Ramos (5), Carlos Drummond de Andrade (4), Dalton Trevisan (3), Nuno Júdice (3), Rentes de Carvalho(2) en Chico Buarque (2).

Tabel 6: Door August Willemsen vertaalde schrijvers met individuele uitgaves in boekvorm, op volgorde van het aantal vertaalde werken

Vertaalde auteur	afkomst	aantal	jaar van publicatie van de vertalingen
Fernando Pessoa (1888-1935)	P	18	1977, 1977, 1977, 1978, 1978, 1980, 1981, 1982, 1991 ⁶⁹ , 2000, 2000 , 2001, 2001, 2002, 2003, 2003, 2004, 2005, 2005, 2006, 2006, 2007, 2007
Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908)	B	7	1983, 1984, 1984, 1984, 1985, 1986, 1988, 1992, 1998
João Guimarães Rosa (1908-1967)	B	5	1976, 1977, 1977, 1983, 1984, 1992, 1993, 1993, 1996
Graciliano Ramos (1892-1953)	B	5	1995, 1996, 1996, 1998, 2002, 2007
Carlos Drummond de Andrade (1902-1987)	B	4	1972, 1979, 1980, 1983, 1983, 1986, 1986, 1987, 1987, 1987, 1987, 1992, 1992, 1998, 1998, 1998, 2000
Dalton Trevisan (1925)	B	3	1974, 1975, 1975, 1976, 1977, 1982, 1982, 1992
Nuno Júdice (1949)	P	3	1991, 1998, 1998, 2001, 2005, 2007
José Rentes de Carvalho (1930)	P	3	1970, 1972, 1975, 1986
Chico Buarque (1944)	B	2	1992, 2005
João Cabral de Melo Neto (1920-1999)	B	1	1972, 1981, 1981, 1984, 1986, 1987, 1987, 1993
Manuel Carneiro de Sousa Bandeira (1886-1968)	B	1	1972, 1982, 1982, 1983, 1986, 1987
Almeida Faria (1943)	P	1	1997
Antônio Torres (1940)	B	1	1999
Hector Malot (1830-1907)	F	1	1999
Pero Vaz de Caminha (1450-1500)	P	1	2000
Lêdo Ivo (1924)	B	1	2000
Euclides da Cunha (1866-1909)	B	1	2001
Ferreira Gullar (1930)	B	1	1988, 2003
Ofélia Queiroz (1900-)	P	1	2005
Luis Vaz de Camões (ca. 1524-1580)	P	1	2007
20 auteurs	12 B 7 P 1 F		

B=Brazilië; P=Portugal; F=Frankrijk / Vertalingen verschenen in boekvorm staan vetgedrukt; in bloemlezing, vet- en schuingedrukt; overige vertalingen zijn in tijdschriften verschenen

⁶⁹ Deze uitgave werd niet door August Willemsen verzorgd.

De acht Nederlandse auteurs die Willemsen in het Portugees vertaalde, zijn de dichters Bert Schierbeek (1918-1996), Gerrit Kouwenaar (1923), Lucebert (1924-1994), Remco Campert (1929), Hans Faverey (1933-1990), Cees Nooteboom (1933), J. Bernlef (1937-2012) en Arie van den Berg (1948) (zie Bijlage 4). De gedichten van deze auteurs werden gebundeld in *Um mundo claro, um dia escuro* (Portugal, 1988). Deze bloemlezing was een initiatief van de Portugese dichter Egito Gonçalves (1920-2001), die in 1975 Schierbeek en tien jaar later Willemsen benaderde. Willemsen nam de touwtjes in handen en toen kreeg het project vaart. Met Schierbeek maakte hij de selectie van de gedichten en met Egito Gonçalves de vertaling. Ook met Drummond de Andrade werkte Willemsen intensief aan een grotere bloemlezing van Nederlandse poëzie van november 1984 tot april 1986 (getuige hun briefwisseling). Daarna ging het niet meer zo voorspoedig door wederzijdse omstandigheden, waaronder de ziekte van de dochter van Drummond. Voor zover ik weet, is dit project nooit afgemaakt. Drummond komt te overlijden in augustus 1987. Een aantal gedichten die Willemsen in samenwerking met Drummond vertaalde, zijn echter volgens Gonçalves (Schierbeek 1988) opgenomen in *Um mundo claro, um dia escuro*.

De enige Franse auteur van wie Willemsen een vertaling publiceerde, is Hector Malot. Het gaat om de integrale hervertaling van *Sans famille, Alleen op de wereld* (1999) (zie Bijlagen 1, 2 & 4; Tabel 6). Willemsen werd er eind 1998 door de toenmalige directeur van De Arbeiderspers, Ronald Dietz, voor gevraagd. Hij heeft zoals eerder vermeld een andere Franse schrijver, Gide, vertaald, maar alleen voor zichzelf, als stijloefening. Daarnaast vertaalde hij in 1974 ook een artikel uit het Frans. Van een Italiaanse auteur, Carlo Vittorio Cattaneo, heeft Willemsen een zeer kort stuk vertaald in *Poesia 61 en andere stromingen in de Portugese poëzie* (1978; zie Bijlage 1).

Wat genre betreft, gaat het in iets meer dan de helft (63) van de publicaties met vertalingen van August Willemsen om poëzie (zie Bijlage 1), waarvan weer 46% (29) in boekvorm (zie Tabel 4) is verschenen. De poëziebundel *Gedichten* van Fernando Pessoa is met negen herdrukken de meest succesvolle poëziebundel die Willemsen vertaalde. *De liefde, natuurlijk* van Carlos Drummond de Andrade is net zo succesvol met acht herdrukken. Verder werden vier andere poëzievertalingen herdrukt (zie Tabel 7).

Tabel 7: Poëzievertalingen van August Willemsen met twee of meer herdrukken⁷⁰

Auteur	Titel vertaling	Aantal drukken	Jaar van publicatie
Pessoa, Fernando	Gedichten	9	1978, 1982, 1987, 1991, 1993, 1995, 1998, 2000, 2001, 2009 ⁷¹
Andrade, Drummond de	De liefde, natuurlijk	8	1992, 1996, 1997 (2), 1998, 1999, 2001, 2006
Melo Neto, João Cabral de	Gedichten	4	1981, 1983, 1984 (2)
Andrade, Drummond de	Gedichten	3	1980, 1990, 2002
Bandeira, Manuel	Gedichten	3	1982 (2), 1983
Pessoa, Fernando	Ode van de zee, door Álvaro de Campos	2	1981, 1988

Van de andere kleine helft (59) van de publicaties betreffende proza (zie Bijlage 1) zijn er 39 in boekvorm verschenen, waaronder 16 romans, 11 verhalenbundels, 3 non-fictieboeken, 4 brievenboeken, 2 novellen en 3 prozawerken van Pessoa, met 32 fictie- tegenover 7 non-fictiewerken (zie Tabel 4). De prozavertaling die het meest werd herdrukt, is het non-fictieboek *Waar die andere God woont* van José Rentes de Carvalho. Het verhaal *De anarchistische bankier* van Pessoa haalde vier drukken en de roman *Diepe wildernis: De wegen (DW)*, de verhalenbundel *De derde oever van de rivier* en de novelle *Het uur en ogenblik van Augusto Matraga* van João Guimarães Rosa respectievelijk vier, drie en drie drukken. *Angst* van Graciliano de Ramos en drie werken van Machado de Assis (*Dom Casmurro*, *De psychiater* en *Posthume herinneringen van Brás Cubas*) zijn ieder twee maal herdrukt (zie Tabel 8). Over *DW* zei Willemsen (1993h): ‘*Diepe wildernis* is een moderne klassieker, het wordt beschouwd als het meesterwerk van de Braziliaanse literatuur. Het is ook mijn meesterwerk.’

Tabel 8: Prozavertalingen van August Willemsen met twee of meer herdrukken⁷²

Auteur	Titel vertaling	Aantal drukken	Jaar van publicatie
Carvalho, José Rentes de	Waar die andere God woont	8	1972, 1973, 1982, 1987, 1988, 1989 (2), 1990
Pessoa, Fernando	De anarchistische bankier & ander proza	4	1980, 1990, 1997, 2002
Rosa, João Guimarães	Diepe wildernis: De wegen	4	1993, 1995, 2000, 2007
Rosa, João Guimarães	De derde oever van de rivier	3	1977, 1984, 1993
Rosa, João Guimarães	Het uur en ogenblik van Augusto Matraga	3	1983, 1992, 1996
Ramos, Graciliano	Angst	2	1995, 1997
Assis, Machado de	Dom Casmurro	2	1985, 1987
Assis, Machado de	De psychiater en andere verhalen	2	1984, 1987
Assis, Machado de	Posthume herinneringen van Brás Cubas	2	1983, 1984

Wat de introductie van Portugeestalige schrijvers in Nederland betreft, is het strikt genomen noodzakelijk om een onderscheid te maken tussen de auteurs die Willemsen als

⁷⁰ De gegevens over de herdrukken van de vertalingen van August Willemsen zijn voornamelijk ontleend aan Schreij (2009: 58-59).

⁷¹ Postuum uitgegeven. Niet meegeteld in de statistieken van deze scriptie.

⁷² De gegevens over de herdrukken van de vertalingen van August Willemsen zijn ontleend aan Schreij (2009: 58-59).

eerste vertaalde en de auteurs die eerder door anderen werden vertaald. De laatste groep is vertegenwoordigd door: Machado de Assis, Luís Vaz de Camões, Ferreira de Castro, Euclides da Cunha en Graciliano Ramos (zie Tabel 9). Deze auteurs zijn dus formeel niet door Willemsen geïntroduceerd, maar een auteur introduceren is meer dan vertalen alleen. Als de vertaalde auteur niet bekend wordt in de doelcultuur, is de introductie niet compleet. Willemsen is met veel van de genoemde auteurs onlosmakelijk verbonden. Vooral Machado de Assis en Graciliano Ramos werden pas na de hervertalingen van Willemsen in Nederland bekend en als grote schrijvers beschouwd. Daarom lijkt de onderscheiding tussen vertalingen en hervertalingen bij Willemsen niet zo relevant. Wat wel belangrijk is bij deze hervertalingen, is de onderzoeksmogelijkheid die ze bieden: een vergelijking van Willemsens hervertalingen met de vertalingen van zijn voorgangers. De werken die door Willemsen zijn hervertaald bevinden zich vetgedrukt in Tabel 9.

Tabel 9: Auteurs die hervertaald zijn door August Willemsen⁷³

auteur	titel vertaling, jaar publicatie	titel origineel, jaar publicatie	vertaler	plaats: uitgeverij
Assis, Machado de	Laat commentaar van Brás Cubas, 1954	Memórias póstumas de Brás Cubas, 1881	A. Mastenbroek	Bussum: G.J.A. Ruys
Assis, Machado de	Dom Casmurro. Liefde en haat in Rio, 1966	Dom Casmurro, 1899	Joh. H. Couturier	Utrecht: Het Spectrum
Camões, Luís Vaz de	De Lusíade. Heldendicht in X zangen, 1777	Os Lusíadas, 1572	Lambartus Stoppendaal Pieterszoon	Amsterdam: G. Warnars
Camões, Luís Vaz de	Saudades en andere verzen, 1953	keuze vertaler (inclusief sonnetten)	Dolf Verspoor	Utrecht: De Roos
Castro, Ferreira de	De paradijsplantage. Portugeesche roman van de rubber-tappers aan de amazone-rivier, 1936	A selva, 1930	A. Gerzon-Caffé	Amsterdam: P.N. van Kampen & Zoon
Castro, Ferreira de	Onvruchtbare aarde, 1952	Terra fria, 1934	Lode Roelandt	Gent: De Vlam
Castro, Ferreira de	De schaapjes des Heren, 1954	A lâ e a neve, 1947	Lode Roelandt	Gent: De Vlam
Castro, Ferreira de	Het oerwoud, 1958	A selva, 1930	Lode Roelandt	Gent: De Vlam
Cunha, Euclides da	De binnenlanden. Opstand in Canudos, 1954	Os Sertões, 1902	Marcus de Jong	Amsterdam: Wereldbibliotheek
Ramos, Graciliano	Doem van de droogte. São Bernardo, 1972	Vidas Secas. São Bernardo, 1938	Rudolph Simoens	Brusse: D.A.P. Reinaert
Ramos, Graciliano	Vlucht voor de droogte, 1981	Vidas Secas, 1938	Cecília Correia Castilho	Bussum: Wereldvenster

Willemsen is nooit beroepsvertaler geworden en is nooit afhankelijk geweest van het vertalen voor zijn levensonderhoud. Zijn vertaalwerk deed hij altijd in combinatie met andere beroepen. Dat gaf hem een zekere vrijheid bij het bepalen van wat hij vertaalde. Willemsen (W1994c): ‘Ik heb eigenlijk altijd de schrijvers van mijn keuze vertaald. Met één uitzondering: *Onrust* van Chico Buarque, waaraan ik begonnen ben op verzoek van Meulenhoff.’ De keuze van de auteurs die Willemsen vertaalde, werd slechts bepaald door de

⁷³ Gegevens ontleend aan Schreij (2009: 110, 113, 116, 119, 134) en vergeleken met de resultaten van het onderzoek voor deze scriptie (zie Bijlage 2).

literaire kwaliteit. Hij was geïnteresseerd in het allerbeste: ‘of dat oud of nieuw is doet er niet toe. [...] De schrijvers die ik vertaal zijn dan ook niet allemaal de beroemdste in hun taalgebied – of, ja dat zijn ze wel, maar daarnaast zijn er toch ook anderen die van hetzelfde niveau worden geacht te zijn en die ik niet zou willen vertalen. De Braziliaan Jorge Amado, bij voorbeeld, en nogal wat moderne Portugese schrijvers’ (W1984b). Als reden daarvoor noemt hij hun literaire stijl en retorisch taalgebruik. Met de Braziliaanse Clarice Lispector had hij ook geen affiniteit: ‘een intellectualistisch breiwerk, veel te bedacht’ (W1987d). Hij heeft een voorkeur voor karig taalgebruik, voor ‘schrijvers die het taalgebruik ontdoen van de sier en op zoek gaan naar de essentie. Dat zijn de mensen die ik vertaal’ (W1985c). Schreij (2009: 77) constateert een zekere ‘antipathie’ van Willemsens zijde ‘jegens contemporaine Portugese literatuur’. Uit het bovenstaande blijkt echter dat deze antipathie niet exclusief gericht was tegen deze groep auteurs, maar dat het meer een kwestie was van voorkeur voor een bepaald soort literaire stijl en taalgebruik. Willemsen (W1984a) zag ook niets interessants in de Braziliaanse literatuur vóór Machado de Assis en wat poëzie betreft, heeft Portugal volgens hem weinig opgeleverd in de periode tussen Camões en Pessoa. Willemsen (W2003j: 40): ‘Zonder Cesário Verde (1855-1886) zou er in de Portugese literatuurgeschiedenis, tussen Camões en Pessoa, geen dichter zijn die het vertalen waard is. Misschien Bocage (rond 1800) of Pessoa’s generatiegenoten Camilo Pessanha (1867-1926) en Mário de Sá-Carneiro (1890-1916). Maar de vorige eeuw? Almeida Garrett? Antero de Quental? Ik moet er niet aan denken.’ Van de pre-romantische dichter Bocage (1765-1805) vertaalde Willemsen in 2005 ‘Aan Manteigui’ voor het literair tijdschrift *De Tweede Ronde* en hij had plannen om meer van deze dichter te vertalen (W2007b). Bovendien was hij niet al te negatief over de contemporaine Portugese dichters (W1985h): ‘de huidige Portugese poëzie [biedt] een beeld van buitengewone verscheidenheid en activiteit op hoog niveau.’ Later in zijn carrière vertaalde hij op verzoek van vrienden ook auteurs die niet per se in de categorie van ‘zijn soort schrijvers’ vielen. Hieruit blijkt dat Willemsen een uitgesproken mening had over wat hij wel en wat hij niet wilde vertalen. Hij vertaalde voornamelijk de schrijvers en werken van eigen keuze al waren er in werkelijkheid meer factoren dan alleen zijn eigen smaak en keuzevrijheid.

Samenvattend zijn er van 1970 tot 2007 119 publicaties met vertalingen van August Willemsen verschenen. Zijn eerste gepubliceerde vertaling is de *Meesters der Portugese vertelkunst*. Met de publicatie van de *Gedichten* van Fernando Pessoa in 1978 brak hij door

als vertaler. Iets meer dan de helft van de publicaties van zijn vertalingen is in boekvorm verschenen en de overige in tijdschriften. Hij vertaalde voornamelijk uit het Portugees, met uitzondering van *Alleen op de wereld* (uit het Frans), en naar het Nederlands, met uitzondering van *Um mundo claro, um dia escuro* (naar het Portugees). In totaal heeft Willemsen 77 verschillende auteurs vertaald, van wie slechts een vierde individuele uitgaves in boekvorm kreeg. De vertalingen van de overige auteurs zijn slechts in bloemlezingen gebundeld en/of in tijdschriften gepubliceerd. De schrijvers met de meest vertaalde titels in boekvorm zijn Fernando Pessoa, Machado de Assis, Guimarães Rosa, Graciliano Ramos, Drummond de Andrade, Dalton Trevisan, Nuno Júdice, Rentes de Carvalho en Chico Buarque. In totaal zijn er meer vertalingen van poëzie dan proza gepubliceerd, maar als we alleen de publicaties in boekvorm bekijken, zijn er meer proza- dan poëzietitels. Verder zijn er vijftien titels met twee of meer herdrukken. Wat uitgeverijen betreft, publiceerde Willemsen het meest bij De Arbeiderspers en als tweede bij Meulenhoff. De grootste verkoopsuccessen bij de eerste zijn de dichtbundels *Gedichten* van Pessoa en *De liefde, natuurlijk* van Drummond de Andrade. Bij Meulenhoff zijn het non-fictieboek *Waar die andere God woont* van Rentes de Carvalho, het verhaal *De anarchistische bankier* van Pessoa en de roman *Diepe wildernis: De wegen* van Guimarães Rosa de meest herdrukte werken. Willemsens vertaalcarrière kende veel hoogtepunten, maar op dit laatste werk was hij, naar mijn mening, het meest trots.

3.2.2. De schrijver August Willemsen

Over zijn schrijverschap zei Willemsen (W1986g): ‘Ik kan geen verhaal schrijven, geen roman, geen gedichten, maar vele wegen leiden naar Rome. Ik ben een egodocument-schrijver, ik hoor echt thuis in de stal van het privé-domein. Mijn thema is het verstrijken van de tijd en mijn manier om dat thema, waarmee we iedere dag worden geconfronteerd, vorm te geven, is zo dicht mogelijk bij de werkelijkheid te komen.’ Over zijn stijl (W1988b): ‘Ik schrijf eigenlijk alles als een brief, zelfs de essays. Ze zijn in de eerste plaats geschreven vanuit iemand (ik) aan iemand (de lezer).’

Het is nauwelijks bekend, maar in 1968, nog vóór zijn vertaaldebuut, publiceerde het maandblad *Avenue* een reisbrief van Willemsen, waarin hij zijn desperate pogingen beschrijft om een appartement in São Paulo te verkrijgen. Het was het jaar van zijn terugkeer uit Brazilië. Hij las een verslag van een comfortabele reis in Brazilië die Cees Nooteboom in opdracht van *Avenue* had gemaakt. In een interview met Rudie Kagie (W1986e) liet

Willemsen weten dat hij dat stuk ‘slecht’ en ‘oppervlakkig’ vond: ‘Ik had de situatie daar aan den lijve meegemaakt en verkeerde in de waan dat ik de enige was die iets zinnigs over Brazilië had te melden. Nootboom had alleen maar wat rondgevlogen en hier en daar wat impressies opgedaan. Om te laten zien hoe het écht was, heb ik toen die brief naar *Avenue* gestuurd. Het was een elementaire reactie op het stuk van Nootboom, die me later overigens heeft toegegeven dat zijn verblijf te kort was geweest om een doorwrocht stuk te schrijven.’

Toen Willemsen later in 1985 het publiek verraste met zijn debuutboek *Braziliaanse brieven* genoot hij al enige bekendheid als de bekwame vertaler van Portugese en Braziliaanse auteurs. Dat boek was de eerste publicatie van zijn eigen werk in boekvorm, maar al sinds zijn debuut als vertaler in 1970 had hij laten zien wat hij in het Nederlands kon. Hij voorzag zijn eerste vertaling *Meesters der Portugese vertelkunst* van een inleiding die niet onopgemerkt is gebleven.⁷⁴ Maar de echte waardering voor zijn Nederlands kwam in 1976 – bij het verschijnen van de eerste verhalenbundel van de Braziliaanse auteur Dalton Trevisan – van niemand minder dan de in 1975 met de P.C. Hooftprijs voor essayistiek onderscheiden Rudy Kousbroek (*NRC Handelsblad*, 9 april 1976): ‘Het Nederlands van *De koning der aarde* steekt met kop en schouders boven dat van zelfs de meeste oorspronkelijk Nederlandse boeken uit; ook het opvallend fraaie Hollands van Rentes de Carvalho is naar ik hoor van Willemsen afkomstig.’ Een jaar later herhaalde Kousbroek (*NRC Handelsblad*, 22 april 1976) dat ‘Willemsen, zoals ook in de nawoorden bij zijn vertalingen te zien is, een prachtig Nederlands schrijft, d.w.z. heel wat beter dan in Nederland zelfs bij mensen die beroepsmatig de pen hanteren gangbaar is [...]’

De oplettende en taalgevoelige lezer herkende dus meteen de ‘ondergrondse schrijver’, om de woorden van T. van Deel⁷⁵ (W1986j: 171) te hanteren, die in Willemsen reeds bij zijn debuut als vertaler in 1970 aanwezig was. In een interview zei Willemsen (W1994b: 171) dat de zin in het schrijven bij hem was ontstaan door het lezen en dat hij al schreef toen hij met vertalen begon.

Ik herinner me dat ik die roman van Gide vertaalde, maar ik herinner me absoluut niet dat ik daardoor zin zou hebben gekregen in schrijven, want die had ik al. Hoogstens heb ik het beschouwd als stijloefening. [...] Op de lagere school al schreef ik een soort brochure over vogels, ofschoon ik niks van vogels wist. En in de eerste klas van de middelbare school kwam ik elke maandag met een in blokletters geschreven en zelf geïllustreerd blaadje met vervolgverhalen, onder andere over ene Jopie Paniek, en dat circuleerde door de klas. [...] Later op diezelfde school, het Hervormd Lyceum, kwam de

⁷⁴ Zie Carvalho 1970; Van Doorne 1970; Eggink 1970; Kelk 1971; Warren 1971.

⁷⁵ Tom van Deel (1945-) is neerlandicus, dichter, bloemlezer, essayist, redacteur en recensent.

echte literatuur in mijn leven, want thuis was er niks. En zo tegen mijn twintigste, in mijn conservatoriumtijd, lang voordat ik met vertalen begon, ging ik dagboeken bijhouden. Uit die tijd dateert ook een intensieve briefwisseling met vrienden en vriendinnen, want we hadden heel lang geen telefoon.

In de vijfde klas zette hij nog ‘met een aantal vrienden een romantische poëziekrant op met daarin gedichten in de trant van Rimbaud en Baudelaire’ (W1993h). De dagboeken heeft hij bijgehouden tot zijn dertigste. In Brazilië (1967-1968) kwamen de brieven in de plaats van dagboeken. Willemsen begon dus al vroeg, namelijk op de lagere school, met schrijven en is er sindsdien niet meer mee gestopt. De brochures over vogels en verhalen over Jopie Paniek werden vervangen door dagboeken en brieven, die als basis dienden voor zijn latere succesvolle autobiografische boeken. Fragmenten uit dit werk werden opgenomen in diverse tijdschriften. Daarnaast schreef Willemsen beschouwingen in de vorm van parateksten bij vertalingen (waaronder zijn nawoorden), essays, artikelen en brieven voor kranten en tijdschriften, boekrecensies en vertaalkritieken. Verder zijn er teksten van lezingen en dankwoorden opgenomen in diverse tijdschriften. Ten slotte zijn er uitspraken van Willemsen te vinden in de talloze interviews waaraan hij meewerkte.

In het corpus van de *Primaire teksten van August Willemsen* (Bijlage 3) staat de complete lijst weergegeven van zowel het eigen werk van August Willemsen als zijn interviews die uitgegeven werden in de periode tussen 1968 en 2007, namelijk het jaar van de publicatie van zijn eerste tekst en het jaar van zijn dood, respectievelijk. Er werd, binnen de beperkingen van een masterscriptie, een serieuze poging gedaan om deze lijst zo compleet mogelijk te krijgen en het resultaat stelt niet teleur. De lijst is omvangrijk genoeg om het onderzoek naar de vertaalopvattingen van August Willemsen te verrichten. De documenten in dit corpus die ik niet kon verkrijgen, zijn aangegeven met een asterisk (*) vóór de titel van de betreffende tekst. Deze documenten worden dan ook niet meegenomen in de statistische berekeningen.

In Tabel 10 geef ik een overzicht in cijfers van alle primaire teksten die ik kon verzamelen. Dat waren uiteindelijk 305 titels. In deze tabel zijn de verschillende soorten teksten en documenten gerangschikt op volgorde van het jaar van publicatie. Om te beginnen heeft Willemsen boeken zowel geschreven als samengesteld. Na zijn debuut met *Braziliaanse brieven* in 1985 heeft hij nog 14, in totaal dus 15, boeken op zijn naam gepubliceerd (2^e kolom v.l.n.r.).

Tabel 10: Overzicht van de verzamelde primaire teksten van August Willemsen, in chronologische volgorde

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
jaar	boek	uit eigen tekst	voor-/ nawoord vertaling boekvorm ⁷⁶	paratekst vertaling boekvorm	artikel brief	recensie boek	kritiek vertaling	(para)tekst bij/met vertaling tijdschrift	lezing dankwoord	interview	
1970			1	1							2
1971											0
1972								1			1
1973											0
1974								2			2
1975			1	1							2
1976											0
1977			2	2	1			3			8
1978			1	3		1	1	1			7
1979					2	1	1	1			5
1980			2	4							6
1981			2	1	1		2	2		1	9
1982			1		3		3	3		1	11
1983			2	2	1			1	1		7
1984			2	2				1	1	2	8
1985	1		2	3						4	10
1986			2		1		1		1	3	8
1987	1									3	4
1988	1	1	1		3			2		7	15
1989	1		1	1	1						4
1990		1			2						3
1991	1	1	2		19		1			5	29
1992			5	5	7			1		4	22
1993		1	1	2				1		7	12
1994	2	1			2					2	7
1995	1		1	1	1					2	6
1996		1						1		3	5
1997			1	1							2
1998	2	1	3	2				3		8	19
1999	1		2	1	1			1		7	13
2000	1		4	1	2					5	13
2001	1		2	4	4						11
2002			2	3	1					1	7
2003	1		5	5	4			1		1	17
2004			1	2							3
2005			4	5				1	1		11
2006			1	2				1		1	5
2007	1		3	5				1		1	11
	15	7	57	59	56	2	9	28	4	68	305

Willemsens boeken kenmerken zich door hun autobiografische, non-fictieve karakter. Hij heeft geen fictieve proza noch poëzie onder eigen naam uitgegeven (zie Tabel 11). De autobiografische boeken tellen in totaal 7 titels, te weten: *Braziliaanse brieven* (1985), *Een liefde in het Zuiden & De dood in Zuid* (1988), *De val* (1991), *Sprekend een brief* (1998), *Vrienden, vreemden, vrouwen* (1998), *De tuin van IJben* (1999) en *Van Tibooburra naar Packsaddle* (2001). Daarnaast heeft Willemsen 4 essaybundels met eigen werk samengesteld – *De taal als bril* (1987), *De goddelijke kanarie* (1994, 2007), *Het hoge woord* (1994) en *Fernando Pessoa: Het ik als vreemde* (2000) – en een essaybundel met zowel eigen werk als dat van anderen – *O Lissabon, mijn thuis* (1995, 2003). Daarnaast heeft hij een boek met de brieven van Nicolaas Verschuur gepubliceerd: *Brieven uit Brazilië 1897-1902* (1989).

⁷⁶ Bij eigen vertaling en vertaling van anderen alsook bij anthologieën.

De onderwerpen van zijn boeken zijn zeer gevarieerd: zijn relatie met Brazilië (*Braziliaanse brieven*), het vertalen en de Portugeestalige letterkunde (*Taal als bril*, *Het hoge woord*), zijn eigen jeugd (*Een liefde in het Zuiden & De dood in Zuid*, *Vrienden, vreemden, vrouwen*, *De tuin van IJben*), zijn gevecht tegen alcohol en het verblijf in een revalidatieoord (*De val*), Braziliaanse voetbal (*De goddelijke kanarie*), reizen (*Van Tibooburra naar Packsaddle*), liefdes (*Vrienden, vreemden, vrouwen*), etc. Het grootste deel van de 15 boeken is door De Arbeiderspers uitgegeven, namelijk 9 titels. Uitgeverij Thomas Rap nam 3 boeken voor haar rekening terwijl Bas Lubberhuizen en Februari Boekhandels er respectievelijk twee en een uitgaven. De afwezigheid van Meulenhoff valt hier op gezien de betrekkelijk grote betrokkenheid bij het uitgeven van de vertalingen van Willemsen (zie 3.2.1).

Tabel 11: Boeken van August Willemsen

<i>Braziliaanse brieven</i>	1985	De Arbeiderspers	brieven/ autobiografisch
<i>De taal als bril in twintig stukken</i>	1987	De Arbeiderspers	essays
<i>Een liefde in het Zuiden en De dood in Zuid</i>	1988	Februari Boekhandels	autobiografisch
<i>Nicolaas Verschuur: Brieven uit Brazilië 1897-1902</i>	1989	De Arbeiderspers	brieven
<i>De val</i>	1991	De Arbeiderspers	autobiografisch
<i>De goddelijke kanarie: Over het Braziliaanse voetbal</i>	1994	Thomas Rap	literair sportboek
<i>Het hoge woord: beschouwingen en boutades</i>	1994	De Arbeiderspers	essays
<i>O Lissabon, mijn thuis</i>	1995	Lubberhuizen	essays
<i>Sprekende een brief</i>	1998	Tomas Rap	brief/ autobiografisch
<i>Vrienden, vreemden, vrouwen</i>	1998	De Arbeiderspers	autobiografisch
<i>De tuin van IJben</i>	1999	Thomas Rap	autobiografisch
<i>Fernando Pessoa: Het ik als vreemde</i>	2000	De Arbeiderspers	essays
<i>Van Tibooburra naar Packsaddle</i>	2001	De Arbeiderspers	reisverslag
<i>O Lissabon, mijn thuis</i> , gewijzigde herdruk	2003	Bas Lubberhuizen	essays
<i>De goddelijke kanarie: Over het Braziliaanse voetbal</i> , 2 ^e uitgebr. en geheel herz. dr.	2007	De Arbeiderspers/ Het Sporthuis	literair sportboek

Terugkijkend naar Tabel 10 (3^e kolom van links naar rechts) blijkt dat de tekstfragmenten uit Willemsens originele boeken 7 keer tussen 1988 en 1998, vertaald of niet vertaald, door anderen werden uitgegeven in diverse bloemlezingen, tijdschriften en kranten. Willemsen zelf liet zijn vertalingen in boekvorm bijna altijd vergezeld gaan van voor- of nawoorden, maar ook van andere verklarende en/of informatieve parateksten (aantekeningen, bio- en bibliografische gegevens, verantwoordingen, enzovoorts). In de 4^e en 5^e koloms zijn de 116 parateksten weergegeven waarvan 57 voor- of nawoorden, vooral deze laatste. Eerder, in Tabel 4, gaf ik aan dat er 66 vertalingen in boekvorm zijn verschenen. Daaruit kunnen we concluderen dat er maar 9 vertalingen zijn die niet voorzien zijn van een voor- of nawoord. Uit een nadere analyse van deze vertalingen zonder voor- of nawoord blijkt echter dat het in werkelijkheid om slechts twee gevallen gaat, namelijk de twee non-fictieboeken van José Rentes de Carvalho – *Waar die andere God woont* (1972) en *Portugal, de bloem en de sikkel* (1975). De andere boeken zonder voor- of nawoord zijn geen uitgaven van August

Willemsen, maar boeken van anderen waarin zijn vertalingen opgenomen werden (zie de vertalingen met een asterisk in Tabel 4). Op de nawoorden kom ik nog terug in hoofdstuk 4.

Essays, columns, brieven, wetenschappelijke opstellen, boekrecensies en vertaalkritieken van Willemsen werden voornamelijk uitgegeven in de periodieke pers. De essays, columns, brieven en wetenschappelijke opstellen tellen in totaal 56 stukken (zie 6^e kolom van Tabel 10). De boekrecensies (2) en vertaalkritieken (9) zijn aangegeven in respectievelijk kolom 7 en kolom 8. Net als bij zijn vertalingen in boekvorm liet Willemsen zijn vertalingen in tijdschriften vergezeld gaan van begeleidende teksten. Soms maakten de vertalingen deel uit van een (begeleidende) tekst of vormden ze samen een artikel. Soms vormden de vertaling en het voor- of nawoord aparte rubrieken met aparte titels. Bij ‘paratekst met vertaling’ bedoel ik het eerste geval en bij ‘paratekst bij vertaling’ het laatste. Van dit soort bijdragen heeft Willemsen er 28 geschreven (kolom 9; zie ook Bijlage 3 voor meer details over de tekstsoort). In Tabel 3 had ik aangegeven dat er 53 vertalingen van Willemsen in tijdschriften zijn uitgegeven. Dat betekent dat hij slechts de helft van deze vertalingen in tijdschriften van een paratekst voorzag terwijl hij haast nooit een vertaling in boekvorm liet verschijnen zonder een voor- of nawoord. In Bijlage 5 zijn de periodieken opgenomen waarin Willemsen over talloze literaire en niet-literaire onderwerpen schreef. Opvallend is de internationale reikwijdte van zijn bijdragen. Hij publiceerde zowel in Nederland en Vlaanderen als in Portugal (*Persona*). In Nederland publiceerde hij het vaakst in *Het Parool*, *Maatstaf*, *Literair Paspoort* en *NRC Handelsblad*, met respectievelijk 22, 18, 12 en 7 bijdragen.

Voor *Het Parool* schreef Willemsen in de periode van 28 augustus 1991 tot 22 januari 1992 wekelijks een column. In het *Maatstaf* publiceerde hij van 1977 tot 1992 gemiddeld één keer per jaar. In deze periode verscheen het tijdschrift bij de uitgeverij De Arbeiderspers. Dit tijdschrift vormde een belangrijk podium voor Willemsen om onbekende auteurs te introduceren en voor de voorpublicatie van de vertalingen van niet alleen de schrijvers die bij De Arbeiderspers verschenen, zoals Pessoa en Drummond de Andrade, maar ook de schrijvers die voornamelijk bij Meulenhoff verschenen, te weten Trevisan en Guimarães Rosa. Daaruit blijkt ook de goede relatie die Willemsen met beide uitgeverijen onderhield. Dat Willemsen veel voor *Literair Paspoort* schreef, is niet moeilijk te verklaren. Hij was van 1979 tot 1981 redacteur van dat tijdschrift.

In de tijdschriften verschenen daarnaast 2 teksten van lezingen en 2 dankwoorden (kolom 10, Tabel 10) die samen met de 68 interviews die Willemsen gaf (kolom 11, Tabel 10)

meegeteld zijn in Bijlage 6. Het eerste interview is van 1981 en het laatste van april 2007, een half jaar voor zijn dood. De interviews met Willemsen zijn verschenen in talloze literaire en niet-literaire dag-, week- en maandbladen in Brazilië (*Jornal do Brasil*), Curaçao (*Ñapa*), België (*Heibel*, *Poëziekrant*, *De Morgen*, *Humo*, *Gazet van Antwerpen*, enzovoorts) en Nederland. Uit Tabel 10 blijkt verder dat Willemsen in drie verschillende jaren geen enkel werk van eigen hand publiceerde, namelijk in 1971, 1973 en 1976. Verder is te constateren dat hij al origineel werk publiceerde voordat hij in 1985 als schrijver van boeken debuteerde.

In Tabel 12 heb ik de primaire teksten van Willemsen in drie groepen verdeeld: boeken, overige artikelen (essayistische teksten in bloemlezingen en periodieken plus de dankwoorden en teksten van lezingen) en interviews. Zijn productie van eigen werk vertoont een vergelijkbare stijgende lijn als die van zijn vertaalproductie (vgl. Tabel 2). Zo heeft Willemsen in de eerste tien jaar bijna 3 werken per jaar gepubliceerd en daarna verdubbelt dat gemiddelde in de jaren tachtig. In de jaren negentig stijgt het tot 8 publicaties per jaar. En in de laatste acht jaar van zijn leven, van 2000 tot 2007, publiceerde Willemsen jaarlijks 8,6 originele werken.

Tabela 12: Publicaties eigen werk August Willemsen

periode	boek	artikel	TOTAAL 1	interview	TOTAAL 2
1970-1979	0	27 (2,7)	27 (2,7)	0	27 (2,7)
1980-1989	4	57 (5,7)	61 (6,1)	21 (2,1)	82 (8,2)
1990-1999	7	73 (7,3)	80 (8,0)	38 (3,8)	118 (11,8)
2000-2007	4	65 (8,1)	69 (8,6)	9 (1,1)	78 (9,8)
38 anos	15	222 (5,8)	237 (6,2)	68 (1,8)	305 (8,0)

Gemiddeld aantal publicaties per jaar tussen ronde haakjes

3.2.3. August Willemsen als criticus

Alle boekbesprekingen van August Willemsen verschenen bij *Literair Paspoort*, zoals aangegeven in Tabel 13. In twee recensies bespreekt hij drie Portugeestalige boeken: één titel van de Portugese schrijver Dinis Machado en twee titels van de Braziliaanse auteur Dalton Trevisan.

Tabel 13: Boekbesprekingen van August Willemsen

boektitel	auteur	titel boekbespreking	waar	plaats in bijlage 3 ⁷⁷
<i>O que diz Molero</i> (Wat zegt Molero)	Dinis Machado	Signalement over Dinis Machado	<i>Literair Paspoort</i>	1978g
<i>Abismo de rosas</i> (Rozenafgrond)	Dalton Trevisan	Signalement over Dalton Trevisan	<i>Literair Paspoort</i>	1979b
<i>A trombeta do anjo vingador</i> (De bazuin van de engel der wrake)	Dalton Trevisan	Signalement over Dalton Trevisan	<i>Literair Paspoort</i>	1979b

⁷⁷ Complete gegevens zijn te vinden in Bijlage 3.

Wat vertaalkritiek betreft, heeft Willemsen in de periode tussen 1977 en 1991 negen maal gepubliceerd in diverse periodieken (zie Tabel 14). De overige acht recensies zijn gebundeld in zijn essaybundel *Het hoge woord* (W1994a). In totaal heeft hij 16 vertalingen besproken van 14 schrijvers en 14 vertalers. Tabel 14 wijst verder aan dat Willemsen recensies schreef niet alleen van vertalingen uit het Portugees naar het Nederlands maar ook vertalingen uit het Spaans naar het Nederlands en vertalingen uit het Portugees naar het Engels. In totaal, de brontaal van 13 door Willemsen besproken vertalingen is het Portugees en die van 2, het Spaans. Wat de doeltaal betreft besprak hij 14 boeken die in het Nederlands zijn vertaald en 1 boek dat in het Engels is vertaald.

Tabel 14: Vertaalkritiek door August Willemsen

auteur werktitel	vertaler BT>DT	titel vertaalkritiek	waar	plaats in bijlage 3 ⁷⁸
Fernando Pessoa <i>*Selected Poems</i>	Edwin Honig PT-PT>EN	Fernando Pessoa als Amerikaans heteroniem	<i>Literair Paspoort</i>	1978f
Jorge Amado <i>Cacaoplantage</i>	Bertus Dijk PT-BR>NL	Signalement over Jorge Amado	<i>Literair Paspoort</i>	1979e
Pablo Neruda <i>De afgescheiden roos</i>	Barber van de Pol ES>NL	Eentonig is mijn zang: Neruda, soorten poëzie, manieren van vertalen	<i>NRC Handelsblad</i> <i>De taal als bril</i>	1981c
Fernando Pessoa <i>*Selected Poems</i>	Edwin Honig PT-PT>EN	Fernando Pessoa as American heteronym	<i>Persona</i>	1981i
**Herman van den Bergh <i>Verzamelde Gedichten</i>	(Herman van den Bergh)	Herman van den Bergh: waar háált hij het vandaan: dossier van een literaire kleptomaan heropend	<i>Maatstaf</i> <i>De taal als bril</i>	1982d
Jorge Amado <i>Tereza Batista, de hoer van Bahia</i>	R.K. van Spengen PT-BR>NL	Signalement over Jorge Amado	<i>Literair Paspoort</i>	1982e
Graciliano Ramos <i>Vlucht voor de droogte</i>	Cecilia Correia Castilho PT-BR>NL	Graciliano Ramos: <i>Vlucht voor de droogte</i>	<i>Literair Paspoort</i>	1982m
**Herman van den Bergh <i>Verzamelde Gedichten</i>	(Herman van den Bergh)	Opnieuw Herman van den Bergh: het plagiaat compleet?	<i>Maatstaf</i> <i>De taal als bril</i>	1986b
Almeida Faria <i>Passie</i>	Piet Jansen PT-PT>NL	Misschien herijst de mens op zaterdag	<i>NRC Handelsblad</i>	1991p
José Saramago <i>Memoriaal van het klooster</i>	Harrie Lemmens PT-PT>NL	Een knarsend meesterwerk	<i>Het hoge woord</i>	1994a
João Ubaldo Ribeiro <i>Brazilië, Brazilië</i>	Harrie Lemmens PT-BR>NL	Wild en verward dromen	<i>Het hoge woord</i>	1994a
Lidia Jorge <i>De kust van het gemurmel</i>	Maartje de Kort en Elly de Vries; PT-PT>NL	Vernuftig verzinsel I	<i>Het hoge woord</i>	1994a
José Cardoso Pires <i>Ballade van het Hondenstrand</i>	Catherine Barel PT-PT>NL	Vernuftig verzinsel II	<i>Het hoge woord</i>	1994a
Rubem Fonseca <i>De pad & de geleerde</i>	Ruud Ploegmakers PT-BR>NL	Olympische wreedheid	<i>Het hoge woord</i>	1994a
Rubem Fonseca <i>Grote kunst</i>	Hermien Gaikhorst PT-BR>NL	Olympische wreedheid	<i>Het hoge woord</i>	1994a
Homero Aridjis <i>Juan Cabezón in de Nieuwe Wereld</i>	Aline Glastra van Loon ES>NL	Bladzijden bloed	<i>Het hoge woord</i>	1994a
Fernão Mendes Pinto <i>Pelgrimreis</i>	Arie Pos PT-PT>NL	Een imponerende arme stakker	<i>Het hoge woord</i>	1994a
Mário de Sá-Carneiro <i>De bekentenis van Lúcio</i>	Harrie Lemmens PT-PT>NL	Paarse passie	<i>Het hoge woord</i>	1994a
14 schrijvers 16 boeken	14 vertalers BT: 13 PT, 2 ES DT: 14 NL, 1 EN	16 titels		

(*) Het gaat om hetzelfde werk. Het artikel is in het Portugese tijdschrift in Engelse vertaling verschenen.

(**) Herman van den Bergh en zijn werk *Verzamelde gedichten* worden niet meegeteld want deze zijn hier besproken als een geval van plagiaator-plagiaat en niet vertaler-vertaling.

⁷⁸ Complete gegevens zijn te vinden in Bijlage 3.

In deze scriptie zal ik niet diep ingaan op de vertaalkritieken als zodanig. Ik geef hier slechts aan dat Willemsens vertaalkritieken in twee groepen zijn te verdelen. Bij de eerste groep horen de kritieken tot en met 1991 waarin de vertalingen worden besproken en beoordeeld op hun kwaliteit als vertaling en bij de tweede bevinden zich de kritieken die in *Het hoge woord* zijn opgenomen. Hierin worden de vertalingen beoordeeld als werken van de originele auteurs en wordt er bijna niets gezegd over de kwaliteit van de vertaling. De enige opmerking gaat over de vertaling van de titel van Homero Aridjis' boek (W1994a: 92). Het zou interessant zijn om nader onderzoek te verrichten naar de redenen voor dit grote verschil tussen de eerdere en latere vertaalkritieken van Willemsen.

3.2.4. Nevenactiviteiten van August Willemsen

Naast docent, literator, vertaler, bloemlezer, essayist en schrijver was Willemsen van 1979 tot 1981 redacteur van *Literair Paspoort*, van 1984 tot 1989 jurylid van het Martinus Nijhoff Prijs⁷⁹ en van augustus 1991 tot januari 1992 Parool-columnist. Tevens was hij filmmaker en acteur. In dit onderzoek beperk ik me tot het noemen van de drie belangrijkste werken op dit gebied: *De heteroniemen van Fernando Pessoa* (1982), *De zoete vijandin* (1992) en *Diepe wildernis* (2000).

Het eerste werk, *De heteroniemen van Fernando Pessoa*, is een televisieprogramma gemaakt voor *Beeldspraak* dat op 5 januari 1982 werd uitgezonden op Nederland 1. In dit project is Willemsen naast filmmaker (samen met Kees Hin en K. Schippers) tevens acteur. *De zoete vijandin* (1992) is een toneelvoorstelling van het theatergezelschap Orkater, waarvoor Willemsen zelf de verhalen van Dalton Trevisan voor toneel bewerkte. Bij deze gelegenheid trad Willemsen ook op als gastacteur. Het laatste project *Diepe wildernis* is een muziektheatervoorstelling waarin een verhaal gebaseerd op een roman van Guimarães Rosa wordt verteld met muziek en tekstfragmenten. Willemsen heeft de teksten uitgezocht en voorgedragen in de voorstellingen die in januari 2000 plaatsvonden. Hier mag ook niet onvermeld blijven dat Willemsen een welkome gast was bij Poetry International waarvoor hij niet alleen vertaalde, maar ook zijn vertalingen voordroeg.

⁷⁹

<http://www.letterkundigmuseum.nl/Literaircentrum/Literaireprijzen/tabid/99/WriterId/1136/WriterName/August%20Willemsen/Mode/DetailsWriter/Default.aspx>

3.3. *Relatie tussen Willemsens vertalingen en eigen werk*

Willemsen begon zijn professionele carrière als vertaler in 1970. Een jaar later kwam daar een academische baan als wetenschappelijk medewerker bij en in 1985 zijn schrijverschap. Zijn baan aan de Universiteit van Amsterdam verliet hij in 1988 terwijl hij bleef vertalen en schrijven tot aan het einde van zijn leven. Wat Willemsens loopbaan betreft, zijn er dus drie fasen te onderscheiden: (1) de periode tussen 1971 en 1985 waarin hij het vertalen combineerde met een vaste baan; (2) de korte periode van 1985 tot 1988 waarin hij drie verschillende werkzaamheden had, namelijk het docentschap, schrijverschap en vertaalwerk en (3) van 1988 tot 2007 een periode waarin hij zich uitsluitend kon wijden aan het schrijven en vertalen. In werkelijkheid gaat het echter om twee fasen, zoals hierboven al ter sprake kwam: de periode vóór 1988 en de periode na 1988. Dat komt omdat hij vanaf het begin al schreef, ook toen hij nog slechts als vertaler bekend was. De vertalingen waren geen eigen werk, maar Willemsen heeft ze altijd vergezeld doen gaan van essays en toelichtingen die wel degelijk eigen werk zijn. De verdeling in drie fasen is nuttig om het verschil duidelijk te maken tussen de publicaties van origineel werk in boekvorm en die in de periodieke pers. Daarnaast stelt deze in staat om het jaar 1985 van zijn officiële glansrijke debuut als schrijver te belichten.

Over de eerste fase zei Willemsen (W1986e) eens dat hij ‘één baan en één verslaving’ had. Zo ervoer hij zijn vertaalwerk. En hoewel hij voor het vertalen zijn vrije tijd gebruikte, zag hij het werk aan de universiteit meer ‘als verlengstuk van het vertalen dan andersom’ (W1991z). De essayistische nawoorden en toelichtende parateksten beschouwde hij daarentegen ‘als een verlengstuk van [z]ijn werk op de universiteit’ (W1985c). De nawoorden zag hij als de gelegenheid om de lezer te laten delen in wat hij als wetenschappelijk medewerker deed.

Door het succes van de *Braziliaanse brieven* in 1985, het begin van de tweede fase, werd hij steeds meer gevraagd om eigen werk te publiceren. Zijn vrije tijd kon hij daardoor niet meer exclusief aan vertalen besteden en daar had hij blijkbaar last van (W1987d): ‘Het leidt teveel af van dat wat ik doen moet: de grote schrijvers vertalen.’ Willemsen (W1986e): ‘Ik vind die schrijvers die ik vertaal belangrijker dan mezelf. Strikt genomen is een vertaald boek geen eigen werk maar het verschil tussen die publikaties en *Braziliaanse brieven* is voor mijn gevoel klein. Vergelijk het met eigen kinderen en een stiefkind. Stiefouders gaan op den duur evenveel van zo’n kind houden als van hun eigen kind.’ Willemsen (W1988b) beschouwde zichzelf niet als schrijver: ‘Ik verzin geen romans, verhalen of gedichten.’ Maar

hij beseftte ook wel dat hij het blijkbaar kon en wilde het dus blijven doen naast zijn vertaalwerk. Hij heeft dan ook nooit overwogen om met vertalen te stoppen vanwege het toenemende beroep op hem als schrijver. In de derde fase van zijn carrière combineerde hij het schrijven met het vertalen.

Over het verschil tussen vertalen en zelf schrijven zei Willemsen (W1991γ): ‘In [...] *Procura da poesia* [*Het zoeken naar de poëzie*], zegt [Drummond de Andrade] dat dichten een vorm van omgaan met woorden is. Dat moet je heel tactvol doen, je moet de woorden niet dwingen, je moet geduld hebben en ze dan zorgvuldig op de plaats laten vallen waar ze horen. / Voor de vertaler geldt dit in misschien nog sterkere mate, omdat de vertaler aan de woorden van de dichter gebonden is. Die moet weliswaar voor de gedachten zorgen en deze verwoorden, maar de vertaler, die de gedachten aangeboden krijgt, is gebonden aan de wijze waarop deze gedachten verwoord zijn. Dat is een andere moeilijkheid. Vertalen is niet moeilijker dan schrijven, het is anders.’

Over de invloed van zijn vertaalwerk op zijn schrijverschap beweerde Willemsen (1986j: 170): ‘Nee, ik geloof eigenlijk niet dat mijn vertaalwerk invloed heeft op mijn eigen schrijverij. Maar ja, ik vertaal gedichten, verhalen en romans, en zelf schrijf ik geen gedichten, verhalen en romans. In mijn brieven zou ik die invloed niet kunnen aanwijzen.’

En andersom? Over de invloed van zijn manier van schrijven op zijn vertalingen werd Willemsen (AW; W1986j: 163-164) geconfronteerd door T. van Deel (TvD) in hun gesprek uit 1986, dat opgenomen staat in *Het hoge woord* (W1994a). Ik citeer het betreffende fragment uit hun gesprek:

- TvD: Zijn je vertaalcapaciteiten niet ook bepaald door, wat ik zou willen noemen, een soort persoonlijk vocabulaire, alleen voor jou?
- AW: Niet in die zin dat ik in zo'n geval *altijd* ‘onthutsend’ zou gebruiken en niet ook ‘verbluffend’. Maar het is waar dat in feite iedereen die spreekt en schrijft, een persoonlijk vocabulaire heeft. Alleen, de vertaler moet ernaar streven dat juist zo min mogelijk te hebben.
- TvD: Dat lijkt me een hele toer. Want als ik Machado lees, dat moet je me niet kwalijk nemen, en ik lees je *Braziliaanse brieven*, dan snap ik heel goed dat jij de vertaler bent van dit boek.
- AW: Jammer. Mag niet. In principe niet.
- TvD: Mag niet hè? Geloof je het zelf?
- AW: Ik weet niet. Ik zou niet weten of mijn vertalingen te herkennen zijn als typische Willemsen-vertalingen. Ik heb dat nooit iemand horen zeggen. En kijk, het is óók zo dat er bij Machado sprake is van een affiniteit die van tevoren al maakte dat ik me bij hem in zijn taal, zijn eigen taal, op mijn gemak voelde. Ik herinner me heel goed, toen ik hem voor het eerst las, in 1967, dat ik dacht: ach, zo had ik nou al die tijd eigenlijk al willen schrijven.

Of er zoiets als ‘typische Willemsen-vertalingen’ bestaan, moet nog nader onderzocht worden. Wat mij betreft, is de vergelijking met Machado de Assis in dit geval niet de meest vanzelfsprekende, juist omdat, zoals Willemsen vaststelt, de invloed van deze schrijver op zijn schrijverschap zo groot is geweest. Willemsen heeft er nooit een geheim van gemaakt. Een vergelijking met Machado de Assis snijdt meer hout in een onderzoek over de invloeden op Willemsens schrijverschap, waarbij de invloed van onder anderen Gide en Léautaud ook niet vergeten mag worden.

Maar als het om een onderzoek over al dan niet bestaan van ‘typische Willemsen-vertalingen’ gaat, is het misschien een goed idee om de stijlen van de verschillende heteroniemen van Fernando Pessoa te vergelijken. Willemsen (W2000h): ‘Pessoa schreef onder verschillende namen, die hij heteroniemen noemde. Een pseudoniem is een andere naam voor het eigen ik, een heteroniem is een eigen naam voor een ander ik, een alter ego dus. Bij Pessoa werden die andere ikken schrijvers met ieder een eigen levensvisie en literaire stijl, het waren als het ware dramatische personen zonder toneelstuk.’ Het lijkt me onwaarschijnlijk dat alle heteroniemen in het Nederlands dezelfde stijl, de stijl van Willemsen, zouden vertonen. Willemsen was vanaf zijn eerste vertaling al zeer gevoelig voor en zich bewust van de stijlverschillen tussen de diverse auteurs. Ook moet de vertaler, volgens hem, een ‘vertalersmentaliteit’ hebben, ‘een soort bescheidenheid om de schrijver te volgen’: ‘Het eist van hem, in zijn hoedanigheid van vertaler, smaakloosheid, stijlloosheid, karakterloosheid, afwezigheid, onzichtbaarheid’ (W2006d). Veelzeggend is ook wat Willemsen (W1996d) zegt over Dalton Trevisan en Graciliano Ramos, beiden ‘magere prozaschrijvers’, namelijk schrijvers die zuinig zijn met woorden: ‘Trevisan was vroeger op een bijna pathologische manier bezig woorden te schrappen, consequent bij iedere herdruk van zijn boeken werd het aantal woorden met een kwart teruggebracht. Toch zijn zowel Ramos als Trevisan verschillend genoeg in hun stijl om na vertaling niet op elkaar te gaan lijken.’ Maar om dit zeker te weten, is een vervolgonderzoek nogmaals zeer op zijn plaats.

3.4. Samenvatting van dit hoofdstuk

In dit hoofdstuk heb ik ten eerste een korte beschrijving van het leven van August Willemsen gegeven, voornamelijk aan de hand van wat hij er zelf over schreef. Vervolgens heb ik een poging gedaan om zijn werk in kaart te brengen. Daarvoor heb ik de onderstaande vragen als leidraad gehanteerd:

- Wanneer begon August Willemsen te vertalen? In welke periode was hij actief als vertaler? Waar en voor wie (welke uitgeverij) heeft hij vertaald? Welke schrijvers heeft hij bij de Nederlandstalige lezers geïntroduceerd? Wat heeft hij vertaald? Uit welke talen? Heeft hij in andere talen dan het Nederlands vertaald?
- Wanneer begon hij te schrijven? Wat schreef hij?
- Wat is de relatie tussen zijn vertalingen en zijn eigen werk?
- Denkt Willemsen dat er zoiets bestaat als ‘typische Willemsen-vertalingen’?

De antwoorden op deze vragen zijn weergegeven in verschillende Tabellen (van 1 tot 14) en Bijlagen (van 1 tot 6). In Bijlagen 1 en 2 zijn alle vertalingen van August Willemsen van 1970 tot 2010 opgenomen en in Bijlage 3 zowel zijn eigen werk als de door hem gegeven interviews. Bijlage 4 geeft een overzicht van de door Willemsen vertaalde auteurs. Bij elke auteur staan ook zijn afkomst en het jaar van alle verschenen publicaties vermeld. Willemsens bijdragen aan de periodieke pers zijn opgenomen in Bijlage 5 en de interviews (plus zijn dankwoorden en teksten van lezingen) in Bijlage 6.

Uit de hierboven gepresenteerde gegevens blijkt dat Willemsens loopbaan in drie fasen te onderscheiden zijn: (1) de periode tussen 1971 en 1985 waarin hij het vertalen combineerde met een vaste baan; (2) de korte periode van 1985 tot 1988, waarin hij drie verschillende werkzaamheden had, namelijk docentschap, schrijverschap en vertaalwerk en (3) van 1988 tot 2007 een periode waarin hij zich uitsluitend aan het schrijven en vertalen heeft gewijd.

Vervolgens komt het beeld naar voren van een getalenteerde, gepassioneerde, erudiete, consciëntieuze, sobere, oprechte, eigenwijze en trotse, maar ook emotionele, bescheiden en warme man, die een grote belangstelling voor talen had en er haast zijn hele leven met veel liefde aan wijdde. Zijn waardering voor een aantal belangrijke Braziliaanse schrijvers en de drang om uniek te zijn, waren bepalend voor zijn professionele carrière, in die zin dat het vertaalwerk altijd in het middelpunt stond, zelfs nadat hij als schrijver veel succes had geboekt. Hij wist dat hij ook kon schrijven, maar vond zichzelf bovenal een vertaler.

4. BESCHRIJVING VAN DE EXTERNE VERTAALPOËTICA VAN AUGUST WILLEMSSEN

In dit hoofdstuk wordt een antwoord gegeven op de kernvraag over de vertaalpoëtica van August Willemsen: hoe heeft August Willemsen zich uitgelaten over vertalen? Zoals reeds vermeld, gelooft Munday (2001: 152) dat vertalersopvattingen zicht zouden kunnen geven op de werkpraktijk van vertalers of althans zouden kunnen onthullen wat ze denken te moeten doen. Het is vanuit dit perspectief dat ik de primaire teksten van Willemsen uit Bijlage 3 heb verkend. De teksten werden chronologisch benaderd om te kunnen traceren welke vertaalontwikkeling Willemsen doormaakte. Daarbij heb ik vooral gekeken naar de veranderingen die zich voordeden in zijn manier van denken en doen met betrekking tot vertalen. Verder heb ik gelet op thema's die een dichotomie of conflict inhouden alsook op het vertalen van poëzie. Omdat Willemsen zich in essays, interviews, etc. zeer vaak uitliet over zijn eigen vertalingen en over vertalen in het algemeen, zal ik me hier slechts beperken tot een aantal aspecten die mij het meest kenmerkend lijken voor Willemsens vertaalopvatting. Hij vertoonde overigens een zeer praktische inslag: 'Ik ben een man van de praktijk, ik weet niets van literaire theorie of (ver)taalwetenschap. Dat ligt mij niet, heel eenvoudig. Bij dat soort publikaties val ik in slaap' (W1988b). Ik weet niet of ik deze uitspraak als oprechte bescheidenheid of als een minachtende opmerking tegenover de twee genoemde wetenschappen moet opvatten, maar hieraan is goed te zien dat wat ik vervolgens beschreven heb vertaalopvattingen zijn van iemand uit de professionele hoek en niet van een vertaalwetenschapper.

4.1. *Loyaliteit aan twee meesters*

[...] bij elke vertaling uit een literatuur die tot een wezenlijk ander cultuurpatroon behoort spitst zich het dilemma toe dat W. C. Atkinson zo bondig heeft geformuleerd in het voorwoord tot zijn vertaling van Camões' *Lusiadas*: 'Loyalty to one's author is one thing, loyalty to one's public is another.' Ik heb hier alleen even een individueel aspect van *deze* literatuur, de Portugese, toegelicht aan de hand van enkele extreme gevallen, en ik kan slechts hopen dat het me gelukt is beide 'loyalties' enigszins met elkaar te verzoenen. In twijfelgevallen heb ik het belang van de lezer laten prevaleren boven dat van de auteur.

(Willemsen 1970a: 10-11)

Dit citaat komt uit Willemsens inleiding tot zijn als eerste gepubliceerde vertaling *Meesters der Portugese vertelkunst* uit 1970. Niet alleen zijn dilemma als vertaler komt hier naar voren maar ook de positie die hij inneemt met betrekking tot dat dilemma. Hij zoekt een compromis tussen zijn loyaliteit aan de schrijver enerzijds en anderzijds aan de lezer. Waar dat compromis onmogelijk is, is de lezer voor hem belangrijker dan de schrijver. In dit vroege stadium van zijn carrière denkt hij dat ‘het leesbaar maken van het onleesbare tot de taken van de vertaler behoort’ (W1970a: 9). Daarbij ervaart hij een groot probleem bij het omzetten van bijvoorbeeld het aspect stijl van de Portugese schrijvers, die een andere mentaliteit hebben dan de Nederlandse. Ik citeer Willemsen (W1970a: 8):

De schrijver in Portugal verricht een voor anderen onbegrijpelijke bezigheid: ver van de wereld, in de afzondering van zijn studeervertrek, ingesneeuwd onder de boeken, zet hij zich aan zijn bureau – *en maakt literatuur*. Daarbij zal hij wel uitkijken dezelfde woorden te gebruiken als de gewone mensen, de niet-schrijvers. Hij gebruikt andere woorden, andere zinnen, metaforen, vaak ondoordringelijk voor de gewone mensen. Maar dat vinden dezen niet erg: daaraan kun je immers zien dat het een schrijver is! En hoe mooier, moeilijker woorden, des te groter schrijver. Het ontzag voor mensen die kunnen schrijven is groot, voor hen die boeken publiceren onbegrensd. De schrijver is een magiër, hij staat boven de mensen.

Deze ‘literatuurmakersmanie’ brengt problemen met zich mee bij het vertalen in het Nederlands, constateert Willemsen. Hij overweegt zelfs ‘de mogelijkheid om, als “traduttore” dan zo nodig een “traditore” moet zijn, het verhaal te vervalsen, niet naar de intentie maar naar de stijl’ (W1970a: 9). Zover lijkt hij echter niet gegaan te zijn, want hij verantwoordt zich aan de hand van een extreem geval, te weten het verhaal ‘Eén nacht, zo ooit (Uma noite e nunca)’ van Urbano Tavares Rodrigues: ‘En zo zult u dus niet “paraplu” lezen, zoals iedereen zegt, maar “zwarte paddenstoel van wanhoop”, zoals alleen de schrijver het zeggen kan. Niet “kerkhof” maar “necropolis” [en niet ‘necropolis (sic)], niet “hand in hand” maar “verenigd door het fluidum van hun nerveuze vingers”’ (W1970a: 9). Het is alsof zijn loyaliteit aan de schrijver het hier won van zijn loyaliteit aan de lezer, wat in strijd lijkt met zijn stelling dat hij ‘in twijfelgevallen het belang van de lezer [heeft] laten prevaleren boven dat van de auteur’. Wat hij zegt, is dus enigszins in tegenspraak met wat hij doet, maar ik denk dat Willemsen bij zijn eerste vertaling, de bundel *Meesters der Portugese vertelkunst*, weliswaar streefde naar een leesbare vertaling voor de lezer, maar dat hij daarbij wel de intentie en de stijl van de auteur wilde waarborgen.

In de navolgende periode, tot ongeveer 1976, zijn er niet veel relevante uitspraken van Willemsen over vertalen te vinden, ondanks het feit dat er toen wel een aantal vertalingen van hem zijn verschenen. In 1977 publiceerde hij een artikel in *Maatstaf* (W1977b) waar hij het wel over vertalen heeft. Hij biedt weerstand tegen het aantasten van de stijl en intentie van het origineel. In dit artikel licht Willemsen toe dat het aan hem te wijten is dat er geen Nederlandse vertaling bestaat van het boek van de ‘Drie Maria’s’. Het gaat om *As novas cartas portuguesas* [De nieuwe Portugese brieven] – geschreven door Maria Teresa Horta, Maria Velho da Costa en Maria Isabel Barreno en gepubliceerd in 1972 tegen het einde van de dictatuur in Portugal – dat toen reeds in het Frans, Duits en Engels was vertaald en dat men in het algemeen als een meesterwerk beschouwde. Willemsen was het daar, tenminste literair gezien, niet mee eens. Hij vond het een slecht geschreven boek en dat leidde er uiteindelijk toe dat zijn opdrachtgever afzag van de publicatie van een Nederlandse vertaling. Over de drie vertalingen zegt Willemsen (W1977b: 72) dat geen van deze ‘ook maar een vermoeden kan geven van de ultieme horreur die dit boek [...] in het Portugees is’. Over de Engelse vertaling in het bijzonder zegt Willemsen dat de Amerikaanse vertaalster, Helen R. Lane (1921-2004), ‘zich in vernuftige bochten had gewrongen om, waar in het Portugees klinkklare onzin staat, daaraan althans enige zin te geven’ (W1977b: 73). Met voorbeelden laat Willemsen onder meer de vele toevoegingen zien die zij gebruikte om haar interpretatieve, namelijk subjectieve, manier van vertalen te realiseren. Bovendien vergelijkt hij zijn eigen vertaling met die van de Amerikaanse vertaalster (W1977b: 73): ‘Ook mijn vertaling is niet letterlijk, kan dat niet zijn, maar ik beschouw de kwasi-poëtische a-syntactische hijgstijl zonder leestekens (associaties van de bevlogen literator!) als zo bedoeld, dus is het mijn taak te trachten die te handhaven’. Willemsen pleitte hier voor het respecteren en behouden van de intentie en de stijl van de auteur (W1977b: 73): ‘Waar onzin staat geef ik onzin weer – al wordt Helen Lane nog zo nadrukkelijk door Octavio Paz geprezen als “one of our major American translators”, en al noemt Gregory Rabassa “The Three Maria’s” een “new type of creation”’.

Willemsen (1978f: 35) uitte zich ook kritisch over de Amerikaanse vertalingen⁸⁰ van *As primeiras histórias* van de Braziliaanse schrijver João Guimarães Rosa, ‘die zich laten lezen als in “normaal” Engels, vlot geschreven verhalen (in strijd met Rosa’s onconventionele taaleigen)’. Over Grossman, de vertaler van een van deze vertalingen, zegt Willemsen (W1978f: 36):

⁸⁰ Namelijk de vertalingen van William L. Grossman (Grossman 1967) en Barbara Shelby (Shelby 1968). Willemsens vertaling *De derde oever van de rivier* is in 1977 verschenen bij uitgeverij Meulenhoff (zie Bijlagen 1 en 2).

Voeg bij dit verhaspelen van zinnen (waartoe zelden werkelijk reden is: het zogenaamd vrije vertalen is doorgaans excuus voor taalarmoede) het eigendunkelijk splitsen en samentrekken van hele alinea's, zijn gewoonte alles uit te leggen wat Rosa expres onduidelijk laat, zijn veronachtzaming van elk muzikaal effect, en we bereiken de paradox van de redelijk leesbare vertaling die regelrechte schrijversmoord is.

De taal van Guimarães Rosa, die wordt gekenmerkt door zijn taalkundige experimenten en het gebruik van zelfs officieel ongeoorloofde middelen en trucs, is moeilijk leesbaar zelfs en vooral voor de Braziliaanse lezer. De buitenlandse lezer die zijn werk in vertaling leest, 'zal noodzakelijkerwijs een tekst onder ogen krijgen die afgezwakt is en gefilterd, door de vertaler aangepast aan de in de ontvangende taal bestaande patronen' (Paulo Rónai, geciteerd in Willemsen 1977d: 180). Willemsen (W1977d: 180) is het met Rónai eens: 'de meest "gewrongen" aandoende vertaling is dat [sic] altijd nog minder dan de oorspronkelijke tekst'. Hijzelf streefde, in tegenstelling tot de vlot geschreven en leesbare verhalen van de Amerikaanse vertalingen, naar een vertaling die de taaleigenaardigheden van Rosa waar mogelijk benaderde.

De moeilijkheid van Guimarães Rosa, die vaak schuilt in het dubbelzinnige, vage, raadselachtige en het onduidelijke der contouren, is opzettelijk, en een rechtstreeks gevolg van Rosa's levensgevoel: voor hem is immers elk moment in het leven, ook het meest triviale, van onoverzienbare ingewikkeldheid. Daarom moet de criticus voorzichtig zijn met duiden, en moet de vertaler vooral niet kiezen. Alle twijfel is voor de lezer. (W1977d: 180)

Later vertelde Willemsen in een interview voor het dagblad *Jornal do Brasil* (Branco 1981, W1981a) opnieuw over zijn uitgangspunt bij het vertalen:

Bij het vertalen is Willemsens uitgangspunt: 'zo dicht mogelijk bij het origineel blijven'. In de praktijk, zegt hij, betekent dat het verzoenen van drie soort loyaliteiten: loyaliteit aan de letterlijke betekenis van de zin, loyaliteit aan de ritme of muziek van de tekst, loyaliteit aan degene die de tekst vertaald moet lezen. En wanneer dat niet kan, 'prioriteit geven aan een van de drie'. [...] De derde loyaliteit dwingt Willemsen de lezer een tekst in goed Nederlands te presenteren. Maar de grootste loyaliteit die hij voor zijn vertaalde auteurs voelt heeft hem kritiek opgeleverd: 'men heeft mij ervan beschuldigd onmogelijke constructies in het Nederlands te gebruiken, maar ik heb het gedaan alleen omdat Trevisan de syntactische regels ook heeft overtreden'. Ook Rosas experimenten hebben een aantal critici geïrriteerd. 'Ik begrijp niet waarom. Taalexperimenten werden hier al uitgevoerd, in de jaren 50, voornamelijk in poëzie; en af en toe doet iemand nog een poging. Maar in feite is het een gratuite

oefening, het heeft niet de grootschaligheid van wat Guimarães Rosa deed, voor wie het experimenteren gevolg was van een visie op de wereld.⁸¹

Wat Willemsens manier van vertalen betreft, wordt in dit citaat de verschuiving in de richting van de schrijver duidelijk. De lezer is nog steeds belangrijk voor hem, maar nog belangrijker is nu de schrijver. Zo vindt Willemsen ook dat de dichter Pablo Neruda tekort is gedaan in de Nederlandse vertaling van *De afgescheiden roos*⁸² omdat de toon van de originele gedichten niet tot uiting komt door een excessief gebruik van termen die niet strookten met de oorspronkelijke toon van de gedichten. Willemsen (W1981c) geeft er voorbeelden van en vraagt zich af:

Ernstig, deze dingen? Misschien niet voor de lezer van het Nederlands alleen. Maar dat is juist de ellende van de vertaler: hij moet zich splijten in twee loyaliteiten, die jegens zijn lezer en die jegens zijn schrijver. De lezer komt in dit geval niet te kort; Neruda wel. De vertaler is er niet om een eigen verhaaltje te maken, het origineel met eigen woorden weer te geven. En al mag dan sinds Homerus de schrijver af en toe dommelen, mij komen deze smetten iets vaker dan slechts “af en toe”, d.w.z. te vaak voor. Dat is jammer, want het lijken me ook onnodige smetten op een vertaling die poëtische zeggingskracht heeft.

Het is duidelijk dat Willemsen op dit moment meer rekening houdt met de schrijver dan aanvankelijk in de tijd van zijn eerste vertaling.

Maar wanneer deed deze verschuiving zich voor? Sinds zijn eerste vertaling, tot aan dit interview uit 1981, is meer dan tien jaar verstreken en in die tijd publiceerde Willemsen veel vertalingen, waaronder acht in boekvorm, namelijk twee non-fictiewerken van José Rentes de Carvalho (1972, 1975), twee verhalenbundels van Dalton Trevisan (1975, 1977), een verhalenbundel van João Guimarães Rosa (1977), een dichtbundel en een prozavertaling van Fernando Pessoa (1978, 1980) en een dichtbundel van Carlos Drummond de Andrade (1980) (voor de vertalingen in tijdschriften zie Bijlage 1). Is er dan een moment geweest waarop Willemsen zijn manier van vertalen veranderde? Het antwoord op deze vraag is te

⁸¹ Mijn vertaling van: 'Na hora de traduzir uma obra, Willemsen adota um princípio básico: "ficar o mais próximo possível do original". Na prática, diz ele, isto significa conciliar três espécies de lealdade: lealdade ao sentido literal da frase, lealdade ao ritmo ou música do texto, lealdade a quem o deve ler traduzido. E quando isso não é possível, "deve dar prioridade a uma das três"./ [...] A lealdade número três obriga Willemsen a apresentar ao leitor um texto em bom holandês. Mas a maior lealdade que dedica aos autores que traduz já lhe valeu ataques da crítica: "Acusaram-me de usar construções impossíveis em holandês, mas eu só o fiz porque Trevisan também violou as regras da sintaxe". As experimentações de Rosa também irritaram alguns críticos. "Não entendo por quê. Experiências com a língua, já foram praticadas aqui, nos anos 50, sobretudo em poesia; e de vez em quando alguém ainda faz uma tentativa. Mas, de fato, não se trata de uma tendência importante na literatura holandesa. A meu ver, aqui essa prática é um exercício gratuito, não tem a envergadura do que fez Guimarães Rosa, para quem experimentar era consequência de uma visão de mundo".

⁸² Pablo Neruda: *De afgescheiden roos*. Keuze en vertaling van Barber van de Pol. Amsterdam: De Arbeiderspers, 1981.

vinden in zijn essaybundel *Het hoge woord* (W1994a), waarin het reeds genoemde gesprek met T. van Deel uit 1986 is opgenomen. Willemsen (W1986j: 169):

Ik denk dat ik vanaf ongeveer 1978, zo met de publikaties van Pessoa, ben gaan werken zoals ik nog steeds werk. Ik geloof niet dat mijn manier van vertalen sindsdien wezenlijk veranderd is.

Daarnaast ziet Willemsen (W1986j: 169) dingen in zijn eerste vertaling, de *Meesters der Portugese vertelkunst*, die hij nu anders zou doen: 'Ik heb daar meer vrijheden genomen dan ik nu neem'. Hij vindt dat zijn vertalingen van Trevisan beter zijn dan die van de *Meesters* maar hij kan zich ook in die vertalingen niet helemaal meer vinden. In 1978 verschenen er twee publicaties van Pessoa: één prozavertaling in het tijdschrift *Maatstaf* en één poëzievertaling in boekvorm, te weten de *Gedichten*. Willemsen publiceerde echter al in 1977 gedichten en prozawerk van Pessoa in tijdschriften (zie Bijlage 1). De wijziging van zijn opvattingen heeft dus waarschijnlijk vanaf die tijd plaatsgevonden. Vanaf deze eerste publicaties van Pessoa in 1977-1978 ging Willemsen meer rekening houden met de auteur en minder vrijheden nemen bij het vertalen.

In dit gesprek werd Willemsen (W1986j: 159) ook gevraagd hoe hij zijn eigen vertaalresultaat beoordeelde:

Ik beoordeel dat uit hoofde van de toon en de trant en de persoonlijkheid die het origineel heeft. Daarom wil ik dat ook eerst gelezen hebben. Als een krant een meneer is, dan is een boek een mens. Met zijn eigen toon, spreektrant, woordkeus, zinsmelodie. Die probeer ik te behouden in vertaling. Dat begint bij de kleine elementen, de woorden: nee, dit is een woord dat hij nooit gebruikt zou hebben. Dan het grotere element, de zin: dit is een constructie die hij nooit gebruikt zou hebben. De alinea heeft een adem, een ritme, die de adem en het ritme van het origineel moeten zijn, net als de hoofdstukken, als het boek hoofdstukken heeft, en zo ten slotte het hele boek.

Vervolgens komt zijn vertaaldilemma ook hier naar voren: 'Wat ik nog steeds nastreef, en daarin ben ik niet de enige, komt neer op een compromis tussen wat je verschuldigd bent aan de schrijver en wat je verschuldigd bent aan de lezer' (W1986j: 166).

Uit nader onderzoek naar Willemsens primaire teksten blijkt dat dit concept van de twee loyaliteiten als een rode draad door zijn gehele vertaaloeuvre loopt. Hij had altijd enerzijds de auteur en anderzijds de lezer in het vizier en zijn voornaamste streven was om een balans te vinden tussen zijn loyaliteit aan deze twee 'meesters', zoals hij de auteur en de lezer later eens zal noemen:

Een vertaler moet een evenwicht zien te vinden tussen zijn loyaliteit aan de auteur en zijn loyaliteit aan het publiek. Dat was een groot dilemma bij het vertalen van *Diepe Wildernis: De wegen*. Rosa doet heel gekke dingen en die heb ik niet allemaal kunnen vertalen omdat ik ook rekening moet houden met het publiek. Je legt als vertaler verantwoording af aan twee meesters. (W1993h)

Het volgende citaat laat zien dat Willemsens uitgangspunt bij het vertalen nog steeds hetzelfde was in 2001: ‘Het is een van de vormen van het dilemma waarvoor de vertaler zich altijd geplaatst ziet: de afweging moeten maken tussen zijn loyaliteit aan de auteur en zijn loyaliteit aan de lezer’ (W2001g). De uitdrukking ‘een van de vormen’ suggereert dat dit vertaaldilemma pluriform is. Straks kom ik hier op terug, maar eerst vat ik de belangrijkste kenmerken samen van Willemsens vertaalopvattingen die tot dusver naar voren zijn gekomen.

‘Loyaliteit’ en ‘evenwicht’ blijken vanaf het begin de kernwoorden te zijn geweest, en ook tijdens Willemsens gehele vertaalcarrière: evenwicht tussen zijn loyaliteit aan de auteur en zijn loyaliteit aan de lezer. In de praktijk ging het hem om de afweging tussen deze twee loyaliteiten en gaf hij prioriteit aan een van de loyaliteiten wanneer verzoening niet mogelijk was. Aanvankelijk liet Willemsen zijn loyaliteit aan de lezer prevaleren en nam hij meer vrijheden bij het vertalen om leesbare teksten te produceren. Al gauw beseftte hij dat leesbare, vlot geschreven vertalingen niet altijd recht deden aan de oorspronkelijke auteur en langzaam is een verandering te bespeuren in zijn opvattingen over vertalen. Willemsen zelf ziet de publicaties van Pessoa in 1977-1978 als het keerpunt. Vanaf die tijd ging hij minder vrij vertalen en ‘zo dicht mogelijk bij het origineel blijven’ werd zijn uitgangspunt. Loyaliteit aan de auteur betekende loyaliteit aan verschillende eigenschappen van het origineel. De ene keer woog de ene eigenschap meer dan de andere: intentie en stijl van de auteur, toon van het werk, letterlijke betekenis van de zin, ritme of muziek van de tekst zijn de belangrijkste eigenschappen die hierboven ter sprake kwamen. Loyaliteit aan de lezer betekende eerst een ‘vlot’ geschreven vertaling en later een vertaling in ‘goed Nederlands’. Het accent schoof van ‘vlot’ naar ‘goed’.

Vervolgens ga ik bekijken hoe deze tendens naar het minder vrij vertalen zich ontwikkelde. Daarna ga ik in op Willemsens standpunt over de dichotomie ‘vrij’ versus ‘letterlijk’, omdat deze begrippen vaak voorkomen in zijn uitspraken.

4.2. *Respect voor het origineel en zijn auteur*

Na het gesprek met T. van Deel uit 1986 heeft Willemsen zich nog tweemaal uitgelaten over zijn vertaalontwikkeling in termen van ‘vrij’ of ‘letterlijk’. Ten eerste, in 1988, zegt hij (W1988b):

Vroeger vertaalde ik veel vrijer dan nu en trok ik een tekst veel meer naar mezelf toe. Ik houd nu meer rekening met de schrijver dan met de lezer, eerst was dat omgekeerd, in de trant van: *ik* zal de lezer eens een mooi verhaaltje voorschotelen – ik ben bescheidener geworden.

Daarna, in 2000, uit een interview van Truijens (2000; W2000f), blijkt dat Willemsens vertaalopvatting in de richting van de letterlijkheid is verschoven:

In het eeuwige dilemma van de vertaler – moet je letterlijk vertalen of meer ‘in de geest van de schrijver’ – is Willemsen de laatste jaren meer naar letterlijkheid geschoven [sic]. ‘Karel van het Reve stelde het eenvoudig. Hij zei: je moet gewoon vertalen wat er staat. Maar daarmee verschuif je het probleem: want wat staat er? Er zijn zinnen die je met het woordenboek in de hand kunt vertalen. Pas als dat niet lukt, moet je vragen wat de schrijver bedoelt. Maar de geest van de schrijver staat er ook alleen in woorden.’

Ik ken het woord ‘geest’ (*spirit*) als ‘creative energy of a text or language’ (Munday 2001: 24), maar hier wordt het in de eerste zin gehanteerd als de tegenpool van ‘letterlijk’, dus ‘vrij’ (maar wel in de trant van de schrijver), en als de ‘bedoeling’ van de schrijver, volgens Willemsen, in de laatste zin. Ik denk dat de interviewer (Truijens) wilde zeggen dat Willemsen meer naar de pool van letterlijkheid is geschoven en zich verder verwijderde van een vrije manier van vertalen, waarbij minder rekening wordt gehouden met de bewoording van het origineel, maar de geest, de bedoeling, van de schrijver wel wordt gerespecteerd. Hoe dan ook, gebaseerd op deze twee citaten trek ik voorzichtig de voorlopige conclusie dat Willemsens manier van vertalen geen wezenlijke veranderingen meer heeft doorgemaakt vanaf de vroege publicaties van Pessoa. Vanaf deze publicaties ging hij minder vrij te werk oftewel meer letterlijk. Deze nieuwe manier van vertalen ging gepaard met een toenemend respect voor de auteur.

Wanneer er geen evenwicht tussen de twee loyaliteiten kon worden bereikt en de beslissing ten koste van een van de partijen moest vallen, liet hij aanvankelijk, zoals reeds vermeld, het belang van de lezer prevaleren boven dat van de auteur, maar vanaf de publicaties van Pessoa in 1977-1978 ging het belang van de auteur zwaarder wegen. Hierbij

moet wel worden opgemerkt dat deze neiging reeds in 1977 aanwezig was bij het artikel over de ‘Drie Maria’s’ waarin hij vaststelt ‘waar onzin staat geef ik onzin weer’ –, zo niet eerder, namelijk bij zijn eerste vertaling. Toen al verzette Willemsen zich tegen het aanbrengen van veranderingen in de verbloemende stijl van het originele werk. Hier volgt, in chronologische volgorde, een aantal citaten waarin dit aspect van Willemsens vertaalpoëtica te lezen is: zijn respect voor de auteur en zijn streven om diens bewoordingen zo dicht mogelijk te benaderen.

Ik geloof niet dat ik hierin veel verschil van de meeste vertalers van tegenwoordig. Het zich toeëigenen van de tekst – nee. Ik zou het niet kunnen, niet willen, en ik geloof dat het ook niet nodig is. Je hoeft Thomas Mann, of Proust, of Machado, niet te moderniseren – ‘toegankelijk maken’ heet dat dan – want wanneer je ze hun eigen ‘taal’ laat spreken, zijn ze goed genoeg. De woordkeus van de schrijver, zijn afwisseling van lange en korte zinnen, alinea-indelingen, hoofdstukindelingen... Enfin, wat klets ik, het is voor mij zó vanzelfsprekend dat je dat respecteert. (W1986j: 160)

[...] de schrijvers die ik vertaal, zijn over het algemeen nogal grote schrijvers, voor wie enig respect gepast is, zou ik zeggen. En ik kan me voorstellen dat als je een brochure vertaalt over, ik noem maar wat, de btw, het er dan in de eerste plaats om gaat dat de lezer snapt wat die btw is, los van de bewoording van het origineel. Maar als ik Pessoa vertaal, of Machado, dan komt er een esthetisch aspect bij, dat gewoon een deel is van de betekenis, en dat mag ik niet aantasten. (W1986j: 161)

[Bij een vertaling van Guimarães Rosa] kreeg ik van iemand de reactie: ‘Er is een fragment, dat is zulk raar Nederlands, dat moet van jou zijn.’ Dat was dus een compliment, want het betekende dat de vertaling het origineel heel dicht benaderde. De meeste vertalers zouden dat niet aandurven omdat ze dan het risico lopen voor een slechte vertaler te worden aangezien, voor iemand die zijn taal niet kent. / De grammatici zeggen van Rosa dat hij de grammatica en de syntaxis zo’n geweld aandoet dat het geen Portugees meer is. Ik geef toe dat in mijn vertaling de taal vaak vreemd is, maar nog niet zo vreemd als het origineel, want dat kun je nooit benaderen. (W1991γ: 376)

Het eerste gebod van de mens August Willemsen luidt: houdt rekening met elkander. En dat van de vertaler: respecteer het origineel./ Ook daarin is Willemsen strenger dan veel van zijn collega’s. Als hij dat nodig vindt, vertaalt hij in ‘raar’ Nederlands. Over de roman die hij nu onder handen heeft [*Grande Sertão: Veredas (Diepe wildernis: De wegen)* van João Guimarães Rosa]: ‘Ik [en niet ‘In’ (sic)] vind dat ik met het Nederlands hetzelfde effect moet produceren als Rosa op de Braziliaanse lezer heeft. En die zegt: “Wat een vreemd Portugees!” – veel Brazilianen pruimen Rosa niet.’ (Willemsen in een interview van Sebas Faber: W1992u; Faber 1992)

Er waren altijd vertalers, zoals Pé Hawinkels, die een totaal eigen opvatting hadden over vertalen. Hawinkels sprong met het werk van Thomas Mann om of het zijn eigen boek was. Die manier van

vertalen is verouderd. In de jaren dertig gingen auteurs als Slauerhoff en Marsman met een tamelijk gebrekkige kennis van vreemde talen op een heel eigenzinnige manier om met andermans teksten. Ik denk dat Nijhoff de trend heeft gezet voor het nieuwe vertalen waarin trouw aan de tekst wordt gecombineerd met inventiviteit. [...] Het is pas van de laatste decennia dat je ook de auteur recht probeert te doen. (W1993h)

Goed vertalen is in zo goed mogelijk Nederlands zo trouw mogelijk aan het origineel blijven. Maar August Willemsen is niet tevreden met zijn antwoord. ‘Wat is vertalen? Het is een vraag die elke vertaler zijn leven lang gesteld krijgt en waarop hij, als hij een goede vertaler is, nooit een bondig en bevredigend antwoord kan geven.’ (Willemsen in een interview van Jeroen Heuvel: W1995e; Heuvel 1995)

Vertalen lijkt erg op acteren, vindt Willemsen [...]. In beide disciplines is zelfverloochening heel belangrijk: ‘Vertalen is: schrijven zoals de auteur zou hebben geschreven als hij jouw taal had gesproken. Je moet een “vertalersmentaliteit” hebben, een soort bescheidenheid om de schrijver te volgen. En jezelf vergeten, dat moet een acteur ook.’ (Willemsen in een interview van Iris Pronk: W2006d; Pronk 2006)

[De vertaler] moet beginnen met lezen, zegt Willemsen, heel nauwkeurig lezen, maar ook ‘muzikaal lezen’: ‘Je laten wiegen door de woorden.’ Vervolgens moet de vertaler de tekst gaan analyseren, om de eigenaardigheden te doorgronden: varieert de schrijver bijvoorbeeld tussen boekentaal en straattaal? Is die zin expres ongrammaticaal? Schrijft de auteur ‘raar Portugees’? De vertaling moet in dat geval ‘raar Nederlands’ zijn. (idem)

Al met al, het origineel respecteren en de auteur recht doen komen aldus neer op het respecteren van zowel de ‘woordkeus van de schrijver, zijn afwisseling van lange en korte zinnen, alinea-indelingen, hoofdstukindelingen’ als het ‘esthetische aspect’ dat een deel is van de betekenis. Daarnaast gaat het erom zo trouw mogelijk aan het origineel te blijven, het origineel zo dicht mogelijk te benaderen ofwel te schrijven zoals de auteur zou hebben geschreven als hij de doeltaal had gesproken. En daarbij durfde Willemsen veel. Wanneer de brontekst in ‘rare’ taal was geschreven, schreef (vertaalde) hij ook in ‘raar’ Nederlands, want het Nederlands moest hetzelfde effect produceren als de originele auteur op zijn publiek heeft.

Daarnaast kwam een aantal aspecten van Willemsens vertaalpoëtica ter sprake. Ten eerste het onderscheid dat hij bijvoorbeeld maakt tussen het vertalen van vaktalige teksten en literaire teksten. Ten tweede de opvatting dat hij met zijn Nederlandse vertaling hetzelfde effect moest produceren als de auteur op de brontaallezer heeft. Ten derde de relatie tussen

vertaalstrategie en auteur: bij Guimarães Rosa moet de vertaler vrijheden nemen terwijl hij bij Machado de Assis dicht bij het origineel kan blijven. Op dit laatste aspect ga ik verder in.

4.3 *Vrijheid durven nemen*

Over zijn manier van vertalen uitte Willemsen zich, zoals reeds vermeld (4.1), in termen van het nemen van meer of minder vrijheden: ‘Ik heb daar [in de *Meesters der Portugese Vertelkunst*] meer vrijheden genomen dan ik nu neem’ (W1986j: 169). Ik zal hierna bekijken hoe Willemsen tegenover het klassieke dilemma vrij versus letterlijk stond en hoe hij de termen ‘vrij’ en ‘letterlijk’ in een bredere context hanteerde.

In 4.1 is ook ter sprake gekomen dat Willemsen (W1978f: 36) het vrije vertalen als een ‘excuus voor taalarmoede’ zag. En in 1986, in het gesprek met T. van Deel (W1986j: 160), herhaalt Willemsen de klassieke discussie over ‘letterlijk’ en ‘vrij’ vertalen:

Letterlijk vertalen is onmogelijk, want iedere taal spoort anders. En ‘vrij’ vertalen is een excuus voor taalarmoede, of slordigheid, of luiheid, of het niet-raadplegen van woordenboeken, of het geloof in een overmaat aan creativiteit.

Een jaar later komt hij weer terug op dit dilemma in *De taal als bril*:

Vrij of letterlijk? Ik wou dat ik wist wat dat was, anders dan een ergerniswekkende en algemeen verbreide versimpeling van wat vertalen is – of zou moeten zijn. Letterlijk vertalen is onmogelijk, want de ene taal *is*, doodeenvoudig, de andere niet, en het hele idee van vrij vertalen (‘zeg het maar in je eigen woorden, wat je erbij vóelt, weet je wel, als de mensen maar begrijpen’, enz.) is bedacht door en voor mensen die een excuus nodig hebben voor hun tweetalige taalarmoede. (W1987a: 31-32)

Hij laat vervolgens een bewijs zien van het onzinnige van de vraag en de onoplosbaarheid van het dilemma aan de hand van een vertaling die hij maakte van een gedicht van João Cabral de Melo Neto.

Ondanks dit standpunt bleef Willemsen beide woorden - ‘letterlijk’ en ‘vrij’-gebruiken. In het gesprek met T. van Deel (W1986j: 160) zette Willemsen bijvoorbeeld uiteen hoe hij te werk ging. In de eerste fase van het ‘ruwe vertalen’ gaat hij steeds heen en weer tussen het origineel en zijn vertaling en brengt hij voortdurend verandering aan. ‘Later’, zegt hij,

laat ik de tekst los en verander alleen nog wat naar mijn smaak beter Nederlands is of wat beter strookt. De toon, de toon van de schrijver, die heb ik tegen die tijd wel in mijn hoofd. [...] Helemaal aan het eind, als het boek al klaar is, dan kijk ik of die laatste veranderingen niet te ver afwijken van het origineel. Dat is dus de laatste controle: kán dit nog? Ben ik niet te vrij geweest?

Willemsen gelooft dus niet in de twee extremen van de dichotomie ‘letterlijk’ en ‘vrij’: letterlijk vertalen is onmogelijk en ‘te’ vrij vertalen is niet wenselijk. Om een completer beeld te geven van Willemsens opvatting over het dilemma vrij versus letterlijk laat ik hieronder nog een aantal citaten volgen.

Al dat uit elkaar hakken van zinnen, in elkaar flansen van zinnen, je eigen smaak en fantasie laten prevaleren boven die van de schrijver – dat is geen vrij vertalen, dat is helemaal geen vertalen, dat is bewerken, ‘vrij naar die-en-die’. (W1986j: 160)

Ik denk dat als je, wat ik nooit heb gedaan, toneel vertaalt, dat je je dan vrijheden móet veroorloven, omdat een gesproken tekst nu eenmaal andere eisen stelt. En helemaal in het geval van gezongen teksten. Ik heb dat één keer gedaan, en het was vre-se-lijk moeilijk, juist omdat ik moeite had me die noodzakelijke vrijheden te veroorloven. Er moet rijm zijn, en aan het aantal lettergrepen valt niet te morrelen, want dat wordt bepaald door de melodie. Ik heb de grootste bewondering voor de mensen die erin slagen van de liedjes van *Sesamstraat* leuke Nederlandse liedjes te maken. Daar sta ik echt paf. (W1986j: 161)

Neem Rosa, Guimarães Rosa. Die man gaat heel vrij om met taal, doet van alles wat niet ‘mag’. Hij speelt met taal, maakt nieuwe woorden, rukt woorden uit elkaar, en hij construeert zodoende een taal die moeilijk is voor wie rationeel leest, en die alleen te lezen is als je vergeet wat je geleerd hebt, maar dat moet je dan toch eerst geleerd hebben natuurlijk. En dat geeft mij, paradoxaal maar waar, eigenlijk een grotere vrijheid dan bij ‘normale’ schrijvers. Het geeft mij de vrijheid om ook tekeer te gaan in het Nederlands en me verder van het origineel te verwijderen dan ik bij Machado zou durven. Als ik maar zijn effect bereik, het droomachtige, associatieve, muzikale, poëtische. (W1986j: 167)

[...] een vrijheid die volkomen strookt met stijl en strekking van het origineel, en die bovendien een fraaie oplossing is voor het gegeven dat het Portugees geen twee woorden heeft voor ‘avond’ en ‘nacht’: *noite* is allebei. (W1991p)

Rosa heeft een heel barokke taal. Bij hem *moet* je als vertaler wel vrijheden nemen. Machado bijvoorbeeld, schrijft veel eenvoudiger, daar kan ik heel dicht bij blijven, terwijl het, zonder enige moeite, tóch goed Nederlands oplevert. Rosa schotelt op iedere bladzijde weer nieuwe problemen voor. Daar word je soms tureluurs van./ [...] Wat ik nu schrijf, daarvan denk ik af en toe: wat moet je

hiermee. Het kan misschien wel in het Portugees, maar niet in het Nederlands. Of moet ik toch de moed hebben het te laten staan met het risico dat de mensen zeggen: ‘Wat is daar voor een kruk bezig geweest?’ (W1992u: 12-13)

Als vertaler moet je normaal gesproken precies weten wat wat betekent. Bij Rosa had ik een zekere mate van vrijheid, want hij gebruikt nieuwe woorden en poëtische taal. In eerste instantie ben ik het niet grammaticaal gaan lezen, maar gewoon gaan doorlezen tot mij het [sic] licht opging en ik begreep wat hij bedoelde. Het gaat om de muziek in zijn taal, die is belangrijker dan de pure betekenis. (W2000d)

En wat te doen met een alliteratie (beginrijm)?/ Willemsen geeft een voorbeeld: in een verhaal van João Guimarães Rosa stuitte hij op de Portugese zinsnede ‘bátegas de bênçãos’, die letterlijk zoiets betekent als ‘slagregens van zegeningen’. Dat vindt hij wel aardig maar niet mooi: ‘En het heeft niet de alliteratie van het origineel. Toen dacht ik aan wat wij soms zeggen als het heel hard regent: ‘Het regent dat het zeikt. En zo kwam ik tot ‘een zeiken van zegeningen’./ Dat soort vrijheden mag, nee moet de vertaler zich permitteren, vindt Willemsen, zolang ze in de geest van de schrijver zijn. (Willemsen in een interview van Iris Pronk: W2006d; Pronk 2006)

Het dilemma vrij versus letterlijk is aldus Willemsen een ‘versimpeling van wat vertalen is’. Het letterlijk vertalen is onmogelijk omdat de ene taal de andere niet is. Wat betreft het vrije vertalen is Willemsen tegen vertalingen die té vrij zijn benaderd en dus meer bewerkingen zijn dan vertalingen. Zelf zorgde Willemsen ervoor dat hij niet té vrij vertaalde, dat hij zich niet te ver van het origineel verwijderde. Tegelijkertijd erkent hij dat de vertaler in bepaalde situaties geen andere keus heeft dan zich de noodzakelijke vrijheden te veroorloven. In deze citaten worden onder meer bijzondere tekstsoorten genoemd, zoals toneel, liedteksten en poëzie, alsook teksten waarbij de auteur vrij met taal omgaat of waarin de muziek belangrijker is dan pure betekenis. Deze vrijheden mogen en moeten genomen worden ‘zolang ze in de geest van de schrijver zijn’. ‘Geest’ staat nu de ene keer voor ‘rijm en aantal lettergrepen’, de andere keer voor ‘effect’ of ‘stijl en strekking’ of ‘muziek’, dat hangt af van het tekstgenre en/of van de stijl van de auteur. De mate van vrijheid die Willemsen nam, hing dus ook af van de auteur en de tekst in kwestie. Machado de Assis bijvoorbeeld kan letterlijker vertaald worden dan Guimarães Rosa terwijl bij deze laatste schrijver vrijheden genomen moeten worden wil de vertaler recht doen aan de auteur. Hier zie ik de pluriformiteit van het loyaliteitsdilemma terug waar ik in de volgende paragraaf over wil hebben.

4.4 *De schrijver de lezer door de strot duwen*

De uitspraak ‘een van de vormen van het dilemma’ (W2001g) uit een van de citaten in 4.1 suggereert dat het dilemma, d.w.z. het vertaaldilemma over de twee loyaliteiten, meer dan één vorm kan vertonen. De afweging om de ideale balans te bereiken waarbij recht wordt gedaan zowel aan de auteur als aan de lezer, varieerde bij Willemsen per werk en vooral per schrijver. Hij heeft vaak gezegd dat hij niet een boek vertaalt maar een schrijver, niet een gedicht maar een dichter. En dit aspect van zijn vertaalpoëtica gaat gepaard met een ander belangrijk kenmerk van zijn manier van vertalen, namelijk zijn wetenschappelijke benadering die vertegenwoordigd wordt door de nawoorden waarvan hij zijn vertalingen altijd vergezeld deed gaan:

[...] ik verdiep me wel helemaal in het leven en het werk van de dichter. Dat brengt een andere manier van werken met zich mee. Ik vertaal de dichter niet alleen, ik duw hem de lezer als het ware door de strot met behulp van nawoorden en andere informatie. Ik vertaal niet een gedicht maar een dichter. (W1991γ)

Ook in zijn dankwoord bij de ontvangst van de Martinus Nijhoff Prijs voor Vertalingen 1983 vestigde Willemsen (W1983a: 12) de aandacht op dit wetenschappelijke aspect van het vertalen:

Het moet me trouwens toch van het hart dat naar mijn idee het artistieke en creatieve aspect van vertalen vaak te zeer wordt benadrukt. Het artistieke zou men slechts moeten zien als noodzakelijke voorwaarde, en creatief is het werk van de vertaler niet, want hij schrijft andermans werk. Niet dat dat eenvoudig is. Het stelt [aan] de vertaler de merkwaardige eis dat hij moet weten wat de schrijver weet. Hij moet vertrouwd zijn met het land van de schrijver en, uiteraard, met de taal daarvan. Maar ook met de regio of de stad van de schrijver en de taalkundige eigenaardigheden dáárvan. Met de tijd van de schrijver, de geschiedenis van diens land, de literatuur daarvan en de speciale literaire traditie waarin hij eventueel zijn plaats heeft. Met andere talen, literaturen, kunsten, kortom: met alles waaraan de schrijver, direct of indirect, refereert. De vertaler moet weten wat de schrijver gelezen heeft, moet op de hoogte zijn van diens literaire invloeden en voorkeuren, en eigenlijk van zijn hele leven. Hij moet weten wat er óver de schrijver geschreven is. En dat alles bij iedere andere schrijver opnieuw. Het schrijven van andermans werk eist dus, behalve enige eruditie, een grondige wetenschappelijke voorbereiding. Hierom noem ik het werk van de vertaler een vorm van toegepaste wetenschap – een aspect dat ik even wilde vermelden, omdat daarop, ook door vertalers, zelden of nooit wordt gewezen, zeer in tegenstelling tot dat ‘creatieve’. Waarom? Misschien omdat de wetenschappelijke investering in de vertaling zelf onzichtbaar is; misschien omdat het makkelijker is creatief te lijken dan wetenschappelijk te zijn.

Het lijken zeer strenge, haast onhaalbare eisen die Willemsen aan een vertaler stelt. Opvallend is echter dat hij in de loop der jaren milder werd tegenover andere vertalers wat vooronderzoek en veldwerk betreft: ‘Ik weet niet of dat *moet* – er zijn veel vertalers die het niet doen.’ (W1992u: 12) Maar aan zichzelf bleef hij onveranderd hoge eisen stellen. Het sterkste bewijs daarvan zijn de nawoorden die getuigen van een uitgebreid onderzoek naar het te vertalen werk en de schrijver.

Deze nawoorden – essays met een introducerend en interpreterend karakter – namen een bijzondere plaats in het werk van Willemsen in. Ze maakten eigenlijk deel uit van zijn vertaalpoëtica, in die zin dat ze het toenemende respect voor het origineel weerspiegelen. Willemsen (W1985c):

het begon [...] met die Portugese verhalen. Ik ben later steeds meer nawoorden gaan schrijven die ook steeds uitgebreider werden omdat ik mezelf steeds bewuster werd van de waarde van die schrijvers, hoe belangrijk ik ze vond en hoe onbekend ze hier waren.

Bovendien kon hij daarin kwijt wat hij zich niet veroorloofde in zijn vertalingen:

Ik probeer zo min mogelijk toe te voegen aan het origineel, ik ben een medium. Maar ik ben tegelijkertijd ook een enorm eigenwijs persoon. In de vertaling probeer ik me bescheiden op te stellen, de eigenwijsheid zit in het nawoord, in *Diepe wildernis* veertig pagina’s. Al mijn vertalingen zijn voorzien van een nawoord en die zijn allemaal een beetje belerend. (W1993h)

Deze toon is niet altijd bij iedereen goed gevallen:

Ik ben weleens gegispt om mijn nawoorden. Sommige mensen vinden ze een beetje betuttelend en eigenwijs: ‘Meneer zal wel even zeggen wat we van die schrijver moeten vinden.’ Zo zijn ze natuurlijk niet bedoeld./ Ik heb de behoefte om een schrijver toegankelijk te maken. Ik beschouw me niet alleen [als] zijn vertaler, maar als *doorgever*. Het verhaaltje erbij is ook een vrucht van mijn ‘veldwerk’. (W1992u: 12).

Door zijn nawoorden onderscheidde Willemsen zich van de meeste van zijn vakgenoten die hun vertaling niet vergezeld lieten gaan van een nawoord. Hij uitte er af en toe zijn verbazing over: ‘Hoe kan men García Márquez of Vargas Llosa vertalen zonder die mensen te plaatsen, zonder ze te interpreteren? Ik heb nu eenmaal de behoefte om dat wél te

doen' (W1988h). Later: 'Ik ben een beetje verwonderd dat zo weinig andere mensen het doen. Er wordt heel veel "zomaar" vertaald' (W1992u: 12). Willemsen (W1986g: 106) zelf wilde zijn vergaarde kennis over en inzicht in de schrijver en het werk met de lezer delen:

Ik heb het schrijven van die nawoorden altijd vanzelfsprekend gevonden. Ik vertaal schrijvers die hier onbekend zijn en die vroeger ook voor mij onbekend waren. Ik ga ervan uit dat de lezer die dingen over een schrijver en zijn werk wil weten, die ik wilde weten. [...] Vertalen [...] dwingt je om heel precies te lezen. Daardoor kom je tot een idee over het werk, je realiseert je waarom je een verhaal of een gedicht goed vindt. De nawoorden die ik schrijf, geven een soort verheldering weer van het denkproces waarmee ik bezig was terwijl ik vertaalde. Daardoor zijn ze een mengeling van informatie en van een persoonlijke verklaring.

De nawoorden van Willemsen zijn het resultaat van een zeer degelijk onderzoek dat meestal de vorm van een echt veldonderzoek heeft. Als voorbereiding voor de vertaling van *Sans famille* van Hector Malot (*Alleen op de wereld*) bracht hij bijvoorbeeld een bezoek aan de geboorteplaats van de auteur en kreeg hij van diens achterkleindochter veel materiaal. Willemsen (W1999f: 15): 'Ik ben wel vaker op zoek gegaan naar sporen van schrijvers. Uit nieuwsgierigheid. Dat hoort bij het vertaalwerk, vind ik.' In feite heeft Willemsen veldonderzoek verricht naar de sporen van veel meer schrijvers, waaronder de onderzoeken naar Euclides da Cunha en Graciliano Ramos, die zeer uitvoerig beschreven staan in de *Braziliaanse brieven* (W1985k). Zelfs voor een artikel over recente Portugese poëzie vertrok hij naar Portugal om ter plekke materiaal te verzamelen (W1977b: 72). Bovendien onderhield Willemsen, zowel per brief als persoonlijk, contact met veel van de contemporaine auteurs die hij vertaalde, onder wie: Dalton Trevisan, Carlos Drummond de Andrade, Lêdo Ivo en Chico Buarque de Holanda. Deze correspondentie is zeker een vervolgonderzoek waard. Willemsen heeft het met onder meer in zijn briefwisseling met Drummond de Andrade veel over vertaalproblemen gehad.

Doordat Willemsen zijn schrijvers door en door kende, wist hij als geen ander waar de prioriteit lag bij de afweging die hij bij elke vertaling moest maken om zoveel mogelijk recht te doen aan beide partijen, de auteur en de lezer. Zijn afweging was altijd wetenschappelijk gefundeerd. Om een enkel gedicht te vertalen, las Willemsen niet alleen het gedicht, maar het gehele werk van de schrijver en deed hij een compleet onderzoek naar diens leven en werk. Hij plaatste de schrijver en zijn werk in een bredere literaire, sociale en culturele context en deelde deze kennis met de lezer in zijn nawoorden. Deze houding had alles te maken met Willemsens overtuiging dat een vertaler ook een doorgever is en dat hij niet alleen een

individueel werk (gedicht, verhaal of boek) vertaalt maar een schrijver. Ook hadden de nawoorden een compenserende functie. Ze gaven een plaats aan de ‘eigenwijsheid’ die hij niet kwijt kon in de vertaling. Door de nawoorden maakte hij zichzelf zonder twijfel zichtbaarder als vertaler.

Tot dusver zijn er vier aspecten van Willemsens vertaalopvatting naar voren gebracht. Ten eerste het fundamentele vertaaldilemma waarbij hij een compromis zocht tussen de loyaliteit aan de auteur en de loyaliteit aan de lezer. Ten tweede het toenemende respect voor het origineel, anders gezegd de verschuiving die plaatsvond in Willemsens manier van vertalen: van een meer vrije naar een meer letterlijke manier van vertalen. Ten derde het moeten en durven nemen van vrijheid in bijzondere situaties, zoals bij het vertalen van gedichten, toneel- of liedteksten. Voor de aspecten twee en drie lijkt hij een voorbeeld aan Nijhoff genomen te hebben die trouw aan de brontekst combineerde met inventiviteit. Ten vierde de nawoorden als een uiting van 1. zijn wetenschappelijke aanpak die aan de basis stond van de beslissingen bij het fundamentele loyaliteitsdilemma en 2. zijn opvatting dat hij niet een gedicht maar een dichter vertaalde.

4.5. Het vertalen van poëzie

Willemsen onderscheidde zich niet alleen door zijn nawoorden maar ook door zijn vele poëzievertalingen. De Portugeestalige poëzie die toegankelijk is gemaakt voor het Nederlandse leespubliek, is grotendeels aan hem te danken. Hij maakte deze echter niet alleen toegankelijk, maar voegde ook nieuwe poëzie toe aan de Nederlandse poëzie. Willemsen (W1991γ: 376): ‘Het grootste compliment dat ik ooit gekregen heb, was van Kees Fens. Hij zei dat er poëzie was toegevoegd aan de Nederlandse poëzie die we al hadden. Weliswaar de poëzie van een ander, maar die was er eerst niet in het Nederlands en nu wel. Dat geeft voldoening.’ Ik ga hierna in op de uitlatingen van Willemsen over het vertalen van poëzie. Omdat de vertaalontwikkeling van Willemsen een van de belangrijkste aandachtspunten is geweest bij de verkenning van Willemsens primaire teksten, begin ik met de belangrijkste veranderingen die zich voordeden in zijn vertaling van poëzie.

De eerste verandering deed zich voor bij de vertalingen van de Braziliaanse dichter Carlos Drummond de Andrade. In de ‘Verantwoording’ van de vertaling van zijn *Gedichten*, verschenen in 1980, licht Willemsen de onvertaalbaarheid van de woordspeling *amar-amaro* en het ontbreken van een aantal gedichten in die bundel toe:

Vertaalbaarheid is [...] een rekbaar begrip. Maar niet onbeperkt rekbaar. Vertalen is een arbeidsintensief schuiven met de grenzen van je eigen compromissen, maar hoe karakterloos men ook is, een woordspeling als *amar-amaro*, de titel van de themagroep over de liefde en van een opmerkelijk gedicht in *Lição das coisas*, met de letterlijke betekenis van ‘liefhebben-bitter’, blijft te enen male onvertaalbaar: het oor wil ook wat. Dit probleem bleek door te werken in vrijwel de gehele themagroep: het machteloosmakende [sic] geval deed zich voor dat het hierin overal voorkomende, volstrekt normale, tweelettergrepige, overdrachtelijke Portugese werkwoord *amar* adequaat in het Frans, Duits en Engels is weer te geven, maar dat Nederlandse mogelijkheden als *liefhebben*, *beminnen* of *houden van* om redenen van woordvolgorde (woordsplitsing), ritme of zelfs lexicale betekenis (eventuele dubbelzinnigheid) heel vaak onbruikbaar waren./ Deze objectieve en onaantornbare [sic], door de aard der talen bepaalde onmogelijkheid een minimum aan klank en ritme, dus poëzie, in vertaling te handhaven, is een van de redenen van het ontbreken, in deze uitgave, van sommige gedichten en van de ongelijke vertegenwoordiging der thema's. (W1980e: 267-268)

Zes jaar later, in 1986, komt Willemsen wel tot een vertaling van niet alleen de woordspeling *amar-amaro*, maar ook van het gehele gedicht vernoemd naar deze woordspeling. Overigens werden de liefdesgedichten nog later, in 1992, ook vertaald voor de bundel *De liefde, natuurlijk*. In het essay dat de vertaling van het gedicht *Amar-amaro* begeleidt, licht Willemsen (W1986d) toe waarom toen niet en nu wel. Het heeft te maken met de vrijheid die hij zich nu meer veroorlooft:

Misschien was mijn scrupule van weleer ietwat overdreven. Misschien ook schoot ik te kort [sic] in inventiviteit of gunde ik me, als ik die had, me niet de soms noodgedwongen vrijheid. Waar ligt de grens tussen taal en taagebruik? Daar is de vertaler steeds mee bezig. Elke dag vraagt hij zich af of hij moet zeggen ‘ik hou van je’ (tegen wie?), ‘ik heb je lief’ (hoe niet belachelijk te zijn?) – en ‘ik bemin je’ laat hij wel helemaal uit zijn hoofd. Is liefde op z'n Portugees nu echt anders, of valt dat wel mee? De vertaler moet dat soort dingen natuurlijk wel weten, maar in de praktijk maakt het niet zo veel uit: zoals zwaluwen het in de lucht doen, zo moet hij het doen met de woorden van zijn taal. En daar doet hij het toch het liefste mee. Zelfs aannemend dat de essentie dezelfde is, vind ik, of ik wil of niet, simpelweg omdat ik Nederlander ben, het woord *liefde* mooier dan het woord *amor*. Dat is onuitlegbaar. Ik heb het ook pas laat (pas nu) begrepen. Vandaar dat ik die scrupule ook pas nu opzij gezet heb. Als *amar amaro* is, nou, vooruit dan maar, dan is liefde lastig.

Belangrijk hier is de constatering dat Willemsen zich na de vertaling van de *Gedichten* van Drummond de Andrade uit 1980, en zeker vanaf het bovengenoemde essay uit 1986, meer vrijheden gunde bij het vertalen van poëzie.

De tweede verandering in zijn opvatting over de vertaling van poëzie deed zich voor bij de *Gedichten* van Fernando Pessoa, die in 1978 voor het eerst werden uitgegeven en later,

in 1982, werden herzien en herdrukt. Zoals ik al eerder aangaf, is de eerste druk van deze vertaling een van de publicaties die een nieuwe fase inluidt in Willemsens manier van vertalen. Nu is het zo dat Willemsen (W2007b) tegen het einde van zijn leven niet meer achter deze vertaling bleek te staan. Hij was vooral niet meer tevreden over de vertaling van Pessoa's heteroniem Ricardo Reis en de vertaling van de orthonieme gedichten, i.e. gedichten geschreven onder eigen naam van Pessoa. In 2002 zijn de *Oden* van Ricardo Reis (Fernando Pessoa) verschenen als een deel van de Pessobibliotheek. Hij had plannen om ook met het orthonieme werk van Pessoa aan de slag te gaan als sluitstuk van het project, maar dat heeft hij niet meer mogen doen. Er waren wel plannen dat Harrie Lemmens het orthonieme werk voor zijn rekening zou nemen (Schreij 2009: 86). Of hij dat gedaan heeft, is mij niet bekend. Wat mij wel bekend is, is dat in 2009 de tiende, herziene druk van Pessoa's *Gedichten* postuum werd uitgegeven met daarin zijn orthonieme gedichten en de 'Oden' van Ricardo Reis. Of er sprake is van een hervertaling van deze gedichten, vermeldt de 'Verantwoording' van deze nieuwe editie niet. Het blijft onduidelijk wat er herzien werd. Waarom Willemsen niet meer tevreden was over de vertaling van de orthonieme gedichten van Pessoa blijft dus een raadsel. Misschien heeft het te maken met het feit dat hij zich toen, bij de tweede herziene druk in 1982, minder vrijheden gunde dan hij later zou doen.

Nu weten we dat Willemsen ergens tussen 1982 en 1986 van vertaalstrategieën veranderde en een vrijere aanpak bij de vertaling van poëtisch taalgebruik ging hanteren. In het artikel 'De schrijver van andermans werk' voor het tijdschrift *New Found Land* van april 1983 (W1983d: 65)⁸³ is te lezen dat hij toen al voor de nodige vrijheden pleitte bij het vertalen van poëzie. Hierna is Willemsens opvatting over het vertalen van poëzie in het algemeen nauwelijks meer veranderd. Volgens Willemsen (W2006d) moeten poëzievertalers een keuze maken tussen de woordkeus van de dichter (ofwel inhoud) en de vorm van het originele gedicht. Allebei aanhouden kan niet:

De woordkeus van het origineel stipt volgen en tegelijk rijmen (en eventueel een metrum aanhouden) is onmogelijk. Kiest de vertaler voor rijm, dan zal hij zich vrijheden móeten veroorloven in de woordkeus. (W2006d)

Willemsens voorkeur ging altijd uit naar het laatste: al bij zijn eerste poging tot poëzievertaling vertaalde hij een rijmend gedicht met een rijmende vertaling. Al is deze keuze

⁸³ Deze tekst werd later opgenomen in *De taal als bril* (1987); vgl. W1984h (Bijlage 3).

aanvankelijk intuïtief geweest, toch kan Willemsen (W2005g: 22) twee krachtige argumenten bedenken:

[...] een argument vond ik [...] dat wanneer de dichter had gekozen voor een rijmende en/of metrische vorm, ik als vertaler die keuze moest respecteren, en wanneer de dichter stamde uit een tijd waarin het usance was rijmend en metrisch te dichten, dan moest ik die tijd respecteren. Maar sterker woog een ander argument: ik heb bij verschillende gelegenheden, op Poetry International, hierover gesproken met enkele dichters, en die verklaarden zonder uitzondering dat ze de voorkeur gaven aan een vertaling die tevens *een gedicht* was, wat onder andere inhield: rijmend origineel, dan ook een rijmende vertaling – met alle woordelijke vrijheden die de vertaler onvermijdelijk zou moeten nemen.

In de praktijk strekten deze vrijheden omwille van rijm en metrum zich ook uit tot woordvolgorde, zinsbouw, versvolgorde, maar dat hoeft volgens Willemsen (W2005g: 23) niet erg te zijn zolang ‘de *toon* en de *strekking*, de *bedoeling* van de dichter, gehandhaafd blijven’. Op dezelfde manier vindt Willemsen dat ‘wanneer [hij] daarmee het specifieke [in strekking en toon] van het origineel dichter kan benaderen, [hij] bevoegd [is] tot compromissen m.b.t. rijm en metrum: af en toe een extra versvoet binnensmokkelen, een rijmschema veranderen (abba i.p.v. abab), of een vol rijm vervangen door een assonantie’ (W1987a: 23). Een afweging dus om een compromis te bereiken tussen inhoud en vorm.

Met zijn keuze om rijmende poëzie rijmend te vertalen onderscheidde Willemsen zich niet alleen van Vladimir Nabokov en Robert Lemm, die door Willemsen (W2005g: 22) zelf werden genoemd, maar ook van Bly (1984: 87), die het handhaven van eindrijmen niet zo belangrijk achtte. Alhoewel Willemsen voorstander was van het behouden van de vorm (rijm en/of metrum) van een gedicht, vond hij dat de beslissing om rijmend of niet rijmend te vertalen van het soort poëzie afhing. Frans van Dooren bijvoorbeeld, de vertaler van Dantes *La divina commedia*, heeft volgens hem de juiste keuze gemaakt door niet rijmend te vertalen, want bij Dante ‘prevaleert [de inhoud] boven het metrische schema en het rijmschema’ (W1991γ: 375).

Over de moeilijkheidsgraad bij het vertalen van rijmend poëzie was Willemsen (W2001g) van mening dat de kansen voor de vertaler om te slagen groter waren naarmate een versregel meer lettergrepen op het aantal rijmklanken bevatte:

Het klassieke sonnet heeft weliswaar een lastig rijmschema, maar omdat het meestal betrekkelijk lange versregels heeft (vijf, soms zes versvoeten), heeft de vertaler de mogelijkheid te schuiven met de woordvolgorde, voordat hij weer bij een rijmklank komt. Er zijn relatief veel lettergrepen op het aantal

rijmklanken./ Anders ligt het, andersom zelfs, bij traditionele vormen zoals het rondeel, of de Portugese *redondilha*: strofen van vijf drievoetige verzen, met slechts twee rijmklanken per strofe. Ook kortregelige kwatrijnen met verzen van drie heffingen en een rijmschema als bijvoorbeeld abba of abab zijn de wanhoop van de vertaler: hier zijn, anders dan bij het sonnet en andere langregelige vormen, relatief weinig lettergrepen op het aantal rijmklanken. Ik zal niemand dan ook euvel duiden die, om zo dicht mogelijk bij het origineel te blijven, om toch rijm en metrum te handhaven, een beetje met het rijmschema sjoemelt en daar bijvoorbeeld abcb van maakt./ Het is een van de vormen van het dilemma waarvoor de vertaler zich altijd geplaatst ziet: de afweging moeten maken tussen zijn loyaliteit aan de auteur en zijn loyaliteit aan de lezer.

Wanneer het Willemsen niet lukte om een gedicht in vertaling als gedicht weer te geven, bijvoorbeeld bij het vertalen van de bundel *O amor natural* van Drummond de Andrade (W1992q: 105), bood hij de lezer in een ‘Appendix’ een ‘werkvertaling’ die een inhoudelijke weergave van het origineel is met aanvullende informatie over de vertaalmoelijkheden. Dit getuigt van een grote loyaliteit aan zowel de auteur als de lezer.

Wat het vertalen van poëzie betreft, bestond de ontwikkeling van Willemsen uit het zich permitteren van steeds meer noodzakelijke vrijheden, waarvoor hij vanaf 1983 pleitte. Deze verschuiving kan worden beschouwd als het tweede omslagpunt in Willemsens manier van vertalen. Zijn uitgangspunt bleef echter het respect voor de auteur. Dat hij een rijmend gedicht rijmend wilde vertalen is een bewijs daarvan.

5. AANSLUITING BIJ HET VERTAALDISCOURS IN NEDERLAND

Bij de verkenning van Willemsens primaire teksten kwamen er vijf personen naar voren naar wie Willemsen expliciet verwijst: Renan, Taine, W.C. Atkinson (1902-1992)⁸⁴, Martinus Nijhoff (1894-1953)⁸⁵ en Paulo Rónai (1907-1992)⁸⁶. Geen van hen maakt deel uit van het internationale vertaaldiscours. Willemsen over de eerste twee Franse filosofen en schrijvers (W1984c): ‘Ook in de vorige eeuw hebben mensen als Renan en Taine het belang onderstreept van een vertaling. Renan zei zelfs dat een boek niet geheel en al gepubliceerd is, als het niet vertaald is.’ De laatste drie waren literaire vertalers van grote werken. Atkinson vertaalde in 1952 *Os Lusíadas* van de Portugees Luís Vaz de Camões in het Engels; Nijhoff vertaalde onder meer *Storm* van Shakespeare in 1930 en Rónai vertaalde *La Comédie humaine* van Balzac in het Portugees in 1994. Van Atkinson neemt Willemsen (W1970a: 10-11) het loyaliteitsprincipe over (zie 4.1): ‘Loyalty to one’s author is one thing, loyalty to one’s public is another.’ Van Nijhoff de nieuwe manier van vertalen in Nederland, waarbij ‘trouw aan de tekst wordt gecombineerd met inventiviteit’ (W1993h; zie ook 4.2). En van Rónai, die Willemsen aanhaalt in zijn nawoord van Guimarães Rosas *De derde oever van de rivier* (W1977d), is niet duidelijk of en welke invloed hij op Willemsen heeft gehad. Wel is bekend dat ze elkaar in 1984 persoonlijk hebben ontmoet alhoewel er niet gesproken werd over specifieke onderwerpen van ‘vertalers onder elkaar’ (W1985k: 249).

Daarnaast noemt Willemsen vaak Duitse vertalers van Braziliaanse literatuur onder wie Curt Meyer-Clason, meestal in vergelijking met de Amerikaanse vertalers. De brontaalgerichte benadering van de eersten spreekt Willemsen meer aan dan de doeltaalgerichtheid van de laatsten. Willemsen blijkt een verzamelaar te zijn geweest van vertalingen in alle talen van werken die hij zelf vertaalde. Hij bezat zelfs Chinese vertalingen. Als voorbereiding op het vertalen raadpleegde Willemsen ook vertalingen in vreemde talen die hij beheerste. Hier ligt zeker een interessant onderzoeksthema: vergelijking van Willemsens vertalingen met die in andere talen die hij goed kende (Frans, Spaans, Engels, Duits) om eventuele invloeden te traceren.

⁸⁴ <http://www.newulsterbiography.co.uk>

⁸⁵ Zie Naaijkens 1996 en <http://www.dbnl.org/auteurs/auteur.php?id=nijh004>

⁸⁶ <http://www.dicionariodetradutores.ufsc.br/pt/PauloRonai.htm>

Dat Willemsen blijkbaar meer beïnvloed is geweest door zijn professionele voorgangers en tijdgenoten dan door vertaalbeschouwers, is geen grote verrassing als we teruggaan naar de introductie van hoofdstuk 4, waar ik op de praktijkgerichtheid van Willemsen (W1988b) wees: ‘Ik ben een man van de praktijk, ik weet niets van literaire theorie of (ver)taalwetenschap’. Zo’n uitspraak afkomstig van zo’n erudiet man moet men uiteraard met een grote korrel zout nemen. In een van zijn columns voor *Het Parool* schreef Willemsen (W1991z) het volgende over de literatuurwetenschap en vertaalwetenschap: ‘dienaangaande heb ik niets toe te voegen aan wat door alle vertalers daarover al is gezegd’. Dat staat misschien dichter bij de werkelijkheid. Hij had blijkbaar weinige interesse in de theoretische kant van literatuur en vertalen. Maar dit wil niet zeggen dat zijn inzichten vanuit de praktijk niets toe te voegen hebben. Integendeel. De ontsluiting van zijn gehele vertaalpoëtica heeft veel te bieden voor het vertaalvakgebied. Dit onderzoek is dan ook, naar ik hoop, een eerste stap in de goede richting.

Ik zal hierna trachten te bekijken hoe de vertaalopvattingen van Willemsen die uit mijn onderzoek naar voren zijn gekomen, zich verhouden tot het bestaande vertaaldiscours in Nederland. Dat is echter makkelijker gezegd dan gedaan, want over het in Nederland heersende vertaaldiscours in de tweede helft van de twintigste eeuw moet er nog geschreven worden. Bovendien heb ik in dit onderzoek slechts naar de externe vertaalpoëtica van Willemsen gekeken. Ik zal me hier dus moeten beperken tot het vergelijken van zijn in dit onderzoek ontsloten vertaalopvattingen met die van twee van zijn collega’s. Maar voordat ik daarop inga, wil ik eerst stilstaan bij de plaats van Willemsen in de bredere context van de West-Europese vertaaltraditie.

De brontaalgerichte benadering van Willemsen en zijn grote respect voor de oorspronkelijke auteur en tekst hebben veel weg van de vervreemdende manier van vertalen⁸⁷ die door Schleiermacher werd verdedigd in zijn essay “Ueber die verschiedenen Methoden des Uebersetzens” uit 1813. Volgens Schleiermacher (1813) zijn er twee manieren van vertalen: ‘Ofwel laat de vertaler de schrijver zoveel mogelijk met rust en beweegt hij de lezer naar hem toe. Of hij laat de lezer zoveel mogelijk met rust en beweegt de schrijver naar hem toe.’ (Schleiermacher 1813, vertaald in Schleiermacher 2010: 45) Hij vond de eerste manier van vertalen de beste, wat neerkomt op respect voor het origineel en voor het vreemde. Zo deed Willemsen het ook. Het duidelijkste voorbeeld daarvan is *Diepe wildernis: De wegen die in ‘raar’ Nederlands is vertaald omdat de brontekst ook in ‘raar’ Portugees staat*. Ook spreken

⁸⁷ In de zin van Mary Snell-Hornby (2004, in Snell-Hornby 2012).

de realia die hij onvertaald liet voor de vervreemdende manier van vertalen. Willemsen voorzag zijn vertalingen van ‘Lijsten van onvertaalde woorden en/of uitdrukkingen’ en/of ‘Aantekeningen’ waarin de realia worden verklaard. De lezer wordt aldus naar de vreemde wereld van de brontekst gebracht. Schleiermacher hield zijn pleidooi voor deze methode in 1813. Een eeuw later verdedigde volgens Van Leuven-Zwart (1992: 24) ook Ortega y Gasset dezelfde methode in zijn essay ‘Miseria y esplendor de la traducción’. Willemsen verwijst niet naar Schleiermacher, maar wel, hoewel terloops, naar Ortega y Gasset, zoals eerder gezien in 3.1. Of Willemsen op de hoogte was van dit essay, heb ik in mijn onderzoek niet kunnen vaststellen, maar ik vermoed dat hij het wel gelezen heeft. Hoe het ook zij, Willemsen was een vertaler die de lezer, vooral na 1977-1978, naar het oorspronkelijke werk voerde en niet andersom. En in die zin sluit zijn visie op vertalen aan bij die van Schleiermacher.

Nu wil ik mijn aandacht op Nederland richten. Om een idee te geven van Willemsens plaats binnen de vertaaltraditie in Nederland vergelijk ik zijn vertaalopvattingen met de vertaalpoëtica van twee andere vertalers die net als hij actief waren in de tweede helft van de vorige eeuw: Dolf Verspoor (1917-1994) en Pé Hawinkels (1942-1977). Voor deze vergelijking baseer ik me op het artikel ‘Pé Hawinkels – vertalen, drugs en rock & roll’ van Koster (2010), waarin een profiel van Hawinkels en zijn vertaalpoëtica te lezen is. Voor de vertaalpoëtica van Verspoor maak ik gebruik van het dossier dat in het studiejaar 2009-2010 is samengesteld in het kader van de cursus Vertaling, cultuur en wetenschap van de Universiteit Utrecht.⁸⁸

Voordat ik de vertaal-poëtische uitgangspunten van Willemsen vergelijk met die van Hawinkels en Verspoor, schets ik hun profielen als vertalers (zie Tabel 15). Alle drie waren zij veelzijdige talenten die niet alleen werden gewaardeerd voor hun vertaalwerk maar ook als schrijvers. Zij stonden bekend als uitmuntende stilisten in het Nederlands. Verspoor is de oudste van de drie en begon in 1950 met vertalen. Toen Hawinkels en Willemsen in respectievelijk 1968 en 1970 als vertaler debuteerden, was Verspoor al een gevestigde en gelauwerde vertaler met een carrière van pakweg twintig jaar. Hij won de Martinus Nijhoff Prijs in 1958. Dezelfde erkenning kreeg ook Willemsen 25 jaar later in 1983. Hawinkels ontving de prijs niet, maar met zijn vertaling *De toverberg* (1975) van Thomas Mann werd hij door velen gezien als de grootste kanshebber in 1976 (Verstegen 1985; Koster 1996). De vertaalkwaliteit van deze drie vertalers is verder bevestigd door het grote aantal vertalingen dat op hun naam staat, waaronder die van grote auteurs en werken.

⁸⁸ Dank gaat uit naar mijn begeleider Cees Koster die het dossier beschikbaar stelde en naar de samenstellers Tom van der Aalst, Nathifa Martina, Cora Sendon van de Weerd en Sanne van de Werk.

Tabel 15: Profiel van Verspoor, Hawinkels en Willemsen

vertaler	Dolf Verspoor	Pé Hawinkels	August Willemsen
leven	1917-1994 (77 jaar)	1942-1977 (34 jaar)	1936-2007 (71 jaar)
andere activiteiten	dramaturg literair publicist (artikelen, essays, bibliografieën) jurylid en voorzitter Martinus Nijhoff Prijs voorzitter NGV organisator jazzconcerten	dichter columnist muziekcriticus songwriter	schrijver (egodocumenten) literair publicist (essays, artikelen, columns, boekrecensies, vertaalkritieken) universitair docent filmmaker (tv), toneelbewerker performer jurylid Martinus Nijhoff Prijs
vertaalcarrière	1950-1994	1968-1977	1970-2007
Martinus Nijhoff Prijs	winnaar 1958 moderne Nederlandse poëzie in het Frans (en van Spaanse, Italiaanse en Portugese poëzie in het Nederlands)	kanshebber 1976	winnaar 1983 proza en poëzie van Portugese en Braziliaanse auteurs in het Nederlands
vertaaloefvre	91 vertalingen	55 vertalingen	66 vertalingen in boekvorm
soort teksten	poëzie, toneel , romans	literair proza, toneel, filosofie, Bijbel	literair proza, poëzie
vertaalde auteurs	García Lorca, Quevedo y Villagas, Neruda, Shakespeare, Camões, G.E. Lessing, C. Goldoni, A. Camus, A. Jarry, Gerrit Achterberg...	Thomas Mann, Herman Hesse, Aldous Huxley, Bertolt Brecht, Sophokles, William Shakespeare, Friedrich Nietzsche...	Pessoa, Machado de Assis, Guimarães Rosa, Ramos, Drummond de Andrade, Trevisan, Nuno Júdice, Rentes de Carvalho, Chico Buarque...
meesterwerk als vertaler	<i>De okeren sonnetten van Quevedo</i> (1964)	<i>De toverberg</i> (1975)	<i>Diepe wildernis: De wegen</i> (1993)
brontaal	Spaans , Engels, Portugees, Italiaans, Frans, Duits, Nederlands en Maleis	Duits, Engels , klassiek Grieks	Portugees , Frans, Nederlands
doeltaal	Nederlands, Frans , Duits, Engels	Nederlands	Nederlands , Portugees

Van Willemsen zijn er 66 vertalingen van literair proza en poëzie in boekvorm verschenen van onder meer Pessoa en Machado de Assis (zie ook Tabel 6). Hawinkels vertaalde op zijn beurt werk van grote namen als Thomas Mann, Hermann Hesse en Nietzsche, terwijl Verspoor onder meer de Spaanse dichters Lorca en Quevedo vertaalde. Hawinkels maakte meer dan 55 vertalingen van prozawerken en toneelstukken (Koster 2010: 25) en Verspoor 91 van overwegend gedichten en toneelstukken⁸⁹. De hier genoemde getallen zijn niet strikt vergelijkbaar maar ik registreer die hier toch, uitsluitend met het doel om de grote vertaalproductie van de drie vertalers te illustreren. Willemsen zelf beschouwde, zoals eerder gezien, *Diepe wildernis: De wegen* van João Guimarães Rosa (vier drukken: 1993, 1995, 2000, 2007) als zijn meesterwerk. Koster (2010: 34) noemt *De toverberg* van Thomas Mann (1975; veertiende druk in 2009) als het magnum opus van Hawinkels. En Lemm⁹⁰ (1999: 183) ziet, met veel anderen, *De okeren sonnetten van Quevedo* (twee drukken: 1964, 1970) als het hoogtepunt van Verspoors vertaalcarrière.

Wat de brontaal betreft, vertaalden Verspoor en Willemsen uit meerdere talen, maar is Verspoor vooral bekend als vertaler Spaans en Willemsen als vertaler Portugees. Hawinkels vertaalde ook uit verschillende talen, met dien verstande dat hij bijna net zoveel uit het Duits als uit het Engels vertaalde. Hij was de enige die slechts in het Nederlands vertaalde.

⁸⁹ Gegevens ontleend aan het dossier van Van der Aalst, Martina, Van de Weerd en Van de Werk.

⁹⁰ Robert Lemm (1945) is hispanist en vertaler Spaans die in 1979 de Martinus Nijhoff Prijs ontving voor zijn vertalingen van Latijns-Amerikaanse literatuur.

Willemsen en Verspoor hanteerden andere doeltalen naast het Nederlands, te weten respectievelijk het Portugees en het Frans. De Martinus Nijhoff Prijs die Verspoor ontving, was zelfs voornamelijk toegekend voor zijn poëzievertalingen in het Frans.

5.1. Willemsen ten opzichte van Verspoor

De vertaaloeuvres van Verspoor en Willemsen zijn vergelijkbaar in die zin dat beide veel poëzievertalingen bevatten. Ongeveer de helft van hun totale vertaalproductie bestaat uit gedichten. Ik zal dus proberen hun poëtische opvattingen bij het vertalen van poëzie te vergelijken.

Zoals reeds gezien in hoofdstuk 4, hanteert Willemsen in het algemeen een brontaalgerichte benadering (zie 4.2) en bij het vertalen van poëzie in het bijzonder kiest hij meestal voor trouw aan de vorm van het oorspronkelijke gedicht (zie 4.5), wat betekent dat hij onder meer de rijmstructuur behoudt. Binnen deze keuze permitteert Willemsen zich de ‘noodzakelijke vrijheden’ (zie 4.3 en 4.5). Zijn uitgangspunt daarbij is altijd respect voor de oorspronkelijke auteur, wat inhoudt dat hij de woordkeus en betekenis van het origineel slechts opoffert wanneer het niet anders kan. Ook betekent dit dat hij de rijmstructuur niet altijd strikt overneemt als hij daardoor dichterbij de betekenis en de bewoording van het originele gedicht kan blijven. Het is een vrijheid met grenzen omdat Willemsen altijd zoekt naar een evenwicht tussen zijn loyaliteit aan de auteur en zijn loyaliteit aan de lezer, waarbij de twee extremen van vrijheid en letterlijkheid worden vermeden (zie 4.1). Willemsen streeft als het ware naar een ‘compromisvertaling’, een middenweg, en wanneer hij daarvan te ver moet afwijken, presenteert hij liever een ‘werkvertaling’ (zie 4.5) in een appendix achter in de dichtbundel om de lezer tenminste kennis te laten maken met de inhoud van het betreffende gedicht.

Net als Willemsen koos Verspoor er ook voor om trouw te blijven aan vorm en klank bij het vertalen van rijmende gedichten. Dat blijkt uit de receptie van zijn vertalingen van zowel Quevedo (Verstegen 1992) als, en vooral, Lorca. Verspoors vertaalstrategie om de muzikaliteit van deze dichter in het Nederlands over te brengen, blijkt duidelijk uit het contrast met het brontaalgericht semantisch vertalen van zijn opvolger Bart Vonck, die continuïteit gaf aan het door Verspoor gestarte en niet voltooide Lorca-project (Vonck 2002, Fortuin 2009, Steenmeijer 2009, Van Vaan 2010). De meningen over het welslagen van de vertalingen waren verdeeld (zie ook De Moor 1999), maar relevant is hier de constatering dat Verspoor koos voor de muziek boven de betekenis van de brontekst. In het nawoord van de

Gedichten van Lorca (1992) vergelijkt hij het gedicht met de bladmuziek en de vertaler met de vertolker van de muziek, en zegt dat deze '(m)et de bladmuziek voor zich (...) zijn eigen klanken (zal) voortbrengen, apart en contrasterend per regel en per gedicht.' En hij gaat in op zijn vertaalstrategie:

Het is dan zaak de onvrijheid te vermijden, de dreiging voor mens en vertolker. Ik heb het Nederlands, dit andersgeaarde klankensemble, waar nodig willen uitdiepen, van klankwaarde tot concisie. Dode woorden zijn versmaad: 'gesteven' leeft niet waar de doeltaal beschikt over 'kraakhelder'; 'Hollands laken, linnen' is een hispanisme en breekt de toon. 'Nardus' roept niets op, dus met een aantal andere vertolkers sla ik het verwante 'lavendel' aan. (Verspoor 1992: 88)

In dit citaat is te zien dat Verspoor voorstander was van vrij vertalen. Bovendien komen de doeltaalgerichtheid en het moderniserende aspect van zijn vertaalpoëtica naar voren.

Verspoor zag zichzelf als een 'uitvoerend kunstenaar' en de vertaling beschouwde hij als een 'eigen creatie':

De school van het poëzievertalen heeft een tijdlang Pound's 'Make it new' tot leuze gehad; de leuze dient te luiden 'Keep it new'. Met dat al is de vertaling een eigen creatie, waarbij het voorbeeld analoog is aan het model dat 'à travers un tempérament' tot een of meer portretten kan leiden. (Verspoor 1958: 80)

Deze ideeën werden ook uitgedrukt in zijn toespraak ter gelegenheid van de uitreiking van de Nijhoff Prijs 1972 aan Céline-vertaler E. Kummer⁹¹. Hierin zet hij zijn visie over vertalen uiteen. Voor hem is vertalen een kunst die slechts bestaat als interpretatie. Net zoals van een bladmuziek meerdere uitvoeringen mogelijk zijn, zijn er meer vertalingen mogelijk van een individuele brontekst. De vertaler stelt hij gelijk aan de dirigent of regisseur en niet, zoals Jiří Levý deed, aan de musicus of acteur. Een acteur (of een orkestmusicus) heeft immers 'niet die greep op het geheel die de vertaler uitoefent' (Verspoor 1996: 148). Bovendien doet de vertaler nog iets wat een acteur niet doet, namelijk het originele werk verbeteren:

We weten dat toen eindelijk na jaren arbeid en geschoold Engels denken de Britse vertaling kon verschijnen van Sartres *L'Être et le Néant*, een tweetalig criticus juichte dat nu eindelijk, dank zij de heldere vertaling en dank zij het wegwerken van vaagheden, behalve de Engelsen ook de Engelslezende Fransen hun Sartre konden begrijpen. En Levý, die bijzonder thuis is in de Russische literatuur,

⁹¹ Deze toespraak van 1972 is opgenomen in Naaijkens (1996). Verspoor zelf beschouwde deze toespraak als zijn grootste bijdrage aan het vertaaldebat.

had met vrucht het schoolvoorbeeld kunnen noemen van de dichter Alexander Blok, die in zijn vertalingen van Heine zich verplicht voelde Heine te verbeteren waar hij, als Homerus, kennelijk had geslapen. (Verspoor 1996: 148)

Lemm (1999: 181; 185-186), die Verspoor een ‘herschepper, een verborgen auteur’ noemt, vat dit aspect van Verspoors vertaalpoëtica als volgt samen: ‘Vertolken of interpreteren veronderstelt begrijpen, in stilte de tekst ondergaan om eventueel, bijgelicht door genade of de muze, duistere plekken op te helderen, mogelijk zelfs te verklaren wat de auteur in het midden scheen te laten, of wellicht niet helemaal doorzag’. ‘Verhelderen’, ‘verklaren’ en ‘verbeteren’ zijn handelingen die, zoals reeds in de loop van deze scriptie werd vermeld, door Willemsen juist vermeden werden.

Voor Verspoor werden de grenzen van de genomen vrijheid slechts bepaald door zijn eigen vermogen als ‘uitvoerend kunstenaar’ (Verspoor 1958: 81) en als zodanig gunde hij zichzelf veel vrijheid. Zelfs te veel, vonden sommigen. Dr. Houwens Post bijvoorbeeld waardeerde het ‘dichterlijk vernuft’ in Verspoors vertalingen van de gedichten van Camões⁹² maar hij vond die ‘veel te vrij’ vertaald (geciteerd in Lemm 1999: 183). Een soortgelijke kritiek is te vinden in de receptie van andere vertalingen. Vonck (2002) en Verstegen (1992) merken grote betekenisverschuivingen op als resultaat van Verspoors strategie om vast te houden aan de oorspronkelijke vorm. Verspoor legde dus blijkbaar de grenzen van de vrijheid veel verder dan Willemsen.

In tegenstelling tot Verspoor vond Willemsen het werk van een vertaler niet creatief, want ‘hij schrijft andermans werk’. In 4.2 is al ter sprake gekomen dat Willemsen het vertalen vergelijkt met het acteren waarin zelfverloochening belangrijk is. Als vertaler moet je ‘een “vertalersmentaliteit” hebben, een soort bescheidenheid om de schrijver te volgen. En jezelf vergeten, dat moet een acteur ook’ (W2006d). Dit staat in schril contrast met Verspoor die een soort autonomie voelde om de brontekst te verbeteren.

Al met al concludeer ik dat Willemsen niet veel gemeen had met Verspoor behalve de trouw aan de vorm en klank bij het vertalen van poëzie. Beiden hebben een rijmend gedicht rijmend vertaald. Maar de manier waarop ze omgingen met hun vrijheid bij het omzetten van het semantische aspect van de oorspronkelijke gedichten blijkt heel verschillend. Verspoor ging daar veel vrijer mee om. Waar Willemsen het over ‘noodzakelijke vrijheden’ had, was ‘onvrijheid’ voor Verspoor een ‘dreiging’ die vermeden moest worden.

⁹² Verspoor vertaalde vijftig sonnetten van Camões. Deze verschenen onder de titel *Saudades*. Van de bundel zijn er drie drukken (1953, 1961, 1970) verschenen bij verschillende uitgeverij. In 1987 zijn de sonnetten ongewijzigd opgenomen in Verspoors *Romaanse sonnetten*.

Nader onderzoek naar de interne vertaalpoëtica van deze twee vertalers zou interessante resultaten kunnen opleveren en een beter inzicht geven in de mate van vrijheid die zij zich gunden. De sonnetten van Camões die zowel door Verspoor als Willemsen (zie Tabel 9 en Bijlage 2) werden vertaald, zouden hier uitstekend voor kunnen dienen. Bij het vergelijken van de betreffende vertaalbundels heb ik geconstateerd dat van de 25 sonnetten die Verspoor vertaalde er 21 werden hervertaald door Willemsen.

5.2. Willemsen ten opzichte van Hawinkels

De vertaaloeuvres van Willemsen en Hawinkels zijn vergelijkbaar in die zin dat beiden veel literair proza hebben vertaald. Volgens Koster (2010: 36) hanteert Hawinkels een homogene vertaalpoëtica en de kernbegrippen daarvan zijn ‘esthetiseren’ en ‘moderniseren’: ‘Alle teksten worden tot literatuur gemaakt, als ze dat al niet van zichzelf zijn, wat in het geval van historische teksten (toch het gros van zijn werk) betekent dat ze niet archaïserend, maar eerder moderniserend vertaald moeten worden.’

Hawinkels vertaalde alle soorten teksten op dezelfde manier, of het nu om literair proza, Bijbelboeken, toneelteksten of filosofische teksten ging. Voor hem betekent vertalen ‘iets uit de oorspronkelijke taal herschrijven in een andere, zoveel mogelijk alsof het oorspronkelijk in die laatste taal geschreven was’ (Koster 2010: 35). En de vertaler is ‘niet alleen vertaler, maar eigenlijk de tweede auteur’ (Koster 2010: 34). Hij pleitte daarnaast voor het eigentijdse, moderne Nederlands ‘omdat het boek de mensen van nu moet aanspreken.’ (Koster 2010: 34) De vertaling moet toegankelijk zijn voor het publiek waarvoor hij vertaalt. Hawinkels hanteerde dus een doeltaalgerichte benadering waarin de lezer centraal stond in tegenstelling tot Willemsen die meer rekening hield met de oorspronkelijke tekst en auteur.

Over de vertaalpoëtica van Verspoor heeft Willemsen geen uitspraken gedaan, maar over die van Hawinkels wel, zoals gezien in 4.2. Willemsen denkt dat Hawinkels een ‘totaal eigen opvatting’ over vertalen had en dat hij met het werk van Thomas Mann ‘(omsprong) of het zijn eigen boek was’. Willemsen vond deze manier van vertalen verouderd en hijzelf volgde de door Nijhoff ingeluide nieuwe manier van vertalen waarin ‘trouw aan de tekst wordt gecombineerd met inventiviteit’. Voor hem behoort Hawinkels eerder in het kamp van Marsman en Slauerhoff.

Over het moderniseren van teksten bij het vertalen is Willemsen (W1986j: 160) ook duidelijk. Ik herhaal het citaat dat ik eerder in 4.2 heb gepresenteerd:

Ik geloof niet dat ik hierin veel verschil van de meeste vertalers van tegenwoordig. Het zich toeëigenen van de tekst – nee. Ik zou het niet kunnen, niet willen, en ik geloof dat het ook niet nodig is. Je hoeft Thomas Mann, of Proust, of Machado, niet te moderniseren – ‘toegankelijk maken’ heet dat dan – want wanneer je ze hun eigen ‘taal’ laat spreken, zijn ze goed genoeg. De woordkeus van de schrijver, zijn afwisseling van lange en korte zinnen, alinea-indelingen, hoofdstukindelingen... Enfin, wat klets ik, het is voor mij zó vanzelfsprekend dat je dat respecteert.

Net als Verspoor blijkt Hawinkels zich, als ‘tweede auteur’, veel vrijheden veroorloofd te hebben in zijn afwijking van de bewoording van de originele auteur. Over het vrij vertalen is Willemsen ook duidelijk geweest. In de loop van deze scriptie hebben wij gezien wat hij daarvan vond: ‘excuus voor taalarmoede of slordigheid, of luiheid, of het niet-raadplegen van woordenboeken, of het geloof in een overmaat aan creativiteit’ (W1986j: 160).

Een ander verschil met Hawinkels is dat Willemsen een heterogene vertaalpoëtica hanteerde. Hij maakte niet alleen onderscheid tussen vaktalige en literaire teksten maar ook tussen literair proza en toneel. De vrijheid die hij nam, hing van het taalgebruik af: hoe poëtischer het taalgebruik hoe meer vrijheid.

Hoewel het vertaaldebuut van Willemsen niet ver verwijderd is van dat van Hawinkels blijken hun uitgangspunten bij het vertalen weinig overeenkomsten te bezitten. Het kan bijna gezegd worden dat zij tegenovergestelde strategieën hanteerden.

In dit hoofdstuk heb ik getracht een beeld te geven van de wijze waarop Willemsens visie over vertalen zich verhoudt tot die van voorgangers en collega-vertalers. In de grotere context van de West-Europese vertaaltraditie heb ik overeenkomsten met de ideeën van Schleiermacher (1813; in Schleiermacher 2010, 2011; Snell-Hornby 2012) aangeduid. Dichter bij huis heb ik geconstateerd dat de vertaalprincipes waarop Willemsen zich baseerde, niet veel overeenkomst vertoonden met die van Dolf Verspoor of Pé Hawinkels.

CONCLUSIE EN SUGGESTIES VOOR TOEKOMSTIG ONDERZOEK

Met deze scriptie wil ik de eerste stap zetten naar het ontsluiten van de externe vertaalpoëtica van August Willemsen. Om dat doel te bereiken, heb ik een bibliografisch onderzoek verricht naar zijn gehele oeuvre (hoofdstuk 2 & Bijlagen 1, 2 & 3). Al zijn vertalingen (Bijlagen 1&2) en primaire teksten (Bijlage 3) werden geïnventariseerd en deze laatste vervolgens ook verzameld. In dit door hemzelf geschreven en gepubliceerde materiaal heb ik Willemsens uitspraken zowel over zijn leven en werk, als over vertalen en vertaling verkend vanuit een historisch perspectief. In hoofdstuk 3 werden het leven en werk van Willemsen beschreven en in hoofdstuk 4 werden zijn vertaalopvattingen geanalyseerd.

Uit het onderzoek is gebleken dat Willemsens manier van denken over vertalen vooral beïnvloed werd door W.C. Atkinson en Martinus Nijhoff (hoofdstuk 5). Vervolgens heb ik vijf kenmerken van Willemsens vertaalopvattingen kunnen onderscheiden. Ten eerste het loyaliteitsdilemma als uitgangspunt voor zijn vertaalbeslissingen (4.1). Willemsen zocht een evenwicht tussen zijn loyaliteit aan de auteur en zijn loyaliteit aan de lezer. Ten tweede het toenemende respect voor het origineel (4.2), met andere woorden de verschuiving die plaatsvond in Willemsens manier van vertalen: van een meer vrije naar een meer letterlijke manier van vertalen, van een doeltaalgerichte benadering naar een brontaalgerichte benadering. Het omslagpunt zijn de publicaties van Fernando Pessoa in 1977-1978. Ten derde de toenemende durf om toch vrijheid te nemen in bijzondere situaties (4.3), zoals bij het vertalen van poëtisch en creatief taalgebruik van gedichten, toneel- of liedteksten, etc. Na ongeveer 1983 durfde Willemsen steeds meer vrijheden te nemen, wat leidde tot het vertalen van teksten die hij eerder als onvertaalbaar beschouwde. Het is in deze fase van zijn vertaalontwikkeling dat inventiviteit een belangrijke plaats gaat innemen naast het respect voor de brontekst. Dit betekende ook het tweede keerpunt in Willemsens manier van vertalen en tevens het bereiken van het finale stadium ten aanzien van zijn vertaalstrategieën en – opvattingen, die vanaf dit punt niet meer drastisch zouden veranderen. Het vierde kenmerk zijn de nawoorden van Willemsen als een uiting van ten eerste zijn wetenschappelijk aanpak (4.4), die aan de basis stond van de beslissingen bij het fundamentele loyaliteitsdilemma en ten tweede zijn opvatting dat hij niet een gedicht maar een dichter vertaalde. Het vijfde en laatste kenmerk van zijn vertaalpoëtica heeft te maken met het vertalen van poëzie (4.5), waarbij Willemsen zeker niet de gemakkelijkste strategie heeft gehanteerd: rijmende gedichten rijmend vertalen.

Willemsens vertaalontwikkeling kan in drie fasen worden onderverdeeld zoals beschreven in hoofdstuk 4. In de eerste fase van 1970 tot ongeveer 1978 liet Willemsen het belang van de lezer prevaleren boven het belang van de auteur en ging vrijer om met de originele teksten. De tweede fase begon met de publicaties van Pessoa rond 1978 en duurde tot begin 1983 rond de ontvangst van de Martinus Nijhoff Prijs. In deze tussenfase legde Willemsen de nadruk op het respect voor het origineel en neigde hij meer naar letterlijkheid bij het vertalen. Deze houding is de basis gebleven van zijn manier van vertalen. In de derde fase die na de ontvangst van de vertaalprijs begon, durfde Willemsen de noodzakelijke vrijheden te nemen bij poëtisch en creatief taalgebruik. Willemsen ontwikkelde zich van vrij naar letterlijk en weer naar vrij vertalen. In de eerste fase stond de vrijheid die hij nam ten dienste van de lezer, in de laatste fase nam hij die vrijheid ten dienste van de auteur.

De kenmerken van Willemsens vertaalopvattingen blijken het best aan te sluiten bij die van Schleiermacher (1813; in Schleiermacher 2010, 2011; Snell-Hornby 2012). De vervreemdende manier van vertalen die door beiden wordt verdedigd, vindt geen parallel in Willemsens tijdgenoten Dolf Verspoor of Pé Hawinkels, die moderniserend, naturaliserend en vrij te werk gingen. Omdat Willemsen een groot gedeelte van de door Verspoor vertaalde sonnetten van Camões later hervertaalde, ligt hier de mogelijkheid om een vergelijkend onderzoek naar deze vertalingen te verrichten en verder inzicht te krijgen in Willemsens vertaalpoëtica.

Omdat ik noch de correspondentie van Willemsen noch audiovisuele materialen in mijn onderzoek heb kunnen betrekken, kan ik niets definitiefs over zijn externe vertaalpoëtica zeggen. Ook moeten de bevindingen van deze scriptie voor een compleet beeld van Willemsens vertaalpoëtica nog veel getoetst worden aan vervolgonderzoeken zowel naar de interne vertaalpoëtica van Willemsen als naar de receptie van zijn vertalingen. In de loop van de scriptie heb ik al veel suggesties kunnen geven die de weg wijzen naar een gerichter nader onderzoek. Ik hoop slechts dat de aangewezen richting de goede is.

Als afsluiting geef ik hier nog meer suggesties voor vervolgonderzoek. Om het bestaan van de drie fasen van Willemsens vertaalontwikkeling te toetsen, is Guimarães Rosa waarschijnlijk de meest geschikte schrijver, omdat er van hem vertalingen zijn gepubliceerd in elk van de uit mijn onderzoek naar voren gekomen drie fasen: *De derde oever van de rivier* (1977), *Het uur en ogenblik van Augusto Matraga* (1983, 1992) en *Diepe Wildernis: De wegen* (1993). Aan het feit dat dit laatste werk een zeer bijzondere plaats inneemt, niet alleen in de Braziliaanse literatuur, maar ook in het vertaaloeuvre van Willemsen, heb ik al enigszins

gerefereerd. Misschien verdient dit werk daarom en daarnaast een apart onderzoek. Dalton Trevisan is ook interessant, omdat Willemsen expliciete uitspraken deed over zijn bedenkingen tegen de eerdere vertalingen. Hoe anders zijn de verhalen van *De zoete vijandin* (1992) vertaald in vergelijking met de vroegere verhalen van *De koning der aarde* (1975) of *De vijfvlugelige vogel* (1977)? En welke positie hebben de zeven verhalen van Trevisan die Willemsen voor *Maatstaf* in 1982 vertaalde?

Daarnaast intrigeert het nog hoe vrij in de praktijk ‘te vrij’ is voor Willemsen. En hoe letterlijk ‘letterlijk’ is? Om een beeld te krijgen van wat Willemsen té vrij vond, is een onderzoek naar zijn eerste vertaling, de *Meesters der Portugese vertelkunst*, zeer op zijn plaats. Hij heeft daar in het belang van de lezer vrijheden genomen die hij later niet meer zou nemen. Aan de andere kant heeft Willemsen Machado de Assis vrij letterlijk kunnen vertalen zonder grote problemen tegen te komen. Hoe letterlijk is *letterlijk* in de taalcombinatie Portugees-Nederlands? Een onderzoek naar de vertalingen van deze auteur lijkt me zeer geschikt om die vraag te beantwoorden.

De bundel *Gedichten* van Pessoa levert ook een boeiend onderzoeksthema vanwege de bijzondere positie die dit werk inneemt binnen Willemsens vertaaloeuvre. Deze vertaling werd goed ontvangen door pers en publiek en betekende niet alleen zijn doorbraak als vertaler maar ook het begin van een nieuwe fase in zijn manier van vertalen. Het zou ook kunnen zijn dat deze vertaling een van de weinige documenten van de tweede fase van Willemsens vertaalontwikkeling is waarin hij sterk naar letterlijkheid neigde terwijl hij zich nog niet kon veroorloven vrijheden te nemen bij poëtisch en creatief taalgebruik.

Ten slotte biedt het oeuvre van August Willemsen mogelijkheden om uitgebreide receptieonderzoeken te verrichten, zowel synchronisch als diachronisch, omdat er veel continuïteit in zijn werk zit. Van veel schrijvers heeft hij meerdere werken vertaald. De hervertalingen en de vertaalkritieken van Willemsen werden al in de scriptie genoemd als mogelijk onderzoeksonderwerp. En men kan zo doorgaan met meer suggesties voor vervolgonderzoeken die voortkomen uit de resultaten van het onderzoek voor deze scriptie. Al besef ik dat dit onderzoek slechts een kleine stap is op weg naar een beter begrip van de rijke nalatenschap van August Willemsen, de hier gepresenteerde onderzoeksresultaten vormen een goed begin voor toekomstig onderzoek.

BIBLIOGRAFIE

- BERGH, Hans van den et.al. (jury). 1983. 'Juryrapport. August Willemsen', *Uitreiking van de Martinus Nijhoff Prijs voor Vertalingen 1983*, Prins Bernard Fonds, 7-11.
- BLY, Robert. 1984. 'The Eight Stages of Translation', in: Frawley (ed.), 67-89.
- BRANCO, Heloísa Castello. 1981. 'Drummond com atraso, em holandês: Editor de Amsterdã espera repetir com o poeta brasileiro o sucesso alcançado com antologia de Fernando Pessoa', *Jornal do Brasil*, 14 maart.
- BROECK, Raymond van den (ed.). 1988. *Literatuur van elders: Over het vertalen en de studie van vertaalde literatuur in het Nederlands*. Leuven/Amersfoort: Acco.
- CAMOËNS, Luis de. 1961. *Saudades en andere verzen*. Vertaald uit het Portugees door Dolf Verspoor. Amsterdam: Moussault.
- CAMÕES, Luis de. 1953. *Saudades en andere verzen*. Vertaald uit het Portugees door Dolf Verspoor. Utrecht: De Roos.
- CARVALHO, José Rentes de. 1970. 'Uma antologia de contos', *Diário Popular*, 8 oktober.
- DOORNE, J. van. 1970. 'Het lijden van Portugal', *Trouw*, 17 oktober.
- EGGINK, Clara. 1970. 'Om op de verlanglijst te zetten (II)', *Leidsch Dagblad*, 21 november.
- FABER, Sebas. 1992. 'Nieuwe Homerus of literaire hype? Chico Buarque de Holanda', in: *Strapats*, 6: 9-13.
- FORTUIN, Arjen. 2009. 'Vrij zijn om de sterren te zoeken: Monumentale uitgave van Lorca's *Verzamelde gedichten*', *NRC Handelsblad*, 11 december.
- FRAWLEY, William (ed.). 1984. *Translation: Literary, Linguistic, and Philosophical Perspectives*. Newark: University of Delaware Press.
- GILLAERTS, Paul. 1988. 'De vertaalpoëtica van Martinus Nijhoff', in: Broeck (ed.), 129-137.
- GROSSMAN, William L. 1967. 'The third bank of the river', in: *Modern Brazilian Short Stories*. University of California Press.
- HEIDERMAN, Werner (ed.). 2010. *Clássicos da Teoria da Tradução*. Vol. 1: Alemão/Português. 2a. ed. Revisada e ampliada. Florianópolis: UFSC, 38-101.
- HEUVEL, Jeroen. 1995. 'Vertalen is een spelletje canasta', in: *Ñapa*, 5 augustus.
- KELK, C.J. 1971. 'In Portugal ontwijken de schrijvers de werkelijkheid niet', *De Groene*, 17 april.
- KOSTER, Cees. 1996. 'Over meesterlijke vertalingen: Veertig jaar Martinus Nijhoff Prijs', in: *Naaijken* 2010, 86-105.

- KOSTER, Cees & Ton Naaijken. 2002. *Een vorm van lezen: Nederlandse beschouwingen over vertalen 1885-1946*. 's-Gravenhage: Stichting Bibliographia Neerlandica.
- KOSTER, Cees. 2010. 'Pé Hawinkels – vertalen, drugs en rock & roll: Korte proeve van een vertalersprofiel', *Filter* 17, 4: 25-41.
- KOUSBROEK, Rudy. 1976. 'Onze ellende is ongeneeslijk', *NRC Handelsblad*, 9 april.
- KOUSBROEK, Rudy. 1977. 'De gedachten-experimenten van Dalton Trevisan', *NRC Handelsblad*, 22 april.
- LEMM, Robert. 1999. 'Dolf Verspoor', in: *Jaarboek van de Maatschappij der Nederlandse letterkunde te Leiden 1997-1998*, 181-190.
- LEUVEN-ZWART, Kitty M. van. 1992. *Vertaalwetenschap: Ontwikkelingen en perspectieven*. Muiderberg: Coutinho.
- LORCA, Federico García. 1992. *Gedichten: In de vertaling van Dolf Verspoor*. Amsterdam: Meulenhoff.
- MANN, Thomas. 1975. *De toverberg*. Vertaald uit het Duits door Pé Hawinkels. Amsterdam: De Arbeiderspers.
- MOOR, Wam de. 1999. 'Onder de pet', *De Gelderlander*, 13 februari.
- MÜLLER, Ina (Hg.). 2004. *Und sie bewegt sich doch... Translationswissenschaft in Ost und West: Festschrift für Heidemarie Salevsky zum 60. Geburtstag*. Frankfurt/Main (etc.): Peter Lang.
- MUNDAY, Jeremy. 2001. *Introducing Translation Studies: Theories and applications*. London and New York: Routledge.
- NAAIJKENS, Ton (ed.). 1996a. *Vertalers als erflaters: Staalkaart van een eeuw vertalen*. Bussum: Dick Coutinho.
- NAAIJKENS, Ton. 1996b. 'Martinus Nijhoff en de opgetilde staat', in: Naaijken 1996a, 128-137.
- NAAIJKENS, Ton, Cees Koster, Henri Bloemen & Caroline Meijer (eds.). 2010. *Denken over vertalen*. Nijmegen: Vantilt.
- NERUDA, Pablo. 1981. *De afgescheiden roos*. Selectie en vertaling van Barber van de Pol. Amsterdam: De Arbeiderspers.
- PRONK, Iris. 'Ik ben schrijver van andermans werk', *Trouw*, 25 februari.
- PYM, Anthony. 1998. *Method in Translation History*. Manchester: St. Jerome Publishing.

- QUEVEDO Y VILLEGAS, Francisco Gómez de. 1964. *Okeren sonnetten van Quevedo*. Vertaald uit het Spaans en herschreven door Dolf Verspoor. Amsterdam: Polak & Van Gennep.
- SCHIERBEEK, Bert, Gerrit Kouwenaar, Lucebert, Remco Campert, Hans Faverey, Cees Nooteboom, J. Bernlef & Arie van de Berg. 1988. *Um mundo claro, um dia escuro: Oito poetas holandeses*. Selectie van August Willemsen, vertaling van A. Willemsen & Egito Gonçalves. Porto: Limiar.
- SCHLEIERMACHER, Friedrich. 2010. 'Over de verschillende methoden van het vertalen'. Originele tekst uit 1813, vertaald uit het Duits door Henri Bloemen. In: Naaijken (et al.) (eds.), 39-60.
- SCHLEIERMACHER, Friedrich. 2011. "Über die verschiedenen Methoden des Übersetzens" (originele tekst uit 1813). Vertalingen naar het Portugees door Margarete von Mühlen Poll, Celso R. Braida & Mauri Furlan. In: *Scientia Traductionis*, 9: 1-70.
- SCHREIJ, Taco. 2009. *O papel do tradutor: Introdução da literatura lusófona na língua neerlandesa entre 1900 e 2008/ De vertaler als actor: De introductie van Portugeestalige literatuur in het Nederlandse literaire veld 1900-2008*. MA-scriptie. Utrecht: Igitur, Utrecht Publishing & Archiving Services.
- SHELBY, Barbara. 1968. *The third bank of the river*. New York: Knopf.
- SNELL-HORNBY, Mary. 2004. 'Venutis "foreignization": Das Erbe von Friedrich Schleiermacher in der Translationswissenschaft?', in: Müller 2004, 333-344.
- SNELL-HORNBY, Mary. 2012. "A 'estrangeirização' de Venuti: O legado de Friedrich Schleiermacher aos Estudos da Tradução?" (originele tekst in het Duits uit 2004). Traduzido por Tinka Reichmann & Marcelo Moreira. In: *Pandaemonium Germanicum*, 15, 19:185-212.
- STEENMEIJER, Maarten. 2009. 'De maan toont haar borsten van hard tin', *De Volkskrant*, 23 oktober.
- TRUIJENS, Aleid. 2000. "'Eigenwijsheid is leuk als je gelijk hebt': August Willemsen over de irritante genie Fernando Pessoa". *De Volkskrant*, 14 juli.
- VAAN, Sander van. 2010. 'Federico García Lorca, Spanje's bekendste dichter: Een kreet als een strijkstok', *Meander*, 17 april.
(<http://meandermagazine.net/wp/2010/04/een-kreet-als-een-strijkstok/>; 31-3-2013)
- VERSPoor, Dolf. 1958. 'Proeven op de som van Wittgenstein', *Litterair paspoort: tijdschrift voor boeken uit de Oude en Nieuwe wereld* 13, 118: 79-81.

- VERSPoor, Dolf. 1970. *Saudades van Camoëns*. Amsterdam: Polak & Van GenneP.
- VERSPoor, Dolf. 1987. *Romaanse sonnetten*. Amsterdam: Meulenhoff.
- VERSPoor, Dolf. 1992. 'Nawoord', in: Lorca 1992, 86-91.
- VERSPoor, Dolf. 1996. 'Het Nederlands en het vertalen in perspectief', in: Naaijkens (ed.) 1996a, 144-148.
- VERSTEGEN, Livia. 1992. 'Camilo Jose Cela: Een elftal voetbalverhalen. ...', *NRC Handelsblad*, 30 oktober.
- VERSTEGEN, Peter. 1985. *De muze met de Januskop: Dertig jaar Martinus Nijhoff Prijs*. Amsterdam: Bert Bakker.
- VONCK, Bart. 2002. 'Lorca's poëzie nauwgezet vertalen', *Filter* 9, 4: 28-36.
- VRIES, Etti de. 2007. *Os Lusíadas na Holanda: A história da recepção entre 1572-1900/ Os Lusíadas van Luís Vaz de Camões in Nederland: Een receptiegeschiedenis 1572-1900*. MA-scriptie. Utrecht: Igitur, Utrecht Publishing & Archiving Services.
- VULLINGS, Jeroen. 1993. 'August Willemsen', in: *Zuiderent 1980-...*, 48: 1-7.
- WARREN, Hans. 1971. 'Meesters der Portugese vertelkunst', *Provinciale Zeeuwse Courant*, 4 april.
- ZUIDERENT, Ad, Hugo Brems, Tom van Deel (ed.), 1980-... *Kritisch lexicon van de moderne Nederlandstalige literatuur*. Houten [etc.]: Bohn Stafleu van Loghum [etc.]; Groningen: Martinus Nijhoff; Alphen aan den Rijn [etc.]: Samson.

Fontes da internet

Letterkundig Museum

<http://www.letterkundigmuseum.nl/Literaircentrum/Literaireprijzen/tabid/99/WriterId/1136/WriterName/August%20Willemsen/Mode/DetailsWriter/Default.aspx> (22-3-2013)

Dictionary of Ulster Biography

<http://www.newulsterbiography.co.uk/index.php/home/viewPerson/54> (16-3-2013)

DBNL - Digitale Bibliotheek voor de Nederlandse Letteren

<http://www.dbnl.org/auteurs/auteur.php?id=nijh004> (16-3-2013)

Dicionário de tradutores literários no Brasil

<http://www.dicionariodetradutores.ufsc.br/pt/PauloRonai.htm> (16-3-2013)

Geraadpleegde bronnen voor het archeologische onderzoek

- SCHREIJ, Taco (2009). *O papel do tradutor: Introdução da literatura lusófona na língua neerlandesa entre 1900 e 2008* 2008/ *De vertaler als actor: De introductie van Portugeestalige literatuur in het Nederlandse literaire veld 1900-2008*. MA-scriptie. Utrecht: Igitur, Utrecht Publishing & Archiving Services, <http://igitur-archive.library.uu.nl/student-theses/2009-1022-200119/O-Papel-Tradutor-Vertaler-Actor-MAS-T-Schreij%200437972.pdf> (laatst geraadpleegd: mei 2012)
- NCC – Nederlandse Centrale Catalogus, in <http://picarta.pica.nl> (laatst geraadpleegd: februari 2010)
- LexisNexis Academic NL, in <http://uba.uva.nl> (laatst geraadpleegd: augustus 2011)
- Niet nader gecatalogiseerde archivalia van August Willemssen in het Letterkundig Museum, in <http://picarta.pica.nl> (laatst geraadpleegd: december 2011)

ABSTRACT – SINOPSE – SAMENVATTING

The external translation poetics of the Dutch translator August Willemssen is studied in this MA thesis. This research takes place in the subarea of translation archeology suggested by Anthony Pym. Based on a bibliographic research of Willemssen's work, his commentaries about translating and translation were explored from a historical perspective in order to discover his translation poetics as well as to find out whether it underwent changes in the course of time. The results showed five characteristics in Willemssen's way of thinking about translation. Moreover two important turning points in his translation poetics have emerged which mark the three phases of his translational development. Finally, Willemssen's translation poetics were found to be connected with that of Schleiermacher, but showed little resemblance with the ideas and concepts of contemporary Dutch translators Dolf Verspoor and Pé Hawinkels.

Nesta tese MA foi pesquisada a poética tradutória externa do tradutor holandês August Willemssen. A pesquisa tem como quadro teórico a subárea da arqueologia da tradução, sugerida por Anthony Pym. Com base numa pesquisa bibliográfica da obra de Willemssen, seus comentários sobre tradução foram investigados a partir de uma perspectiva histórica para descobrir qual era sua visão tradutória e se esta sofreu, ou não, mudanças. Os resultados da pesquisa distinguiram cinco características da visão tradutória de Willemssen, bem como dois momentos de mudança em sua maneira de traduzir, que marcam as três fases de seu desenvolvimento tradutório. Além disso, constatou-se que a visão tradutória de Willemssen vincula-se à de Schleiermacher, mas apresenta pouca semelhança com as concepções dos tradutores contemporâneos Dolf Verspoor e Pé Hawinkels.

De externe vertaalpoëtica van August Willemssen wordt onderzocht in deze MA-scriptie. Dit onderzoek valt binnen het deelgebied vertaalarcheologie, zoals voorgesteld door Anthony Pym. Aan de hand van een bibliografisch onderzoek naar het oeuvre van Willemssen worden zijn uitspraken over vertalen en vertaling verkend vanuit een historisch perspectief om te ontdekken wat zijn vertaalopvattingen waren en of die veranderden in de tijd. Uit het onderzoek is gebleken dat er vijf kenmerken van Willemssens vertaalopvattingen te onderscheiden zijn. Bovendien kwamen er twee belangrijke omslagpunten in zijn manier van vertalen naar voren die de drie fasen van zijn vertaalontwikkeling markeren. Ten slotte bleek dat zijn vertaalopvattingen aansluiting vinden bij die van Schleiermacher maar niet veel overeenkomst vertonen met de opvattingen van contemporaine vertalers Dolf Verspoor en Pé Hawinkels.